
O Sabor do Céu
ALEXIS HARRINGTON

O Sabor do Céu

Alexis Harrington



Sinopse

Libby Ross escapou da traição e do desengano em Chicago quando chegou a Montana esperando um novo começo, filhos, e um bom lugar para criá-los. Em troca, descobriu que tinha sido enganada de novo pelo cowboy que a converteu em sua noiva por correspondência. Ele morreu, deixando-a sem dinheiro, sem um lugar para onde ir, e sem mais recursos que sua própria engenhosidade. Então soube acerca do Rancho A Estrela Polar e seu dono, Tyler Hollins.

Apesar de toda uma vida de recordações dolorosas, Tyler tinha as mãos cheias de seus problemas mais imediatos. A metade de seu gado tinha se perdido durante o pior inverno registrado e seus cowboys estavam a ponto de abandoná-lo se não fosse capaz de encontrar um cozinheiro decente. Libby Ross atendia os requisitos. Ela nunca vira um homem tão atraente com um temperamento tão azedo, mas percebeu o desejo escondido atrás da parede que Ty construíra para manter todos afastados...um desejo tão intenso que quase rompeu o coração da jovem.

Chocaram-se desde o início, mas poderiam lutar entre si, ou lutar juntos para ver seus sonhos se tornarem realidade...

Prólogo

Março de 1887

Liberty Ross Garrison se endireitou de sua tarefa momentaneamente e se apoiou no cabo da pá, dobrando suas costas. Sua saia estava coberta de lama sólida da cintura até a bainha. Fazendo uma careta pelo fogo que sentia em suas mãos, levantou-as para olhar as bolhas que se formaram nas palmas. Não pensara em colocar as luvas antes, mas não era de estranhar.

Uma brisa gelada se aproximou, mexendo as longas mechas de seus cabelos e agitando-as ao outro lado de seu rosto. O último sol de março tinha derretido com seus raios quentes, as manchas de neve que restavam pelo chão e ainda cobriam as colinas circundantes. Naquele lugar, ela sabia, descansavam cadáveres de gado, que se congelaram por sucessivas nevascas que tinham caído sobre aquela terra continuamente desde novembro. Era uma estranha ali, mas ainda assim, naquela época do ano, esperava detectar o olor da primavera, que não estava ali.

Desceu o olhar para a vala aberta à sua frente. Em um canto, um pouco de névoa branca sobressaía através da terra escura. Brilhava desde o fundo da fossa sob o sol do meio dia.

Um sentimento de histeria subiu por ela, fazendo com que seu coração palpitasse com força, sentindo a ameaça das lágrimas queimando atrás de suas pálpebras de novo. Passou uma mão trêmula cheia de barro sobre suas pálpebras. Precisava desesperadamente, manter a compostura um pouco mais, o pior já tinha passado. Só teria que terminar de encher o buraco de terra.

Não pense, se ordenou, somente cave. Se deixasse que seus pensamentos corressem muito, sairia gritando através daquelas terras de pastoreio invernal. Ali, a morte e as dificuldades perseguiam tudo, como os abutres sobrevoando o gado sem vida.

Libby afundou a folha da pá na decrescente água suja que ela mesma tinha levantado enquanto cavava o túmulo de Ben Ross. Era difícil recordar que tinha sido seu marido. Nunca se sentira realmente casada com ele, e não só porque tivesse sido sua esposa somente durante quatro meses, antes que morresse com a pneumonia.

Levantou a pá com esforço. Nunca sepultara ninguém. Em Chicago, havia gente cujo negócio consistia em realizar tais assuntos, como funerais e enterros. Mas aquilo ali não era a cidade. Era a fronteira. E desde que chegara a Montana em setembro passado, Libby tinha feito muitas coisas que nunca pensara que faria algum dia.

Apesar de tentar deixar a mente em branco, não conseguia deixar de fora a realidade do que estava fazendo, e o que a levara a aquilo. Uns soluços estremecedores começaram o caminho para sua garganta, e ela empurrou freneticamente a

terra sobre o buraco, agindo cada vez mais e mais rápido.

Partiria daquele lugar sem civilização, esquecido por Deus, ainda que fosse a última coisa que fizesse. A vida em Chicago tinha sido um horror.

Em Montana, um pesadelo.

Capítulo 1

Libby Ross saiu e fechou cuidadosamente a porta atrás dela, certificando-se que estava corretamente firme. Era algo sem sentido, sabia, mas o fez igualmente.

A àquela hora da manhã, fazia frio no terraço amplo e em tão péssimo estado. Durante o inverno, aquele lado da casa permanecia na sombra durante a maior parte do dia, mesmo quando o sol brilhava. Aquele fato lhe servira muito durante o mês anterior, sobretudo quando a terra ainda estava congelada.

Enquanto pensava, sua mão se apertou espasmodicamente contra sua bolsa, com a qual tinha chegado em setembro passado. Não tinha vindo com muito, exceto com a esperança, e de alguma maneira se sentia como se estivesse partindo com menos ainda.

Acima, no céu, que parecia não ter fim, as nuvens cobriam o sol. Libby levava com ela apenas os objetos pessoais que trouxera no outono passado, e com os quais enchera o baú depois de subi-lo a uma carreta velha. Também levava a Winchester de Ben, que a protegeria se precisasse. Não tinha muita habilidade com a arma, mas pensava que se tivesse de enfrentar a necessidade de usá-la, aprenderia rápido o suficiente. Não tinha mais nada na casa que pudesse lhe

interessar ou ser de ajuda. Alguns pedaços quebrados de móveis e uma miscelânea de coisas sem valor que reunidas durante a vida austera de solteiro de Bem, era sua herança como viúva.

Subiu à carreta e pegou as rédeas, olhando ao ruão magro que tinha demorado mais de uma hora para enganchar. Estava com um aspecto lamentável, e a preocupava ter que fazer aquela viagem até a cidade de Heavenly. Que o cavalo tivesse sobrevivido ao inverno já era um milagre, pelo qual ela estava profundamente agradecida, por ser seu único meio de transporte ali.

Mas Libby sabia que teria caminhado, até mesmo se arrastado de joelhos se fosse necessário, só para escapar dali, e de Montana. Não tinha muito dinheiro, mas certamente tinha o suficiente para comprar um bilhete para chegar a qualquer parte fora daquele território. Aquele era seu objetivo imediato. Para onde iria, e o que faria quando chegasse seriam preocupações que poderia deixar para mais tarde.

Não era um grande plano, mas era o melhor que sua inchada mente podia conceber. Seu primeiro destino seria Heavenly, a cidade mais próxima, a vinte e cinco quilômetros ao este. Vira-a somente uma vez, e fora no outono passado quando subira naquela diligência. Enquanto estava na rua piscando contra o sol, com seus olhos de uma jovem de cidade, para a ordinária e decepcionante paisagem com um saloon e algumas lojas que se levantavam da artemisia. Mas depois de meses sem ver outra paisagem, a não ser uma vazia pradaria coberta de neve, no olho de sua mente, Heavenly, Montana,

tinha alcançado a altura de sua homônima.

Guiando o cavalo para o caminho, não olhou para o casebre miserável onde tinha passado aquele inverno exaustivo e interminável, mas deu uma breve olhada sobre o túmulo de Ben. No dia anterior, depois de terminar seu enterro, marcara o lugar com uma cruz mal feita, com duas colheres de madeira, amarradas em seu cruzamento com uma fita de um de seus aventais. Não era nada luxuoso, mas era o melhor que conseguira fazer, e tudo o que Ben merecia por todas as mentiras que lhe contara para atraí-la até ali.

De ambos os lados da estrada que conduzia para fora da propriedade, a pradaria estava cheia de abrigos de gado marrons sarnentos e mortos, revelados pela neve derretida. Estremeceu diante da sensação térmica. Parecia como se nunca tivesse se sentido quente o suficiente.

Inclinou a cabeça por um instante contra a dor de saber que estava totalmente sozinha no mundo. Rapidamente agitou as rédeas sobre o lombo do cavalo para acelerar sua saída daquele lugar.

• • •

Sob o suave sol, Heavenly, Montana, era um espetáculo decepcionante. Libby olhou a sua volta enquanto seu cavalo cansado tropeçava pela rua, e sua noção exagerada da cidade se esfumava para longe como uma gota de água sobre uma estufa quente. Muitos dos edifícios eram altos e estreitos, o que resultava em um desenho peculiar de todas as cidades do oeste que encontrara em seu caminho até ali. Não tinha sentido para

ela, se as pessoas tinham mais espaço do que podiam utilizar, mas as estruturas eram muito exageradas e estreitas. Eram feitas de pranchas de madeira, toscamente serradas, e pareciam descuidadas.

Caía a tarde, e Libby sentia seus braços tão pesados como o granito. Já estavam doloridos por cavar o túmulo de Ben no dia anterior. A condução do cavalo durante vinte e cinco quilômetros pelos caminhos ásperos e quase inexistentes, praticamente tinha acabado com ela. Não tinha experiência com as rédeas e várias vezes os três deles, o cavalo, a carreta, e ela, teriam se afastado do caminho, se o cavalo não fosse inteligente o suficiente para corrigir os erros de Libby. Pelo menos hoje se lembrara de usar as luvas, o que era bem melhor, porque no interior da pele, suas mãos ainda estavam em carne viva.

Ainda assim, pensou, olhando ao seu redor de novo, aqui tinha vida, e gente. Não falava com outra pessoa além de Ben, desde o outono passado. E ele não era de muita conversa, de qualquer modo. Especialmente no final.

As tabuletas ao longo da rua lamacenta marcavam os estabelecimentos de um barbeiro, um armeiro, uma loja de alimentação, uma escritório de ensaio, um dentista sem dor, um hotel, e o saloon. Pelo menos a cidade tinha hotel, ainda que o pouco dinheiro que trazia não duraria muito se tivesse que passar mais de uma noite ali.

No meio da via os olhos iluminados de Libby olharam para a Loja Frutos Secos Osmer. Recordou-se do condutor daquela diligência dizendo-lhe que Osmer vendia os bilhetes.

Manobrando desajeitadamente, fez com que a carreta parasse enquanto cambaleava, e suspirou com alívio. Atando as cordas ao redor da alavanca do freio, desceu. Cada músculo seu estava rígido e dolorido.

Só Deus sabia que aspecto deveria ter depois de uma viagem de um dia inteiro. Não prendera seu chapéu muito bem e em algum lugar ao longo do caminho, ele voara, levando junto, seu melhor alfinete. Deu uma olhada às suas roupas. Pelo menos os caminhos não estavam cobertos de poeira e apesar de estar enrugada, sua saia escura ainda estava muito limpa. Alisou a parte dianteira de seu casaco e, respirando profundamente para se acalmar, se encaminhou para a loja de Osmer.

Três cowboys se encontravam na pista da frente, aparentemente envolvidos em uma tensa discussão. À medida que se aproximou deles, os fragmentos da conversa fluíram até ela.

— E eu espero que possamos fazer algo a respeito antes que o senhor Hollins regresse. Se não for assim, terá uma insolação quando souber o que fizemos. — disse um deles refletindo abatimento. Apoiou seu corpo alongado e ossudo contra a grade e cruzou os tornozelos, fazendo tilintar suas esporas.

— Oh, ele faria o mesmo se estivesse aqui, — disse o segundo cowboy. Tinha o mais grosso bigode que Libby já vira em sua vida. Levantou a vista do cigarro que girava em suas mãos, movendo seu chapéu quando ergueu as sobrancelhas. — talvez algo pior, provavelmente teria disparado naquele cabeça

oca.

— Charlie tem razão. Tyler vai entender, — o mais jovem dos três ofereceu, parecendo confiante. — não sei por que pensa que é tão temível. Não é como se fosse nos arrancar a pele.

O bigodudo lambeu a emenda do bem cuidado cigarro, e retorceu suas pontas. — A sua, não, Insolente. Não tem idade suficiente para irritá-lo realmente, mas espera algo melhor de nós. Se não o fizermos, nos arriscaremos a que nos chute o traseiro.

— Oh, boa tarde, senhora!

Ao ver Libby, os dois mais velhos desviaram sua atenção para ela e ficaram com uma cor vermelha. Tiraram os chapéus e os seguraram contra seus peitos como se estivessem vendo passar um cortejo fúnebre. Suas esporas ressoaram e foi uma agitação geral, enquanto lhe abriam caminho na calçada. O mais jovem ficou de boca aberta, olhando-a com um respeitoso espanto, até que o outro curtido cowboy estendeu sua mão e lhe tirou o chapéu impaciente. Enfiou-o entre suas mãos, e lhe deu uma forte cotovelada entre as costelas. Com aquela reprimenda em silêncio, fechou a boca e se ergueu como os outros dois.

Libby assentiu em reconhecimento e continuou para a porta de Osmer, incapaz de reprimir um sorriso. O Oeste era um deserto cru e sem civilização, mas pelo menos algumas pessoas eram educadas.

• • •

— Morreu? O velho Ben Ross? — Nort Osmer olhou para Libby de trás do balcão, com a boca aberta. — Sei que esteve mal durante este último ano ou assim, mas, Ben, nunca pensei...

O armazém estava impregnado dos cheiros misturados de carne seca ao sol, tabaco, couros curtidos, café, e um vago olor floral. Uma fila de frascos cheios de caramelos de cores repousava sobre o balcão. Os olhos de Libby pousaram sobre os doces, não comera nada desde o meio dia, e seu pequeno almoço consistira em um pedaço de pão e um pedaço de carne seca. Lançando um olhar, dissimulado, ao seu redor, Libby viu uma desordem de mercadoria em exibição, alguns artigos ainda envolvidos em pele. Tudo aquilo era tão diferente dos grandes armazéns elegantes de Chicago. Não que alguma vez tivesse dinheiro para entrar em alguns deles, mas olhara por suas janelas com muita assiduidade nos últimos anos.

— Conhecia meu marido fazia muito tempo, senhor Osmer? — perguntou, mais por cortesia que por verdadeiro interesse. A palavra marido, enroscando-se em sua garganta.

Ele piscou, obviamente ainda assimilando a notícia da morte de Ben. Era um homem de aspecto inofensivo, com olhos pequenos, pálido e de cabelos castanho avermelhado.

— Sim, senhora, desde que era um menino. Vivia por aqui desde que meu pai era dono deste lugar Todos nós ficamos estupefatos quando soubemos que tinha tomado uma mulher por esposa.

Libby não estava certa de quem eram todos, mas pensou que se referia as pessoas do povoado. Osmer parou,

observando-a com curiosidade.

— Sem ânimo de ofender, senhora, uh, senhora Ross, mas um cowboy velho como Ben, que gosta de seguir seus caminhos, não é o tipo de homem que está disposto a se casar. Especialmente com uma dama muito mais jovem que ele.

Seu único comentário reforçou as suspeitas de Libby. Ben Ross estivera procurando uma enfermeira, não uma esposa. E como iria responder à observação do comerciante? Como poderia admitir que estava tão desesperada para sair de sua cidade natal que viajara mais de dois mil quilômetros para conhecer um homem que a tinha enganado? Não. Simplesmente se limitou a assentir com a cabeça.

— Tudo aconteceu tão de repente, — continuou ele — chegou à cidade e se casaram no escritório do xerife. Não chegamos a conhecê-la antes que Ben a levasse de volta à sua casa. Então chegou o inverno, cobrindo tudo de neve azul e morte. O clima também tratou mal o lugar de Ben?

Uma vez mais, um panorama sombrio de morte, gado morto, cavalos mortos, terra morta, cruzou a cansada mente de Libby, e assentiu. — Não acredito ter visto outro ser vivo além do meu cavalo até que cheguei à cidade. — Pensou ver um olhar de simpatia cruzar a suave cara do homem.

Nort Osmer se endireitou e lhe estendeu a mão. — Bom, bem-vinda à Heavenly, senhora. Estou muito sentido por não termos nos conhecido e por tão triste notícia, mas espero que fique.

Libby se sentou emocionada pelo sentimento que percebeu nas palavras do homem e, apesar de seu esgotamento, apertou

sua mão. — Na verdade, senhor Osmer, estou aqui para comprar um bilhete da diligência. Não ficou muito no lugar de Ben, e eu não posso viver lá.

Ele assentiu com a cabeça compreensivamente. — Para ser honesto, senhora, seu marido nunca teve muita sorte em expandir. Penso que o inverno foi a gota de água que transbordou o copo, por assim dizer. — Seu tom enérgico se converteu em agourento. — Então, vai ser um bilhete para Miles City? A diligência estará aqui amanhã ao meio dia. De Miles City, poderá tomar o trem para onde quiser ir.

— Sim, isso estaria bem. — Simplesmente dizer aquelas palavras a fez se sentir melhor. E de repente percebeu para onde estava se dirigindo: — para casa, de volta a Chicago. Tinha deixado-a com amargura e dor, uma impetuosa decisão que lhe custara mais do que havia ganho. O certo é que já não seria bem-vinda na casa Brandauer, mas sem dúvida suas possibilidades seriam melhores lá que ali, naquele deserto.

Abriu sua bolsa e tirou cinco dólares. Estava certa que não seria suficiente para um bilhete de trem, também, mas pelo menos estaria mais perto de sua meta. Com os outros cinco dólares que segurava, deveria ter o suficiente para conseguir um quarto de hotel e comprar alguma comida. — Por favor, pegue-o daqui.

Nort olhou a moeda de ouro sobre o balcão entre eles como se fosse um bonito botão que tivesse oferecido como pagamento. Ergueu os olhos para seu rosto. — Senhora Ross, precisa mais de cinco dólares. Um bilhete de diligência para Miles City custa muito mais que isso.

Libby ficou atônita. Não tinha nem ideia de quanto custara a viagem até ali. Ben lhe enviara os bilhetes de trem e de diligência, e nunca tinha viajado a nenhum outro lugar em seus vinte e seis anos, até o outono passado. — Mas só tenho dez dólares no total. — Pensou por um momento, tentando encontrar uma alternativa. — Posso comprar um bilhete para outra cidade?

— Não, senhora, não pode ir a nenhum lugar em uma diligência por cinco dólares. Ou mesmo dez.

Libby viu como seus problemas se acumularam rapidamente. Onde poderia ir? Não poderia conduzir de volta até o lugar de Ben, a noite cairia em algumas horas. Estava faminta, cansada e desanimada. Além do que, se voltasse a aquele cubículo..., um pequeno calafrio a percorreu só de pensar. Não, não, não. Não poderia voltar lá de novo, não, por nenhum motivo. Se o fizesse, acabaria perdendo a cabeça. Preferia esfregar todos os pisos de Heavenly duas vezes ao dia antes de voltar a aquele lugar. Levantou a cabeça. Trabalhar. Tinha que encontrar um trabalho.

Libby pegou a moeda de ouro e a colocou de volta em sua bolsa. Deu outro rápido olhar pela loja, tentando decidir como abordar o assunto. — Você deve saber muito sobre Heavenly, senhor Osmer. Parece que vou precisar, quero dizer, talvez possa encontrar um trabalho aqui na cidade. — Fez um gesto para o balcão de pinho, sentindo-se muito desconfortável. — Poderia precisar ajuda aqui na loja? Não tenho nenhuma experiência com a manutenção de um negócio, mas sou digna de confiança e posso aprender.

Nort tinha o aspecto de quem se engasgara com uma bola de açúcar do pote ao lado de sua mão. — Bem, senhora, quero dizer, senhora Ross, depois do temporal invernal, as coisas estão muito tranquilas. Gostaria de poder ajudar, mas não faço negócio suficiente para pagar um empregado. E minha esposa, bem, ela não... — Balbuciou umas palavras mais, até que Libby se condoeu pela sua aflição.

— Talvez tenha ouvido falar de outro trabalho que eu pudesse fazer? — Perguntou ela, tentando manter a esperança. Era uma tarefa formidável. Tudo nos últimos meses parecia muito desesperador.

— Gostaria de poder dizer que sim, mas Heavenly é um lugar muito bruto e o único trabalho na cidade para uma mulher estaria abaixo, na Ursa Maior.

Libby deixou escapar um tranquilo suspiro. — A Ursa Maior é o saloon?

Ele a olhou arrependido. — Sim, senhora. A senhorita Callie está sempre procurando damas, bem, algo assim. — De repente, sua atenção foi presa por alguma coisa além do ombro de Libby. Ela se virou para ver os três cowboys fora da janela. Depois a olhou por cima, especulativamente, com sua mão no queixo. — Bem, agora que o menciona, poderia saber de alguma coisa.

Uma sensação nervosa, incômoda, sacudiu Libby. Por ser uma mulher sozinha no mundo, e em um lugar estranho, ter algo que fazer seria o melhor dos casos. Mas sem recursos, poderia ser presa de um grande número de perigos. Uma lembrança fugaz de uma cozinha quente e cheirosa piscou em

sua mente, mas logo se foi, como o brilho de um relâmpago. Libby olhou para a porta, pensando que talvez devesse partir enquanto ainda pudesse.

— Por favor, não se aborreça, senhor Osmer. Sinto ter tomado seu tempo.

Osmer se inclinou para ela, com as duas mãos sobre o balcão. — Espere um minuto, espere um minuto. Sabe cozinhar? Quero dizer, acredita que poderia cozinhar para um grupo de pessoas?

Ela sorriu. — Cozinhar? Oh, sim! Tenho muita experiência. — Para um pequeno restaurante agradável, imaginou, ou talvez no hotel.

— Muito bem, então. Vamos falar com aqueles homens. — Ele indicou com a cabeça para as figuras do outro lado da janela. — Pertencem à equipe da Estrela Polar, e estão procurando um substituto para o cozinheiro que fizeram fugir na semana passada. — Saiu de trás do balcão.

— A equipe da Estrela Polar? — Libby perguntou com voz oca. — Refere-se a um rancho?

— Sim, senhora. É uma extensão grande perto do rio Musselshell, um dos poucos por aqui que sobreviveram ao inverno de forma aceitável. Tyler Hollins é o dono. Estará de volta em alguns dias e se não houver ninguém pondo as mesas, então... — Nort ergueu as sobrancelhas expressivamente. — não ficará muito contente.

— Mas, uh, seu cozinheiro fugiu? — Libby se viu sendo conduzida para a porta pela mão de Nort Osmer firme embaixo do seu cotovelo.

— Agora, não se preocupe. São bons rapazes, na maioria das vezes, e precisam de alguém que lhes prepare comidas decentes. Nenhum prato de luxo, isso não, só um monte deles. Servir os cowboys é um trabalho duro.

Abriu a porta de sua loja e saiu para a calçada. Ao som da campainha em cima da cabeça, os três homens se voltaram sombrios. Ao verem Libby, uma vez mais tiraram o chapéu, e a olharam com uma espécie de fascinação perplexa.

— Creio que tenho a solução do problema, rapazes, mas poderão me agradecer mais tarde. — Fez um gesto aos três cowboys e os apresentou. Charlie Ryerson parecia ser de sua mesma idade, ele era o que tinha o bigode. Noah Bradley, um homem um pouco mais velho, parecia ser feito de duro couro curtido e ossos. Rory Egan tinha um rosto jovem e sério e uma dispersão de suaves sardas.

Nort segurou uma mão para Libby. — Esta senhorita aqui é Libby Ross, viúva de Ben. O velho Ben morreu de pneumonia.

Houve um murmúrio de surpresa entre os três.

— Ben Ross se foi? — Noah perguntou a Nort, com uma olhada de soslaio para Libby. Falou em voz baixa, como se estivesse em um museu, e Libby fosse a exposição.

— Ben se deixou prender? — Charlie perguntou. — O velho Ben?

— Sim, justo antes de começar a nevasca. O inverno foi muito duro em seu lugar. Agora a senhora Ross precisa de um trabalho por um tempo e ela sabe trabalhar ao redor de uma estufa. Não é assim, senhora?

Libby sorriu com incerteza diante dos rostos curiosos e

respeitosos. — Antes de chegar a Montana, cozinhava para uma família em Chicago.

Depois de uma breve troca de olhares entre eles, a reticência dos homens caiu. Aquela informação parecia elevá-la a um nível profissional. Aproximaram-se um pouco mais e começaram a falar todos de uma vez, fazendo referências confusas mas veementes da péssima cozinha, da intoxicação alimentar, e do destino do cabeça oca que fora o responsável por enviar a todos para o barracão durante dois dias.

Charlie fez uma careta. — Sim, foi um espetáculo lamentável, isso é certo. A única razão pela qual alguém não atirou naquela cabeça cheia de ar foi porque estávamos muito fracos e sem forças para sair de nossas camas. Não foi muito consolo que ele adoecesse, também.

— Vê, senhora Ross? — Falou Rory. — Realmente precisamos de alguém que ocupe seu lugar. Não estamos conseguindo bem por nossa conta.

— O que acontece com a senhora Hollins? Não pode ajudar na cozinha?

Os três cowboys murmuraram de novo e Nort gaguejou antes de dizer: — Não há nenhuma senhora Hollins, minha senhora.

— Bem, mas... — Libby sabia que não poderia ser exigente, mas também não estava certa de que trabalhar para um grupo de cowboys em um rancho isolado fosse a melhor escolha que poderia fazer. E odiava a ideia de deixar aquela pequena faísca de civilização para voltar à solidão das pradarias.

Senhor Bradley, seu rancho está muito longe daqui? — Era difícil ver, já que era muito velho, mas Libby poderia jurar que o homem muito alto e magro tinha se ruborizado. — Ah, não me mate, senhora, meu pai era o senhor Bradley. Pode me chamar de Noah. E a Estrela Polar está a uns oito ou nove quilômetros daqui. — Apontou por cima do ombro para o noroeste.

Oito ou nove quilômetros não era tão mau como vinte e cinco. E o trabalho era um meio necessário para que ela pudesse escapar eventualmente. — Bem… — Disse vacilante.

— O senhor Hollins vai ficar histérico se voltar para casa e descobrir que não tem cozinheiro. — Charlie acrescentou. Libby mal podia ver sua boca se mover pela exuberante mata que repousava sobre seu lábio superior. — Senhora, sentimos muito pelo falecimento de Ben, mas ficaríamos muito agradecidos se nos ajudasse.

Olhou para os três rostos ansiosos, e depois para Nort Osmer. O merceeiro assentiu com a cabeça.

— Acredito que estaremos nos fazendo um favor mútuo. — ela refletiu, mais para si mesma que para eles. — Precisam de alguém que cozinhe, e eu certamente necessito o trabalho. Não sei quanto tempo ficarei…, — mas com aquela aceitação implícita, o resto de suas palavras ficaram encobertas pelos gritos selvagens de alegria de seus novos companheiros de trabalho.

— Vamos, senhora, temos que voltar à Estrela Polar. Teremos que alimentar os famintos. Esta é sua carreta? — Sem esperar resposta, Charlie a pegou pelo cotovelo com grande

entusiasmo, erguendo seus pés praticamente das pranchas da calçada com cada passo. — Rory, adiante-se e diga a Joe que teremos jantar esta noite. Noah, amarre seu cavalo na parte traseira da carreta da senhora Ross, e conduza. — ordenou.

Antes que Libby percebesse, estava sentada em seu assento da carreta de novo, onde tinha passado a parte mais difícil do dia. Agora, sem dúvida, Noah estava sentado junto a ela e segurava as rédeas de seu ruão. Teve o tempo justo para se despedir de Nort Osmer antes que o vagão cambaleasse para frente e se afastasse de sua loja.

Devia ter perdido a razão, pensou, que penoso seria se afundar outra vez no deserto com três homens aos quais acabava de conhecer, baseando-se na aprovação do comerciante da loja de frutos secos, ao qual também acabava de conhecer. Tyler Hollins, como seria o dono do Rancho Estrela Polar? E como reagiria quando se encontrasse com uma mulher estranha em sua cozinha?

Em um momento, os edifícios altos e raros de Heavenly ficaram para trás dela. E uma vez mais, Libby, com uma dezena de perguntas em sua mente, se encontrava na direção de um destino desconhecido e um futuro que era um completo mistério para ela.

Libby se mexeu no assento duro, agarrando-se à beirada enquanto a carreta cambaleava ao longo do caminho. Charlie Ryerson dirigia o pequeno contingente. Ele era a mão superior da Estrela Polar, e a informara a respeito com um pouco de arrogância. Noah, sentado junto a Libby, manuseava as rédeas com destreza. Acima as nuvens se aproximavam, e as rajadas

de frio agitavam os capins de búfalo que cresciam de ambos os lados da estrada. Esperava que chegassem a um refúgio antes que começasse a chover.

A seu favor, parecia que fazia dias desde que partira para Heavenly em lugar de ter sido naquela mesma manhã. Os meses nos quais esteve cuidando de Ben no confinamento de sua cabana, tinham sido enervantes e desagradáveis, mas nem sempre tão exigentes fisicamente como as tarefas que tivera de realizar nos últimos dois dias. Apertou sua mão sobre a beirada do assento do veículo quando ele bateu contra uma rocha.

— O rancho está muito longe ainda, senhor Brad, Noah?

— Só um quilômetro mais para chegar a Estrela Polar, senhora.

Aquilo era um alivio, pensou Libby. — Fale-me de seu rancho. — disse ao cowboy vestido de couro. — O senhor Osmer me disse que era um lugar muito grande.

Noah levantou a voz para se fazer ouvir por cima do tilintar das bridas e dos cascos dos cavalos. — Bem, senhora, a Estrela Polar tem cerca de cinco mil hectares, e umas trinta mil cabeças de gado pastando nas pastagens abertas. Pelo menos, até este inverno. Nos últimos dias vimos que perdemos mais de três quartas partes da manada.

Cinco mil hectares, Libby se surpreendeu. Não sabia muito acerca das medidas de grandes extensões de terra, mas sabia que deveria ser muito. E ainda teriam mais ou menos, umas sete mil cabeças de gado? Ben Ross tinha começado o inverno com duzentas cabeças, e seu rancho consistia em

trezentos hectares.

— Deve precisar de vários homens para cuidar de um lugar tão grande. — disse.

— Sim, somos quase vinte ajudando ali fora.

Libby sentiu como seus olhos se abriram. Imaginara que estaria cozinhando para umas oito ou dez pessoas. Era uma perspectiva muito preocupante estar em uma pradaria vazia com vinte homens. Tudo acerca daquele rancho parecia maior que a vida. E para dizer, a vida em Montana, como a vira até agora.

— Penso que não está acostumada a cozinhar para tantas pessoas. — disse o cowboy, lendo parte de seus pensamentos.

Ela negou com a cabeça. — Não, a família para a qual trabalhei tinha só quatro pessoas.

— Era em uma daquelas elegantes casas enormes? — Noah perguntou. — Vi algumas delas quando trabalhei nos matadouros de Chicago por um tempo.

Oh, sim, sim, era, recordou: com paredes de cor creme e tapetes fofos. Não visitava as plantas principais com muita frequência. A senhora Brandauer não gostava que o pessoal da cozinha saísse das escadas, e Libby sempre seguia suas ordens. Até que Wesley…

— Era uma casa muito agradável. — respondeu, lutando para manter a emoção de sua voz. Era difícil. Se não tivesse sido por Wesley Brandauer, não teria se casado com Ben. E não teria vindo para Montana em absoluto.

De repente, sentindo curiosidade por seu novo patrão, Libby perguntou: — E o que você me diz do senhor Hollins. É

fácil trabalhar para ele?

Noah olhou para o horizonte. — Bem, não gosta das mudanças, isso é certo. É por isso que os rapazes e eu estávamos tão preocupados diante da partida daquele cozinheiro.

Libby se virou um pouco para observar o rosto curtido de Noah. Os três cowboys tinham sido tão persuasivos, que não lhe ocorrera questionar sua autoridade para contratá-la. — Acredita que gostará da ideia de que vá trabalhar para ele?

Noah não respondeu e ela se perguntou se a teria ouvido. O único som era o barulho dos cascos dos cavalos sobre a terra amolecida pela chuva. Estava a ponto de repetir a pergunta quando ele respondeu. — Só precisamos esperar, mas não posso dizer com certeza. O senhor Hollins não é fácil de predizer. Gosta de manter as coisas para si mesmo. A verdade é que nunca conheci outra pessoa que goste tanto de manter as distâncias.

Libby olhou para o horizonte, também, obrigada a se conformar por esta vez com a resposta de Noah e o silêncio que se seguiu. O desespero a jogara de Chicago, não tinha nada a perder então, e apesar de suas grandes esperanças por um novo começo, não ganhara nada desde então. Só uma oferta de trabalho que poderia ser cancelada assim que Tyler Hollins a conhecesse.

Ainda assim, o senhor Hollins não parecia tão mau. Quando os cowboys mencionaram que seu chefe era difícil, imaginara um homem rígido e difícil de satisfazer.

Mas um homem que só queria que o deixassem sozinho

não parecia um problema em absoluto. Na verdade, Libby pensava que seria uma grande vantagem.

Capítulo 2

Joe Channing, capataz da Estrela Polar, estava de pé no curral dando uma maçã ao seu cavalo favorito quando Rory Egan entrou a galope no pátio, seguido por Charlie Ryerson.

Joe se aproximou da vala que o separava do trilho e olhou para Rory, e depois para Charlie. — Já era hora de regressarem, rapazes. O que fizeram com Noah? Perderam-se na cidade?

Rory e Charlie trocaram um sorriso absurdo. — Não, não se perdeu, — Charlie continuou — mas creio que talvez tenhamos encontrado a resposta às nossas orações.

Joe os olhou com receio por um momento, depois tirou o chapéu e o colocou de novo na cabeça. — Sim? Bem, se estiveram rezando para que o armazém de lenha volte a ter um telhado, posso dizer que não funcionou, ainda. — O telhado do armazém caíra durante uma das nevascas e Charlie ficara nomeado como responsável para repará-lo. Não tinha começado a tarefa ainda.

O sorriso de Rory se desvaneceu um pouco e se deslizou de seu cavalo. Se estivera esperando uma reação mais favorável por parte de Joe, não estava conseguindo.

Charlie passou uma perna por cima de sua sela de

montar. — Creio que será melhor que lhe diga o que fizemos. — Rory disse.

O jovem se virou para olhar por cima do ombro. — Não acredito que precise.

Naquele momento, Noah entrou pela porta, conduzindo um cavalo e uma carreta que não pertenciam à Estrela Polar. No assento, estava uma mulher jovem.

Joe o olhou, e logo de volta para Charlie, franzindo o cenho. — Charlie, maldição...

— Espere, Joe, não vá fazer uma ideia errada. — disse o cowboy apressadamente. — É nossa nova cozinheira.

— Nova cozinheira? Minha tia Amélia! Na última vez que você fez uma brincadeira como esta, Tyler quase me arrancou a cabeça. Esta mulher deve voltar para a Ursa Maior, ou onde quiser que pertença, antes do pôr do sol.

Mas Charlie e Rory não estavam escutando. Tinham corrido ao lado da jovem para ajudá-la a descer da carreta. O olhar de Joe viajou dos cowboys embrutecidos para a jovem. Bem, na verdade, não parecia uma jovem do saloon. Seu vestido era modesto, e não usava maquilagem, pelo menos, não que pudesse ver. Sua visão foi impedida enquanto a mulher desaparecia atrás do círculo de homens que crescia rapidamente.

Joe blasfemou e abriu de vez a porta do curral com a palma da mão. Tyler não ia gostar daquilo. Nem um pouco.

Caminhou para o grupo, alongando suas passadas com gesto irritado. Ao se aproximar, os homens se afastaram, abrindo caminho como vilões no vento.

Charlie levantou a mão para se adiantar e se dirigiu à mulher. — Este é o senhor Channing.

Joe ergueu as sobrancelhas diante daquele — senhor Channing — que tinha soltado e se virou para olhar para a mulher. Ela levantou seus grandes olhos cinzas para ele e as palavras iradas que ele planejara dizer morreram antes de saírem por sua boca.

— Senhora, Joe Channing é o capataz desta equipe. Joe, esta é a senhora Libby Ross. Nos conhecemos na cidade. — A voz de Charlie se reduziu a um sussurro, como se não quisesse que ela o ouvisse. — É a viúva de Ben Ross. O inverno foi muito duro com eles, Ben se deixou levar pela pneumonia e ela precisa de um trabalho.

Joe virou a cabeça para olhá-la de novo. Aquela era uma notícia impactante. Aquela mulher se casara com o velho Ben? De nenhum modo teria sido por seu dinheiro. Estivera nas últimas há muitos anos. Amor? Não! Mas por que iria uma jovem se casar com um homem que era descuidado e quase tinha idade suficiente para ser seu avô? Ela mesma não deveria ter mais de vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Ficou pasmo diante de Charlie antes de recuperar sua atitude.

— Sabe como cozinhar, por isso a trouxemos. — As últimas palavras de Charlie se perderam no barulho principal dos comentários dos homens. Eles gaguejavam e arrastavam os pés na frente dela como colegiais. Joe tinha que admitir que era bom ver uma mulher naquele lugar de novo. Seus cabelos eram da cor do mel de trevo; vermelho, amarelo e marrom, todos claros e mesclados entre si, e caía por suas costas em

uma grossa trança. Seus olhos eram de cor cinza claro e sua pele muito suave. Mas o que mais chamava a atenção era seu sorriso franco e inocente.

Joe limpou a garganta e desta vez todos os olhos se viraram para ele. — O dia não terminou ainda. Vocês, rapazes, voltem aos seus afazeres enquanto falo com a senhora Ross. Rory, desenganche seu cavalo e cuide dele. Parece esgotado.

Virando suas cabeças para trás e dando umas tantas olhadas desafiantes, os homens partiram. Noah desamarrou seu cavalo do carro e Rory limpou suas botas contra o chão enquanto conduzia o animal cansado.

Joe voltou a olhar significativamente de Noah para Charlie. — Falarei com vocês dois mais tarde. — O par se afastou contrariado, puxando seus cavalos com eles.

Charlie se virou, então, acrescentando por cima do ombro: — Não ultrapasse com ela, Joe. É só a cozinheira, já lhe disse.

Ele assentiu com impaciência atrás deles, e logo se virou para ela enquanto fazia um gesto para a casa. — Porquê não conversamos no terraço?

— Muito bem, senhor Channing. — respondeu ela em voz baixa.

Como era possível que aquela mulher tivesse acabado em uma cidade que só tinha um saloon, como Heavenly, casada com um velho doente? Joe se perguntou de novo. Oh, diabos, o Oeste estava cheio de gente com histórias tristes.

Seria muito mais fácil dizer a aquela mulher que seguisse seu próprio caminho se não acabasse de conhecer a sua. E aquilo seria exatamente o que faria. Tyler Hollins nunca

permitiria que aquela mulher interrompesse a rotina da Estrela Polar.

Libby tinha a sensação de morte iminente. Tinha a sensação de que por uma razão ou outra, não lhe permitiriam ficar ali. E ainda que ela não tivesse desejos de permanecer em Montana por mais tempo do que fosse necessário, naquele preciso instante não tinha outro lugar para onde ir. Levantando suas saias da terra molhada, permitiu que o alto e magro capataz a guiasse através do pátio aberto para o amplo terraço.

A casa do rancho, uma casa grande de dois pisos, tinha um aspecto rústico que combinava com seu entorno. Fora construída com troncos, mas eram pequenos e se encaixavam perfeitamente. Ao longo da borda frontal do terraço havia restos do que parecia ter sido um canteiro de flores, mas Libby estava muito distraída para observar aqueles pequenos detalhes. O jardim era um emaranhado de ervas daninhas e relva silvestre que parecia estar voltando à vida naquele fraco clima primaveril. Mas em comparação com a cabana de Ben, era uma grande casa.

Sentada na cadeira de balanço do terraço, cruzou as mãos sobre seu colo e olhou para Joe Channing, esperando que começasse. Era um homem alto e ossudo, com um bigode tão grande quanto o de Charlie. Ainda que suspeitasse que não deveria ter mais de trinta e dois ou trinta e três anos, seus cabelos escuros eram levemente grisalhos nas têmporas, como se aquela dura e implacável cidade e seu clima tivessem lhe roubado sua cor. Quando falou, sua voz baixa e tranquila retumbou em seu peito como um trovão rodando através de um

vale longínquo.

— Terá que perdoar a aqueles rapazes por arrastá-la até aqui, senhora. Nem sempre sabem usar a cabeça. — Estava apoiado contra um dos postes enquanto a examinava. — Sinto muito o que sucedeu a Ben. Sei que esteve doente durante um longo período.

Parecia que todos sabiam sobre o estado de Ben Ross com exceção dela. Ainda que o capataz a estivesse observando, parecia muito educado para fazer perguntas, o que parecia bem a Libby. Não gostaria de discutir sobre os detalhes que a levaram a tão breve casamento.

— Senhor Channing, os rapazes me disseram que precisavam de um cozinheiro. Há algum problema por eu estar aqui? — Esperava que ele não tivesse percebido o desespero em sua voz.

Ele tirou uma luva e massageou a parte posterior de seu pescoço. — Não é um problema, exatamente. Não sou eu quem toma as decisões sobre quem contratar na Estrela Polar. — Libby percebeu como seu olhar se deslizava para longe dela depois daquela última afirmação.

Talvez se ele mesmo visse quais eram suas habilidades, não fosse tão contrário a lhe dar o posto de trabalho. — Realmente sou muito boa cozinheira. Trabalhei para uma família em Chicago durante anos. Tenho referências. — Oh, sim, os Brandauers tinham lhe fornecido umas referências adequadas, em um papel adequado. Foi todo o legado que lhe deixaram em troca de doze anos de sua vida e um pedaço de seu coração.

Joe tirou o chapéu e passou a grande mão contra seus cabelos. — Desculpe que o diga, senhora, mas talvez devesse voltar a Chicago. Este é um território inóspito, especialmente para as mulheres nascidas na cidade.

Ela apertou as mãos nas dobras de sua saia. — Não posso ir a nenhuma parte, senhor Channing, não até que ganhe o dinheiro suficiente para comprar um bilhete. É por isso que preciso de um trabalho.

— Você não tem parentes que possam emprestá-lo?

Libby negou com a cabeça, sentindo-se mais claramente desconfortável a cada minuto que passava. Deixou que seu olhar vagasse através do pátio para o além vazio. — Não tenho ninguém. E tenho que trabalhar. — Avaliaram-se mutuamente. Não tinha mais opções, e parecia que o capataz também não.

Finalmente, se afastou do poste e encolheu os ombros. — Será bem-vinda para ficar, pelo menos até que Ty Hollins volte. Os rapazes provavelmente lhe disseram que é o dono deste lugar, e que deverá chegar por aqui em um dia ou dois. Depois disso, corresponderá a ele decidir. — Olhou para ela e Libby viu um rastro de tristeza em seus olhos escuros. — Não é nada pessoal, senhora Ross, mas tenho que lhe dizer, sem rodeios, que provavelmente não estará de acordo com isto.

Libby reprimiu um suspiro, logo se endireitou e se virou para olhar a casa atrás dela. — Se me permitir, gostaria de preparar o jantar para você e seus homens como pagamento por sua hospitalidade.

Ele sorriu, seu sorriso um pouco mais alto em um dos lados de seu rosto, e lhe estendeu a mão para ajudá-la a se

levantar. — Isso seria um verdadeiro prazer. Se uma equipe não puder alimentar seus cowboys, ou bem eles partem ou pensam em atirar no cozinheiro.

Ela não evitou devolver o sorriso. — Então parece que mantê-los felizes será o mais inteligente a fazer.

— Vamos, eu lhe mostrarei a cozinha.

Conduziu-a pelo longo terraço que levava até a cozinha. Libby percebeu a presença de um par de chifres de gado pendurados sobre a porta.

Joe a fez entrar. — Tudo está muito desordenado. — disse em tom de desculpa. — Os rapazes estavam certos, o cozinheiro anterior não era o melhor, mas também não colaboramos muito.

A estrutura, também feita de troncos, tilintava com força contra os elementos. Tudo seria tão primitivo naquele deserto? Libby pensou. Olhou à sua volta para a desordem de pratos e sacos abertos de comida e de farinha. O café estava espalhado pela mesa de trabalho e tinha uma onda a vapor na estufa.

— Rory e Dust tiveram que fazer nosso café esta manhã. Na verdade, não foi sua culpa que deixassem o lugar assim descuidado. Eu os mandei a outra tarefa em seguida. Temos muita limpeza para fazer neste rancho desde o inverno. Há cavalos para domar, gado morto para ser contado, telhados para serem consertados. Imagino que chegaremos a tudo isso mais adiante.

Libby ergueu as sobrancelhas, um pouco oprimida pela desordem. — Sim, penso...

— Precisará de um lugar para dormir, também.

Geralmente, os cozinheiros ficam com os rapazes no barracão. Claro que não poderemos lhe pedir que faça isso. Se vier por aqui.

Ela o seguiu através da cozinha a uma porta que viu depois, e que levava ao refeitório principal da casa. Enquanto caminhavam para as escadas, ela se surpreendeu de como o lugar era acolhedor, apesar de sua construção tão simples. Os toques eram definitivamente masculinos, com pesados estofamentos em couro, e móveis e quadros grandes nas paredes com cenas do rancho. Na sala, uma enorme lareira de pedra dominava uma das paredes e era grande o suficiente para se cozinhar nela. Mas o lugar parecia, bem, cômodo, o que a surpreendeu. Quando chegaram ao segundo piso, percebeu que no corredor havia uma galeria que levava a outra sala.

— Esta casa é muito maior do que parece por fora. — comentou enquanto seguia Joe Channing.

— Foi o pai de Tyler quem a construiu quando vieram do Texas depois da guerra. Ele mesmo cortou cada um dos troncos.

Parou e abriu a porta que dava a uma grande sala que tinha uma vista conservadora, como se tivesse estado preparada, esperando há anos, mas que ficara sem ser utilizada. Umas cortinas de renda penduravam das janelas e a cama era grande. Pensou em seu quarto do terceiro piso, em Chicago. Localizado sob o teto, o que o deixava frio como o gelo no inverno e como um forno no verão. E em comparação com a caminha junto à estufa que usara no lugar de Ben, aquilo era o paraíso.

Foi só até o capataz voltar a falar, que percebeu que ficara ali de pé, olhando com os olhos muito abertos.

Isto estaria bem, senhora Ross?

— Oh, sim. — Suspirou. — Está muito bem.

— Então direi a Rory que suba seu baú. — disse.

Ela agradeceu e depois de um desconfortável silencio, ele tirou o chapéu e saiu. Quando a porta se fechou atrás dele, ouviu seus passos firmes pela galeria enquanto se afastava. Não pode evitar desejar que ele fosse o chefe ali e que seu futuro imediato estivesse resolvido.

Depois que Rory trouxe seu baú um minuto mais tarde, se ajoelhou em frente a ele e levantou a tampa. Sua garganta se apertou momentaneamente diante do leve aroma de lavanda que lhe recordava outro tempo e lugar. Rapidamente tirou um longo avental branco e fechou a tampa de novo, empurrando as recordações para dentro. Amarrando o tecido de algodão engomado na cintura, respirou fundo e voltou a descer. A cozinha era tão simples quanto a casa. Os Brandauers, sempre desejando ser os primeiros com o melhor, tinham comprado uma estufa à gás três anos antes, e Libby estava acostumada à previsibilidade da cozinha à gás. Agora se enfrentava a uma enorme besta de ferro negro que tinha um fogo baixo depositado em seu ventre. Ela também tinha uma geladeira na cozinha de Chicago, mas aquela comodidade não se encontrava ali, também não. Claro que não, pensou enquanto olhava através das estantes em busca das especiarias. Não tinha vendedor de gelo.

Libby acendeu o fogo da estufa, e logo inspecionou os

mantimentos. Olhou em grandes recipientes escuros de arroz, farinha, feijões, açúcar e outros alimentos básicos. Os ratos tinham passado pela maioria deles, e a farinha se convertera em uma massa de cor amarela. Os produtos perecíveis, como carne, ovos e manteiga, estavam em péssimo estado. Se tinham presunto ou toucinho, não estavam à vista. Quase tudo apresentava uma grande capa de gordura e poeira. Libby balançou a cabeça enquanto limpava as mãos no avental. Quem tinha se ocupado daquela cozinha antes, era muito preguiçoso e descuidado. Não era de se estranhar que todos tivessem caído doentes. Precisaria de uma grande quantidade de duras esfregações para elevar aquela cozinha à altura de seus padrões.

Quanta comida deveria preparar uma pessoa para alimentar vinte homens famintos? Pensou enquanto media a melhor farinha que conseguiu escavar. Tinha preparado jantares no passado, mas muito menos e tivera ajuda. A única coisa que conseguia seria fazer sua melhor adivinhação. Deu de ombros e tirou um grande recipiente de esmalte e uma panela de ferro fundido. Com as disposições salváveis preparou uma comida rápida de bolinhos e um molho bem picante. Não tinha pó para a massa de assar, só bicarbonato de sódio, e aquilo significava que os bolinhos ficariam com um sabor alcalino. Depois de localizar os potes de cerejas em conserva, fez três tortas. Bacon ou salsichas iriam bem com tudo aquilo, mas não tinha nada mais que pudesse fazer. Se ficasse, aquela cozinha deveria ser abastecida decentemente.

Duas horas mais tarde, enquanto o anoitecer dominava o

vale com uma cor púrpura, saiu ao terraço com a intenção de tocar o triângulo de ferro que chamava os homens para a mesa. Mas quando levantou a vista, viu a maioria deles esperando ao longo da grade do terraço. Charlie Ryerson estava situado no primeiro posto, como lhe correspondia por ser o braço direito do rancho. O aroma de rum da baia subiu até ela. Lavados e penteados como se fossem à igreja, os cowboys olhavam com expectativa.

— Verdadeiramente cheira bem, senhora. — Charlie aventurou atrás de seu bigode.

Libby não estava particularmente orgulhosa dos resultados, mas levantou a voz um pouco para ser ouvida por aqueles na parte posterior. Era intimidante fazer algo assim em frente a um grupo de homens desconhecidos. — Gostaria de ter feito algo mais abundante, mas não encontrei nada de comer na despensa, que não estivesse em mau estado. — Fez um gesto atrás dela na direção geral da cozinha. — O melhor que consegui fazer foram uns bolinhos e molho, e torta de cereja de sobremesa.

Quando nenhum deles se moveu, Libby sentiu que suas mãos estavam geladas. Talvez bolinhos e molho não fossem aceitáveis? O senhor Osmer lhe dissera que não precisavam pratos de luxo. Se não conseguisse fazer uma boa impressão para aqueles homens, sem dúvida não seria capaz de ganhar Tyler Hollins. Bem, pensar naquilo não ajudava muito, o jantar se esfriava nas longas mesas do interior, e era tudo o que tinha para eles naquela noite.

— Bem, cavalheiros, o jantar está servido.

Foi como se tivesse disparado uma arma. Saltou fora do caminho assim que eles saíram num tiro para a porta. Houve um monte de empurrões para tomarem os assentos, e os sons dos pés das cadeiras raspavam no piso de pranchas, e os pratos de lata se chocavam contra os talheres. Libby estava na porta, com a boca levemente aberta enquanto observava os homens caindo sobre a comida como refugiados famintos. Não tinha nenhuma conversa nas mesas, a tarefa de comer tinha prioridade sobre tudo o mais. Mas à medida que passava entre eles, servindo café, gestos e sorrisos tímidos eram dirigidos a ela, e qualquer dúvida que pudesse ter a respeito da comida se evaporou.

Assim que cada homem terminou, se levantou da mesa. Libby não estava acostumada a aquilo. De onde vinha, as pessoas ficavam depois de comer, com vontade de mais café, mais chá, mais serviço. Por cima de tudo, não estava acostumada às palavras de agradecimento.

— Muito obrigado, senhora. Foi um grande jantar.

— Obrigado, senhora Ross.

— Não consigo lembrar da última vez que comi torta de cerejas.

Quando Libby se sentou com seus próprios bolinhos e molho, estava muito cansada para comer. Com o prato na sua frente, parou para massagear a parte posterior de seu pescoço e esfregar suas têmporas.

Até mesmo sua trança estava pesada, descansando sobre suas costas. Pensou que aquele fora o dia mais longo de sua vida, e ainda tinha que lavar os pratos. A limpeza geral da

cozinha deveria esperar até amanhã.

Naquele momento, a porta se abriu e Joe Channing entrou. Ele não tinha tomado parte na corrida original dos comensais, mas chegara um pouco mais tarde.

— Obrigado de novo pelo jantar, senhora Ross. Fez um bom trabalho em pouco tempo.

Libby nunca pensava em si mesma como a senhora Ross. Já era muito difícil para ela recordar e se apresentar com aquele nome em lugar de Garrison. O único outro nome que nunca teria imaginado para si mesma era Brandauer. — Pode me chamar Libby, senhor Channing.

— Eu o farei, senhora, eh, senhorita Libby, se você me chamar de Joe.

Ela lhe dedicou um sorriso cansado. — Está bem, Joe.

• • •

Mais tarde naquela noite, Libby estava deitada em sua cama do piso de cima. Doíam-lhe todos os ossos, mas ainda assim, não conseguia dormir. Até o verão passado, sua vida tivera uma monotonia implacável. Não era feliz, mas pelo menos, tinha segurança na monotonia, consciente que hoje seria o mesmo que ontem, e o mesmo que amanhã. Então a senhora Brandauer descobriu o segredo entre Wesley e ela.

Aquilo a levara à cabana de Ben Ross, e os meses terríveis que se seguiram. Agora dormia sob um teto estranho que pertencia a um homem ao qual não conhecia, um homem que poderia jogá-la na estrada de novo tão rápido quanto regressasse.

Puxou os lençóis de linho mais perto de seu queixo e fechou os olhos, esperando não ver a mortalha de Ben em seus sonhos.

• • •

Era quase meia noite quando Tyler Hollins empurrou as portas de vaivém do Saloon A Ursa Maior, cansado, dolorido de sua sela de montar, e sujo. Alguns clientes noturnos estavam no refúgio cheio de fumaça, e um jogo de cartas apático estava em marcha sobre uma mesa. Os principais objetivos em sua mente eram uma cerveja e uma cama. Conseguiu sua cerveja e se sentou na mesa do canto, cruzando o tornozelo sobre seu joelho.

— Por Deus, Ty, eu o comeria agora mesmo. — Callie Michaels gritou do outro lado da sala. Callie era a dona do saloon e o considerava um de seus clientes especiais. Dirigiu-se a ele, seus cabelos avermelhados brilhantes como uma moeda escura sob as lâmpadas de querosene, e seus quadris mexendo-se dentro de seu vestido granada. Desenganchando o tornozelo, a sentou em seu colo empoeirado.

Ela deslizou um braço cheio de miçangas ao redor de seu pescoço e se inclinou para seu ouvido para se fazer ouvir por cima dos ruídos. — Que tal se dissermos ao resto destes preguiçosos, boa noite e subirmos para um lanche de meia noite?

Ele riu entre dentes. Ninguém poderia acusá-la de ser tímida. — É uma sem vergonha, Callie, mas isso é parte de seu encanto.

— Eu diria a metade disso. — respondeu ela, olhando-o de novo com um olhar cândido de agradecimento. — É bom ter você de volta, as coisas não são o mesmo quando não está. Mostra as jovens em Miles City seus encantos?

— Não vai começar a ficar ciumenta depois de todo este tempo, certo? — Perguntou, seguindo o jogo com seu olhar. Ela tinha um sorriso capaz de revolver o interior de algumas pessoas, e de fato, uma vez o tinha perturbado. Parecia como se tivesse um segredo que ninguém mais sabia. Demônios, talvez assim fosse.

Moveu sua mão macia e branca em um gesto despreocupado. — Eu? Não, senhor. Mas conheço seus hábitos, e me perguntava se os deixa quando está longe de casa.

Ele a fez saltar em seu joelho. — A única coisa que fiz em Miles City foi estar sentado em uma grande quantidade de reuniões com muitos compradores de gado. Estou morto de cansaço e quero ir para a cama.

Seus olhos cor de whisky se escureceram com a sensualidade prometida e tocou um de seus peitos contra o ombro dele. — Bem, então, vamos, Ty. Subamos ao meu quarto.

Em outra noite não teria se negado. Sua relação com Callie era simples e sem complicações, tal e como ele queria. Ela satisfazia suas necessidades físicas e parecia contente com sua capacidade de fazer o mesmo por ela, e com os vinte dólares que lhe dava por isso. Mas já era tarde e estava muito cansado pela quantidade de energia que tinha queimado.

De repente, nada era mais atraente que voltar a solidão privada de seu rancho. Tinha estado fora menos de duas semanas, mas parecia uma eternidade, e algo em sua alma foi deixado atrás em sua ausência. Pegou sua cerveja e esvaziou o copo.

— Na próxima vez, querida. Esta noite provavelmente me mataria. — Ele bateu em seu traseiro para fazê-la se levantar de seu colo.

Fazendo beicinho, se levantou lentamente e deixou que sua sensual olhada divagasse por seu membro. Deslizando uma mão por seu quadril, lhe deu um sorriso lento. — Mas, querido, pode pensar em uma melhor maneira de sair desta vida?

Ele começou a rir e balançou a cabeça. Caminhando para a porta, lhe deu boa noite por cima do ombro.

Faltavam oito quilômetros para chegar à casa e só uma meia lua iluminava o caminho, mas Tyler e seu cavalo pintado conheciam cada centímetro daquela estrada esburacada.

Quando subiu pela última colina, parou seu cavalo e olhou sua casa. As reuniões em Miles City o fizeram sentir como se os abutres tivessem bicado seus ossos. Os compradores estavam dispostos a aproveitar o desastre invernal que tanto tinha prejudicado os criadores de gado sobre todas as Grandes Planícies.

Chamavam à ainda não terminada ferroviária de Miles City como o Grande Projeto Inacabado, e os oportunistas fumadores de charutos o sabiam. Ainda tinha muito gado no Texas que poderiam comprar, não o precisavam. Em algumas

ocasiões quase se afastou daqueles homens. Não desejava nada mais que voltar ao seu cavalo e regressar à casa. Mas sabia que não poderia, que precisava dinheiro rápido para reconstruir seus rebanhos. Assim, escondendo sua amargura e temperando seu orgulho, acedera às ofertas triviais. Toda aquela terra que se estendia diante dele fazia com que tudo valesse a pena.

Com suas mãos apoiadas no lombo de seu cavalo, se inclinou um pouco para frente em sua sela. Quanto o que sua visão pudesse alcançar, a relva congelada repousava sob um claro de lua que acentuava os rastros persistentes da neve. A casa e suas dependências estavam em silêncio, no silêncio da meia noite. Aquilo lhe pertencia. Ele era seu capitão, ele era seu filho.

Era difícil para ele acreditar agora que alguma vez tinha abandonado aquele lugar. E que só uma promessa que fizera ao seu pai em suas últimas horas de vida, o tinha feito voltar. Mas isso tinha sido muito tempo atrás. Tyler era jovem e idealista então, sem experiência que o fizesse valorizar o que já tinha. Também não tinha nem ideia da dor que isso trazia implícita.

Forçou o cavalo para frente, pela descida para o último quarto de quilômetro até seu lar. O rancho dormia, mas se encontrou com seu cachorro, Sam, que lhe deu um latido forte em sinal de boas-vindas. Sam abanou a cauda com tanta alegria que sacudiu todo seu comprimento.

Ty desceu de seu cavalo e deu umas palmadinhas na parte dianteira de sua camisa. O cachorro ficava encantado de

por suas duas patas dianteiras sobre o peito enorme de seu dono. Riu diante do sorriso canino que viu, e jogou sua cabeça para trás enquanto a língua de seu cachorro lambia seu queixo. — Está bem, Sam, já chega. Posso ter meu próprio banho.

Depois de desencilhar o cavalo, lhe dar de comer, e soltá-lo na defesa, Ty foi a cozinha por uma pastilha de sabão e um balde de agua quente do depósito de agua ao lado da estufa. De pé no terraço traseiro, não pode reprimir sua alegria de estar de volta ao seu lugar. O único som que se percebia era o do vento suspirando através dos quilômetros de ricos pastos que o rodeavam naquela ilha sem mar que tanto amava.

Tirou as roupas, levantou o balde e despejou um pouco de agua sobre sua cabeça para tirar a poeira da viagem. A brisa que agitava a relva era sentida como uma rajada de inverno sobre a pele úmida. Tremendo, se apressou com seu banho improvisado. Não se lembrara de trazer uma toalha e olhou no interior da porta da cozinha em busca de um pano. O que encontrou em troca, foi um avental branco em um gancho junto à estufa e se secou com ele.

Um aroma delicado lhe sussurrou, dando lugar a uma lembrança fugaz de lençóis arrastados pelo vento batendo em um varal. Uma cara que não tinha visto em anos passou por sua mente, e logo se desvaneceu. Intrigado, decidiu que a fragrância devia ser o perfume de Callie impregnado em sua camisa. Pegou suas roupas da grade do terraço e caminhou nu pela cozinha para as escadas. Não se preocupou em pegar uma vela. Sabia que a luz da lua que entrava pela janela do

vestíbulo seria suficiente para encontrar sua cama.

Quando chegou ao seu quarto e se jogou sobre a grande cama com dossel, só teve tempo de puxar uma ponta da colcha sobre si mesmo antes de cair rendido.

• • •

Libby Ross fechou a porta cuidadosamente e se aproximou nas pontas dos pés da sua cama. Sentada na beirada, levou suas mãos em seu rosto quente.

Sendo uma estranha naquela casa, e ficando alerta com cada som, tinha ouvido o latido de um cachorro fora e um ruído na cozinha. Quando detectou o rangido silencioso nas escadas, com o coração preso em sua garganta, se levantou e abriu um pouco a porta para dar uma olhada no corredor.

Não estava preparada para a visão do longo e musculoso homem nu que passou pela frente de seu quarto e se enfiou no quarto ao lado. Um fecho oblongo de luz da lua caía sobre seu corpo delgado, deixando seu rosto entre as sombras.

Mas ela não tinha nenhuma dúvida sobre a identidade do misterioso corpo.

Capítulo 3

Ty se virou e se aconchegou no colchão de penas, puxando a manta com ele. Com seus olhos ainda fechados, se viu preso no cômodo vazio entre o sono e a vigília, que às vezes era mais satisfatório que o próprio sono. Sabia que estava de volta em sua própria cama, e depois de dez dias de dura viagem e quartos alugados, era um luxo no qual poderia ter se recreado durante horas. Mas a responsabilidade perfurava sua mente, o que o obrigava a estar plenamente consciente. Confiava em Joe para manter o negócio funcionando em sua ausência, mas tinha muito que fazer, e sabia que a natureza humana fazia com que os homens afrouxassem suas responsabilidades se ele não estivesse perto. Tinha que ver o que acontecera durante sua ausência.

Empurrando a colcha para trás, sentou-se na fria obscuridade e coçou a barba de sua mandíbula. A sugestão de uma doce fragrância derivou junto a ele de novo, tão sutil como uma lembrança. Desvaneceu-se, pelo que rapidamente se perguntou se teria sonhado. Sacudindo aquela sensação, e tateando pelo quarto grande que permanecia ainda nos últimos minutos da noite, encontrou suas roupas.

Uma faixa de luz avermelhada entrava como um fio pelo

horizonte oriental quando abriu a porta do quarto e saiu para a galeria para descer à cozinha. Com a intenção de se reunir com Joe antes do desjejum, se dirigiu pelo corredor para as escadas, com seus pensamentos sobre o gado e a manutenção do estábulo.

A pecuária era uma vida difícil no melhor dos casos, mas naquele ano realmente seus rapazes teriam um trabalho extremamente duro pela frente, pensou sombriamente. Depois de um verão de seca e o pior inverno da história, a primavera tinha trazido consigo uma forte chuva depois de outra. Mesmo agora, em algum lugar no campo aberto, seu escasso gado poderia estar à deriva se sua equipe não estivesse cuidando dele como era necessário. Os que tinham sobrevivido, acrescentou para si mesmo

Ao sair, o aroma do café preparando-se o tentou, e decidiu parar por uma xícara.

Os rapazes se queixavam de que não podiam distinguir a diferença entre o que o cozinheiro lhes dava e o que jogava aos porcos, mas se ele conseguisse o café antes dos outros, Tyler o via como uma graça salvadora. Sua mão estava no trinco da porta da cozinha quando foi arrancada de seu agarre, e uma mulher se interpôs em seu caminho.

Libby teve uma impressão confusa de um homem alto e delgado com os cabelos castanhos justo quando se estalou contra ela. Ele estendeu a mão e a agarrou pelo braço para evitar que caísse. Ela se surpreendeu e ele estava em estado de choque. Olhou-a como se tivesse caído do telhado.

Mesmo sem o benefício da apresentação, Libby sabia que

era Tyler Hollins. Ficou olhando seu corpo rígido, obviamente tomado pela surpresa, ainda que tentasse ocultá-lo.

Tyler rompeu o contato físico com uma velocidade decisiva. Dando um passo atrás, perguntou: — Quem demônios é e o que faz em minha casa?

Depois da cortesia diligente de Joe Channing e dos outros cowboys, foi surpreendida por sua falta de modos e pela frieza de seus olhos azuis. — Eu, eu sou Liberty Ross. O senhor Channing me contratou para cozinhar. Você é o senhor Hollins? — Era a única coisa que poderia fazer para olhar sua cara depois de vê-lo nu, levando suas roupas e as botas pelo escuro corredor na noite anterior. Sentiu como seu rosto se aqueceu de novo.

Ele ignorou a pergunta e levantou a mão como se quisesse parar todas as outras que viriam a seguir. — Espere um minuto, o que quer dizer com o senhor Channing a contratou para cozinhar? Já temos um cozinheiro.

Sua indignação era palpável e Libby levantou a mão para apoiá-la na base de sua garganta. Com aquele olhar azul inquietante fixo nela, começou a balbuciar. — Bem, bem, tinham, mas seus homens o fizeram partir.

— Por que diabos?

— Intoxicação alimentar, disseram.

Durante um bom tempo não disse nada. Então amaldiçoou, uma vez, em uma palavra só, contundente e declarativa, sem rodeios. Virou-se, olhando para o outro lado, com a boca apertada.

Libby estremeceu ao ouvir a palavra e a intensidade baixa

e feroz com que a disse. Como poderia sua presença provocar uma resposta semelhante? Nada da informação incompleta que tinha recebido sobre ele a tinha preparado para aquilo. — Desculpe. Estou certa que é uma surpresa encontrar uma completa desconhecida em...

— Não pode ficar. — Começou a se interpor na frente de suas palavras, com um tom determinante. — Não entendo como Joe pode pensar que eu estaria de acordo com isto.

— Mas tenho experiência, e cartas de referência de uma família de Chicago.

— Você não tem experiência com a pecuária. A Estrela Polar não é lugar para uma mulher de todo modo, e se Joe não lhe disse, eu digo agora.

Libby deu um passo atrás contra a parede para evitar que ele mesmo a afastasse de seu caminho. Sentiu uma ira crescente contra a hostilidade do homem. Comportava-se como se a tivesse pilhado tentando roubar seus objetos de prata.

Seu olhar o seguiu, parando por um momento no trecho potente de seus ombros. Olhando suas passadas furiosas levá-lo até a porta principal, pensou em seu otimismo do dia anterior, quando tinha acreditado que aquele poderia ser um bom lugar para trabalhar.

Ela não sabia o que fazer a seguir. Se ia alimentar a equipe naquela manhã, deveria começar naquele momento. — Não há ninguém para cozinhar o desjejum para seus homens. — gritou atrás dele. — Você não quer vê-los morrendo de fome, certo?

— É fisicamente impossível para um ser humano sadio

morrer de fome por saltar uma refeição. — grunhiu para trás sem se virar. — Recolha todas suas coisas. Farei que alguém a leve para a cidade em meia hora.

Quando chegou à porta se virou para ela bruscamente. Na verdade, a viu pela primeira vez, então, e a avaliou da cabeça aos pés com um persistente olhar. A sensação que seguiu a aquele escrutínio se moveu através dela como uma pequena vibração. A fez se sentir desconfortavelmente quente ainda que não soubesse muito bem porquê. Mas sabia que aquele homem era uma pessoa desagradável.

Com um último olhar, se virou. Seus pesados passos o levaram através da porta para o cinzento amanhecer.

Sendo nomeada culpada de um crime sem nome, Libby não poderia fazer nada para se defender. E não tinha motivos sobre os quais construir as bases para que o senhor Hollins deixasse que ela ficasse. Se virou de novo para seu quarto para pegar suas coisas.

Tinha chegado a Heavenly com a esperança de um novo começo; de um lugar e uma família própria; de filhos e um bom lugar para criá-los. Um lugar ao qual pertencer. Ben Ross lhe prometera tudo aquilo e muito mais para convencê-la a ir até o longínquo Oeste.

E agora o que? Agora o que? Se perguntou freneticamente enquanto pegava sua escova e o pente da parte superior da cômoda com suas mãos trêmulas. Depois que gastasse o pouco dinheiro que tinha em um quarto de hotel e comida, o que faria? Poderia chamar em todas as portas de Heavenly e pedir trabalho, mas ninguém a contrataria.

Imaginou-se chamando a porta de seu último recurso, e enquanto o fazia, as lágrimas ameaçaram atrás de suas pálpebras. De pé diante da porta, em sua mente, leu as letras douradas: A Ursa Maior.

Não, não o faria, pensou, com a mão apertada em um punho contra um de seus seios. Não ainda que tivesse de dormir em sua carreta a um lado da estrada e roubar comida. Nunca ninguém a faria se sentir barata de novo.

• • •

— Joe!

Do barracão, Joe Channing ouviu o grito e estremeceu. Diante de semelhante ruído, os olhos dos homens que o rodeavam se abriram muito. O senhor Hollins costumava manter um controle de gelo, o que já era intimidante o suficiente. Mas naqueles momentos incomuns quando perdia os estribos, parecia como se as faces do inferno se abrissem, dispostas a engolir qualquer pessoa que tivesse a má sorte de estar por perto. Claro que ele os mastigaria um pouco antes.

Charlie fez uma pausa, uma bota sobre a outra em suas mãos. Olhou para Joe como se pensasse que não o veria nunca mais. — Creio que o senhor Hollins chegou a casa. — disse. Parecia uma despedida.

Joe assentiu com um suspiro. Maldição, Ty estava de volta muito cedo e como acabava de gritar, já teria descoberto sua nova cozinheira. Esperava que pudesse ter preparado o terreno primeiro, para que Ty pudesse se acostumar à ideia de Libby Ross, mas qualquer possibilidade acabava de arder em

chamas. Enfiou as pontas da camisa dentro das calças e saiu para se enfrentar ao furioso proprietário da Estrela Polar.

Tyler estava caminhando de um lado a outro na frente do terraço, com as mãos metidas em seus bolsos, os ombros encurvados, e a cabeça baixa. O amanhecer cinzento era frio, mas não usava abrigo, e seu fôlego exalava nuvens vaporosas.

Quando Joe alcançou Ty o ar ao seu redor quase rangia com sua ira. — Penso que já conheceu a senhorita Libby.

Tyler parou de andar na última curva e ficou em frente ao seu capataz. — Gostaria de saber porque não posso sair por uns dias sem voltar para casa e me encontrar com uma estranha em minha própria casa. Uma mulher que me diz ser a nova cozinheira que o senhor Channing contratou. Porquê, Joe?

Joe se manteve calmo e abaixando sua voz diante da pergunta de Ty, explicou então como Libby tinha chegado até ali.

— Não me importa qual seja sua situação. Não a quero em casa.

— Pelo amor de Deus, Tyler, o que supõe que deveria fazer? — Perguntou Joe. — A noite se aproximava, estava completamente sozinha. Não poderia dizer-lhe que se fosse sem mais. É a viúva de Ben Ross e pensei que você…

Ty o interrompeu. — Maldição, Joe, quero-a fora de minha casa, e em seu próprio caminho.

Joe mudou seu peso para a outra perna. Apesar de aquilo ser o que esperava de Tyler, também tinha esperado mais tolerância. Mas quando um homem tem suas esperanças

misturadas com suas expectativas, o resultado sempre é decepcionante. Joe sentia falta do homem aberto, fácil de tratar, que tinha sido seu amigo.

Ele deu de ombros. — Não tem para onde ir, Ty. Não tem família, nem trabalho, nem nada.

— Então, lhe dê dinheiro suficiente para que possa viver por um tempo. Não estou levando um negócio para atender mulheres desamparadas. — Jogou suas mãos para frente para enfatizar a simplicidade de seus desejos. — Não a quero aqui. Não gosto de depender das mulheres. Já sabe.

— Quem vai cozinhar para nós quando já não estiver?

Tyler o olhou como se tivesse perguntado em que dia da semana caía o sábado. — Bem, contrate outro cozinheiro, Joe. Conto com você para que se encarregue destas coisas.

A paciência de Joe estava se evaporando. — Vai ser quase impossível encontrar alguém nesta temporada, Ty. Depois do inverno passado, quase todos se mudaram do oeste para o Oregon, e do sul para Nevada e Colorado. Fizemos o melhor que conseguimos enquanto estivemos sozinhos, mas estes homens não sabem nada sobre comida exceto como comer. E se não pudermos lhes dar uma comida decente, partirão também, e você sabe.

— E se supõe que devo levá-los às pressas pelos caminhos, também? — Tyler perguntou com exasperação óbvia. — Quinze homens e uma mulher da cidade na pradaria com milhares de animais? Na primeira vez que encontrar uma serpente certamente se esconderá no vagão e se negará a sair.

Joe fez um gesto para a casa. — Acredito que a senhorita

Libby seja muito mais forte que tudo isso, Ty. De todo modo, cozinhou para nós na noite passada e muito rápido, foi o melhor jantar que tivemos em muito tempo. Pelo menos deixe que fique enquanto tentamos encontrar alguém que faça o trabalho.

Os músculos da mandíbula de Tyler se tornaram tensos e Joe sabia que estava lutando com seu desejo de se livrar de Libby Ross naquele momento, sem importar o motivo. Afinal, o senso prático ganhou.

— Está bem, maldição! Pode ficar até que as corridas pelos caminhos comecem em duas ou três semanas, depois disso a quero fora daqui, tenha encontrado outra pessoa ou não. — Ty virou sobre seus calcanhares e retornou a casa, deixando Joe com uma sensação como se acabasse de passar um dia inteiro sendo golpeado por uma selvagem, e especialmente obstinada, besta.

Acima, Libby empurrou seu baú para a galeria e fechou a porta do quarto suavemente atrás dela. Ajustando o casaco, tentou formular um plano enquanto revisava todos seus objetos. Mas não lhe ocorria nada que valesse. Era uma mulher sozinha em um país vasto e selvagem onde o homem ou a natureza podiam lhe fazer mal ou destrui-la, com um golpe rápido, despreocupado. Tyler Hollins podia ser um ogro mas se sentira aliviada só com a esperança de ter um lugar onde ficar ali. Estava colocando as luvas cheias de poeira quando escutou seu nome.

— Você aí em cima, senhora Ross. — gritou brusco.

Libby olhou por cima da grade e o viu de pé na sala de

baixo. Ele a olhava, seu rosto ainda era uma máscara de frustração.

— Os homens têm que comer e não tenho mais opção que mantê-la aqui no momento. Assim, faça algo para o desjejum. — Afastou-se, então, suas botas trovejando enquanto saía pela porta dianteira.

É uma merda! Canalha sem vergonha! Libby quase se estrangulou em sua indignação. Levantou suas saias e rapidamente desceu as escadas. Seus pés a levaram à porta em sua procura, para lhe dizer o que poderia fazer com sua grosseira demanda, quando a fria mão da razão, a parou. Não tinha outra opção. Tinha menos ainda que outra opção. Naquele momento de sua vida se encontrava sem opções, dinheiro, amigos. E apesar do insultante e repulsivo que era aquele homem, ter casa e comida era melhor que dormir em sua carreta.

— O latido de Tyler é pior que sua mordedura.

Sobressaltou-se diante daquelas palavras e viu Joe Channing de pé na porta. O capataz ossudo entrou e tirou o chapéu, dando-lhe um pequeno sorriso. Sua cortesia era um contraste reconfortante, mas seus olhos revelavam que era um pobre mentiroso.

— Creio que me mentiu, senhor Channing. O senhor Hollins é muito menos amável do que me disse. — ela replicou.

Voltou a sorrir, olhando-a timidamente. — Bem, senhora, não todo o tempo. — objetou com sua baixa e retumbante voz. — Pelo menos, não costuma ser assim.

Libby estava ainda muito ocupada recuperando-se da

língua afiada de Hollins para perguntar o que significava aquilo.

— Tyler disse que deveria trabalhar aqui até quando formos as corridas pelos caminhos de Miles City. Os rapazes certamente se alegrarão por isso. Depois disso, teremos que tateá-lo. Quer encontrar alguém mais para fazer as comidas, mas sei que não serei capaz de encontrar ninguém.

Libby não estava segura se aquilo seria bom ou ruim.

— Acredita que poderia cozinhar em uma carreta, se tivesse que fazê-lo?

— Bem, eu nunca... cozinhar em um carro?

Olhou-a com uma expressão que era quase um sorriso. — Com esse trabalho ganharia o mesmo que uma mão superior: alojamento e comida, e vinte e cinco dólares por mês. A equipe recebe seu salário no final da temporada.

Ela o olhou boquiaberta. Vinte e cinco dólares! A senhora Brandauer lhe pagava seu alojamento e o transporte, e dois dólares ao mês. No Natal, costumava receber um sabão perfumado, ou talvez um lenço de linho.

Tinha imaginado que Tyler Hollins fosse distante. Mas não esperava que fosse tão ofensivo. Mas por aquela quantia de dinheiro, deveria encontrar a maneira de trabalhar ao redor dele.

— Nunca trabalhei fora da cozinha, senhor Channing, mas posso aprender sem dúvida.

• • •

Libby apressadamente abriu mais massa de biscoitos com

um rolinho, mantendo seus olhos no molho no fogo lento que inventara a partir da última gordura do toucinho. Seu confronto com o senhor Hollins a deixara muito mal, mas naquele momento, estava muito ocupada para pensar naquilo.

Ainda que estivesse esgotada, a noite passou aos tropeções para ela. O pensamento do que tinha visto no corredor iluminado pela lua se revirava em sua cabeça. Além disso, a apreensão que sentia pelo dia seguinte, os arredores estranhos, e suas lembranças, não a deixavam dormir. Sua apreensão, parecia, não ser infundada.

Não estava acostumada, a se levantar na escuridão, muito antes que o restante da família despertasse. A diferença principal no lar dos Brandauer era que a família não se mexia nunca antes das oito. Na Estrela Polar todos se levantavam pouco depois dela e trabalhavam até serem chamados para comer.

Tendo em conta o fato de que doze homens estavam sentados na cozinha atrás dela, exceto pelo tilintar constante da prata contra os finos pratos de flandres, o ambiente lhe parecia surpreendentemente tranquilo. Se na noite anterior comeram rapidamente, nessa manhã, praticamente inalaram seus alimentos. O primeiro turno tinha tomado o desjejum só vinte minutos antes e já estavam a caminho da dura cordilheira ocidental.

Apesar de se manter ocupada tirando os biscoitos quentes do forno grande, mexendo o molho e servindo café, era muito consciente da ausência de um homem.

— O senhor Hollins não toma o desjejum? — Perguntou

Libby quando parou no lugar de Rory para encher sua xícara de café. O rapaz ficou de um vermelho brilhante, e ela se sentiu mal por deixá-lo em uma situação embaraçosa. Apressando-se para responder, engoliu um pedaço do biscoito quase sem mastigar. Libby jurou que podia ver o grande volume passar por sua garganta.

— Oh, sim, senhora, senhorita Libby, — disse ele, erguendo seu rosto para olhá-la. — Mas ele sempre come no refeitório. — Rory inclinou a cabeça para a porta fechada que separava a cozinha do resto da casa. Os olhos dela seguiram a direção que ele indicava.

Aquilo significava que deveria servir-lhe a comida lá? Imaginou-o sentado na mesa no outro lado daquela porta, esperando com impaciência que lhe levasse um prato.

— Oh, céus, — murmurou, sem entusiasmo. — será melhor que lhe leve algo.

Rory balançou sua cabeça enfaticamente. — Não, senhora, não será necessário. Tyler não gosta dos escândalos. Entrará na casa quando estiver pronto.

— Oh, mas tem certeza? — Ele já estava infeliz com sua presença. Se não agisse como esperava ou queria, estava claro que a mandaria a Heavenly a qualquer momento.

Olhou a sua volta para os outros homens sentados perto, que tinham parado por um instante diante da menção de Hollins, os garfos e as mandíbulas pararam. Porém, não era medo o que via em seus rostos, mas uma espécie de cautela respeitosa.

— O senhor Hollins não costuma se socializar muito,

senhora Ross. — acrescentou um dos homens.

Percebeu que só Joe e Rory se referiam ao seu chefe por seu nome de batismo.

— Eu o vi no celeiro, cuidando de uma égua nova que chegou enquanto ele estava fora. — Charlie acrescentou. — O mais provável é que ainda ande por aí. Ou talvez em seu escritório. — Reuniu o molho com meio biscoito e o engoliu quase tão rapidamente como Rory tinha feito.

Ela deu um passo atrás com espanto, agarrando a cafeteira. Não poderia ser bom para a digestão engolir a comida tão rápido. Mas todos eles o faziam. E parecia que não tinham feito mais que se sentarem quando Joe Channing estava na porta, apressando-os a sair de novo.

— Vamos, rapazes. Há trabalho para fazer por aqui. As corridas na trilha estarão aqui logo. — Joe disse em voz baixa. Virou-se para sua mão superior. — Charlie, você e Kansas Bob levem os irmãos Cooper ao norte para terminar de treinar nosso gado, não é assim? — Kansas Bob Wegner era um jovem delgado, de rosto corado com os cabelos cor de trigo e, como a maioria, Libby pensava que estaria com uns vinte anos. Os irmãos Cooper já tinham comido durante o primeiro turno, e estavam de volta encilhando seus cavalos.

Charlie se levantou e bebeu o resto de seu café de uma vez, olhando mal humorado. — Gostaria de poder enviar alguém em meu lugar, essa é a verdade. Juro que nunca tinha visto tantas reses mortas em minha vida como o fiz nas invasões do sul.

— No caminho de volta, vocês rapazes, poderiam trazer os

cavalos selvagens que soltamos no outono passado. Rory, já sabe o que vai estar fazendo hoje. — continuou o capataz.

Com um longo suspiro de sofrimento, o jovem assentiu com a cabeça e se levantou. — Sim, eu sei. Quanto tempo vou ter que perseguir cachorros de rua, Joe? Esse é o trabalho de um novato. Prefiro ir ao norte com Charlie e Kansas Bob.

— Não, não o fará, Insolente. Isto não é um jogo social onde estamos indo. — Charlie tentou fazê-lo entender. — Os cadáveres em decomposição fedem, e na última rodada só encontramos seis cabeças dos nossos. O resto ou estavam mortos ou pertenciam as outras equipes. E não encontraram muitos também. De qualquer forma, a maioria das vacas são tão insignificantes, que não podem fazer o caminho de volta. É algo bom que nosso gado acabasse cedo para poder engordar para a rodada de Miles City.

Joe se virou para por seu chapéu e bateu suas luvas contra suas perneiras. — Temos que parecer os mesmos. Com o rebanho reduzido a umas poucas milhares de cabeças, temos a sorte de estar trabalhando. Alguns dos ranchos se desfizeram da maioria de seus trabalhadores. Tyler não nos faria isso. Além do que, espero que estejam de volta em alguns dias.

— Bem, não pretendo passar mais tempo naquele prado ao norte do que seja necessário.

— Isso está bem, Charlie. — Joe disse, dando-lhe um sorriso de lado. — A lenheira ainda precisa de um telhado.

— Oh, onde mais poderia encontrar uma mão superior que fosse carpinteiro também? — Charlie perguntou.

Joe começou a rir e lhe fez um sinal para que saísse. — O

restante de vocês, rapazes, para a linha do sudoeste.

As esporas tilintaram e as pernas do banco rasparam ruidosamente sobre o piso de madeira enquanto os homens se apressavam sobre seus pés, uns pegando seus chapéus, outros engolindo o último gole do café. Passaram ao lado de Libby, murmurando com timidez mais agradecimentos, ou tocando as abas de seus chapéus.

A boca de Charlie se moveu no que ela supôs ser um sorriso atrás de seu bigode. — Temos que sair, senhora Ross. Estamos perdendo a luz do dia. Mas estaremos de volta para um de seus jantares tão logo pudermos, talvez amanhã à noite.

Libby não pode evitar sorrir de volta. Sem dúvida estava muito orgulhoso de si mesmo, mas era de natureza doce, muito inofensiva. Seguiu-os até o pátio e os saudou com a mão, vendo como montavam para o vale sob a pesada cor cinza do céu. Os cavalos voavam como nuvens vaporosas na névoa, e o som dos cascos era amortecido pela verde e úmida terra. Ela se encontrou fascinada pela cena. Aquilo era muito diferente do ruído do tráfego nas ruas de Chicago. Diferente, também, do incessante uivo de um vento ártico assoviando ao redor dos cantos da fria e áspera cabana, interrompido somente por um seco, gorjear dos...

Estremeceu diante da lembrança, então se virou e deixou que seus olhos esquadrinhassem a suja cozinha. Conseguira limpar um canto na noite anterior, mas a depuração completa que precisava deveria esperar um pouco mais. O problema mais urgente seria a comida.

Charlie tinha mencionado o jantar, mas nem mesmo sabia

o que iria cozinhar para o almoço. Depois de servir um desjejum de mais biscoitos e molho de carne, precisava mantimentos imediatamente. Não tinha nada para comer.

Por muito que não quisesse, sabia que deveria falar com Tyler Hollins a respeito. Saiu pela porta de trás aberta e olhou ao redor do pátio, à procura de um homem que lhe recordasse o dono da Estrela Polar. Mas só viu as nádegas de dez cavalos retirando-se através do pátio. Seus cascos removiam a lama, e todos os cavaleiros pareciam altos daquele ângulo e distância.

De repente a porta do refeitório se abriu, fazendo Libby saltar, e Hollins entrou. Olhou-a duplamente, como se tivesse esquecido que estava ali. Então assentiu com a cabeça. Possui pernas longas e magras, e enquanto Libby não sabia quase nada acerca dos cowboys, ou de vacas, era evidente que ele tinha nascido para aquela ocupação. Parecia como se tivesse passado toda sua vida em uma sela de montar. Usava perneiras sobre suas calças de cowboy e uma camisa lisa de cor cinza coberta com um colete de couro. Um lenço escuro estava amarrado em um nó frouxo na parte posterior de seu pescoço; seus longos bicos pendurados sobre um ombro. Estava vestido mais ou menos como os homens que trabalhavam para ele, com uma diferença fundamental: no quadril esquerdo se encontrava apoiada uma funda que guardava uma pistola de canhão longo. Parecia que tinha a arma para trás, a empunhadura olhando para frente. E parecia ainda maior do que quando o vira antes.

No pequeno mundo de Libby em Chicago, rara vez tinha visto alguém levar uma arma de fogo, exceto um policial ou um

soldado. Seus olhos se pousaram nele outra vez, o brilho opaco azul do gatilho era vagamente ameaçador.

Pegando um prato limpo, foi para a cozinha. Colocou três biscoitos quentes em seu prato, e serviu molho sobre eles com a colher grande de cozinhar.

— Isto provavelmente poderia salvar meus homens de morrer de fome. — disse, sem levantar a vista para olhá-la. Serviu-se de café ele mesmo da grande leiteira de esmalte azul, e experimentou um gole.

Libby não estava completamente segura, mas lhe pareceu que estava um pouco menos irritado. Talvez fosse um sinal prometedor. Entrelaçando seus dedos em frente do avental, tomou uma respiração profunda.

— Senhor Hollins, não restam provisões. Tenho que ir à cidade e voltar para surtir a despensa, ou nem mesmo serei capaz de cozinhar o almoço para seus homens.

Olhou a sua volta para as estantes vazias, e depois para ela. Tinha os olhos de cor azul ágata, intensos em suas sombras e expressão, e ela não podia deixar de observá-lo. A cor de seus cabelos lhe recordava as castanhas brilhantes que cresciam nas árvores no pátio dos Brandauers. Era longo na parte superior e levemente ondulado na altura das orelhas. Pensou que seria da mesma idade de Joe Channing, ainda que duas linhas verticais tênues já estavam gravadas no espaço entre suas sobrancelhas. Provavelmente por franzir o cenho constantemente. Tinha uma mandíbula firme e um nariz longo e delgado colocado sobre uma boca bem formada. E, em uma terra onde os enormes bigodes pareciam ser um requisito

indispensável da aparência masculina, seu lábio superior estava muito notavelmente nu. Seus traços eram fortes, até mesmo belos, reconheceu. Mas sua cara não era a de um homem corrente. Tinha uma distância em seus olhos, uma separação talvez, e nada nele sugeria um homem acessível.

Sentou-se na beirada da mesa de trabalho e cruzou os tornozelos enquanto comia do prato segurando-o com uma mão. — Sim, Joe me disse que estávamos a pão e agua. Bem, será melhor que lhe pergunte o que comprar e quanto. — disse, quebrando um pedaço do biscoito e estalando-o em sua boca. Ao prová-lo, ergueu as sobrancelhas em sinal de débil aprovação, então lhe deu uma mordida maior.

Mas por seu tom deixou muito claro que não acreditava que ela tivesse muita experiência naquilo. O temor a outro de seus arrebatamentos a fez se colocar na defensiva. — Não preciso perguntar, senhor Hollins. Costumava me encarregar da comida da loja de alimentação a cada dia em Chicago. Comprava verduras, pão, leite, e manteiga dos vendedores ambulantes. — Libby se ergueu um pouco mais, e permitiu que a ponta de seu nariz subisse um pouco. Ela podia estar cheia de dúvidas e arrependimentos desde o dia em que chegara a Montana, mas a cozinha era uma coisa da qual não sentia incertezas. — Sei tudo o que se precisa saber sobre o armazenamento e da gestão de uma cozinha, senhor Hollins. Fiz isso durante anos antes que eu...

— Tudo, é? — Interrompeu ele, afastando-se da mesa. — Os vendedores ambulantes não vem muito a miúdo por aqui, assim, teremos que comprar o suficiente para durar por muito

tempo.

— Sim, estou segura que isso seja o certo.

— E não sabemos dar muita utilidade a pastelaria francesa ou o vinho de Borgonha.

— Talvez não, mas...

— Diga-me, — interrompeu: — estava sempre tão em desacordo com as coisas que dizia seu último chefe?

Aquilo desconcertou Libby. Não, a ela nunca tinha lhe ocorrido dizer muito à senhora Brandauer, além de: Sim, senhora, — e — Não senhora. — Mas parecia que tinham se passado séculos daquilo, e algo acerca deste homem de pé diante dela a fazia esquecer que trabalhava para ele. Sua atitude a desafiou a responder.

— Bem, um...

Ele continuou comendo, sem afastar seus olhos dela. — Quanto tabaco pensa conseguir? E querosene?

— O que? — Libby piscou.

— O que acontece com os feijões e as frutas secas? — Deu-lhe uma olhada de cumplicidade e colocou seu prato vazio sobre a mesa. — Vamos, senhora Ross. — ordenou.

Virou-se e saiu pela porta do refeitório. Nem uma só vez comprovou se ela o seguia. Libby tinha que andar com rapidez para alcançar seu ritmo. Seus passos eram longos, e as esporas ressoavam enquanto cruzava o piso. Passaram através da sala a uma porta fechada no final da casa. Quando abriu a porta, viu uma sala que continha uma escrivaninha com tampa corrediça, uma mesa longa, e um monte de armários de vidro, vazios. O cheiro da madeira das paredes de troncos pelados era

especialmente forte ali, como se a sala permanecesse fechada com frequência.

Libby deu um passo atrás enquanto ele abria a escrivaninha para mostrar divisões cheias de papeis que pareciam não ter nenhuma organização. Mas sem dúvida, encontrou uma folha em particular e a colocou em suas mãos.

— Isto, senhora Ross, é o que costumamos comprar por aqui quando vamos encher a despensa de provisões.

Entregara-lhe um recibo de mercadorias secas de Osmer. Os artigos e as quantidades que figuravam ali, escritos com uma letra descuidada em tinta marrom, fizeram Libby cambalear. Sim, tinha tabaco: treze quilos de chocolate e quatro de tabaco de enrolar. E um monte de outros equipamentos, foi a palavra mais adequada que veio a sua mente: três revólveres Colt e quinze caixas de cartuchos, um rolo de corda, vinte caixas de fósforos, quarenta e cinco quilos de sabão, e dez galões de querosene. Mas onde estavam os mantimentos? Perguntou-se. Oh, ali: quarenta e cinco quilos de açúcar, quinze latas de café Arbuckle, duzentos e trinta quilos – duzentos e trinta quilos - de toucinho e carne de porco salgada, cinco galões de melaço, cento e trinta e cinco quilos de farinha, noventa quilos de feijões, dezoito quilos de maçãs secas, duas caixas de refrescos, uma caixa de pimenta e um saco de sal. Gente civilizada não comia assim. Que diabos poderia fazer com carne de porco salgada? Não se surpreenderia se esperavam que misturasse o tabaco com ela e fizesse uma espécie de cozido espantoso.

— Meu Deus. — sussurrou.

— Não é o mesmo que cozinhar para uma família em Chicago? — Perguntou ele, com os braços cruzados sobre seu amplo peito. Tinha uma expressão petulante que fez com que Libby se sentisse como se medisse sessenta centímetros de altura.

— Minha carreta não poderá com tudo isto. — Fez um débil gesto para a lista.

— Não, se você está se referindo a ruína trêmula que vi junto ao celeiro, não o fará. Não sei como chegou até aqui com aquela velharia.

— Então, penso que tem algo que possa levar quando vai a Heavenly? Se eu for, será melhor sair logo. Talvez você pudesse deixar seu cavalo para mim.

Ele a olhou como se tivesse perdido o juízo. — De modo algum vai sozinha. — A declaração taxativa ficou pendurada entre ambos.

— Bem, sim, o farei. É parte de meu trabalho abastecer a cozinha. Todos estão ocupados. — Libby brincou com seu botão do decote, perguntando-se porquê lhe parecia tão estranho. Ele esperava que todos os homens cumprissem com sua obrigação, e ela estava obviamente determinada a cumprir com a sua parte.

Ele ergueu as sobrancelhas e a olhou exasperado de novo. — Senhora Ross, em primeiro lugar, o carro no qual estou pensando precisa uma equipe de quatro cavalos para puxá-lo. Vai precisar de alguém que o conduza. E em segundo lugar, mesmo se for a Heavenly sozinha para comprar pentes para seus cabelos, alguém da Estrela Polar irá com você. Não vou

permitir que uma mulher vá sozinha a nenhuma parte por aqui, sobretudo uma mulher da cidade de pura raça.

Disse aquilo: da cidade de pura raça, de um modo que soou como se ela não tivesse inteligência suficiente para entender. — Porquê não? Vim à cidade por mim mesma desde o lugar de Ben, e isso foram vinte e cinco quilômetros até Heavenly. De todo modo, todos os homens aqui são...

Ele fechou a mesa com um ruído surdo. — A sorte a trouxe até aqui, não a habilidade. E não era minha responsabilidade por isso, então. Mas agora é, e o será sempre enquanto permanecer sob a Estrela Polar.

Sua responsabilidade? Tinha deixado Chicago, com o coração quebrado e na desgraça; viajara ao longo de mais de dois mil duríssimos quilômetros; sobrevivera ao horrível inverno com Ben; viu-o morrer naquela pequena cabana, e o sepultou ela mesma. Ninguém tinha sido responsável por ela naquele tempo, nem mesmo se preocuparam pelo que poderia lhe acontecer. Não ia deixar que aquele homem agora a tratasse como uma criança indefesa. — Você não é responsável por mim, senhor Hollins. Posso cuidar de mim mesma. Além do que, não há ninguém...

Ele lhe dirigiu um olhar de autoridade absoluta, e suas palavras caíram a um tom decisivo. — Eu sou responsável por tudo e por todos neste lugar, desde o menor bezerro até você, Rory e Joe. E este é meu trabalho, senhora Ross.

Libby fez uma careta.

— E agora o que acontece? — Espetou, ao ver sua expressão.

A nota de impaciência em sua voz era intimidante, mas ela o desafiou outra vez. — Senhor Hollins, na verdade, gostaria que todos aqui me chamassem simplesmente de Libby.

Ele a olhou fixamente, e passou os dedos por seus cabelos castanhos. Muito brevemente, sua confiança autocrática resvalou e parecia quase tímido.

— Bem, hum, Lib. — Não, melhor será que deixemos as coisas como estão, senhora Ross.

Ela sentiu que suas orelhas e rosto ardiam de vergonha. Certamente, tinha razão, pensou. Melhor que a relação entre eles continuasse sendo tão formal como fosse possível. Mas não estava acostumada a aquilo, e oh, como desejava que seu nome voltasse a ser Garrison. Algum dia voltaria a ser, se prometeu, tão logo saísse de Montana.

Fez um gesto para o recibo que ainda segurava em suas mãos. — Consiga tudo o que está nesta lista, e qualquer outra coisa que acredita que precisará. Nort Osmer o somará na conta da Estrela Polar. Agora vá pedir a Joe que alguém enganche os cavalos e a leve à cidade.

— Senhor Hollins, estive tentando lhe dizer que todos se foram, todos seus homens. Eu os vi cavalgar faz só alguns minutos. Creio que ouvi dizerem a Joe que iam a algum lugar ao qual chamaram de linha sudoeste. E Charlie foi a outro lugar com outros três homens.

— Maldição, é certo. — queixou-se ele. — À cordilheira do norte. — Deixou escapar um suspiro de exasperação e olhou ao redor de sua escritório, como se estivesse tentando encontrar uma maneira de sair daquela situação pelas paredes de

troncos. Finalmente levou seus olhos para ela.

— Bem, vamos tomar as rédeas, senhora Ross. Nós iremos a Heavenly.

Capítulo 4

Tyler e Libby saltaram no carro sem falar, seguindo o caminho cheio de buracos que conduzia a Heavenly. O silencio só era quebrado pelo chacoalhar do vagão, e o tilintar dos arneses. As nuvens baixas se levantaram um pouco conforme a manhã e os quilômetros iam passando. Mas o vento, que soprava do Canadá, ainda tinha um frio penetrante.

Tyler manteve um firme controle sobre as cordas dos quatro cavalos, mas sua mente continuava se desviando para a mulher sentada ao seu lado no estreito assento. Era impossível não lhe fazer caso quando incessantemente suas coxas, quadris e joelhos se chocavam.

Estava acostumado a lidar com os caprichos da natureza, desde o mau tempo e a imprevisibilidade do gado e dos cavalos, e tudo o mais. Mas chegar à casa e se encontrar com uma mulher ali? Sentia-se como se a tivessem invadido. Pior ainda, parecia que estava obrigado a ficar com ela durante algumas semanas, provavelmente até que Joe encontrasse alguém mais, que cozinhasse para eles, tanto no rancho como nas rodadas. Mas até mesmo uma semana ou duas seria muito tempo. E ela queria ser chamada por seu nome de batismo? Claro que não. Pelo menos, ele não o faria. Aquele seria seu primeiro passo

para se estabelecer de forma permanente em sua cozinha, e ele não estava disposto a permitir. Sua vida estava organizada precisamente como ele queria, em particular e com uma rotina intacta. A última coisa a que daria boas-vindas seria a alguém que interrompesse tudo aquilo. Ou pior ainda, que o mudasse.

A Estrela Polar não era um lugar para uma mulher, de todo modo, afirmou para si mesmo, se encolhendo mais em seu abrigo de pele de ovelha. Quem poderia saber melhor que ele? Ela tinha sido criada na cidade, suave e delicadamente, e não estava acostumada às penúrias cotidianas da vida na fronteira. Olhou-a de lado, de novo. Era pequena e de ossos finos, e permanecia sentada naquela sela como se tivesse um cabo de escova por coluna vertebral. Com os pés firmemente plantados nas tabuas do piso, tinha prendido sua saia cinza no lugar por baixo dela para que não se enrugasse. Sua cabeça estava protegida contra o vento cortante somente por um xale de lã fina, e suas luvas estavam cuidadosamente remendadas em vários lugares. Podia perceber que sentia frio. O fato de que tivesse sobrevivido ao duro inverno o surpreendeu.

Forçou-se a olhar de novo para a estrada e envolveu as rédeas com mais segurança ao redor de seus punhos enluvados. Uma mulher bonita, sem ataduras, só seria uma distração. E ela era bonita. Já tinha notado como os homens agiam como um grupo de bezerros degolados quando olhara pela janela de seu escritório e a vira lhes dar adeus com a mão do pátio. Charlie especialmente parecia estar sofrendo de febre amarela. Maldição, o trabalho chegaria a um ponto morto enquanto ela estivesse ali. Precisava da mente de cada homem

no negócio em questão, não naquela mulher de cabelos cor de mel e grandes olhos cinzas.

Apesar de a Estrela Polar estar em melhor forma que a maioria dos outros ranchos naquela seção, o inverno lhe custara muito caro. Deus, a neve. Recordando a brancura que cegava, apertou a mandíbula. Em seus trinta e dois anos nunca vira nada igual em qualquer outro lugar. A nesse começara a cair no Natal sem parar até meados de fevereiro. Durante aquelas semanas, a temperatura desceu a menos vinte graus. Em casa, usavam quase tantas roupas como quando saíam à rua. E enquanto seus homens estavam justamente cruzando o pátio, no barracão, se sentia como se fosse a última pessoa na terra, sozinho no deserto desolado e congelado.

Mas o vento tinha sido seu maior tormento. Perdera a conta das noites que permanecera acordado, preocupado por seu gado e escutando o vento. Uivava como uma alma penada pelo vale, elevando mantas de neve que flutuavam tão alto como as janelas do segundo piso.

Às vezes, a voz mudava. Parecia se lamentar sobre o gelo endurecido e através das árvores sem folhas como um grito alto e estridente. Ou desacelerava a um queixume monótono durante horas e horas. Uma noite, se sacudiu de um sono inquieto, cheio de pânico e suando apesar do frio, quando escutou o vento chorando como um bebê. Enfim, sua presença era suficiente para ter que lidar com ela, e ele não precisava recordações de seu passado.

Agora ele se via obrigado a vender parte de sua manada restante para arrecadar dinheiro. Mexeu-se no assento do

vagão, tentando diminuir a tensão de seus ombros e afastou os olhos dos cedros e dos pinheiros amarelos que se alinhavam na estrada. O destino parecia continuar sua guerra particular contra ele. Primeiro o inverno, agora esta nova cozinheira. Com todos os ranchos que tinha naquele território, que azar a tinha deixado cair justamente em seu colo? Pensando bem, não queria saber.

Tyler não queria saber nada de Libby Ross exceto quando iria partir.

• • •

A rigidez da coluna vertebral de Libby se aliviou um pouco quando viu as formas dos edifícios de Heavenly saindo do brumoso vale à frente. Estava ansiosa para estar fora daquele vagão e longe de Tyler Hollins até que tivessem que retornar ao rancho. Estar presa com ele naquele estreito assento no meio da pradaria era, curiosamente, como estar confinada em um armário. Tentava evitar se chocar com ele, mas cada vez que o carro encontrava um buraco ou um sulco na estrada, eram lançados um contra o outro. Ele não pronunciara uma única palavra durante todo o trajeto de oito quilômetros, mas seu mal-estar geral era tão duro e desconfortável quanto o caminho era difícil.

Com muito mais experiência do que ela tinha demonstrado da vez anterior, puxou a equipe de cavalos e o carro e estacionou ao lado de Frutos Secos Osmer. Claro que manejava os cavalos bem, devia ter trabalhado com eles durante toda sua vida. Mas a surpreendeu quando desceu de

um salto, ágil como um gato, e ergueu uma mão para ajudá-la a descer. Ela esperava que a deixasse encontrar sua própria maneira de descer daquela posição elevada. Pelo menos tinha bons modos. Mas ela o olhou com o rosto virado para cima e hesitou um instante, surpresa pela intensidade de seus olhos azuis. Ao não responder, a pegou pela cintura e a levantou para abaixá-la sem esforço, deixando-a cair sobre seus pés.

— Bem, olhe quem está de volta. — Nort Osmer disse, de trás de seu balcão quando entraram na loja. Frente a ele, um monte de faturas sobre sua mesa pareciam como se o homem estivesse jogando solitário. — Olá, senhora Ross, Tyler.

Libby sorriu ao comerciante. Era bom ver uma cara amiga depois da tensa viagem desde a Estrela Polar. — Bom dia, Sr. Osmer.

— Diga-me, Ty, não foi uma grande sorte encontrar esta encantadora senhorita que cozinhe para seus homens? Eles obviamente estavam em um aperto antes que ela chegasse. — Nort colocou o lápis atrás da orelha e amontoou os recibos em uma pilha desordenada. Lançando um olhar irônico a Libby, Tyler jogou seu chapéu para trás e tirou as luvas. — Sim, uma sorte. — Dentro dos confins da loja, Libby pensou que sua considerável altura o fazia parecer alto o suficiente para alcançar e tocar as vigas de sobrecarga.

— Não, não, não se preocupe por me agradecer. Fiquei feliz de poder ajudar. — Nort esfregou as mãos. — Agora, o que posso fazer por vocês?

— Temos que repor os fornecimentos, Nort. — Tyler se virou para ela. — Senhora Ross, você tem a lista.

— Oh, sim. — Libby procurou no bolso de sua saia e tirou o pedaço de papel que lhe dera antes.

— Vou buscar meus meninos para começar a carregar seu carro. — Nort disse, escaneando a lista. — Como vão as coisas por Miles City?

Tyler negou com a cabeça. — Não sei o que vai acontecer com a maioria dos pecuaristas por lá depois deste inverno. — Os dois homens caíram na discussão sobre os preços do gado e o destino dos ranchos vizinhos enquanto Nort se encarregava do pedido.

Libby deixou que suas vozes se desvanecessem na parte posterior de sua mente enquanto olhava ao redor das mercadorias. Estava tão cansada e angustiada no dia anterior, que não tinha prestado realmente muita atenção à variedade de artigos curiosos que Osmer tinha. Nas paredes viu armadilhas com dentes de aspecto curioso, rolos de arame, peles curtidas de animais, e rifles. Dispostos em uma vitrina havia dedais de ouro e delicados jogos vaidosos. Em um canto da loja, onde a estufa de lenha era alimentada com um fogo quente, se sentiu atraída por uma coleção de luvas quentes, de mulher e capas. Um xale em particular lhe chamou a atenção, o que pendurava sobre os ombros do manequim de modista.

Era uma manta escura e linda, negra e azul noite, com uma franja de cor verde pálido, e amarrada. Estendeu uma mão vacilante e esfregou a lã grossa e suave entre seus dedos. Nunca tivera um xale tão bom. Olhando para baixo, tirou o seu e com cuidado, desenrolou o tecido escocês do manequim, e o passou por cima de sua cabeça, fechando as pontas ao redor

de seu pescoço. Imediatamente se sentiu mais quente. Era maravilhoso. Prová-lo tinha sido um erro, pensou, porque não poderia se permitir comprá-lo. E ainda se pudesse, não seria capaz de justificar o gasto. Seu preço era de seis dólares. Economizar dinheiro suficiente para um bilhete de diligencia era mais importante que qualquer outra coisa. Mas... talvez não seria demais ver como ficava antes de devolvê-lo ao seu atual dono.

Esticou o pescoço para procurar um espelho quando viu Tyler Hollins olhando-a. Sua expressão era pensativa e preocupada, como se tivesse pego uma criança em um ato de desobediência. Bom, não ia roubar o xale, pensou irritada. Envergonhada, tirou o comprimento de lã quente e o pendurou no lugar. Quando ele desviou seu olhar azul dela, murmurou algo para Nort Osmer. Depois tirou as luvas de novo e se virou para colocar seu chapéu.

— Vou à loja de alimentação durante uns minutos. Pode ficar aqui, senhora Ross. Estarei de volta tão logo o carro estiver carregado.

— Certo. — disse ela. Assim que se fechou a porta, Libby correu para a janela lateral. Quase esperava vê-lo subir à carreta e partir, deixando-a em Heavenly. Quando passou ao lado dos cavalos e continuou caminhando, exalou um suspiro. Ainda que fosse magro e alto, com os ombros largos parecia ainda maior sob o abrigo de pele de ovelha. Uma mulher com uma cesta sob o braço lhe dirigiu uma olhada dupla enquanto passava. Libby não se perguntou porquê. Tyler Hollins era um homem muito atraente. Mas parecia injusto que aqueles bons

olhares se perdessem em um homem com uma personalidade como uma dor de dentes de três dias.

— Tyler não é um mau tipo. — Nort disse, obviamente notando a tensão entre ela e seu chefe.

Caminhou até a esquina perto da estufa. — Senhor Osmer, não é a primeira pessoa que me diz isso. Mas se o senhor Hollins fosse um bom tipo, ninguém deveria estar me dizendo, não acha?

— Creio que pode parecer assim, senhora Ross. Mas pensará diferente uma vez que chegue a conhecer...

Naquele momento se abriu a porta e Libby foi golpeada imediatamente pelo sutil mas muito notável, olor de gardênias. Virou-se e viu uma mulher de sua mesma estatura, mas com uma presença e uma confiança que Libby mesma nunca tivera. Seu vestido de tafetá violeta quase chegava a ser simples, mas estava vestida mais formal que ninguém, que Libby tivesse visto desde que saira de Chicago. Apesar de não estar chovendo nem ser um dia especialmente ensolarado, levava uma sombrinha que combinava com seu vestido. A mulher fez Libby pensar em uma flor que florescia somente na sombra, que não poderia suportar o calor ou a luz de um sol pleno. E tinha algo em seu olhar, como se escondesse algo. Uma brincadeira, ou talvez um segredo.

— Olá, senhorita Callie. — disse o comerciante, radiante. — Saiu cedo, hoje.

— Tem razão nisso, Nort. — disse a mulher e fez uma careta de horror leve. — Não é uma maravilha? Posso lhe dizer que não gosto nada de amanhecer com as galinhas. Não estou

acostumada a começar meu dia antes das duas, mas tenho algumas tarefas para fazer hoje. Acredita que poderia me encontrar três dezenas daqueles copos de cerveja que uso? Quando os rapazes do Círculo R me visitaram na outra noite se foram alguns das mãos. Quando saíram do saloon, tinham quebrado quase cada copo limpo na estante atrás do balcão. Deram as minhas meninas à noite, mas se alteraram tanto que precisei fechar cedo. — Puxou um de seus cachos de cor oxidada escondido dentro de seu chapéu, claramente irritada pelo rumo dos acontecimentos.

— O pobre Jinx Malone estava muito arrependido quando passou por aqui ontem pela manhã, senhorita Callie. — Nort riu entre dentes, e se apoiou no balcão.

— Bem, faz duas semanas disse a aqueles cowboys do Círculo R que não ia aguentar que nenhum deles voltasse a se descontrolar em meu lugar. — Ela sorriu alegremente. — Espero que Jinx tenha recobrado sua memória depois de passar uma noite na cadeia.

Libby abaixou a atenção a uma réstia de alfinetes no pescoço da mulher e tentou não olhar, mas a curiosidade tirou o melhor dela. Callie não pareceu notar de todo modo. Devia ser a pessoa da qual Libby tinha escutado falar no dia anterior, a dona da Ursa Maior. Claro que ela tinha visto concubinas em Chicago algumas vezes, mas nunca de perto como a esta. Costumavam ficar atrás de janelas com cortinas e quando saíam, viajavam em vagões fechados. Não eram tão descaradas para caminhar pela rua no meio do dia fazendo compras.

Nort assinalou por cima do ombro na direção geral da

adega. — Tenho os copos na parte traseira. Posso enviar meu filho com eles esta tarde.

Callie sorriu. — Obrigada. Sempre posso contar com você. E o que me diz do sabão de luxo francês que lhe pedi faz umas semanas? Chegaram? Alguns de meus cavalheiros regulares estão perguntando por ele para o banheiro de cima.

Libby estava atônita. — Aquela mulher estava muito orgulhosa de sua ocupação. Cavalheiros regulares?

Nort olhou o calendário na parede junto a ele, tocando uma sexta feira com seu lápis. — Ainda não, mas estou esperando um vagão de mercadorias que virá no final da semana.

— Isto... Nort, deveria passar pela Ursa Maior e provar minha nova banheira de cobre. É a única de toda Heavenly, já sabe. — Callie se inclinou um pouco sobre o balcão de madeira grossa, fazendo ruído com seu vestido de tafetá muito levemente, e sua voz se converteu em um tom confidencial. — Será bem-vindo em qualquer momento. Qualquer de minhas meninas ficaria encantada de entretê-lo qualquer noite.

Libby sentiu que seus olhos aumentaram, e de seu ponto de vista junto a estufa, Nort Osmer olhava para Callie como se tivesse engolido uma colherada de pimenta caiena. Logo virou os olhos para ela, como se acabasse de se lembrar que continuava ali na loja, e portanto, estava sendo testemunha da conversa.

Aparentemente, percebendo a direção de seu olhar, Callie se virou para Libby, e depois para Nort. Ergueu as sobrancelhas com expressão expectante. — Não creio que me

encontrei alguma vez com esta senhora, Nort, e eu conheço todo mundo nestes lares. Vai me apresentar?

Recuperando o fôlego ainda que não sua cor normal, o comerciante gaguejou. — Ah, senhora Libby Ross, esta é a senhorita Michaels Callie. Ela é a senhorita, bem, Callie é proprietária da Ursa Maior.

Libby retrocedeu um passo, assentindo com incerteza. — Encantada em conhecê-la. — Não sabia o que mais dizer. Nunca tinha sido apresentada à dona de um bordel antes. O inverno que passara no deserto não lhe proporcionara nenhuma pista de como era o Oeste, salvo para revelar sua crueza. Agora se perguntava a que tipo de lugar tinha chegado, onde uma dona de um bordel conhecido ia às lojas em plena luz do dia, e uma mulher respeitável era apresentada a esta senhora como se fosse um membro do comitê da igreja.

Callie sorriu. — Desculpe, querida, não a vi parada na esquina. Deve pensar que não temos modos em absoluto, por aqui. — Sua voz se suavizou enquanto se aproximava de Libby, e a olhava de cima a abaixo, ainda que não de maneira desrespeitosa. — Aposto que era a mulher da qual Ben Ross me falou no outono passado. Me disse que ia se casar com uma agradável mulher. Me deu muita pena quando escutei o que tinha acontecido.

Libby se viu obrigada a abaixar seu olhar. Todos nessa cidade pareciam ter muito boa opinião sobre Ben, e provavelmente não seria adequado mostrar que ela não a compartilhava. — Obrigada.

— Agora que se foi, ficará em Heavenly?

Só durante o tempo que tivesse que fazê-lo, pensou Libby. Queria voltar a aquela parte do país onde as formas e as vidas das pessoas não eram tão diferentes do que ela conhecia. — Durante um tempo. Estou cozinhando para o senhor Hollins e seus homens no rancho A Estrela Polar.

Callie ergueu as sobrancelhas com um divertido assombro. — Está trabalhando para Tyler Hollins?

Desconcertada por sua atitude, Libby assentiu. — Sim, é isso.

— Bem, bem. — disse ela em voz baixa, quase para si mesma. Contemplou Libby de novo por um momento. Logo saiu de seu desconcerto e riu. — Se ficar muito teimoso, venha me ver na Ursa. Sempre posso encontrar lugar para mais uma.

Libby sentiu cair sua mandíbula levemente, e o calor inundou sua cara até as orelhas.

— Nort, — Callie disse, voltando ao negócio — estarei esperando os copos para esta tarde. Envie a fatura aos rapazes do Círculo R. — Com isso, se virou e saiu da loja em um sussurro de tafetá violeta e o olor das gardênias, fechando a porta atrás dela.

— Agora, não leve em conta o que a senhorita Callie disse, senhora. — Nort disse, obviamente consciente de sua vergonha. — Ela é franca, mas não é sua intenção faltar com o respeito. Não vê seu trabalho muito diferente ao de um médico ou uma pasteleira.

Ou cozinheira, ao que parece. — Certamente é colorida. — Libby se moveu para a janela para vê-la uma última vez e viu Callie na calçada, falando com Tyler Hollins. Enquanto o filho

do Nort carregava o carro, Tyler estava com um pé apoiado em uma das rodas. Através da janela de vidro ondulado Libby podia ver sua expressão claramente, inclusive se jogava a rir com alguns dos comentários que a mulher fazia. Libby não imaginava que alguma coisa pudesse lhe arrancar um sorriso.

O sorriso transformou sua cara e não só já não lhe fazia parecer como uma dor de dentes, mas o fazia parecer mais jovem, também. Além disso, acreditou ver uma faísca de ternura refletida em sua expressão pela mulher com a qual estava falando. Mas assim que olhou para Libby, o sorriso se desvaneceu. Se endireitou e tirou o pé do cubo da roda, e até sua postura parecia rígida e incômoda, como se ela tivesse visto algo que ele não queria que soubesse.

Bem, poderia ter feito isso mesmo. Talvez Tyler Hollins fosse um dos cavalheiros regulares, da senhorita Callie. Claro! Libby era tão ingênua que não percebia que alguns homens, às vezes seres respeitáveis de boas famílias, visitavam as pombas sujas como Callie Michaels. Pensou que talvez até mesmo Wesley. Mas não paravam em uma calçada pública para conversar com aquelas mulheres.

Não era assunto seu, lembrou-se, puxando as bainhas de suas luvas. Quanto menos soubesse sobre Tyler Hollins, melhor. Seu trabalho consistia em lhe dar de comer a ele e aos seus homens, e nada mais. Libby não deveria se preocupar se tinha o poder de transformar seu sorriso em um cenho franzido.

Mas a aborrecia, e não sabia porquê.

Como se quisesse ver o que tinha mudado o estado de

humor de Tyler, Callie olhou por cima do ombro para Libby, e lhe enviou outro sorriso de cumplicidade. Logo tocou o braço de Tyler com sua sombrinha violeta, a abriu, e saiu caminhando pela rua.

Tyler tirou seu relógio e fez um gesto a Libby para que saísse.

— Parece que estamos prontos para ir, senhor Osmer. — disse.

Nort terminou de fazer as contas de sua fatura e de anotar a quantia em seu livro maior. — Foi ótimo vê-la de novo. Se pensar em algo mais que possa lhe fazer falta, diga a Tyler e ele poderá recolher quando regressar à cidade no sábado à noite.

Libby não conseguia se imaginar dizendo algo no estilo para Tyler. Ajustou seu xale sobre a cabeça. — No sábado?

Nort saiu do balcão para abrir a porta. — Oh, claro. Ty monta todos os sábados para jantar na Ursa Maior. Faz isso a alguns anos. Sempre que o tempo lhe permite, quero dizer.

Aquilo o elevava à categoria de regular. — Libby decidiu. — Então creio que não me preocuparei em lhe guardar um prato quente.

Depois de dizer adeus a Nort, Libby saiu, relutando em ter que trocar aquele refúgio cálido e cheiroso por um assento frio, duro de vagão ao lado de um homem com as mesmas características.

Tyler estava na parte traseira do vagão carregando uns sacos de alimentos secos para o gado. Pareciam pesados, mas ele os erguia com facilidade. — Conseguiu tudo o que precisava? — O trabalho era laborioso e tinha tirado o casaco.

Libby olhou como o tecido de sua camisa se afrouxava e grudava ao seu corpo com seus esforços. — Sim, creio que sim.

Ele jogou um último saco ao vagão, a olhou e franziu o cenho levemente, como se sua aparência o desagradasse. — Nort não lhe deu, oh, maldição, espere aqui um minuto. — Murmurou, e saltou ao chão.

Libby olhou seus ombros enquanto caminhava de volta à loja e fechava a porta atrás dele. Atrás dela, ouviu os cavalos se movendo inquietos em seus arreios. Se tivesse que aguentar sua atitude azeda por muito mais tempo, sua paciência, uma emoção profundamente enterrada e moderada, poderia escapar dela e diria a Tyler Hollins exatamente o que pensava. E quando aquele dia chegasse, saberia que mais valia se estivesse com todas suas coisas guardadas e prontas para partir. Com certeza ele cumpriria com sua ameaça de levá-la a Heavenly e deixá-la lá.

Momentos depois, a porta se abriu de novo e Tyler saiu com um pacote embrulhado em papel sob o braço.

— Vamos, senhora Ross. É uma longa viagem de volta à Estrela Polar.

Libby subiu ao assento e prendeu as saias em torno dela. — Sem dúvida não mais longa que aquela manhã.

— Não podemos conduzir os cavalos a muita velocidade com o carro carregado assim.

— Oh. — Seu coração se afundou diante de tal notícia, e estremeceu diante de uma fria rajada que atravessou suas roupas. A árvore atrás de Osmer sacudiu seus ramos nus com o vento. Por cima, o céu escureceu de novo com nuvens

pesadas.

Tyler subiu ao assento ao lado dela e colocou o abrigo. Depois enfiou o pacote de papel marrom entre suas mãos. — Use isso.

— O que é? — Libby tentou olhar seu rosto, mas ele o manteve apontado para os cavalos à frente, enquanto envolvia as rédeas ao redor de seus punhos.

— Temos ainda um pouco de inverno para suportar antes que a primavera comece a esquentar. — Pensei que poderia dar um bom uso a isso. — Sua voz tinha perdido um pouco daquele seu tom de comando.

Libby puxou o nó do cordão e abriu o papel. No interior, encontrou o xale xadrez que tinha admirado. Sua boca se abriu e olhou para o papel entre suas mãos, depois para ele.

— Não posso aceitar isto, senhor Hollins! — Sentia dizer-lhe. O xale era lindo. Era quente. Mas aceitar tal presente era inadequado. O porque, não sabia tão bem. Tyler Hollins era seu chefe. Se a senhora Brandauer tivesse conhecido alguma vez um momento de generosidade pouco comum nela e lhe tivesse feito um presente, ela o aceitaria sem hesitar. E o decoro nunca tinha sido um problema quando Wesley lhe dava algumas pequenas recordações que ainda conservava em seu baú: uma escova de prata para os cabelos, um par de abotoaduras de ouro, e um prendedor de prata de lei.

Virou seus olhos azuis para ela. — Sim, aceitará a manta, senhora Ross. Não se esqueça, você é parte de meu trabalho.

— O que?

— Assumo minhas responsabilidades muito seriamente. —

Dizendo isto, agitou as rédeas nas costas dos cavalos e o carro começou a rodar.

Libby olhou e apertou os lábios em uma fina linha, tentada a responder. Não era muito lisonjeiro ser vista sob a mesma luz que os bezerros e cachorros e cavalos que considerava parte de seu domínio. Olhou o pacote em seu colo. Estava aborrecida por sua atitude, mas não de todo.

Libby desdobrou o comprimento do tecido escocês e o envolveu ao redor de seus ombros. — Obrigada. — disse com frieza.

• • •

Cedo naquela tarde, Tyler se sentou na escrivaninha de seu escritório, fazendo cálculos em uma folha de papel enquanto voltava a avaliar as perdas do inverno. Fez uma pausa para ajustar a chama da lâmpada na quina da mesa. Fazia calor ali dentro, mas fora, as pesadas rajadas levavam cortinas de chuva contra as janelas. Pelo menos não estava nevando. De vez em quando, o vento fazia com que o fogo na lareira se elevasse, mas seu cachorro, Sam, estendido sobre o tapete, dormia despreocupado.

— A vida é muito boa para você, não é assim, Sam? — Perguntou. Se jogou para trás em sua cadeira, virando-se um pouco de lado enquanto observava o mestiço negro.

O cachorro moveu a cauda uma vez em reconhecimento, mas não acordou.

— Claro, não é tão difícil deixar que alguém lhe dê comida e permita dormir em frente ao fogo. Não tem que se preocupar

com o gado, ou com este maldito caminho que temos que fazer.

Sam colocou uma pata sobre sua cabeça.

Tyler voltou a se sentar corretamente e olhou os números. Não estava arruinado, de nenhum modo. Não era pobre. Mas a reposição de sua manada requeria um planejamento cuidadoso. Se pudesse trazer algumas novas cabeças do Texas.

Naquele momento detectou um aroma, um cheiro delicioso que não sentia naquela casa há muitos anos. Era o cheiro do pão assando. Não tortas pré-fabricadas, não biscoitos sem fermento. Aquilo era real, pão de fermento como Deus mandava.

Inalou de novo e fechou os olhos. Em sua mente, viu uma pequena mulher com a pele como creme fresco, de cabelos negros, ocupada na cozinha. Era delicada, fraca, na verdade, e muito frágil para suportar a vida naquele lugar. Certamente muito frágil para a carícia de um homem. E ainda que ela lhe sorrisse, era uma sorriso triste, e em seu rosto via culpa.

Naquele momento, Tyler começou a sentir uma pressão familiar em seu peito. A visão se dissolveu em uma imagem não desejada de Libby Ross. Imaginou seus cabelos cor de mel e seu avental branco enquanto olhava no forno para verificar os pães quentes e doces. Suas mangas estavam enroladas quase até os cotovelos, deixando os braços pálidos e delicados descobertos.

Maldição, o que o fazia pensar nela? Perguntou-se. Deixou sua pena sobre a mesa e esfregou os olhos. Pelo menos tinha deixado de tremer quando colocara o xale novo. Ficava até muito bem com ele. Ainda o incomodava que a cozinheira o

tivesse visto com Callie naquela manhã, mas dizia para si mesmo não adivinhar porquê. Apesar de que mais ou menos a mantivesse para si mesmo, sua relação com Callie Michaels não era nenhum segredo. Todo o povoado sabia e não lhe dava importância. Ele não lhe dava importância. Mas hoje quando olhara para cima e vira um par de grandes olhos cinzas olhando-o fixamente da janela de Osmer, se sentira desconfortável, como se, bem, como se estivesse fazendo alguma coisa muito ruim.

Fechou a mesa, incapaz de se concentrar em sua tarefa por mais tempo. Esperava que Joe encontrasse um cozinheiro diferente o mais rápido possível.

A última coisa que Tyler precisava ali era outra pessoa que o fizesse se sentir culpado.

Capítulo 5

Naquela noite, os rapazes da Estrela Polar desfrutaram de um cozido em que nadavam cubos de batatas brancas, pedaços de cebola e pedaços de carne em um rico caldo. Pão quente e mel, e maçãs crocantes cobertas com creme acompanharam o prato principal. Segundos, e no caso de Rory, terceiros pratos, foram consumidos.

Ainda que estivesse tentando se acostumar de novo, a cozinhar em uma estufa, até mesmo Libby pensava que a comida simples saía muito boa. O trabalho lhe parecia um pouco mais fácil agora que tinha tudo de que precisava, pelo menos tudo o que estava a sua disposição na loja de Osmer. Tivera que assar o pão, e conseguir a carne para o cozido, exigira que um dos açougueiros sacrificasse um novilho inteiro. Não era exatamente como ir à padaria ou ao açougue em Chicago. Mas a admiração dos homens fazia com que o esforço valesse a pena. E pareciam estar se acostumando com ela. A maioria não se ruborizava mais como escolares quando ela falava com eles.

Libby andou entre as duas longas mesas para encher as xícaras de café vazias. Quando chegou ao lugar de Noah Bradley, ele fez um gesto para seu prato vazio.

— Charlie e Kansas Bob e os irmãos Cooper não sabem o que perderam. — disse, raspando seu prato de esmalte azul com o garfo. — Quase sinto pena por eles. Me divertirei muito quando lhes contar.

— Oh, não queira lhes fazer muita inveja, senhor Bradley, hum, Noah. Creio que trabalhar com este tempo já é castigo suficiente. — Disse, olhando para as janelas escuras.

Era uma selvagem noite de março, cheia de vento e chuva que açoitava contra as janelas. De vez em quando, um trovão longínquo rodava pelo vale, fazendo Libby recordar a voz de Joe. As janelas da cozinha estavam embaçadas por cima do calor da estufa e os chapéus úmidos e os impermeáveis penduravam nos ganchos ao longo da parede traseira.

Joe limpou a boca com o guardanapo e cuidadosamente alisou seu bigode. — Não invejo aqueles rapazes estando lá fora em uma noite como esta. Deus sabe que já sofri por dias suficientes, dormindo sob a chuva. Hoje foi um dia muito duro. Durante todo o dia, só pude pensar em vir aqui para me deitar depois de uma boa comida quente e um café negro.

Libby ergueu os olhos para olhar a sua volta para as paredes sem terminar, e as mesas e bancos. A iluminação era proporcionada por grandes faróis negros, e os pratos eram todos de esmalte. Tinha um lavabo, mas sem água corrente com exceção da bomba. Apesar de tudo aquilo ser uma melhora em comparação com o lugar de Ben, quase qualquer coisa teria sido, em sua opinião. Era só um passo adiante com respeito a cozinhar em uma loja de campanha. Pelo menos não tinha que pisar sobre a terra.

Obviamente, percebendo sua inspeção crítica, Joe começou a rir. Ela abaixou o olhar depressa, mas seus olhos escuros eram amáveis por trás de sua risada.

— É provável que não pareça grande coisa, comparado ao que deve estar acostumada, senhorita Libby, mas para um grupo de cowboys desgastados que estiveram sentados em seus cavalos durante todo o dia sob a chuva e o barro, voltar aqui, onde faz calor e há luz, e a boa comida está esperando, bem, é como entrar em uma grande mansão.

Murmúrios de acordo percorreram o refeitório. Libby apertou o cabo da cafeteira e sorriu com timidez. Não estava familiarizada com o tipo de reconhecimento honesto que recebia daqueles homens.

Só uma pessoa não provara o jantar ainda. Não tinha visto Tyler desde que retornaram de Heavenly. Quando chegaram da lenta viagem, cheia de buracos, mandou dois homens descarregarem o carro, então, encilhou seu cavalo e saiu com ele. Ouvira-o entrar pela porta principal antes, mas o barulho de suas botas o levaram à parte traseira da casa e ali tinha ficado.

— Alguém mais quer creme de maçã? — Perguntou. — Tenho uma bandeja ainda, a ponto de sair do forno.

— Não, acredito que deva deixar um pouco para Tyler. — Rory disse, empurrando a si mesmo fora da mesa. — Só espero que Charlie tenha arrumado os buracos do teto do barracão na semana passada. É difícil dormir com uma lata equilibrada sobre a barriga para segurar a chuva.

Os cowboys começaram a sair então, estando bem

alimentados e contentes. Finalmente, o último deles colocou seu chapéu e o impermeável, e se lançou através da chuva pelo pátio fracamente iluminado até o barracão. O vento açoitava a chuva através da porta e agitava as saias de Libby. Depois que se foram, ela foi para a cozinha e colocou a panela no canto mais fresco da estufa, perguntando-se por quanto tempo deveria manter a comida quente para Tyler. Bem, ele era um homem feito e direito. Ela tinha sido contratada somente para cozinhar, não para levar a cozinha de um restaurante. Tirou um prato e serviu seu próprio jantar.

Libby não estava muito acostumada a comer sozinha. Antes, tinha uma família improvisada em Chicago, Birdie, a criada dos Brandauers; Deirdre, sua jovem ajudante de cozinha, e Melvin, o condutor. Todos se sentavam à grande mesa de trabalho, na cozinha às noites, compartilhando o jantar, notícias e fofocas, e rindo, mas não muito forte, para não aborrecer os Brandauers.

Conforme untava o pão com o mel, recordou na primeira vez que viu Eliza Brandauer. Fora na manhã do terceiro dia que passara na sala de espera da agencia de emprego doméstico da senhora Banks. O orfanato tinha enviado Libby ali, dando-lhe a quota de um dólar para pagar a senhora Banks, para lhe encontrar um trabalho. Tinha quatorze anos, lhe recordaram no orfanato, e já era hora de procurar seu próprio caminho no mundo. Ou pensava que a caridade tomaria conta dela para sempre?

Sentara-se no canto de uma sala cheia de todo tipo de mulheres de diferentes idades. Algumas eram mais jovens que

ela, algumas pareciam experimentadas, esgotadas ou insensíveis. Outras pareciam tão ignorantes e assustadas como ela. Libby não tinha luvas, então entrelaçou suas mãos trêmulas e as enterrou nas dobras de sua saia fina e escura. Damas de roupa fina que requeriam serventes, andavam pela sala. Olhavam as solicitantes, e às vezes até mesmo as faziam parar em pé para poder olhá-las de cima a baixo, também. Libby pensou que era a mais humilhante e aterrorizante experiência de sua vida. Não sabia se devia se sentir aliviada ou assustada enquanto era examinada várias vezes.

Então Eliza Brandauer chegou. Fresca e imperiosa em um traje de costura francesa azul escuro, e escolheu Libby para ser sua ajudante de cozinha, porque, lhe dissera, parecia moralmente reta. A pureza moral jogava um importante papel para a senhora Brandauer; não só em sua própria sociedade, mas no mundo em geral.

Com o tempo, o cozinheiro se aposentou e Libby pegou seu lugar, e a senhora lhe deu Deirdre como ajudante de cozinheiro. Era incomum para uma mulher de dezenove anos ocupar um cargo de responsabilidade como cozinheira em uma casa rica. E quando a senhora Brandauer decidiu promover Libby, insistiu em que estava lhe dando uma oportunidade única pela qual ela deveria ficar eternamente grata.

À medida que passavam os anos, Birdie, Deirdre, e Melvin se converteram em sua família adotiva. Considerava-os como seus amigos, os mais queridos que qualquer outro que já tivesse conhecido, mas no final, todos lhe deram as costas

• • •

Libby estava quase terminando de lavar os pratos, e estava mergulhada em suas recordações agridoces quando Tyler Hollins empurrou a porta do refeitório.

Perdida em suas reflexões, sua entrada foi tão repentina e surpreendente para ela como um disparo. Com a mão na água espumante, seus dedos se deslizaram convulsivamente contra a folha de uma faca que acabara de lavar na bacia.

Ofegando, puxou sua mão fora da água quente. Não podia ver o corte, mas tinha tanto sangue que estava certa de que devia ter cortado um dedo. Curiosamente, não sentia dor, mas rios vermelhos corriam para baixo de sua mão e braço muito depressa.

— Oh, Deus...! — Exclamou.

Tyler deu dois passos rápidos para frente e pegou uma toalha branca limpa da mesa de trabalho. — Vamos, deixe-me ver. — Seu tom era firme e autoritário. Agarrou-a pelo punho e colocou a mão sangrando sobre o lavabo enquanto abria os dedos para examiná-los. Sabão, água, e o sangue se misturavam, ocultando o corte. Apertou a toalha contra a mão, mas ela se ensopou de sangue em segundos.

— Estou certa que posso cuidar-me eu mesma. — disse ela, tentando se soltar. Sua experiência lhe dizia que mesmo os homens de aspecto robusto podiam perder toda sua valentia na hora que viam sangue. Não queria ter que se preocupar pelos dois se ele desmaiasse. Pelo menos tentou se convencer que aquela era a razão pela qual não queria que estivesse de pé tão perto dela, com sua forte mão fechada ao redor de seu punho.

— Pare de se inquietar, senhora Ross. — Tyler segurou

firmemente o braço de Libby entre seu cotovelo e as costelas, fazendo com que o sangue que continuava saindo, corresse por sua camisa. Através do tecido, sentiu o calor de um aquecimento muscular e ósseo pressionando contra seu braço. Dirigindo os dois para um dos faróis, se queixou: — Maldição, não posso ver nada!

— Está sangrando muito. — disse ela, amavelmente.

— Devido a estar com a mão nessa agua quente e suja. — Ele puxou a toalha a um lado e os levou de novo para o lavabo. Manuseou a alavanca da bomba, jogou água gelada sobre sua mão até sua pele ficar branca e o sangramento começar a diminuir.

Ficou muito perto dela, com a cabeça inclinada para seu lado enquanto envolvia a mão na sua. Seu contato era cálido e leve. E cheirava muito bem, como a couro e a ar fresco e feno limpo. Não o notara antes, pensou, e isso mesmo passando quase todo o dia sentada junto a ele no banco daquele carro. Naquele preciso momento lhe proporcionava uma boa distração.

— Oh, sim... Aí está. — disse. Era um corte feroz na primeira dobra do seu dedo mínimo e parecia bem profundo, mas a hemorragia tinha quase parado. A fronte de Tyler estava franzida pela concentração enquanto olhava o corte. Mas apesar de sua ansiedade, viu algo mais em seus olhos que não poderia identificar facilmente. Ela pensou que parecia como se tivesse recordado algo que não queria recordar.

Enxaguou suas mãos outra vez, e logo pegou a outra mão para que pressionasse seu dedo polegar contra o corte. —

Aguente aí, assim, e venha ao meu escritório.

Libby seguiu o anel de suas esporas, sem dúvida, em parte porque tinha aprendido rapidamente que Tyler Hollins não era o tipo de homem que gostasse de ser questionado. Mas mais que qualquer outra razão, o seguiu porque parecia saber o que fazia.

Preencheu a porta do escritório, quando passou através dela. — Libby pensou que sua cabeça não tocava a parte superior só por poucos centímetros, e seus ombros quase tocavam as laterais da porta. Devido a sua personalidade fria, odiava ter que admitir, inclusive para si mesma, mas não tinha como ignorá-lo como homem, seu aspecto sem dúvida chamava a atenção, e desmentia aquela frieza. Seus cabelos castanho avermelhados eram pesados e grossos, com finas mechas de cor cobre através das quais brilhava a luz do fogo. Sua estrutura alta, magra e musculosa projetava longas sombras sobre o piso de madeira.

— Sente-se aqui. — disse, apontando uma poltrona de pinho ao lado da lareira.

Tudo nele, até mesmo a forma como se mexia, sugeria um homem que era capaz, invulnerável, sempre no controle. Dirigiu-se a um dos armários de vidro no canto e pegou uma gaze, tesoura e um frasco escuro, deixando as portas entreabertas.

Libby se sentou na beirada da cadeira. Daquele ângulo, não podia deixar de notar a forma em que suas apertadas calças de cowboys abraçavam suas pernas e seu magro traseiro.

Seu dedo começou a latejar. Olhou seu avental e percebeu que ele também estava manchado de sangue. Entre os dois parecia que tinham participado de um combate mortal. Com todos os problemas que lhe ocasionara, se sentiu obrigada a pedir desculpas antes que ele tivesse oportunidade de repreendê-la. — Não costumo ser tão desajeitada. Se me der a bandagem, posso fazer o curativo sozinha. Não quero atrasar mais o seu jantar.

Fez um gesto para aliviar sua preocupação e arrastou sua cadeira giratória junto a ela. — Jantarei em um minuto. Além de saber por experiência que não é fácil fazer o próprio curativo. Muito bem, vamos lá. — Colocou sua mão com a palma para cima sobre seu joelho e afastou seu dedo do corte. O sangue se acumulou no corte de novo, mas muito mais lentamente.

Cortou um pedaço de gaze e o dobrou em uma almofadinha. Então, segurando-a sob seu dedo, pegou a garrafa e derramou um pouco de seu conteúdo sobre ele. — Isto vai doer um pouco.

Libby ficou sem fôlego. Involuntariamente retirou a mão, mas Tyler manteve seu aperto no punho. — Arde! Queima como o fogo. E cheira como quando se tira a pintura das paredes. — disse, com a mandíbula apertada. — O que é isso?

Um ruído de risada lhe escapou, e sorriu. Libby virou para ver aquela imagem de um homem mais jovem que tinha visto naquela manhã quando estava falando com Callie Michaels. A boca se afinava em uma suave linha. Seus dentes eram muito brancos, e percebeu que os inferiores pareciam muitos e

estavam levemente sobrepostos. A imperfeição o fazia parecer um pouco menos temível. Aproximou-se mais e soprou no seu dedo para aliviar o ardor. — Desculpe. É um antisséptico, uh, algo para evitar que o corte continue sangrando.

Mediu outro pedaço de gaze, e pegando a mão na sua, começou a envolver o corte. Ela olhou suas mãos enquanto trabalhava. Tinha boas mãos, pensou. — fortes, com dedos longos. No interior, na parte superior da palma de sua mão, ela sentira as leves calosidades que certamente foram provocadas pelas rédeas dos cavalos e qualquer outro tipo de trabalho dos quais se encarregava naquele rancho.

Continuou observando-o. A cor de seus cabelos de folhas de outono, a fascinava, e sua textura parecia grossa e suave. O que sentiria se o penteasse com os dedos? Pensou.

Aparentemente, sentindo seu olhar, levantou a vista da bandagem, e enlaçou seus olhos com os dele, azuis. O fogo refletia preocupação em suas profundidades. — O que acontece? Muito apertada? — Perguntou-lhe, fazendo um gesto para seu dedo.

Com seu rosto inclinado para ela daquela maneira, Libby tinha problemas para recordar o que lhe perguntara. — Não, está bem. — Céus, estivera olhando-o fixamente! E até pensara no que sentiria se acariciasse seus cabelos!

Depois de um momento interminável, Tyler arrastou sua atenção a gaze. — Dói muito?

— Não, não, em absoluto. — mentiu. Libby tinha a sensação de que aquele homem não iria tolerar nenhuma outra resposta.

— Sempre pensei que uma expert em cozinha como você saberia melhor como agarrar o lado afiado de uma faca. — Outro leve sorriso atravessou seu rosto.

Poderia ter sido uma crítica, mas o breve sorriso suavizou seu comentário. Sim, ela sabia fazer melhor, mas estava pensando em outras coisas quando ele irrompeu na cozinha. Sobre o passado; sobre a conversa de Tyler com Callie Michaels; sobre o xale. Ela abaixou a cabeça com tristeza.

— Creio que deixei minha mente divagar muito. Tenho mania de sonhar acordada quando lavo os pratos, mas no geral não costumo me acarretar nenhum problema.

— Em que estava pensando? — Ele manteve sua atenção na tarefa, mas sua voz tinha adquirido um tom interessado, como se realmente quisesse saber.

Ela tentou manter o desejo que sentia, afastado de suas palavras. — Oh, em Chicago sobre tudo.

— Montana é um pouco diferente, não é assim? — Disse ele.

— Um pouco? Muito mais que um pouco, quero dizer. — Libby não queria insultar o território daquele homem, mas em sua opinião, seu comentário foi um eufemismo. — Hum, esteve em Chicago?

— Sim, mas faz anos. Existem grandes currais lá, sabe. E abatedouros.

— Eu sei, mas nunca tive alguma razão para visitá-los.

Tyler a olhou de novo e a considerou por um momento. — Ben deve ter feito com que este lugar parecesse muito atraente para que quisesse deixar sua cidade natal e vir de tão longe

para se casar.

Libby ficou levemente tensa. — Creio que Ben Ross exagerou em muitas das coisas que me disse.

Ele encolheu os ombros. — Bom, tente não ter represálias contra ele. — disse, pegando a tesoura. — O Oeste está cheio de cowboys velhos como ele, solteiros por toda vida que vieram do Texas, nos primeiros dias depois da guerra. A maioria deles não têm muita experiência cortejando as mulheres.

— Você parece ter muita experiência nisto. — ela disse, retorcendo seu dedo mínimo para indicar sua habilidade. Sentia-se melhor com ele. Sua atitude era quase amável. Virou-se para olhar as filas de garrafas e frascos nas estantes do gabinete, e aventurou um sorriso. — Que coleção de medicamentos! Aposto que o médico de Heavenly tem competência.

Tyler a olhou bruscamente. Cortou a ponta da gaze em duas tiras e as amarrou com um nó, e depois colocou a mão no colo dela.

— Muitas coisas podem acontecer em um rancho. — disse, rapidamente tenso e se retirando de novo. De pé, se aproximou da gaveta e guardou as coisas que usara. Deliberadamente fechou as portas, deixando claro que o conteúdo daquele armário era só de sua responsabilidade. A corrente de seu relógio brilhava fracamente com a luz do fogo, e a metade de seu rosto foi eclipsada pela sombra. — Se um cavalo fica coxo ou um dos membros da equipe cai em uma vala de arame farpado, ou se o cozinheiro se corta, temos que ser capazes de resolver a situação.

Permanecendo calada, Libby se perguntou que demônio tinha virado o rumo da conversa tão rápido, tão completamente. Sentia que tinha ultrapassado os limites da propriedade com seu chefe, mas não conseguia imaginar como. Sentindo-se desconfortável, se levantou da poltrona, alisou o avental e manteve seu dedo coberto de branco com cautela. — Sim, bem, obrigada por sua ajuda. Guardei um pouco do cozido e de maçãs crocantes quentes para você. Vou lhe preparar um prato.

Ele negou com a cabeça e estendeu seu braço para a porta para indicar-lhe que saísse. — Eu me encarregarei disso. Provavelmente deveria ir descansar. Foi um dia muito longo para você. — Sua expressão não mostrava aborrecimento. Na verdade, parecia ter ficado em branco. — E mantenha essa bandagem seca.

Libby não estava acostumada a trabalhar para alguém tão decidido a fazer as coisas por si mesmo. Mas tinha razão, fora um dia muito longo, e se ele queria se encarregar de seu próprio jantar, não iria discutir com ele. Poderia limpar a pia pela manhã.

— Boa noite, então.

— Boa noite, senhora Ross.

Depois de se despedir, Libby inclinou a cabeça e se virou para sair da sala. Ouviu a porta do escritório se fechar as suas costas.

Acima, em seu quarto, Libby tirou as roupas e vestiu uma camisola de flanela. Talvez alguma coisa tivesse acontecido a Tyler que o endurecera no homem que via na maior parte do

tempo; o homem que vivia atrás de um muro de frieza. Em um momento parecia agradável, e no seguinte, estava tão gelado e distante como as montanhas do outro lado do vale. Poderia pensar que realmente não gostasse dela, mas ele lhe comprara aquele xale pela manhã. Encontrava-se estendido aos pés de sua cama, e esticou a mão para acariciar sua franja de lã suave. E não poderia ter confundido a preocupação que vira em seu rosto enquanto tratava seu dedo.

Bah, deveria estar preocupado, muito provavelmente, porque aquilo iria atrapalhar sua capacidade para cozinhar, pensou ela com amargura. E de todo modo, estava muito cansada para tentar entender o comportamento desconcertante de Tyler Hollins.

Abriu a porta um pouco para deixar entrar o calor da sala. O calor gerado pela lareira chegava diretamente até ali e em sua mente, era uma vergonha desperdiçá-lo. Enfiando-se entre os frios lençóis, apagou a lâmpada junto à cama, e o quarto mergulhou em uma profunda escuridão. Aconchegou-se sob as mantas, tremendo e esperando que seu calor corporal fizesse dela uma bolsa quente. Então recordou o xale. Sentou-se e puxou sua ponta aos pés da cama.

À medida que se afundou no colchão de penas, apesar do latejar de seu dedo, o sono começou a chegar e pensou que nada daquilo importava. Nem as noites frias, e nem seu frio chefe. Aquele trabalho era somente um meio para conseguir um fim: escapar da fronteira.

• • •

Tyler estava na beirada do terraço olhando o céu noturno claro. Iluminadas de cor cinza prateada por uma meia lua, as nuvens derivavam para o este através das estrelas claras. Pelo menos tinha deixado de chover. Amestrar os cavalos, o trabalho que estaria fazendo pela manhã, era uma tarefa muito dura em qualquer momento, mas fazê-lo sob a chuva seria um inferno.

Mas era quase meia noite, e não conseguia dormir. Dirigira-se antes para cima, pensando em ir para a cama, mas quase no mesmo instante se virou para descer. Chegara mal a tirar as roupas quando a vestiu de novo e desceu as escadas calçado apenas com as meias.

Nos últimos anos, Tyler estabelecera cuidadosamente a rotina organizada de sua vida. Geralmente, se levantava antes que a equipe o fizesse, trabalhava duro todo o dia, fosse na cozinha ou em seu escritório, fazia suas comidas no refeitório. Às vezes se sentava no salão da tarde, lendo revistas de Stockman, ou com menos frequência, um dos livros de texto do armário debaixo das escadas. Depois ia para a cama e o ciclo recomeçava. As únicas ondas que revolucionavam sobre a superfície uniforme daquele programa de sua vida, eram suas viagens dos sábados à noite a Heavenly. Ele protegia aquela rotina para assegurar que nada nem ninguém transpassasse sua solidão.

Agora tinha sido completamente alterada pela jovem viúva de cabelos cor de mel que dormia no quarto ao lado do seu. Acima, era tão consciente de sua presença como se não existisse uma parede entre eles. Espalhara-se no sofá de couro

na sala durante horas, olhando o fogo, sentindo-se como um estranho em sua própria casa.

Inclinando-se, apoiou os antebraços na grade do terraço e suspirou. Na luz da lâmpada de cor amarelo brilhante através da janela, viu seu fôlego como uma nuvem de vapor. Não que ela fosse insuportável, ou incompetente, ou preguiçosa, refletiu. Demônios, mesmo depois que ela se cortara, estava disposta a voltar para a cozinha. E ele sabia que tinha mentido sobre a dor na mão. Tinha visto homens feitos gritarem mais forte por lesões menos graves.

Sentado junto a ela em seu escritório, tinha sentido a fragrância tênue e doce das flores e da baunilha. Era inocentemente feminina, o tipo de olor que Callie, com seu perfume brilhante, e forte, o tinha feito esquecer. A perda daquela recordação tinha sido uma benção.

Obrigara-se a manter seus olhos na mão, mas em algumas vezes se encontrou com seu olhar perambulando por seus peitos, suavemente arredondados. Para uma mulher pequena, eram surpreendentemente exuberantes e sua cintura era muito pequena, e o decote da simples blusa branca que usava, só realçava sua figura. Sua pele, recordou, era da cor do creme fresco com pétalas de rosa flutuando sobre ela.

Suspeitava que a vida de Libby não tinha sido fácil por tudo o que tivera, para trabalhar para uma família rica em uma casa grande. Pensou que aquilo nunca seria tão difícil para uma mulher como a vida na pradaria. Mas tinha alguma coisa em seus olhos cinzas que lhe recordava uma forte dor de cabeça. Aquilo rondava em sua consciência.

Não teve a intenção de ser grosseiro quando ela fez o comentário de competir com o médico de Heavenly. Ela não poderia saber o que ele pensava dos médicos, ou da profissão médica em geral.

Endireitou-se longe da grade e esticou sua coluna vertebral. A manhã estava começando a aparecer, estaria ali em pouco mais de quatro horas e não devia passar o resto da noite sentado no sofá do salão. Precisava dormir um pouco.

Virando-se, entrou de novo na casa e pegou uma vela acesa para ver seu caminho até as escadas. Mas quando chegou à segunda planta, percebeu que a porta de Libby Ross estava entreaberta. Não notara antes, quando ele saíra apressadamente de seu quarto e descera à sala.

Deu um passo hesitante, e depois outro, até que esteve de pé em frente de sua porta. O corte na mão era profundo. Sarar, sim iria sarar, pensou, mas e se tivesse começado a sangrar outra vez? Levou seus dedos sobre a beirada da porta e hesitou. Uma cunha longa da luz de sua vela caiu através da abertura e em todo o piso de pranchas amplas. Jesus, devia estar perdendo a cabeça. Finalmente, deu um empurrão na porta. A vela na mão hesitou um pouco.

Na semiescuridão e tão pequena como era, via-a como uma menina dormindo em sua cama. Sua mão ferida estava acima ao lado da almofada, a bandagem continuava de cor branca impoluta. Até mesmo no sono parecia exausta e vulnerável, mas seus longos cabelos fluíam detrás dela como um lençol de cetim. Estendeu sua mão e tocou o dorso de seus dedos contra sua suavidade.

Foi então quando viu que a boneca de trapo a qual parecia estar abraçada, era na verdade o xale xadrez que tinha comprado para ela naquela manhã.

Por um momento, sua própria natureza o fez pressagiar que se levantasse as mantas se encontraria com um par de asas de anjo pregadas contra seu corpo. Tyler saiu do quarto mais rapidamente e em silencio do que podia pensar. Foi para seu quarto e fechou a porta, com o coração batendo fortemente em seu peito.

Falaria com Joe pela manhã, jurou com decisão nervosa, passando a mão por seus cabelos. Se seu chefe não pudesse encontrar um novo cozinheiro para a unidade do caminho, então por Deus, Tyler se encarregaria daquilo por si mesmo quando fosse a Heavenly à noite. Mesmo que aquilo significasse que deveria oferecer o trabalho a todo homem de pé no bar que se encontrasse no saloon de Callie, ele o faria.

Tinha que por Libby Ross fora de sua casa... e de sua vida.

• • •

No final da tarde do dia seguinte, Libby puxou sua cadeira para se sentar em um quadrado de pálida luz do sol que caía sobre a mesa de trabalho na cozinha. Uma brisa suave entrava pela porta aberta e agitava sua saia ao redor de seus tornozelos. Depois de escuros dias cinzas de chuva, o tempo tinha melhorado e aquela tarde fora leve o suficiente para poder abrir a porta para ventilar a cozinha.

Pegando um rodinho, começou a espalhar a massa das tortas de maçã que estava fazendo. Seu dedo estava ainda

dolorido, fazendo-a trabalhar mais devagar e algumas tarefas eram francamente impossíveis de realizar. Manipular a massa da torta era uma tarefa muito incômoda com sua bandagem, e manter a gaze seca era mais que um aborrecimento. Mas ela precisava trabalhar tal como lhe tinham ensinado. Quase esperava que Tyler Hollins aparecesse ali em qualquer momento para inspecionar sua mão.

Vira seu chefe várias vezes naquele dia, mas sempre à distância. Passara o dia no curral através do pátio, ajudando a domar os broncos, tal como Joe tinha anunciado após o desjejum. Parecia que tinha limpado todo o problema que se montara na cozinha na noite anterior, porque naquela manhã Libby encontrara a pia vazia e todos os pratos guardados.

De vez em quando, olhava pela janela e via Tyler sentado na barra superior, olhando os cowboys nas costas de uma sucessão de cavalos selvagens que pareciam empenhados em jogá-los ao chão, e matá-los.

Mas quando Tyler saltou no recinto enlameado, Libby deixou de lado o rodinho, atraída para o pátio pelo poder absoluto de sua demonstração. Ninguém percebeu sua presença no curral. Todos os olhos estavam voltados para ele conforme se aproximava lentamente para um potro de aspecto nervoso. Libby pensou que o grande cavalo era da mesma cor que os cabelos de Tyler.

— Esta égua se aborreceu, senhor Hollins. —Noah disse, de seu lugar na pista. — É melhor que lhe vende os olhos ou tentará lhe arrancar um pedaço de pele.

— Ela não vai me morder, não é assim, querida? —

Murmurou enquanto se aproximava do cavalo.

A égua se ergueu nas patas traseiras e lhe deu uma olhada feroz que não apoiava aquela confiança.

— Whoa, vamos ver, querida. — Tyler disse, e saltou um passo para trás. — Ela é muito inteligente, se pode ver em seus olhos. Vai se converter em um cavalo infernal.

Noah moveu a cabeça em dúvida. — Pode ser, mas ainda não. Ainda nem gosta da sela. Deveria lhe dar um dia mais ou menos para se acostumar a ela antes de montá-la.

Tyler não respondeu. Em lugar disso, estendeu sua mão e agarrou as rédeas e o lado da brida. Puxando sua cabeça para a dele, falou em voz baixa e tranquila. Libby olhou de mais perto da vala, mas não podia ouvir o que estava dizendo. Suas palavras, obviamente, que falavam com compaixão e ternura, estavam destinadas só ao animal. A máscara de sua afiada expressão se desvaneceu, revelando sua beleza escondida, e por um instante Libby se encontrou invejando aquele cavalo.

Só vagamente consciente dele, colocou um pé na parte inferior da grade e se impulsionou com o fim de fazer sua cabeça se sobressair por cima da barra superior. Com o lábio inferior seguro entre os dentes, esperou para ver o que iria acontecer a seguir.

Rory escalou a vala e se sentou junto a ela, com seus braços e pernas desajeitados. — Olá, senhorita Libby.

Libby protegeu os olhos contra o sol da tarde. — Olá, Rory. O senhor Hollins vai realmente montar aquele cavalo? Ela não parece muito decidida a deixar que o faça. Parece mais que deseja pisoteá-lo.— Libby conhecia aquela sensação muito

bem.

— Tyler? — Seu jovem rosto tinha uma expressão de assombro, como se tivesse sugerido que o sol poderia sair pelo oeste. — Nunca vi Tyler cair de um cavalo. Gruda-se como um molusco. De qualquer modo, sempre nos pede que não façamos nada que ele mesmo não faria.

Imaginou que Rory tinha razão. Tyler era um homem duro, intensamente autossuficiente , obviamente sem sentimento e nenhum outro tipo de emoção, salvo talvez a ira. Pelo menos em seu tratamento com as pessoas, aquele era o caso. Exceto enquanto tratara sua mão.

Depois de sua conversa com a égua, Tyler, mantendo seu controle sobre o freio e as rédeas, ajustou o chapéu em sua cabeça de forma mais segura. Colocou o pé no estribo e se içou às costas do cavalo.

Os sentimentos de Libby imediatamente se fizeram conscientes daquela circunstância. Ainda que os homens dessem vivas e gritassem, a teimosa besta parecia aborrecida, resfolegava, não tinha outro desejo que o de sacudir seu piloto infrator e pisá-lo até a morte. Galopando e trotando por todo o curral, se aproximou tão perto da vala onde Libby se encontrava que pensou que Tyler ia colidir contra as grades.

— Tyler, cuidado! — ela gritou.

Ao ouvi-la, levantou a cabeça e seus olhos se conectaram com os dela, azuis e penetrantes. Sua concentração se rompeu, e no segundo seguinte, quando o cavalo galopou de novo, ele foi jogado da sela e caiu tocando o barro com o ombro. Libby escutou o grito que saiu de seus pulmões.

— Oh, meu Deus! — Libby se agarrou a grade e ficou boquiaberta de horror, sua mão apertada contra sua boca. Tinha caído tão bruscamente que deveria ter quebrado alguma coisa. Poderia se mover? Estaria gravemente ferido? A égua se afastou da vala trotando, com aspecto indignado.

O coração de Libby começou a bater de novo quando Tyler se levantou. Rory e mais dois homens saltaram para ajudá-lo, mas ele os afastou. A metade esquerda de sua camisa e calças estavam cobertas de barro.

Quando se virou para ela, a culpa floresceu no peito de Libby. Ela correu para ele.

Ele se aproximou a ela através do pântano, seus passos um pouco desajeitados, mas deliberados. Sua camisa tinha perdido dois botões, e o lado que estava limpo, o que não estava grudado contra sua pele, deixando um pouco do seu peito descoberto.

— Você está bem, senhor Hollins? — Perguntou, irritada pelo som débil, assustado de sua própria voz. Não tinha medo dele, ainda que agora percebia que não deveria tê-lo distraído gritando daquela maneira. Não deveria se importar se quebrasse o pescoço o idiota tentando montar um cavalo que obviamente não tinha nenhuma intenção de ser montado.

Tirou o chapéu e se examinou brevemente na úmida terra de Montana que cobria metade de suas roupas e ergueu a vista para ela.

— Senhora Ross, não deveria estar na cozinha preparando o jantar? — Ele não gritou. Na verdade, falou com um tom tranquilo e coloquial que só alcançou a ela. Nem mesmo

parecia aborrecido, mas ela sabia melhor. Seu aborrecimento estava refletido em seus olhos. — Bem, sim, eu...

— Os homens querem jantar logo.

Diante de sua rejeição, Libby juntou seus lábios em uma linha apertada. Inclinou a cabeça e voltou para a casa. Quando olhou para trás, viu que ele a olhava, como a égua o tinha olhado antes. Obviamente ela se preocupara por sua segurança em troca de nada.

Talvez a égua tivesse feito o certo, depois de tudo. Uma vez mais, ela invejava aquele animal.

• • •

Uma hora mais tarde, Libby terminou de prensar as beiradas das tortas, e se sentou para descascar as batatas para o jantar.

Olhando a bandagem em sua mão outra vez, seus pensamentos voltaram a Tyler. Ele era tão diferente de Wesley. Senhor, não podia acreditar que até tinha considerado os dois homens no mesmo pensamento.

Wesley, ainda que tivessem quase a mesma idade, parecia muito mais jovem que Tyler. Comparando-os, pensou que deveria ter tido uma vida muito mais fácil que a de Tyler. Os planos de seu rosto eram mais redondos e sua cor mais gentil. E nunca o ouvira usar o vocabulário grosseiro que Tyler usava todos os dias. Os outros amaldiçoavam também, mas não se pensassem que ela poderia ouvi-los. Tyler não se importava que o escutassem.

Se alguma vez dependesse de novo de um homem, uma

perspectiva que achava pouco provável, se inclinaria mais a confiar em Tyler Hollins que em Wesley Brandauer. As palavras sérias, melosas de Wesley, tinha descoberto, não eram mais que mentiras, dolorosas e escuras mentiras. Sua confissão de amor, sua promessa de permanecer junto a ela, tudo aquilo se evaporara tão rápido como a névoa na manhã ao longo de um arroio de verão. E com ele tinha ido muito da esperança que levava em seu coração desde sua infância de órfã.

Libby suspirou. Esforçara-se para tirar Wesley de seus pensamentos, mesmo quando tinha sido enterrada pela neve na cabana de Ben, e pensar em Wes era preferível à realidade, ou que a sua situação. Desterrara-o de seu coração, mas nem sempre tinha conseguido tirá-lo de sua memória. E agora, humilhação e Wesley estavam sempre relacionados.

Naquele instante, percebeu uma vibração no solo debaixo dela. Levantou a cabeça para escutar, mas não tinha nenhum som, na verdade. Não no início.

Começou sutilmente, logo aumentou a um estrondo que fez os vidros das janelas vibrarem. Flutuando por cima daquele som se escutava gritos que se faziam mais fortes e logo mais fracos, logo mais fortes outra vez, como se o vento o levasse daqui para lá. O que seria aquilo? Perguntou-se inquieta. Parecia um terremoto.

A comoção a atraiu para a janela para investigar. Viu Tyler Hollins sair até o terraço, como se estivesse se afastando do caminho de um trem em movimento. Mudou o peso de um quadril e cruzou os braços sobre seu peito. Olhando para o caminho, sorriu. Seu cachorro, Sam, ia e vinha, latindo como

um louco.

Descansando os dedos sobre o beiral da janela, Libby se inclinou para frente para olhar na mesma direção. Foi então que viu dois cavaleiros que reconheceu como Charlie Ryerson e Joe Channing galopando em frente da casa para o curral. Ambos uivavam desde a parte superior de seus pulmões. O chapéu de Charlie saltava na parte posterior de seus ombros, firme somente por seus cordões, e Joe fez um gesto com o rolo de corda junto a ele. Atrás deles vinha uns vinte cavalos de diferentes cores e raças. Uma quantia imensa de caudas longas voando passaram além do terraço em esbeltas patas equinas. O trovão criado pelos cascos dos cavalos quase sufocava as vozes dos homens que os seguiam, com muito alarido, também. A força e a beleza selvagem do espetáculo fizeram com que a pele de Libby se eriçasse ao longo de todo seu couro cabeludo, e respirou profundamente. Nunca tinha visto nada igual.

Os homens levaram os cavalos até o curral, onde Noah e outro homem esperavam para fechar as portas. Os animais rodavam inquietos dentro, resfolegando e relinchando, com as cabeças erguidas para o alto sobre pescoços longos e graciosos.

Joe trotou para Tyler, com o barro se aglomerando em seu próprio cavalo. Libby viu seu amplo sorriso debaixo do bigode, e o estrondo de sua voz lhe chegou através da porta aberta.

— Estava em meu caminho de retorno de Heavenly quando me uni a estes rapazes. Não podia deixar que eles tivessem toda a diversão.

Tyler olhou para seu capataz e protegeu seus olhos contra o sol da tarde. — Penso que não encontrou nenhum cavalo com

nossa marca na cordilheira do norte.

Joe passou uma perna por cima de sua sela. — Nenhum que estivesse vivo, Tyler. Mas mais perto, no território da Estrela Polar, se encontraram com alguns rapazes que pertenciam ao One Pine, e lhes contaram a mesma história. É assim em todas as partes.

— One Pine. Deus, Joe. Realmente não acreditam que temos parte de seu gado, certo? — O espanto coloriu a voz de Tyler.

Joe encolheu os ombros. — Bem, Lat Egan está desesperado, Ty. Enviou seus homens em uma selvagem perseguição para que procurassem sua marca ao longo de mais da metade do território, pensando que pelo menos, algumas cabeças deveriam estar ainda vivas. Está pagando a sua equipe ainda, mas Kansas Bob disse que estão prontos para abandonar tudo. O homem perdeu quase tudo, e pior ainda, seus rapazes pensam que perdeu a razão completamente.

Com as costas viradas para ela, Libby não podia ver a cara de Tyler, mas o ouviu suspirar, e o viu encolher os ombros, como se um calafrio o tivesse percorrido por dentro. — Jesus, será que nunca irá deixar de olhar para trás?

— É pouco provável, Ty. Já se passaram mais de cinco anos. — Joe disse.

Justo naquele momento Rory chegou correndo. — Joe! Você e Charlie trouxeram todos estes cavalos?

— Claro que sim, Rory. Charlie e Kansas Bob e o resto se sentiam muito deprimidos pelo gado morto até que viram estes cavalos. Encontrei-os a alguns quilômetros de Heavenly, e os

trouxemos até aqui. — Sorriu de novo. — É uma maravilha voltar a correr selvagemente com animais sadios pela relva.

— Oh, maldição, Joe. — disse Rory. — Deveria ter ido com Charlie e Kansas Bob! — Seu rosto jovem tinha uma expressão de impaciência e decepção, e raspou as tabuas do terraço com sua bota. — Tudo o que estive fazendo foi puxar as novilhas relutantes para que saíssem do barro. Vai me deixar ir ao caminho desta vez, ou vou ter que ficar em casa de novo?

— Tem que falar com o chefe acerca disso, Rory. — disse Joe, apontando com a ponta de sua rédea para Tyler. — Ele é quem tem a última palavra por aqui. Já sabe.

Rory olhou para Tyler na expectativa.

Tyler deu ao menino um soco no braço com seu punho enluvado. — Então quer ir a Miles City conosco, é? Comer poeira, se ensopar sob a chuva e estar acordado com a manada toda a noite?

Rory assentiu com tanto vigor, que Libby, olhando através do vidro, pensou que ia terminar com uma dor de cabeça. — Oh, sim senhor, quero!

Tyler apoiou o queixo na mão e parecia estar considerando seriamente o assunto. — Vai ter que montar na diligência com os Coopers, já sabe, na parte traseira de oitocentos ou novecentos bois. Charlie e Kansas Bob conduzirão, e Joe e eu iremos pela frente deles.

Os olhos de Rory brilhavam com espanto, como se lhe estivessem oferecendo um grande giro pela Europa. — Sim. — sussurrou.

Tyler se pôs a rir e passou um braço ao redor da parte

posterior do pescoço do jovem. Seu afeto genuíno por Rory era obvio para Libby, tão real, pensou, como se fosse seu próprio filho. Então se preocupava por alguém. Notou em seus olhos quando se virou e o ouviu em sua voz. E por um momento sentiu uma pontada de inveja pelo sentimento de associação que toda aquelas pessoas tinham, para a terra, e para os outros.

— Certo, pode vir conosco. — disse. — Mas penso que quando voltarmos, estará se perguntando porque tinha tanta ilusão para ir.

Rory deixou escapar um grito similar ao ruído que Joe e Charlie tinham feito enquanto cavalgavam. Seu rosto se transformou em um grande sorriso. — Espere até eu contar ao Charlie! — Exclamou.

— Conte o que, Insolente? — O cowboy se aproximou do grupo, tão cansado e coberto de barro, como Libby nunca vira ninguém. Sua única mão estava escondida no interior de seu impermeável, recordando a Libby uma imagem que uma vez tinha visto de Napoleão.

— Tyler disse que posso ir a Miles City com a manada! — Apesar de estar tentando recuperar uma indiferença negligente, Libby quase podia sentir sua emoção através do vidro da janela.

Charlie riu. — Bom, creio que todo homem tem direito a viver isso antes de querer encontrar um trabalho corrente.

— O que lhe acontece, Charlie? — Interrompeu Tyler, fazendo um gesto para sua mão escondida. — Dói seu estômago ou algo assim?

— Não, senhor, nada que uma xícara de café quente não possa curar. — disse Charlie, e olhou para suas botas como se estivesse envergonhado.

— Vai atrás desse café e depois leve Rory ao curral para que escolha alguns cavalos para a viagem. — Tyler deu a Rory outro sorriso.

— Vai dar uma olhada, Insolente. — disse Charlie. — Eu o verei lá em um minuto.

Rory, deixando sua indiferença definitivamente, gritou outra vez e saltou do terraço. Decolou em direção ao curral.

Libby se afastou da janela e viu quando Charlie se virava e aparecia na porta da cozinha, onde hesitou por um instante. Tirou o chapéu, mas sua outra mão ainda estava dentro de seu impermeável.

— Boa tarde, senhorita Libby, senhora.

— Olá, Charlie. — respondeu ela, e se dirigiu à estante dos pratos para pegar uma xícara azul de esmalte. — Parece que deseja um pouco de café quente.

Deu só um passo para frente, como se fosse um simples estranho em sua própria casa. Cheirava como um cavalo, chuva, e trabalho duro. — Bem, sim, senhora.

— Tinha razão, chegou bem a tempo para o jantar. — disse ela, tentando entabular conversa. Porquê Charlie Ryerson que, até agora, lhe mostrara sua confiança e valentia encantadora, estaria agindo como um escolar de doze anos?

Sorriu timidamente. — Os rapazes e eu não podíamos esperar voltar à Estrela Polar e comer uma comida decente. Na verdade, enquanto estávamos na cordilheira norte, vi algo que

pensei que, bem, eram bonitas e, aqui tem.

Abriu seu impermeável e tirou um pequeno ramo de flores silvestres de cor púrpura pálida. Estavam amassadas e um pouco murchas da viagem, mas naquele lugar e momento no tempo, Libby pensou que eram as flores mais lindas que já vira. Ele fez uma vã tentativa de endireitar alguns dos talos quebrados, mas se rendeu e lhe estendeu o ramo.

— Oh, Charlie, — disse ela, e sorriu para sua cara corada. — não sabia que as flores já estavam saindo. Muito obrigada.

Ele começou a se afastar. — Bem, senhora eu, na verdade, queríamos que soubesse que estamos muito contentes de que esteja aqui. Pode ser um pouco difícil para uma mulher viver aqui às vezes. — Afastou-se até a porta, e seu rosto ficou mais vermelho ainda. Colocou seu chapéu e correu através da porta.

Observou-o trotando através do pátio até o curral, depois se virou para colocar o recipiente das batatas no escorredor.

O gesto de Charlie tinha chegado ao coração de Libby, e enquanto bombeava água em um vaso para suas flores, não deixou de sorrir. Se seu chefe fosse tão amável...

Viu seu dedo vendado de branco, e recordou o cálido toque de Tyler na noite anterior. Bem, na verdade, poderia ser amável quando queria. Mas era tão atormentado e imprevisível como o inverno em Great Lakes.

Libby colocou as flores na mesa de trabalho, onde poderia olhá-las de vez em quando, e voltou à sua tarefa com as batatas. No exterior, ouviu a discussão entre Tyler e Joe.

No terraço, Tyler olhava para seu capataz. — Como foi tudo em Heavenly?

— Foi como lhe disse antes, Ty. Não tem ninguém por ali que seja bom para este trabalho. — Assentiu com a cabeça para a cozinha.

Frustração, e alguma outra emoção que Tyler não queria analisar, se apoderaram dele. — Maldição, Joe, não pode ser tão difícil encontrar um cozinheiro para um grupo de cowboys. Como o fizemos antes?

Joe se inclinou de sua sela de montar e se dirigiu diretamente a ele. — Antes, as equipes não estavam renunciando ao seu trabalho e partindo. Digo-lhe, Ty, o Grande Projeto Inacabado acabou com inúmeros ranchos. Quando não há um lugar para trabalhar, não há trabalho. — Sentou-se de novo. — Não é preciso que lhe diga. Já sabe.

Frustrado, Tyler afundou suas mãos em seus bolsos traseiros. Sim, sabia, mas a resposta de Joe não o satisfazia. Joe não se sentara junto a Libby Ross na noite anterior, vendando sua mão e inalando aquela fragrância doce, tentando ignorar a curva de seus seios sob a blusa. Não fora Joe que tinha aparecido no quarto da mulher enquanto ela dormia, nem tinha visto seus cabelos estendidos sobre o travesseiro, ou não tivera aquela noção tão idiota acerca dos anjos. Joe não tinha caído de seu cavalo, algo que nunca acontecera a Tyler, em frente de sua maldita equipe, só porque a mulher o distraíra. Deu um pontapé a um dos postes do terraço, e tomou uma decisão.

— Está bem, Joe. Eu me ocuparei disso quando for à cidade esta noite. — Virou sobre seus calcanhares e se afastou.

Atrás dele, ouviu Joe chamando-o. — Tyler, pense no que

está fazendo. — advertiu. — Já temos cozinheiro, e um muito bom com o qual os homens estão felizes. Estamos comendo como reis, porque ela está aqui, e me disse que estaria disposta a ir para Miles City conosco. Não vá estragar as coisas ou mudá-las sem uma boa razão.

Tyler parou em seco e se virou. — Terei perdido a cabeça completamente antes de levar uma mulher na unidade do caminho. E tenho a melhor razão do mundo, Joe. Igual à que acaba de dizer a Rory, eu sou o chefe.

Na cozinha, Libby Ross terminou de pelar a última batata, e limpou as mãos no avental. Estendeu uma delas e acariciou uma das pétalas do ramo que Charlie lhe trouxera enquanto considerava o que iria fazer a seguir. Depois que pusesse as batatas na estufa, provavelmente teria tempo suficiente para fazer a bagagem enquanto fervessem. Suspirando, se afastou da mesa, e levou as batatas até a panela, e se virou para subir ao seu quarto.

Capítulo 6

— Ty, querido, estou a ponto de me render. — Callie disse divertidamente. Uma única vela ardia sobre a mesinha de noite dando-lhe um brilho artificial mas bonito. — Se alguma vez sair por aí dizendo que não consegui satisfazer o meu cavalheiro regular favorito, estarei fora do negócio certamente. — Ela virou uma ponta do lençol de linho sobre os quadris nus dele e pegou um envoltório para ela tão minúsculo e transparente que parecia quase inútil.

Tyler sentiu um rubor que se arrastou até seu pescoço. Em toda sua vida, aquilo nunca lhe acontecera. — Não se preocupe, Callie. Não vou sair por aí contando isto. — murmurou.

Ela lhe deu um sorriso secreto e sem fazer nada mais, começou a brincar com um cacho acobreado que descansava sobre sua clavícula. — Eu sei. Não é o tipo de homem que fala sobre as imperfeições de uma dama. Já que sempre me fez pensar sobre você como um garanhão insaciável, esta não deve ser minha noite.

Tyler considerou a mulher maquilada, nua de joelhos ao seu lado no colchão, e não pode evitar lhe devolver o sorriso. Ela sabia exatamente o que dizer para acalmar um ego

masculino, inclusive quando parecia praticado e um pouco exagerado.

Suspeitava que nenhum dos clientes de Callie se sentiria incômodo em seu boudoir, como ela gostava de chamá-lo. Era uma curiosidade de luxo naquela dura cidade da fronteira. Envolvida em veludo azul e com rendas de cor creme, era o quarto mais elegante de todo Heavenly e em quilômetros ao redor. Nada acerca da simplicidade do saloon da planta baixa insinuava a suntuosidade naquele extremo da segunda planta, e poucos homens eram convidados a visitá-la. E, a menos que ocorresse uma luta na Ursa Maior, o único som que fluía acima era o do piano.

Para uma mulher que ganhava a vida com seu corpo, e Tyler sabia que deveria ser difícil, parecia muito bem cuidada, se um homem não a analisasse muito estritamente.

— Não tem nada a ver com você. — disse, pondo um braço sob sua cabeça. — Estou tendo muitas coisas em minha mente ultimamente. — Essa era a verdade. Entre tentar avaliar os danos do inverno e fazer frente a questão de Lib, a cozinheira, só conciliar o sono se convertera em um desafio. A mulher tinha invadido seus pensamentos continuamente desde que pusera seus olhos sobre ela, e cada minuto que passava com ela depois daquilo só tinha piorado as coisas. Via a suave curva de seu rosto, sua pequena cintura. Porquê demônios estava pensando nela ali na cama de uma senhora, o deixava desconcertado. Não tinha nada em Callie que pudesse se confundir com um anjo. Anjos! Riu de si mesmo. O que seria o próximo? Duendes e pós mágicos?

— Não é por isso que vem me ver todos os sábados à noite? — Callie perguntou, inclinando-se para ronronar em seu ouvido e lhe dar uma visão mais próxima de seus seios protuberantes e nus. — Para que possa fazer você se esquecer de todos seus problemas, e descarregar sua...mente?

— É por isso exatamente que estou aqui, Callie. — respondeu ele, com a esperança de recuperar sua dignidade naquela situação.

— E vai viajar de novo em alguns dias?

Levantou a mão e a puxou para ele para que se apoiasse contra seu corpo. — Sim, estarei fora durante duas ou três semanas na unidade do caminho. Mas ainda temos esta noite.

— Humm, então será melhor que desfrute disto enquanto possa. — Disse, e moveu seus quadris contra ele. Tyler passou seu braço por cima dela enquanto ela deslizava a mão sob os lençóis e o atendia com suprema habilidade profissional. Seu forte perfume de gardênia se estendia sobre eles como uma manta. Era quase sufocante em comparação com o olor leve, de flores e baunilha...

No interior de suas pálpebras fechadas derivava uma imagem confusa de uma mulher de longos cabelos cor de mel e grandes olhos cinzas. Ela mordeu o lóbulo de sua orelha, rápido e bruscamente, mas o suficiente para fazê-lo virar a cabeça e tentar cobrir-lhe os lábios com os seus. Callie imediatamente se afastou e se sentou, segurando sua inútil envoltura transparente ao redor de si mesma em uma rara amostra de modéstia.

— Agora, Ty, já sabe a regra. Vou lhe dar prazer como

quiser, com exceção de beijos. Não permito beijos. Esqueceu-se?

Ele a olhou e suspirou. — Não, não me esqueci. — Ele a considerou em silencio por um instante mais. Por último, estendeu o braço. — Simplesmente deite-se e durma aqui comigo, então.

Suas sobrancelhas delicadamente cuidadas se ergueram. — Isso é tudo o que quer? O que há de...

— Isso é tudo o que quero, Callie.

Pensou que ela parecia quase decepcionada. Então ela sorriu com aquele sorriso ladino, apagou a luz e fez o que ele pediu. Se aconchegou contra ele, apoiando a cabeça em seu ombro.

Tyler ficou olhando para o teto durante muito tempo depois daquele piano do piso de baixo ficar em silencio.

• • •

Na manhã seguinte, Tyler tirou seu cavalo do estábulo e se dirigiu de novo para a Estrela Polar, cansado e frustrado em mais de um sentido. Tentando encontrar um novo cozinheiro, falara com cada homem sóbrio que via em Heavenly e que conseguia arrastar um pé atrás do outro. Não tinha ninguém interessado. Qualquer deles já estava trabalhando para uma das manadas sobreviventes, se dirigia a outro lugar, ou não sabia absolutamente nada sobre cozinha. Tão desesperado como Tyler estava por substituir Libby Ross, ele sabia que não poderia levar alguém a casa que fosse tão ruim ou pior que seu cozinheiro anterior. Seus homens não iriam tolerar, e ele

também não estava pessoalmente interessado em comer mal.

À medida que se deslizava pela relva e sabia aquilo, Tyler lutava com seu problema. O que iria fazer agora? O gado precisava chegar em Miles City em quatro semanas. Aquele fora o trato que fizera com os compradores. Mas não poderia levar uma mulher na unidade do caminho. As mulheres não resolviam as dificuldades do caminho. Eram delicadas e se feriam facilmente. Teve que pensar duas vezes antes de aceitar que Rory fosse. E ele era um menino forte de quinze anos, acostumado a trabalhar longas horas, e em qualquer tipo de clima.

Não poderia permitir que Libby Ross fosse com eles. Ou sim? Tyler ponderou suas alternativas, e todas continuavam chegando em torno da mesma verdade. Não tinha alternativa, não tinha opções. Para cumprir com o programa que ele aceitara, e para alimentar os homens da unidade, deveria levá-la com ele. Joe lhe dissera que estava disposta a ir...

Virou seu cavalo e salpicou através de um profundo charco de barro para cortar caminho através do campo atrás da casa do rancho. De sua visão do fundo do vale, viu um rastro de fumaça que saía da chaminé da cozinha. A imagem de Libby Ross se levantou em sua mente uma vez mais, de sua pequena estatura, de aspecto frágil, forma e seios suavemente curvados, até aqueles grandes olhos cinzas, onde uma tristeza sem nome se escondia.

Maldição, e subia aos confins do inferno, não é assim? Pensou para si mesmo com mais um pouco de ironia. Parecia que pensar em Libby Ross já não fosse também uma opção.

• • •

— Então, está pronto para sua primeira unidade pelo caminho, Insolente? — Charlie enfiou sua colher dentro da xícara de açúcar em frente a ele enquanto Libby voltava a encher sua xícara de café. — Estar ali fora, levando carros e velhos animais e seguir assim durante noites sem dormir?

— Sim, estou. — Rory disse, sorrindo. — Não consigo esperar.

A equipe estava reunida no jantar do domingo. Libby estava acostumada a cozinhar jantares melhores nos domingos, e naquele se decidira por carne assada. E como ela esperava que aquela fosse uma das últimas comidas que serviria no rancho, queria fazer algo especial.

Várias vezes durante a noite se surpreendera tentando escutar o retorno de Tyler Hollins. Seria que jantar na cidade também significasse passar a noite lá? Verdade que não lhe importava como passava o tempo, pensava empertigada, nem com quem. Mas depois de ter escutado a conversa entre Tyler e Joe, não conseguia dormir muito. Certamente ia dispensá-la, lhe pagaria pelo tempo que tinha trabalhado para eles. E aquela pequena quantia, junto com seus próprios dólares, poderia ser suficiente para comprar o bilhete da diligência.

Finalmente, a curiosidade a venceu e se pôs nas pontas dos pés no corredor para ver se a porta de Tyler estava fechada. Mas quando olhou, viu que estava aberta, e a pálida luz da lua que entrava pela sala refletia uma cama vazia.

Charlie negou com a cabeça e se pôs a rir enquanto jogava três colheradas de açúcar em seu café. — Tem muita pressa

para sufocar ou ser preso por um raio, — brincou — ou talvez o que deseja é ir a Miles City e ver que cidade grande se esconde lá, Insolente.

Libby teve que conter sua própria risada porque suspeitava que Charlie não pretendia ser engraçado com seu último comentário. Tinha visto Miles City no outono passado quando chegara a Montana. A pequena diferença entre ela e Heavenly era que tinha alguns blocos mais de edifícios altos e estranhos, uma lavanderia chinesa de verdade, um fotógrafo, e uma padaria. Mas para os homens jovens que passavam seus dias nas pradarias e no grande silencio aberto do país, Miles City poderia parecer um lugar interessante.

— Rory, por que o chamam de Insolente, a toda hora? — Perguntou ela, enquanto deixava uma torta de especiarias em cada uma das duas mesas. — Até agora, não escutei você sendo insolente com alguém.

— Bem, na verdade não tem nada a ver com isso, senhorita Libby. — Rory respondeu cautelosamente. Sua expressão fez Libby pensar que involuntariamente tinha dado com um assunto delicado.

Uma risada em voz baixa percorreu todos os homens. Joe, que estava sentado no lugar mais próximo à parede, se virou de lado no banco e se jogou para trás. Pondo um cotovelo sobre a mesa, tocou o bigode com o dedo. Um sorriso malicioso fez brilhar seus olhos escuros. — Charlie, talvez devesse dizer a senhorita Libby como Rory conseguiu esse apelido. Foi você quem lhe deu.

Charlie abaixou a cabeça, mas Libby podia ver que se

ruborizava com a mesma energia como fizera quando lhe deu aquelas flores silvestres. — Ah, não seja assim, Joe. Não é uma história adequada para uma dama.

— Não pode ser tão ruim. — Libby disse, despertando sua curiosidade.

— Adiante, Charlie, — insistiu Kansas Bob, com um sorriso — não creio que a senhorita Libby se ofenda. Claro que não pensará muito de você depois de ouvir.

Com o cenho franzido, Charlie se virou para Noah que estava sentado atrás dele. — Você estava lá também, Noah. Por que não fala?

— Não, senhor, eu não. — disse o cowboy resistindo e negando com a cabeça e afundando sua faca na torta. — Só posso dizer que me alegro de que o senhor Hollins nunca soube.

Libby começou a rir também. — Vamos, como Rory obteve seu apelido? Que alguém me diga, por favor?

— Eu o farei. — disse uma voz por trás dela, e Libby viu Charlie fazer um gesto de dor antes de voltar sua atenção ao prato. Todo o murmúrio na sala parou e os homens voltaram a ficar de repente interessados em suas comidas.

Joe sorriu, e sua risada retumbou do mais profundo de seu peito. — Parece que estamos em uma boa confusão, cowboy. — Charlie disse.

Libby se virou para encontrar Tyler Hollins de pé na porta aberta. Quando entrou, a atmosfera da cozinha mudou. Para Libby, a troca proveio de alguma coisa mais, além de seu modo autocrático. Trouxe consigo uma carga física, e o cheiro dos

cavalos, couro e feno que, por razões que não conseguia definir, parecia diferente nele que em qualquer dos outros homens presentes. Levava uma escopeta, ou talvez fosse um rifle, que apoiou contra a parede do fundo. Libby não estava muito familiarizada com as armas de fogo, e não poderia dizer o que era exatamente.

— Um dia, dois verões atrás, Charlie, Noah, e Rory foram a Heavenly. — Tirou o chapéu e as luvas, pegou uma xícara limpa da mesa e foi à cozinha para enchê-la. — Supunha-se que iam pegar o correio e um pouco de corda na loja de Nort e voltar aqui. Mas Charlie se encanta com as mulheres. E ele e Noah sentiram como o desejo se despertava para irem visitar as meninas que trabalhavam no saloon de Callie.

Libby afastou os olhos, recordando a imagem da mulher vestida de tafetá violeta e do perfume de gardênia.

Tyler derramou um pouco de creme em sua xícara, e continuou. — Claro que perceberam que não podiam levar Rory lá. Assim o fizeram jurar que guardaria o segredo, o deixaram no bar e pagaram a Eli, a camareira, o dinheiro suficiente para que desse a Rory tanta salsaparrilha quanto pudesse beber. E foi muito. Desde então, Rory foi Insolente. Pelo menos, para Charlie. — Tomou um gole de café e deu uma primeira olhada a Rory, que escaneava as outras caras ao redor da mesa como um coelho encurralado, e depois a Charlie, que parecia como se desejasse estar morto ou em qualquer outro lugar. — Naquele momento, me disseram que o cavalo de Noah tinha perdido uma ferradura, e que por isso voltaram tão tarde. Penso que vocês, rapazes, não pensavam que eu soubesse isto.

Sua voz parecia rouca, mas apesar do cenho franzido, em sua voz, Libby acreditou ouvir uma faísca de diversão relutante em seus olhos. Uma vez mais lhe chamava a atenção o fato de que realmente parecia se preocupar genuinamente por Rory.

— Eu não lhe contei! — Rory murmurou freneticamente para Charlie. — Não fui eu!

— Não, não. — Tyler interrompeu e se apoiou na beirada da mesa de trabalho. — foi Eli quem me disse. Disse que era a maior quantia de salsaparrilha que já tinha vendido em uma tarde.

Libby então se sentiu culpada. Desejou não ter pressionado para saber o que se escondia atrás daquele segredo. Sua divulgação só tinha feito com que todos se sentissem desconfortáveis, até mesmo ela. Tyler se virou para ela e se encontrou sendo objeto de estudo por aqueles olhos azuis de novo.

— Senhora Ross, gostaria de falar um momento com você, se não se importar.

As entranhas de Libby se retorceram ao ouvir aquela voz familiar do comandante em chefe. Bom, aquele seria o final, estava certa. Ia lhe dizer que tinha encontrado alguém para ocupar seu lugar. Pelo menos ela ficaria por cima dele desta vez. Já tinha feito sua bagagem e estava pronta para partir.

Como se sentissem o desastre que se aproximava, todos na sala descobriram que tinham alguma coisa para atender. Naquele preciso instante, o som dos bancos raspando as pranchas foi seguido pelo soar das esporas e uma desordem de comentários.

— O carril superior no curral precisa de um arranjo...

— Creio que o alazão está ficando ruim...

— Quero dar outra olhada ao telhado da lenheira...

Restos de comida e pedaços de torta de especiarias só com uma mordida ou duas, foram abandonadas nas mesas enquanto os homens se apressavam a sair pela porta no sol da tarde. Charlie se virou e deu uma olhada de desculpa a Libby, então correu para fora.

Antes que Joe se fosse, deu uma olhada escrutinadora a Tyler que Libby percebeu, ele não correspondeu. Joe colocou seu chapéu e sacudiu a cabeça com evidente irritação, fechando a porta atrás dele.

Libby se virou para Tyler, e ergueu as sobrancelhas. — Sabe como esvaziar uma sala.

Sem dar importância ao seu comentário, se dirigiu à parede de trás e pegou a escopeta que deixara ali antes. Ele olhou seu dedo vendado. — Como está sua mão? — Perguntou.

— Um pouco melhor. — Ela respirou fundo e se armou de coragem para as más notícias, e depois olhou a arma de novo. — Se conseguir alguém para descer meu baú, estarei pronta para partir em dez minutos. Não tem que me dar um tiro. — brincou secamente, cobrindo seu medo com um verniz de gênio.

Virou-se e a olhou fixamente. — Partir?

— Bem, sim. Não é isso o que quer me dizer, senhor Hollins? Que encontrou um cozinheiro em Heavenly que ocupe meu lugar? — Ela deu um olhada a sua volta, como se um condutor pudesse estar de pé ali. — E que devo juntar todas

minhas coisas porque um dos homens está esperando para me levar para a cidade?

— Não, eu não ia dizer isso. — Libby o viu apertar o canhão da escopeta. — Para dizer a verdade, queria dizer-lhe que sairemos para Miles City em três dias. Se houver alguma coisa que você precise conseguir antes disso, será melhor que o faça logo. Farei com que dois de meus homens tirem o vagão do celeiro e joguem os ratos fora dele.

Ela sabia que seu espanto devia estar refletido em seu rosto. Depois do que tinha dito no dia anterior, depois da forma em que a tinha tratado desde o dia que se conheceram...

Alguma coisa vital se agitava em sua alma, algo que adormecera nela durante sua infância solitária no orfanato, e todos os anos de intimidação gentil e desafiante por parte de Eliza Brandauer. Era o desejo de algo que nunca pensava que deveria ter consigo mesma, consideração. Aquele desejo acabava de se despertar agora e a fez falar.

— Miles City! Acredito que amaldiçoou ontem, e amargamente, também, que não me levaria a Miles City. E disse também algo sobre o inferno...

Pela segunda vez em dois dias, Tyler, que não enrubescia há uns quinze anos, sentiu que sua cara começava a arder. Maldição, aquela mulher o tinha bem amarrado. Ele a olhou, pequena, de costas retas e digna, de pé em frente a ele. Seus suaves cabelos estavam presos com um laço negro e pendurava em uma longa cauda quase até sua cintura. — Penso que não deveria ter escutado aquilo. — murmurou, rompendo o contato com seus olhos.

— Teria sido difícil não ouvi-lo já que a porta estava aberta. — disse ela, cruzando seus braços sobre o peito. — E você e Joe não se preocuparam em abaixar suas vozes. Então, penso que não conseguiu encontrar alguém mais para fazer este trabalho, e eu sou sua última e única escolha.

Tyler se esquivou daquela declaração de fato. — Nós vamos a Miles City, senhora Ross. Todos na Estrela Polar têm um dever. Precisamos de alguém que cozinhe para nós, e isso é o que você faz para esta equipe. Não é um trabalho fácil, admito, e as horas são longas. Mas o pagamento é decente. — Com grande esforço, Tyler conseguiu evitar se inquietar.

Libby Ross o olhou diretamente aos olhos, com um olhar que poderia ter congelado o Rio Musselshell. — Desculpe, senhor Hollins, não vou com você.

— O que? — Estava desconcertado por completo.

Ela se ergueu tão alta que quando a parte superior de sua cabeça passou por cima do ombro dele, Tyler sentiu como se fosse olhá-lo para baixo em qualquer momento.

— Não tenho intenção de segui-lo até o meio do nada, com um monte de bois e cavalos e cowboys, só para que você mude de opinião a meu respeito outra vez. E talvez me deixe no povoado mais próximo ao qual chegarmos se você encontrar alguém que me substitua. Prefiro partir agora a correr esse risco em Heavenly. Vou encontrar um posto de trabalho de algum modo para que possa voltar a Chicago.

Ele resmungou sem dizer uma palavra antes de encontrar sua voz. — O que está dizendo é algo horrível. Disse-lhe que seria responsável por você enquanto trabalhasse para mim.

Seu nariz fez uma careta. — E você pode decidir por fim a isso quando lhe der vontade. Não é assim? — Ela parou como se esperasse uma resposta.

Ele lhe devolveu o olhar. Não podia acreditar naquela virada dos acontecimentos. Resistira à ideia de ter aquela mulher como distração em sua casa, com seus olhos cinzas e tristes e seu aroma de baunilha... E agora, quando por fim a aceitava, contrariado, era verdade, quando realmente precisava de sua ajuda, ela se negava!

— Bem, maldição, isto nos coloca em um aperto. Se for pelo dinheiro...

Ela balançou a cabeça e sorriu. Naquele instante, era inquietante o muito que aquele sorriso lhe recordava o de Callie. — como se ela soubesse algo que ele não sabia. — Não é pelo dinheiro, senhor Hollins. É uma questão de respeito. E tenho muito pouco do seu desde que cheguei aqui. É mais amável com seu cachorro.

Agora, Tyler arrastou seus pés um pouco e olhou pela janela. Como diabos se supunha que se defenderia contra aquilo? Talvez nem sempre tivesse tanto tato como deveria. Tinha passado muito tempo desde a última vez que tivera que lidar com alguma mulher além de Callie, e ela não tinha nenhuma expectativa particular dele. Além de estar a salvo.

Libby Ross, por sua parte, sempre o fazia pensar que a verdade absoluta estava à espreita no fundo de sua mente, uma dura lição que tinha aprendido fazia muito tempo, as sensibilidades ternas costumam ser feridas e os corações brandos costumam ser quebrados. Sabia que tinha feito alguns

sacrifícios nos últimos anos para deixar para trás aquelas emoções. Às vezes as sentia tão vivamente que optava por deixá-las na periferia, para assim se manter afastado dos demais.

Tyler não era consciente de que, exceto pelas saudações gerais dos homens, tinha silenciado todas as conversas quando entrou na cozinha. Só o aroma tinha sido suficiente para empurrá-lo até lá. O murmúrio da conversa que tinha ouvido, e a risada feminina, só puxou o mais forte dele. Tinha parado por um minuto, observando das sombras no terraço como Libby andava ao redor das mesas. Era claro e um pouco aborrecido para ele, que sem muito alvoroço ou aborrecimento, ela se encaixava facilmente na vida cotidiana da Estrela Polar. Sem muito alvoroço ou aborrecimento para ninguém mais que a ele, pensou. Agora se fixava naqueles olhos grandes cinzas fixos nele, meio esperançosos, meio cautelosos.

Se a cortesia a convencesse a ir com eles... estendeu-lhe uma mão em um gesto aberto. — Todos ficaríamos muito agradecidos se fosse junto a nós na unidade do caminho, senhora Ross. Os homens trabalharão muito duramente e sei que apreciarão ter você lá para que cozinhe para eles.

Rapidamente Libby se encontrou em uma posição de negociação. E era ela quem segurava as cartas. A fria, impassível máscara de Tyler tinha caído de novo, e mais por instinto que por qualquer conhecimento verdadeiro que ela pudesse ter sobre o funcionamento da mente de um homem, o seu coração percebeu a vantagem de sua posição.

— Senhor Hollins, somente irei a esta viagem sob duas

condições.

— Condições? — Ergueu as sobrancelhas e esperou que continuasse, mas a arma de canhão longo em suas mãos a fez parar por um instante.

— Não pertenço a Montana. Quando chegarmos a Miles City, quero cobrar meu salário para que possa subir ao trem e retornar a Illinois. Você deve ser capaz de encontrar alguém mais para que ocupe meu lugar lá.

O sol da tarde se reduzira o suficiente sob o céu para que brilhasse através da janela. Formava um halo sobre os cabelos castanho de Tyler e cortava um caminho brilhante em seu rosto enxuto. Era gracioso, ela não percebera antes que seus cílios eram quase loiros nas raízes, nem mesmo quando se sentara ao seu lado para tratar seu dedo.

— Está bem, senhora Ross, estou de acordo. Qual é a outra condição?

Ela respirou profundamente, sentindo como se estivesse a ponto de lhe pedir um favor muito pessoal. Era difícil que as palavras se elevassem por cima do seu sussurro. — Gostaria que me chamasse por Libby. Não senhora Ross.

Ele abaixou seus olhos, olhando para o chão, e ela pensou ter ouvido um suspiro. Olhou então, e se encontrou com seu olhar fixo. Manteve-o por um momento antes de responder.

— Está bem, Libby, penso então que será melhor que me chame Tyler.

• • •

— Desta vez, espere que me coloque atrás de você antes de

disparar. — Tyler ordenou. Ele correu da vala onde tinha estabelecido uma linha de latas e garrafas vazias. A corrente de seu relógio e a fivela de seu cinturão brilhavam no sol de primavera.

Libby estava no pátio lateral, com a escopeta em suas mãos inexperientes. Pelo rabo do olho podia ver alguns dos homens descansando na porta do estábulo, observando o procedimento com grande interesse. Uma vez que ela e Tyler chegaram a um acordo acerca da unidade de caminho, ele a fizera ir até ali para aprender a atirar. Parecia que estavam com aquilo durante horas. Em primeiro lugar a ensinara a carregar aquela temível arma, e a fizera repetir várias vezes, uma vez sem olhar. Depois passaram para as práticas de tiro. Mas apesar de todas suas tentativas e instruções, Libby não tinha melhorado nada. Perdia cada um de seus objetivos previstos, e voara com parte da grade superior. Para dizer a verdade, tinha medo das armas e não gostava da ideia de manipular uma.

— Realmente não acredito que vá melhorar tentando dis…

Tyler meteu a mão em seu bolso dianteiro e tirou duas balas. — Se for com a unidade, tem que aprender a disparar. Fora, na cordilheira, nunca se sabe quando vai ser necessário saber atirar.

— Maravilhoso. — ela murmurou em voz baixa, e se virou para carregar a escopeta. Não se arrependia de sua decisão de fazer aquela viagem a Miles City. Talvez não fosse a forma mais fácil de chegar até lá, mas funcionaria. Ainda que não tivesse percebido o que seria necessário.

— Agora aponte para uma daquelas coisas. — Tyler disse,

assinalando para as garrafas e latas.

Libby apontou.

— Para qual está olhando? — Perguntou. Ele não a estava tocando, mas podia senti-lo atrás dela, e suas palavras foram ditas ao ouvido.

— Para aquela lata de café Arbuckle no final. — Ela a apontou com a ponta da escopeta.

— Está bem, vá em frente.

Apertou o gatilho, a bala saiu para frente, e desta vez, golpeou a árvore ao final da vala. Alguns corvos, assustados por sua falta de pontaria, grasnaram irritados e se refugiaram no telhado da lenheira.

Por trás dela, Tyler suspirou.

— Oh, céus. — disse ela, olhando o ferimento patente no tronco da árvore. Olhou uma vez mais aos homens que a olhavam do celeiro, que estavam começando a fazer alguns comentários bem intencionados mas ruidosos. Se sentia muito desajeitada e incompetente.

Seguindo o caminho de seus olhos, Tyler olhou para o grupo até que começou a se romper. Com uma nota de impaciência evidente, disse: — Não é tão difícil.

Com uma velocidade alarmante e destreza, se colocou na frente dela, tirou o revólver do coldre em seu quadril, e fez em cacos duas das garrafas na barra superior. As explosões rápidas ressoaram no edifício anexo com um ruído agudo que fez Libby estremecer.

— Eu, eu na verdade, deveria estar preparando o jantar. — disse. Ela se afastou dele e deixou cair a arma pesada ao

chão.

Ele a examinou, e respirou fundo, como se estivesse contando até dez. Então, sua expressão se suavizou. — Está bem. Fica uma última bala. Só tem que acertar a maldita lata de café, e daremos por encerrado.

Libby apontou a lata com a escopeta.

— Está muito baixa. — ele criticou. — Vai acertar a vala de novo. — Desta vez sentiu a leve pressão de seu peito contra suas costas e a rodeou para por sua mão debaixo de onde ela segurava a longa empunhadura. No instante em que suas mãos se tocaram, Libby sentiu como seu coração dava um salto. Podia sentir o calor de seu corpo através de sua camisa e seu lenço. O aroma cálido do couro natural, e feno e alguns outros aromas, novos mas familiares, chegaram até ela, fazendo com que fosse quase impossível para ela se concentrar na lata.

A pressão atrás dela aumentou, e se viu obrigada a se inclinar um pouco para trás para manter o equilíbrio. Pelo menos aquilo, disse a si mesma, era a razão pela qual o fez. Ele apoiou sua mão na parte baixa das costas dela, e o tom de sua voz mudou sutilmente. — Hum, tente agora.

— Mas provavelmente vou falhar outra vez. — disse. Tyler tinha a garganta seca de repente, e ela se sentiu menos segura que nunca de sua pontaria.

— Não, não vai errar. — Sua boca estava justo ao lado de sua orelha, e suas palavras sussurrantes deram lugar a uma fraca intimidade. Ele apertou sua mão sobre a dela, apontando ao seu objetivo constante. — Não vou deixar que falhe. Não tenha medo, Libby. Adiante, agora aperte o gatilho.

Ela apertou a alavanca de metal debaixo de seu dedo, e a lata de café saiu voando da grade.

— Consegui! — Virou-se um pouco em seu meio abraço e lhe sorriu por cima do ombro, encantada com seu pequeno êxito. Ele riu entre dentes. Naquela curta distância, podia ver as mechas avermelhadas de sua barba, e quando deixou que seu olhar chegasse à altura de seus olhos, parou. Tinha confiança e controle intenso refletidos em suas profundidades azuis, mas também viu uma faísca de possessividade selvagem, poderosa e elementar.

De repente, estava tão assustada como estaria em qualquer outro momento desde que chegara a Montana. Mas aquele era um medo que não tinha nada a ver com o perigo de morrer congelada, ou enterrar um morto, ou o manuseio de uma arma de fogo. Aquilo implicava diretamente seu coração.

Da direção geral da granja chegaram aplausos e assovios. — Bom tiro, senhorita Libby!

Tyler soltou a mão de Libby e saltou para trás.

— Será melhor que volte para a cozinha. — Ele voltou de novo a falar do negócio, formal e remoto, e a calidez amistosa saiu de sua voz. — Imagino que todos estarão com fome logo. Continuaremos, você continuará praticando amanhã. — Pegou a escopeta dela, virou-se sobre seus calcanhares e se dirigiu para o estábulo.

Libby o olhou saindo, seguindo com seus olhos o amplo alcance de seus ombros e a forma com que seus cabelos tocavam a parte posterior de seu pescoço. Percebeu então, o perfume que tinha sentido nele antes.

Era o cheiro das gardênias.

• • •

Tyler entrou no celeiro, com a esperança de encontrar um propósito para tudo o que acabava de acontecer. Na verdade, estava tentando escapar de seu escuro interior. Escapar de um par de olhos cinzas e da fragrância de seus cabelos cor de mel. Ainda podia vê-la em sua mente, uma imagem incongruente, mas comum, de uma mulher no Oeste, com os laços de seu avental ondulando ao vento como as caudas de um cometa enquanto ela apontava com sua grande escopeta de calibre doze. Com os cabelos presos assim, podia ver sua suave nuca, e o lugar terno, suave, atrás de sua orelha...

Tyler balançou a cabeça com impaciência. De seu ponto de vista, a lição de tiro tinha ido muito bem, sempre e quando Libby falasse de seus objetivos. Tinha sido capaz de manter seu papel de tutor objetivo, de dar instruções e tentar melhorar sua técnica. Seu erro tinha sido escutar o desalento e a preocupação que se deslizou na voz dela. Aquele som tocou seu coração, e ele sabia que Libby não aprenderia se não tivesse a certeza de que o conseguiria. Por isso ficou de pé atrás dela para guiá-la. Mas no segundo em que apoiou seu peito contra o ombro dela, seu corpo respondeu bruscamente a sua quente suavidade.

A difícil situação que tinha experimentado na noite anterior com Callie estava imediatamente e inquestionavelmente esquecida. Sua excitação o fez se perguntar como seria plantar um beijo atrás da orelha de

Libby, e abraçá-la durante a noite. E quando percebeu que sua imaginação estava se apoderando dele, rompeu seu contato, como um homem prudente teria feito? Oh, não. Em troca, como um idiota, tinha envolvido a mão dela na sua, com o pretexto de ajudá-la a alcançar o objetivo.

Tyler se deixou cair em um fardo de feno com um pano, uma banqueta, e um tubo de graxa de sua pistola Winchester. Quando assumiu que ela ocasionaria problemas na Estrela Polar, aquele não era o tipo de problema que tinha antecipado.

— Assim, decidiu deixá-la ir com a unidade de caminho.

Tyler levantou a vista de sua tarefa de limpar a escopeta, e viu a silhueta de Joe na porta do celeiro.

Tyler encolheu os ombros, um pouco desconfortável. — Sim, bem…

— Creio que o inferno vai ter que esperar um pouco mais por você, então.

Voltou sua atenção ao calibre doze. Jesus, será que todo mundo iria lhe recordar aquela frase que tinha dito?

O capataz acabou de entrar. — Não é boa atirando, não é assim? — Sentou-se abaixo no fardo de feno junto a Tyler e cruzou o tornozelo sobre seu joelho. Apoiando-se na parede atrás dele, tateou o bolso de sua camisa procurando o material necessário e começou a enrolar um cigarro.

— Vai melhorar. — Tyler pegou o pano.

— Penso que não tem porquê ser outra Annie Oakley. — Joe se permitiu dizer. — Pelo menos por fim pode acertar no objetivo. Claro que teve um pouco de…ajuda. — Fechou a bolsa de tabaco, puxando o cordão com os dentes.

Tyler podia ouvir a risada na voz de Joe. Não queria falar de Libby Ross, mas conhecia Joe. Se Tyler se negasse a falar da mulher agora, ou somente tentasse desviar o assunto, teria que suportar uma brincadeira que nunca acabaria. Para um homem que tinha passado a maior parte de sua vida nas planícies abertas observando os cavalos, o gado, e o clima, Joe podia cravar os pensamentos de um homem muito a miúdo com uma habilidade surpreendente. Tinha aquele dom desde que Tyler o conhecera, quando eram apenas dois meninos, não muito maiores que Rory. Talvez por isso Tyler deixava que abusasse da sorte assim.

— Sim, penso que poderia melhorar sua pontaria se trabalhasse com ela todos os dias. — Joe acendeu um fósforo na sola de sua bota, e o canto escuro onde estavam sentados brilhou levemente com sua chama.

— Não tenho porque trabalhar com ela, — Tyler disse. Apontou os canhões longos para a luz da chama e olhou por eles. — Rory pode lhe ensinar. É tão bom com as armas de fogo como qualquer outra pessoa neste lugar. — Deus, não queria entrar em uma acolhedora situação com ela a cada maldito dia.

Joe exalou uma nuvem de fumaça. — Não. Não, Rory. Preciso dele no rancho, mas não posso pensar em alguém que possa dispensar nestes momentos.

Tyler olhou e ergueu as sobrancelhas cético. — Ninguém? O que acontece com Darby, ou um dos irmãos Cooper?

— Não. Parece que vai ter que ser você, Ty.

Desconfiando que tinha sido manipulado, Tyler franziu o cenho, mas se manteve em silencio.

— Não acredito que ela permaneça entre nós por muito tempo quando regressarmos, de qualquer forma. — Joe continuou com um ruído surdo que passava por uma risada. Tirou o chapéu e se abaixou na baia de feno para ficar mais cômodo.

— Isso é, a menos que Charlie lhe peça que se case com ele, e ela aceite. E não me surpreenderia se lhe propusesse.

Tyler franziu o cenho e empurrou a vareta pelo canhão da escopeta. — O que tem Charlie a ver com isto? Pensava que estava acostumado a ter mulheres atrás dele.

Joe balançou a cabeça como se estivessem falando de um homem com uma doença terminal. — O pior caso de disparo de Cupido que já vi. Vi alguns rapazes olhando-a com olhos de bezerro degolado, mas Charlie foi o mais afetado. É realmente doce com a viúva do velho Ben. Diz que é uma maldita vergonha e uma desgraça que uma mulher tão jovem tenha ficado sozinha no mundo sem ninguém que cuide dela.

Tyler tinha escutado alguns dos homens falando de Charlie e de seu entusiasmo pela cozinheira. O ressentimento se apoderou dele, ainda que não pudesse dizer porque, exatamente. Um cowboy com uma flechada não era nada incomum, especialmente ali, onde as mulheres eram praticamente inexistentes. Com uma mulher tão perto como na cozinha, sabia que algo assim iria acontecer.

— Ah, sim? Bom, será melhor que não a aborreça. Charlie poderá ser nossa mão superior, mas tem posto à prova a minha paciência mais de uma vez nos últimos anos.

Joe observou a roda da espora que pendurava perto de

seu joelho, e a fez girar. — Não sei, Ty. Uma mulher poderia se casar com alguém muito pior que Charlie, e ele sonha como se estivesse pronto para assentar a cabeça. Não tem muito, mas é fiel, e seria bom para uma mulher. — Lançou uma olhada de lado a Tyler.

Tyler se levantou e apoiou a escopeta em seu ombro, sua paciência no que dizia respeito a aquele assunto estava chegando ao fim. — Bom, será melhor que lhe diga que procure outra mulher em outro lugar. Libby Ross deixará a unidade quando chegarmos a Miles City. Ela quer regressar a Chicago, e eu vou lhe dar o dinheiro para que possa fazer isso.

Enquanto se afastava, ouviu Joe murmurar. — Charlie não será o único que vai se lamentar disso.

Capítulo 7

Sob um céu cinza piçarra, Libby se apoderou das rédeas de sua equipe de mulas, e se aconchegou mais profundamente no abrigo de montar de menino que Tyler tinha comprado para ela. Na verdade, ela insistiu em que só lhe adiantasse o custo do casaco e de um par de luvas novos. Tinha toda a intenção de tirá-lo de seu salário uma vez que chegassem a Miles City.

No outro extremo das rédeas, suas quatro mulas se moviam adentrando-se no frio amanhecer. Atrás dela se acumulavam quase um milhar de cabeças de gado, tal como Noah lhe dissera. Poderia ouvi-los gritar, e o chiado de seus cornos, se chocando, parecia como umas castanholas arrítmicas. Por cima daquilo se elevava o som dos cowboys gritando com a manada e gritando entre eles mesmos, e o relincho nervoso dos cavalos no carro à sua esquerda. No dia anterior pela tarde, Joe tinha trocado a tarefa de Rory de montar os cavalos pela de manejá-los. Apesar da posição do cowboy não ser uma promoção, Rory estava genuinamente orgulhoso de que lhe tivessem outorgado a função de chefe do caminho. Joe lhe disse que como capataz, Rory também seria responsável pela escavação dos poços de fogo, pegar lenha, e enganchar a equipe de mulas da senhorita Libby, assim, pelo

menos, ela teria alguma ajuda.

Tyler tinha viajado várias vezes, ao que parecia para comprovar os detalhes de última hora. Todos os homens eram ótimos cavaleiros, mas ele ficava especialmente bem a cavalo, e ela respirou fundo ao vê-lo. Magro de quadris e de ombros largos, era alto e se movia com uma graça natural. A baixa altura da névoa se misturava com o cenário a sua volta, e por isso era difícil distinguir uns cowboys dos outros. Mas ela conseguia diferenciar Tyler do resto do grupo sem nenhuma dificuldade. Deixou seu olhar vagar sobre ele de novo, detendo-se em todos os detalhes de seu rosto e sua silhueta, suas fortes mãos afundadas em suas luvas, seu perfil varonil e seu sorriso fácil e atraente. E ele sorria muito naquela manhã, como se as boas perspectivas depositadas no caminho estivessem de acordo com ele. Pela centésima vez, como pouco, se perguntou se teria tomado a decisão correta ao aceitar empreender aquela viagem. Era um meio para alcançar seu objetivo, mas o medo que sentira durante sua primeira aula de tiro tinha sido superior a ela.

Nos últimos três dias, sua aprendizagem sobre a sobrevivência na fronteira se intensificara e Libby caía na cama às noites muito cansada para sonhar.

Joe lhe dera uma exaustiva lição sobre a condução do vagão e a realização de uma fogueira. Tyler lhe fizera uma lista com as provisões que deveria checar duplamente e aquelas que poderia desejar. E ela suportara várias horas de prática de tiro com Tyler ao seu lado, emitindo instruções. Não tinha ganho um mínimo de confiança em ser capaz de disparar a escopeta,

e muito menos de acertar no objetivo, em caso de emergência. Mas pelo menos, ele a tratava com mais cortesia e respeito.

Depois daquela primeira lição, Tyler tinha mantido uma distância prudente entre eles na maior parte do tempo, mas em uma ou duas ocasiões tinha colocado sua mão no cotovelo ou no ombro dela.

Libby perdia o controle cada vez que ele a tocava, ainda que fosse estranho para ela porque aquelas eram as únicas vezes que conseguia acertar no alvo. E ainda que soubesse que não deveria fazê-lo, ansiava a comodidade de seu suave toque, e desejava que se repetisse sempre.

Então ela recordava o perfume revelador de gardênias em sua roupa naquela tarde que conseguira acertar no objetivo pela primeira vez, e o medo se apoderava dela outra vez, mais forte que nunca.

Tyler Hollins era seu empregador. Teria se esquecido do perigo que corria em se deixar sentir atraída pelo dono da casa? Além disso, ele tinha algum tipo de compromisso carnal com a bem sucedida madame de Heavenly.

Não, pensou Libby, sentando-se melhor no assento do carro. Aquilo seria o melhor. Quanto mais cedo partisse de Montana, mais depressa começaria uma nova vida. Sua viagem desventurada, sozinha, até ali para se casar com Ben tinha sido um falso começo. Não se afastara de seus problemas, simplesmente os trouxera com ela a um lugar novo. No entanto, a mesma esperança e determinação com a qual tinha chegado até ali, a levaria de volta. Agora seu baú estava cheio e escondido debaixo de seu assento. Dentro de um mês, estaria

em Chicago, onde pertencia.

Libby olhou para a casa do rancho, esperando no brumoso vale verde a que chegasse o dia em que aqueles homens retornassem à mesma. O baixo ângulo do sol do amanhecer dava à construção de troncos uma aparência familiar da qual ela não notara até aquele momento. Não sentia nenhum pesar em particular por não voltar a aquele lugar depois da viagem. Apesar de sua beleza natural, Montana nunca poderia ter sido seu lar. Estava quase certa daquilo.

— Muito bem, senhorita Libby. — Joe disse, enquanto cavalgava a trote. — Dê uma bofetada a aquelas mulas e vamos lá. — Ele pegou uma posição de liderança junto a Tyler na cabeça da caravana, ficou em pé sobre os estribos e assoviou aos homens atrás dele. Saudando com o chapéu por cima de sua cabeça, ergueu sua profunda voz. — Quando chegarmos a Miles City, a primeira rodada de cervejas corre por minha conta.

Libby deu uma última e longa olhada à casa do rancho. Depois deu um toque no lombo das mulas com as rédeas e o carro rodou para frente, adentrando-se no amanhecer.

• • •

— Conseguiu alguma água quente?

Libby reconheceu a voz, mas não se preocupou em olhar para cima. A névoa tinha desaparecido e o sol brilhava no céu de primavera, mas a pequena fogueira que Rory tinha preparado para ela, estava se apagando. Aproximou-se ao crepitante e fumacento fogo, sentindo-se já atormentada e

esgotada, e era somente meio dia.

Com um pouco de esforço conseguiu levantar um forno holandês. Colocou a água e os feijões na estante suspensa sobre o fogo. Os grãos provavelmente não estariam prontos até o dia seguinte pela manhã. Percebeu que teria de cozinhar somente durante o curto tempo que paravam para o almoço. Então deveria tirar a cafeteira de ferro, e colocá-la sobre o fogo para cozinhar a fogo lento de novo em sua próxima parada. Se ela tinha pensado que a Estrela Polar era primitiva, cozinhar na parte traseira de uma camioneta era o cúmulo.

— Água quente para que? — Murmurou. — Tarde de chá e bolos?

Não queria ser brusca, mas Tyler parecia muito vivaz para satisfazê-la. E por que não teria de fazê-lo? O que tinha feito além de montar em frente dela para explorar aquele lugar de passagem e galopar junto às vacas mugindo enquanto agitava um rolo de corda para animá-las a continuar o caminho?

Ela, por outro lado, tinha lutado com aquelas mulas relutantes. Com um sentido de direção aparentemente perverso, os animais tinham feito o carro passar em cada desnível discordante e buraco na pradaria. No interior, tudo o que poderia fazer ruído, parecia fazer, utensílios de cozinha de ferro fundido, os pratos e taças de estanho, a pá, a escopeta, seus dentes. E só tinham avançado nove quilômetros. Percebeu que aquele trabalho seria muito mais difícil do que tinha previsto. Mas não ia permitir que Tyler percebesse. Já pensava que era uma fraca e indefesa jovem do este.

E agora queria água quente.

— Não é para o chá, Libby. Quero me barbear.

Levantou seus olhos então, e o viu de pé, segurando a navalha de barbear, uma xícara e um espelho de aumento. Uma toalha pendurava sobre um de seus ombros.

— Oh. — Foi a única resposta que pode dar. Desabotoara a gola de sua camisa listrada se azul, separando os bicos da mesma e se enrolara as mangas. O sol caía sobre seu rosto enxuto e a sombra de sua barba de um dia brilhava com umas mechas loiras avermelhadas e marrom escuras. Libby deixou que seus olhos seguissem a linha de sua garganta até seu peito descoberto. Algo acerca da visualização de sua pele e seus músculos entre as bordas de sua camisa aberta, era mais íntimo que a nudez total. Seu olhar caiu mais além da cintura de suas perneiras de couro até que o brilho da fivela de prata de seu cinturão a fez perceber o que estava olhando.

Libby sentiu como seu rosto se aqueceu e afastou os olhos, não sem antes ver a expressão no rosto dele. Era a mesma que tinha visto no dia em que atirou contra a lata de café, controlada, poderosa, territorial. — Não tenho água quente. Vou por um pouco no calor. — Virou-se para conseguir o fervedor da carreta, mas parou quando a mão dele se fechou ao redor de seu braço.

— Não, está bem, utilizarei a água do barril. Só pensei em perguntar. Hum, tem uma tigela?

— Bom, sim... — Uma tigela, Libby repetiu sem perceber que lhe pedira, uma tigela. Onde teria deixado ela. De repente, não podia pensar em outra coisa mais que na forma como sentia sua mão em seu braço. Ela o olhou aos olhos, um ato

que quase completou seu desconcerto.

Ele soltou seu braço e ergueu as sobrancelhas. — Talvez haja uma debaixo dessa caixa?

Deu um passo atrás, sentindo-se tonta e com a língua travada. — Sim, claro, sim. — Ela procurou no compartimento debaixo da cama do carro e tirou uma tigela de esmalte branco. Oferecendo-lhe, ele agradeceu, e caminhou para o outro lado da carreta para enchê-la no barril de água. Agora que Libby era tão agudamente consciente dele, suas esporas a faziam saber sobre cada passo que dava, recordando-lhe um gato com um colar de cascavel. Libby soltou um suspiro profundo, tranquilo, e se inclinou sobre os grãos para continuar revolvendo-os.

Afastou uma longa mecha de cabelos para trás por cima de seu ombro. Porquê demônios teria de ter aquele efeito sobre ela? Perguntou-se com impaciência. Seria o fato de que fosse atraente? Aquilo não era razão suficiente, na verdade, poderia ser a pior razão. Wesley era elegante. Para dizer a verdade, não tanto. Tyler era robusto, suas faces eram duras. Mas a verdadeira importância de um homem residia em suas obras, não em seu físico. Libby se endireitou e olhou as botas no outro lado da caixa do vagão.

Talvez ali fosse onde estava a maior diferença. Wesley Brandauer nunca tivera algum senso de responsabilidade em absoluto.

Tyler parecia transportar o mundo sobre seus ombros.

• • •

Tyler virou a torneira do barril, e chamou a si mesmo de

idiota. Nunca usava nada mais que água fria para se barbear, mesmo em casa. Só tinha usado a desculpa para falar com Libby, e ver como estava; para vê-la...

Colocou o espelho na tampa do cilindro e afastou os cabelos da fronte. Enquanto ensaboava o rosto, continuou repreendendo seu reflexo, silenciosamente. Tinha planejado manter-se afastado dela durante a viagem, não era assim? Levantou a navalha e começou sua carreira descendente por baixo de sua costeleta esquerda. Claro que as circunstâncias o tinham obrigado a trazê-la, mas Joe, Noah, Charlie, todos eles estavam pendentes dela, discutiu consigo mesmo. Talvez, mas afinal, ela estava sob a proteção dele, não era mais que uma novata indefesa. Bom, não tão indefesa, estava começando a perceber. Para alguém que nunca tinha posto um pé no país, e Rory lhe dissera que era assim, estava se comportando surpreendentemente bem sem ajuda de ninguém. Só o fato de ter feito todo aquele caminho até ali desde Chicago, e durante o inverno, dizia muito dela. Seria uma boa esposa para um homem.

Depois, estava o modo como iluminava o rosto a cada vez que os homens elogiavam sua comida. Era como se ninguém lhe tivesse mostrado seu respeito ou apreço antes. E aquilo lhe dava vontade de protegê-la. Não lhe exigia muito esforço imaginá-la a salvo em seus braços, em seu grande dossel de volta à Estrela Polar, suas curvas suaves, iluminadas por um halo de luz da lua, enquanto ela lhe dava o prazer de seus lentos e úmidos beijos e o consolo de seu corpo...

Tyler percebeu que deixara de se barbear. Impaciente,

raspou o resto de sua barba, e a pressa fez com que acabasse se cortando no queixo.

— Maldição. — murmurou, e pressionou o fio da toalha contra o corte. Aquela mulher agitava umas emoções nele que enfiara em um ataúde de mogno fazia muito tempo, e tinha enterrado nos penhascos verdes acima da casa do rancho. E seu plano era manter as coisas daquela maneira. Não iria se esgueirar atrás de Libby como um cowboy adolescente que não via uma mulher há quatro ou cinco meses. Não que aquilo pudesse ocorrer, de todo modo, se tranquilizou. Tinha seu arranjo com Callie, e lhe convinha perfeitamente.

Deu uma última olhada ao seu reflexo, olhou para a tão feminina forma de Libby enquanto ela atravessava o acampamento com uma cafeteira.

Pelo menos, fora conveniente até agora.

• • •

Tão logo como Libby tinha alimentado a equipe e lavara os pratos, voltou de novo ao seu assento no carro, conduzindo as mulas para o acampamento noturno. A manada tinha ficado atrás e não a alcançariam até mais avançada a tarde. Aquilo lhe daria tempo suficiente para fazer biscoitos de massa fermentada para o jantar daquela noite e o almoço do dia seguinte.

Todos os homens, incluindo Joe e Tyler, estavam de volta com a manada. Depois que Tyler escolhera aquele local, só Rory se aproximara dela para colocar o gado no curral de corda e acender o fogo para ela. Cavalgou arrastando um ramo seco

que tinha enlaçado como combustível.

Libby se alegrou pela ajuda de Rory. Não importava como estava determinada em provar sua habilidade e evitar que Tyler ficasse insatisfeito, não podia fingir que não estivesse cansada. Sua saia estava úmida até os joelhos de arrastá-la através da relva molhada. Não estava acostumada a carregar água para lavar os pratos ou cozinhar alimentos em deslocamentos sucessivos. No momento em que finalmente chegassem a Miles City, esperava ter energia suficiente para subir à plataforma da estação ferroviária.

Agora estava de pé na mesa de trabalho dobrável na parte traseira da carreta. Tinha que admitir que se tratava de um arranjo muito inteligente. Tyler lhe dissera que o barão Charles Goodnight inventara o vagão vinte anos antes, e que sua melhor característica era aquela caixa cheia de compartimentos, em si mesma. Sua porta dobrável cumpria com uma dupla função como um espaço de trabalho. Espalhou farinha na superfície e começou amassar a mistura. O som da pá de Rory cavando na terra lhe produziu um calafrio pela recordação do dia em que ela cavara o túmulo de Ben.

Levantou os olhos da massa e observou o jovem por um momento. Era forte e saudável. Trabalhar na Estrela Polar era obviamente bom para ele, mas parecia muito jovem para estar longe de seu lar e sua família.

— Rory, está na Estrela Polar há muito tempo? — Untou seu cortador de biscoitos na farinha.

O menino se endireitou e arrastou seu braço por sua suada fronte. — Acredito que faça uns cinco anos. — disse.

— Cinco anos! Meu Deus, era muito jovem quando chegou ao rancho.

Encolheu os ombros e afundou a pá na terra de novo. — Joe tinha quinze anos quando foi trabalhar para o pai de Tyler. Kansas Bob chegou a Estrela Polar quando tinha quatorze anos.

— Mas você tinha dez anos! Fugiu de casa? Perdeu sua família?

— Não, meu velho sabe onde estou. — Não era desejo nem arrependimento o que percebeu em sua resposta, mas uma amargura cansada que momentaneamente envelheceu o timbre de sua voz. — De todo modo, Tyler disse que não tem isso de um cowboy velho. Ele diz que este é um trabalho para um homem jovem.

Libby sorriu. Podia entender aquilo. — a pecuária era um trabalho duro. — Não há cowboys velhos? O que acontece com eles?

— Ninguém sabe a ciência certa, senhorita Libby. — Olhou-a por baixo da aba de seu chapéu e lhe deu um grande sorriso. — Às vezes se convertem em velhos e irritantes cozinheiros.

Ela riu e colocou os biscoitos sobre a bandeja do forno holandês. — Talvez porque têm chefes mal humorados.

• • •

No momento em que a equipe chegou ao acampamento noturno, o sol estava baixo no céu, e a cafeteira estava no fogo. Devido às suas duras condições de trabalho, Libby acreditou

que tinha preparado uma comida razoável.

Os homens comeram em dois turnos, e entre servir grandes porções de feijões, carne de porco e biscoitos, Libby esperava ver Tyler chegar, mas não o fez. Ela o tinha visto na cordilheira ocidental, além do perímetro do acampamento, montando contra o poente do sol de cor amarelo alaranjado como um sentinela. O que movia Tyler Hollins? Perguntou-se enquanto batia uma colherada de feijões contra um prato. Que substituto para a amizade tinha encontrado que o tornava um homem tão distante e solitário?

Libby continuava vendo o cavaleiro de cabelos castanhos, podia imaginar seus cabelos sem dificuldade, ainda que estivessem escondidos por seu chapéu, quando Charlie Ryerson se aproximou dela para lhe pedir seu jantar. Ficara para trás, esperando que o restante dos homens estivessem ocupados com suas próprias comidas para conseguir seu prato.

Jogou uma olhada ao grupo reunido em torno da fogueira, obviamente esperando um momento de privacidade. — Boa noite, senhorita Libby. Como foi hoje? — Parecia uma conversa amável, mas falava com gravidade, como se as palavras escondessem um significado maior.

Libby apertou o xale escocês ao redor de seu pescoço contra o frescor do entardecer. — Foi um pouco mais difícil do que pensei. — admitiu ela, pegando um prato e uma xícara de café. A dor começava a se assentar em seus braços e ombros, de sua dura luta diária com as rédeas. — Sempre pensei que, teimosa como uma mula, era só um ditado. Mas realmente são

teimosas.

Charlie começou a rir, e seu grande bigode se estendeu ao longo de seu rosto. — Sim, senhora, podem ser muito teimosas. Penso que por isso os cavaleiros aprendem a amaldiçoar tão bem.

Libby riu também.

A expressão dele então ficou séria. — Mas conduzir uma carreta puxada não é um trabalho para uma dama. Não é justo que tenha que estar aqui fora, em uma unidade pelo caminho como nós. Penso que não tenho direito a dizer isso, mas deveria estar vivendo em uma casinha pequena e agradável com algumas crianças para cuidar e um homem que volte para você e a sua casa pela noite.

Libby sentiu uma pontada no coração. Aquilo era o que acreditava que deveria esperar de Montana quando Ben a tinha enviado até ali. Ela freou um suspiro e sorriu para a cara sincera de Charlie. — As coisas nem sempre saem como esperamos, penso. Mas eu só conduzirei este carro até chegarmos a Miles City. Então tomarei o trem para Chicago.

— Eu sei, Joe me disse. — Ele olhou a sua volta outra vez, se inclinou para frente, de repente sério. — Senhorita Libby… — engoliu — Senhorita Libby… eu tenho um pouco de dinheiro economizado. Não é muito, mas nos daria um começo. Quero dizer, se você… — Deixou a frase sem terminar e corou com uma intensa cor vermelha.

Libby olhou boquiaberta. — Um começo?

Charlie exalou uma respiração profunda e continuou falando com rapidez. — Tenho olhado um pedaço de terra em

Mosby. Está em um lugar pequeno e verdadeiramente bonito, com um arroio e um colosso de pinheiros. Seria um bom lugar para que o gado e os meninos crescessem, já sabe, para fazer uma vida. — Ele mudou seu peso para a outra perna e olhou as botas, depois para ela de novo. — Tenho algumas experiências selvagens em meu passado..., mas penso que provavelmente já terá deduzido sozinha. E sei que este não é a corte que merece, mas nosso tempo é curto. Quero lhe dar alguns dias para que pense em... bem, na possibilidade de se tornar minha esposa. — Estendeu sua mão para tocar seu braço, mas a deixou cair. Em troca, tirou o chapéu e tirou uma rosa e a deixou suavemente sobre a mesa de trabalho. — Senhorita Libby, senhora, me sentiria muito honrado se ao menos você pensar seriamente.

— Mas nós não nos conhecemos. — Montana não é... — eu...

— Não diga nada, agora. — Falou no mesmo tom suave que tinha ouvido usar com seus cavalos assustadiços. — Só tem que pensar. — Virou-se e se afastou com seu prato e sua xícara antes que ela pudesse encontrar sua voz para dizer algo.

Com a mão em sua garganta, Libby estava na crescente escuridão, olhando para suas costas conforme se afastava, e depois para a flor em frente a ela. Charlie Ryerson acabava de lhe pedir que se casasse com ele? Tinha sonhado assim, mas não conseguia acreditar. Depois do dia em que lhe trouxera aquelas flores silvestres, aquela tarde na cozinha, suspeitava que poderia estar enamorado dela. Mas não tinha ideia que fosse tão grave. Pegou a flor por seu esbelto talo e a aproximou

ao nariz, flexionando seus doloridos ombros.

Talvez não devesse parecer tão estranho. Depois de tudo, ela estava em Montana porque tinha respondido a um anuncio no periódico de alguém que procurava uma esposa. Talvez aqui uma proposta, vindo de um homem que conhecera apenas um mês antes, e que mal conhecia, não fosse incomum na verdade, apenas diferente de ser uma noiva pedida por correspondência e ter se casado com um completo desconhecido, tão logo quanto apareceu em cena, é que fora principalmente um acordo de negócios.

Com respeito a honesta oferta de Charlie, ela sentia algo muito mais substancial. No entanto, só lhe parecia um pouco mais atraente.

— Como foi seu primeiro dia?

Saindo de seus pensamentos, Libby se virou e viu Tyler caminhando para ela. Um safanão elétrico a atravessou, e para sua consternação, percebeu que o fator surpresa tinha muito pouco a ver com sua reação.

A altura dele o fazia dar grandes passadas e os olhos dela se sentiram atraídos pelas perneiras que cobriam suas calças. As mangas de sua camisa estavam enroladas até os cotovelos, e suas luvas estavam atadas aos seus punhos. A lanterna que pendurava ao lado do vagão recolhia umas centelhas azuis esverdeadas de seus olhos, e ele estava com aquele cenho fraco, preocupado, que ela se acostumara a ver na Estrela Polar. Cheirava a cavalo e ao ar da noite que estava por vir, e trazia com ele a mesma intensidade física, palpável, que ela sentia sempre em sua presença.

— Muito bem! Ah, bem. Não tive nenhum problema. — mentiu, e soltou a flor. — Nunca fiz isto antes, mas sempre trabalhei. Estou acostumada a isso. Onde eu cresci, se não trabalhássemos, não comíamos.

Pegando um prato de estanho, colocou duas colheradas grandes de feijões nele, mas quando ela estendeu seu braço para lhe oferecer um biscoito, parou em seco com uma careta de dor. Os músculos de seus braços e ombros estavam rígidos como o couro abandonado sob a chuva.

Tyler a olhou e ergueu as sobrancelhas consciente. Tirou as luvas e as colocou na cintura de suas perneiras, a seguir, pegou ele mesmo o biscoito. Sabia que ela estava mentindo acerca da forma como se sentia. Podia ver a fadiga em seu rosto, e seus movimentos difíceis e trabalhosos não passaram despercebidos para ele.

Nem para a proposta de Charlie. Deus, Joe tinha razão. Charlie tinha falado a sério. Tyler não tentava escutar às escondidas, mas chegara na parte dianteira da carreta justo a tempo de ouvir as últimas palavras do franco pedido do cowboy pela mão de Libby. E ele se escondeu ali, como um ladrão, esperando a resposta dela, e perguntando-se porquê se formara um nó no estômago.

— Onde se criou que teve de trabalhar tão duramente? — Tyler pegou um pedaço do tenro biscoito. A brisa da tarde o fez perceber o aroma leve de Libby de flores e baunilha.

Um olor que agora às vezes o fazia pensar no calor e no lar.

Não importava a rapidez com a qual ele rejeitava aquele

pensamento com impaciência, tão logo quanto o conseguia, a ideia voltava a se reproduzir em sua mente. Finas mechas de seus cabelos sopraram para frente de seus olhos e ela os jogou para trás, e depois se virou, tentando encontrar um garfo. Demorou a responder, e suas palavras mal foram audíveis.

— Casa Berço de Erie.

Um orfanato. Tyler apertou a mandíbula. Não, não, maldição, não. Não perguntaria nada mais. Sua resposta criara nele mais perguntas das quais queria respostas. Ela estaria a caminho de retorno para Chicago em apenas alguns dias. Então a Estrela Polar voltaria à normalidade e ele poderia retomar suas noites de sábado na Ursa Maior, e os pensamentos de todos, incluindo os seus próprios, o fariam voltar à rotina do trabalho e da responsabilidade.

Libby ficou tensa, desejando ter mantido a boca fechada sobre o orfanato. Falar dele trazia recordações dolorosas. De uma mãe jovem, moribunda que, sabia, tinha sido pouco mais que uma menina quando deixara a pequena Libertty de quatro anos. E a todos os anos de dor que a solidão que deixou após sua morte, tinha trazido. Tyler lhe dirigiu um longo olhar, buscando algo em seus olhos, e ela se preparou para a inevitável pergunta que com certeza corria por sua mente.

Em troca, pegou o prato de sua mão estendida e se virou para sair. Mas então parou e pegou a flor na mesa de trabalho. — Não sabia que estas flores floresciam tão cedo nesta época do ano. — Sua voz tinha um tom pensativo, como se sua mente estivesse em outro lugar, em outro momento no tempo.

— Sabe que tipo de flor é? — Perguntou ela, agradecida

pela troca de assunto.

Ele a olhou e um sorriso puxou as comissuras de sua boca. — Sim. Crescem ao longo da parte traseira do terraço da casa do rancho. — Depositou a flor na mão dela. Seu contato era cálido, vital. — É uma rosa selvagem das pradarias.

Libby o observou enquanto Tyler virou um barril, longe do resto dos homens, para se sentar e comer seu jantar. Ao vê-lo assim, com o último sol do dia, raiando seus cabelos castanhos e suas mechas de cor acobreada, não desejava nada mais que ir e se sentar junto a ele. Mas aquilo seria ridículo, fora de lugar.

Tão rápido quanto ela comeu seu próprio jantar e lavou os pratos, com seu esgotamento, Libby lutou para subir a carreta. Mas nas últimas horas, os músculos de seus ombros tinham sofrido cãibras sem parar, e subir para a cama do carro parecia inútil. Colocou um pé sobre o cubo da roda e alcançou um lado da carreta, mas o outro parecia inalcançável. Depois de várias tentativas falidas, frustrada e cansada, parou em frente da roda dianteira e olhou para o assento que parecia tão alto como uma montanha. Cautelosamente, tentou mover seus ombros de novo.

— Tem algum problema? — Tyler perguntou. Levava uma xícara vazia em sua mão, e parecia se dirigir à cafeteira. A luz de uma lanterna acentuava a estrutura fina dos ossos de seu belo rosto e as sombras no peito onde a gola de sua camisa permanecia aberta.

— Algum problema? Não, não. Só ia dar o dia por terminado. — Porquê tinha aquela estranha e inquieta

sensação por dentro cada vez que se aproximava? — Precisava algo?

Ele a examinou durante alguns segundos. — Não, mas creio que você, sim.

Deixou sua xícara de café, e com uma agilidade sem esforço que ela admirava, saltou dentro do vagão. — Muito bem, coloque o pé sobre o cubo da roda.

Com esperança duvidosa, Libby se agarrou a um lado da carreta e deu um passo para cima. Justo quando ela sentiu que sua força começava a desaparecer, Tyler se aproximou e a agarrou pela cintura. Levantou-a até o assento como se não pesasse mais que um menino.

Jogou seu chapéu para trás. — Está tão rígida como uma corda de couro cru, não é verdade? — Disse.

Era difícil negar. — Um pouco, talvez. — admitiu ela, flexionando seus ombros de novo.

Ele assinalou por cima de seu ombro. — Tenho algo para isso. Volto em seguida.

Com a mesma agilidade, saltou e desapareceu ao dobrar a esquina do vagão. Não poderia imaginar como arranjaria as palpitações de seus trêmulos músculos, mas estava disposta a lhe conceder o benefício da dúvida. Apesar do cansaço que sentia, sabia que deveria ter problemas para dormir com aquele mal estar, e tinha que descansar um pouco. Ali fora seus dias começariam antes que no rancho.

Tyler tornou a surgir da escuridão trazendo uma garrafa entre suas mãos. Entregou a ela e voltou a se impulsionar para cima, sentando-se ao seu lado. — Bom, vamos para dentro. —

disse, assinalando o interior do vagão.

Libby olhou a etiqueta do frasco. — Linimento para cavalo, Quatro H? Está me dando linimento de cavalo?

— Claro, por que não? E dor é dor. Caramba, eu sabia de um veterano que o usava para aumentar seu whisky.

— Quer dizer que o bebia?

Uma risada escapou dele. — Sim, mas não o recomendo. É só para uso externo, e de todo modo, o rebaixei um pouco.

Olhou a etiqueta de novo. — Mas não tem nada que diga que não possa ser usado por humanos?

— Não importa se é para um cavalo ou um humano. Além do que não vai usar você mesma. Eu o farei.

Ela o olhou boquiaberta. Ou entendera mal, ou tinha perdido a cabeça. Ela não ia permitir aquele tipo de acesso íntimo. — Claro que não! Posso usar muito bem sozinha, obrigada.

— O linimento só funciona se for esfregado sobre a zona afetada. Você não pode alcançar seus próprios ombros.

— Posso chegar a eles muito bem. — reiterou, com o rosto tão quente, e provavelmente tão vermelho, que estava agradecida que a lanterna estivesse atrás dela. Tentou escapar dele no assento, mas não tinha outro lugar para onde ir.

Tyler franziu o cenho. — Se não me deixar fazer algo a respeito agora, pela manhã não será capaz de se mover em absoluto.

— Simplesmente não acredito que isto seja correto...

— Está tentando discutir comigo de novo, Libby. — Disse em voz mais alta.

Ela guardou um indignado silêncio, agarrando a garrafa entre suas mãos apertadas.

Ele continuou em voz mais baixa. — Quando surgem problemas, meu trabalho consiste em me assegurar de que sejam solucionados, ou solucioná-los eu mesmo. Isso é o que estou fazendo. — Ele a olhou fixamente. — É tudo o que estou fazendo. Agora, por favor, entre no vagão e sente-se. A menos que a preocupe ter alguma intimidade.

Ela o olhou na cara e juntou seus lábios em uma linha apertada. Poderia se negar, mas Tyler Hollins era um homem que não aceitava ser contrariado. E pior ainda, ela sabia que tinha razão. Não teria muita sorte tentando alcançar a parte posterior de seus ombros. Maldição, pensou, tomando emprestada uma de suas frases, ele sempre tinha razão. Furiosa tanto com ele quanto com sua arrogância, saiu de seu assento. Ele abaixou a cabeça e a seguiu, levando a lanterna com ele. Diminuiu a intensidade da luz e atirou seu chapéu sobre um saco de farinha.

Olhando a sua volta, Tyler encontrou duas caixas fortes e colocou uma em frente à outra, pegou o linimento da mão dela. — Está bem, sente-se aqui, e... fez um gesto com a mão... já sabe, descubra seus ombros. — Ele passou uma mão por seus cabelos. Por um momento, não parecia tão autocrático e seguro de si mesmo.

Libby sentiu que seus olhos se abriam muito, virou para olhar para a parte traseira da carreta. Com mãos trêmulas, desabotoou a blusa até a cintura e desamarrou as fitas de sua camisola. Depois as pegou de novo, agarrando-as pelas bordas,

e puxou seus cabelos para a frente para afastá-los do caminho.

— Vamos, Libby, sente-se.

Dando-lhe as costas, estendeu uma mão para trás tentando encontrar a caixa, com o rosto ardendo de vergonha. Abaixou para se sentar, amaldiçoando o destino por deixá-la impedida em primeiro lugar. Fazia-a se sentir muito vulnerável com ele atrás dela, e sem ver o que ele estava fazendo.

Tyler engoliu com força diante do panorama que se apresentou frente a ele. À luz da lanterna, os cabelos de Libby brilhavam conforme repousavam em seu ombro direito. Sua nuca exposta, e os quatro centímetros de suas costas revelados debaixo dela, eram pálidos e de aparência suave. Era linda, como uma artista posando para um quadro. Podia ver a beirada de trás de sua camisola e o impressionou como aquilo o excitava. A nudez absoluta de Callie não conseguia acender aquele tipo de fogo nele.

Sentou-se bem atrás dela, tão perto que seus joelhos emolduraram os quadris dela. O cálido aroma de seus cabelos e da pele chegaram a ele, e sentiu uma repentina e intensa urgência de envolver um braço ao redor de sua cintura e enterrar sua boca no pescoço dela. Podia imaginá-la descansando contra a longitude de seu torso, com seu traseiro entre suas pernas, aconchegado contra sua entreperna. Deus, talvez aquilo não fosse tão boa ideia depois de tudo. Mas ele insistira tanto, na verdade, praticamente a obrigara, e agora tinha que levar aquilo a cabo.

Ele desarrolhou a garrafa de linimento, e a colocou no piso. Empurrou as mangas da camisola um pouco mais abaixo

em seus braços. No instante em que seus dedos tocaram sua suave e nua pele, ela ficou sem fôlego e saltou, ele também.

— Está bem, Libby, só estou afastando as mangas do caminho.

— Desculpe. — disse ela.

Ela era tão volúvel como uma égua selvagem, e se tivesse sido capaz de ver as imagens na mente dele, teria uma boa razão para aquilo.

Ele sondou suavemente ao longo dos músculos que se estendiam desde o pescoço até suas omoplatas. Ela estremeceu, mas não disse nada. — Muito duros, não?

— Sim, — Libby admitiu. — não esperava estar tão dolorida.

— Está bem, nos encarregaremos disso. — Ele colocou um pouco em sua mão, esfregou as mãos e começou a massagear seus músculos. Podia senti-la tentando se afastar dele. — Respire profundamente e tente se relaxar. — murmurou. — Esta coisa não cheira muito bem, mas funciona.

Libby exalou um longo suspiro, e deixou cair sua cabeça para frente. Tyler tinha razão, o linimento tinha um cheiro muito forte e penetrante, que ajudou a eliminar parte da tensão que sentia por estar parcialmente nua na frente dele. Mas também gerava calor sob seu toque hábil e amável que era infinitamente tranquilizador. Ele apertou os quadris de Libby entre seus joelhos, ancorando-a em um ponto fixo, e esfregou seus ombros e braços com movimentos profundos.

À medida que os espasmos nos músculos começaram a diminuir, apertou um pouco mais forte com os polegares,

amassando e afrouxando a tensão, trazendo de volta o fluxo sanguíneo.

O relaxamento se espalhou através de seus membros e Libby percebeu vagamente que estava se reclinando para trás, em posição vertical, e que ele a estava segurando com seus joelhos e suas mãos. Uma dormência agradável se apoderou dela, deslocando seu nervosismo.

— Faz isto para seus cavalos, também? — Perguntou com sono. Suas pálpebras cada vez pesavam mais.

— Claro, às vezes.

— Cavalos sortudos. — ela disse, quase hipnotizada.

Ele riu baixinho. — Gostou?

— Humm. — Libby estava contente de admitir que ele estava certo. Seus cuidados eram muito mais eficazes que qualquer manobra simples que ela pudesse ter conseguido por si mesma.

Tyler continuou com os movimentos lentos e firmes durante vários minutos. Quando finalmente parou, ela sentiu uma onda de decepção gananciosa. Ser tocada era uma experiência fora do comum para Libby, que percebeu gostar muito. Quase se esquecera de que tivera medo de ter suas mãos sobre ela, medo das sensações que aquilo poderia despertar nela. Agora se sentia tão mole como uma boneca de trapo.

— Isso bastará. — Tyler disse perto de seu ouvido. Disse-o em voz baixa, sentindo seu sangue batendo através dele, aquecendo seu ventre e seu coração. Com a sensação de sua pele cálida e suave sob suas mãos, era muito fácil para ele

imaginar como o resto de ela se sentiria. E se não parasse agora, sua imaginação demandaria por satisfação.

Segurou todo o autocontrole que pode, para evitar virá-la para ele e afastar sua mão de onde tinha os extremos da camisola fortemente seguros. Queria pressionar beijos naquele lugar macio atrás de sua orelha, para depois tomar seus lábios de coral brando, com os dele, sentir o peso de seu seio na mão.

Intrigado pelo som tenso de sua voz, Libby se virou um pouco na caixa para olhá-lo. Seus olhos eram de um azul fumaça, como se um fogo ardesse atrás deles, e Tyler procurou seu rosto com uma intensidade que ela nunca tinha visto antes, mas que reconheceu facilmente.

Seu aroma a limpo venceu o cheiro áspero do linimento. Estava sentado tão perto... enquanto ela observava, fascinada, como ele deixara que seu olhar tocasse a sombra de seu decote e seus seios, e logo viajasse até sua garganta. Quando levantou os olhos para considerar sua boca, a ponta de sua língua saiu para umedecer seus lábios. Inclinou-se um pouco mais e pegou seu queixo com a mão para segurá-la como fazia com a égua no curral. Podia sentir seu fôlego no rosto e nas pestanas, íntimo e cálido. Seus lábios tocaram a comissura de sua boca, como se estivessem se preparando para a tomada completa da mesma.

De fora da parede de fina lona, Libby ouviu as esporas que ressoavam e a voz de Rory.

— Não o vi. Talvez esteja fora montando por sua conta. Faz isto às vezes.

Tyler soltou a mandíbula de Libby e se jogou para trás, como um homem que desperta de um sonambulismo, só para

encontrar a si mesmo fazendo algo improvável. Pegou a garrafa de Quatro-H e enfiou a tampa pelo pescoço.

— Isto bastará. — repetiu, sentindo-se malditamente desajeitado e excitado ao mesmo tempo. Sabia que ela ia ver a evidencia de sua excitação assim que se levantasse, mas não tinha outra forma de sair do vagão. Sua única opção consistia em se mover rapidamente. Pegou o chapéu, murmurou: —Boa noite, Libby. — e saltou do veículo.

Libby o ouviu correr para a clara noite, remexeu no baú, tentando encontrar sua camisa. Tyler estivera a ponto de beijá-la, pensou. E ela tinha estado a ponto de deixar. Será que não tinha aprendido nada? O assunto da massagem de seus ombros a distraíra por completo. Se sentira tão bem que quase se esquecera de tudo: tempo, lugar e com quem estava. Aquilo não voltaria a suceder, jurou. Não poderia voltar a suceder.

Ela só precisava chegar a Miles City, então tomaria um trem e se afastaria dali. Longe de Montana, e de Hollins Tyler.

Mas quando ela apagou a lanterna e correu para o monte acolhedor de edredons que fazia de cama, a vista do céu noturno a fez parar. Até mesmo Libby tinha que admitir que tinha uma beleza selvagem naquela terra que não tinha visto até que chegara à Estrela Polar. Através da porta em arco de tecido do carro, viu umas estrelas tão brilhantes que estava segura que sua luz seria suficiente para enxergar. Ali fora, o tempo e os horários adquiriam significados completamente distintos. A saída e o pôr do sol eram os cronômetros. Na verdade, ela não tinha visto ninguém olhando para um relógio em todo o dia. Salvo Tyler Hollins, claro.

Libby se virou na cama e puxou as mantas até seu queixo. Os ruídos que provinham do gado flutuavam ao seu lado na brisa da noite, interrompidos de vez em quando pelo uivo de um coiote.

Naquela noite, Chicago parecia tão remota como a sobrecarga de estrelas em cima dela. E talvez um pouco menos clara em sua memória.

Capítulo 8

Os dois dias seguintes transcorreram como uma imprecisão de fornos holandeses, fogueiras, transportes de água e limpeza de pratos. O sono de Libby se entrelaçava com os cheiros do gado e a fumaça da madeira, e o som das vozes longínquas que cantavam a manada. Não poderia dizer que alguém lhe tivesse mentido. Tanto Joe como Tyler lhe disseram que o trabalho seria duro, e tinham razão. Levantava-se às quatro horas, todas s manhãs, e se lavava com água fria. A precária privacidade que lhe proporcionava o vagão a fazia pensar no orfanato. Mas a pior parte era ter que se banhar dentro de um balde.

A água de Montana era excessivamente espessa, e não importava o que ela usasse, inclusive sua apreciada pastilha de sabão francês de baunilha moída, Libby tinha problemas para conseguir espuma. Os pratos, as meias e a roupa interior e ela mesma, eram lavados em água que deixava todo sabão com uma cor branco leitosa. Pensou de novo no comentário de Callie sobre sua banheira de cobre com um sentimento parecido ao dos ciúmes.

Depois de seu banho, se apressava a se vestir na fria escuridão e logo descia do carro para acender o fogo e cozinhar

o desjejum. Curiosamente, parecia que não importava a que hora saísse de seu dormitório, sempre encontrava Tyler acordado, bebendo o café que ele mesmo se servia da cafeteira que ficava no fogo toda a noite. Ele era o último em se deitar e o primeiro a se levantar. Deus, aquele homem nunca descansava? Perguntou-se. Teve que admitir, que era muito reconfortante vê-lo ali.

Depois do desjejum, com a manada seguindo atrás dela, Libby deteria o vagão na seguinte parada que Tyler selecionasse. Quando o fogo se erguia, ele se aproximava montando o cavalo, pedia uma tigela, que agora ela sempre tinha cheia de água temperada, e se lavava e barbeava.

Era o quarto dia de um meio dia silencioso de primavera, Libby estava na mesa de trabalho, abrindo uma massa de torta quando ouviu que a chamavam.

— Libby?

Pronunciou seu nome em voz tão baixa, que soou como se estivesse dizendo para si mesmo, experimentando a sensação de pronunciá-lo. Ela apareceu pelo canto do vagão e o viu de pé junto a carreta. Tinha tirado a camisa e a deixara sob um arbusto. Libby não podia deixar de admirar o plano longo e gracioso de suas costas nua enquanto olhava seu perfil, o caminho se curvava levemente à altura de seus ombros e a cintura, desaparecia na altura de suas calças justas.

Estava imóvel, como se fosse esculpido em pedra. O único movimento que detectava eram seus cabelos castanhos agitados pelo vento. Espuma de barbear cobria a metade inferior de seu rosto, um sutil contraste para sua própria cor

de pele, que se tornara repentinamente pálida. Sua navalha pendurava de sua mão em um lado, sua brilhante folha reluzente sob o sol do meio dia. Ele não a estava olhando. Em troca, seu olhar estava fixo em algum objeto não muito longe de seus pés.

— Libby, onde está Rory? — Seu tom era o mesmo, tranquilo e firme, quase inaudível, mas algo nele a assustou.

— Está fora, foi buscar lenha.

— Pegue a escopeta, então.

— A-escopeta?

Continuava sem olhá-la. — Pegue a maldita escopeta e fique atrás de mim pelo lado esquerdo. Seja o mais silenciosa e rápida que puder.

Aterrorizada, Libby agarrou a arma da carreta. Apesar de todas as práticas de tiro que tivera que suportar, o suave e fresco metal era estranho para suas mãos. Seguindo suas orientações concisas, se moveu tão rápida e silenciosamente como pode, aproximando-se dele pela esquerda.

— Pare aí. Está perto o suficiente.

Parou a uns três metros, fora de seu lado. Seu coração tinha começado a bater em seu peito com golpes rápidos e pesados. — O que...

— Cale-se. — ordenou, sussurrando. — Não fale.

Ela só o escutou uma vez, um estranho zumbido. Mas então viu o objeto que ocasionara um intenso escrutínio por parte de Tyler, a não mais de um metro de distância de sua bota. Uma serpente de grande tamanho, enrolada entre umas pedras aquecidas pelo sol ao lado da roda do carro, a ponto de

atacar. O final de seu rabo aparecia levemente por cima de sua longitude sinuosa, fazendo soar o chocalho de sua advertência.

Libby engoliu um grito ofegante que se deslizou por sua garganta. O objetivo a aterrorizava, e sabia que era uma atiradora terrível. Aquilo não era como disparar nas latas e nas garrafas antigas de whisky na parte posterior perto do rancho. Quando ela falhava naqueles pontos, tudo o que tinha conseguido fora ferir o orgulho e a paciência de Tyler. Nesta desesperada situação, ela estava segura que atravessaria o pé de Tyler com seu tiro, porque simplesmente não tinha espaço suficiente entre ele e o réptil. Seu coração bombeava mais forte e suas mãos ficaram úmidas onde segurava a culatra e o canhão. Oh, Deus, por que não é possível que alguém mais competente esteja aqui para ajudar?

— Mas...

— Está perto o suficiente para não falhar. Maldição, não pense, só dispare!

O silvo cresceu mais forte e ameaçador e Libby soube instintivamente que a enorme criatura tinha emitido sua advertência final. Um segundo mais tarde, atacaria, afundando suas presas profundamente na perna de Tyler.

Com aquela imagem em sua mente, seu medo desapareceu e uma espécie de reflexo enojado e protetor se apoderou dela. Levantou a escopeta, apontou o melhor que pode, e apertou o gatilho. A explosão de fogo iniciou a ação de novo em seu ombro, e deu lugar a uma nuvem de fumaça azul sulfurosa que momentaneamente nublou sua vista.

O silencio que se seguiu foi tão completo, que nem mesmo

a relva se mexia com o vento. Libby olhou freneticamente para trás e para a frente entre Tyler e onde tinha visto a cascavel pela última vez. Não sabia se a acertara, ou a Tyler, ou ele tinha sido mordido pelo réptil. Tudo aconteceu em um abrir e fechar de olhos, mas se sentia como se o tempo e os acontecimentos estivessem se movendo tão lentamente como em um sonho. Todos os detalhes do que a rodeava se acentuaram: a lona cinza do vagão, o brilho da navalha de Tyler através da fumaça, o lenço sobressaindo de seu bolso traseiro.

— Tyler! — Gritou. — Está bem?

Ele se virou para ela, as mechas de seus cabelos reluzentes sob o sol. — Sim. — suspirou.

O alivio fez com que seus braços e pernas se sentissem como plumas. Segurava a escopeta muito forte, como se sua vida dependesse dela. Podia detectar o cheiro metálico do longo canhão.

Ele se aproximou e tocou seu braço. Seus olhos eram surpreendentemente azuis em contraste com sua palidez. O suor corria por suas têmporas e se misturava com a espuma restante em seu rosto.

— Muito bom tiro, Libby. — Ele agitou uma mão trêmula em direção à cascavel decapitada.

Libby olhou e engoliu a saliva. Começou a reagir então, sentindo calafrios que se precipitavam sobre seu corpo em ondas, o que fez com que sua pele se arrepiasse. Por nenhum motivo que lhe ocorresse, as lágrimas começaram a brotar de seus olhos.

Tyler a olhou no rosto. Limpou o sabão da mandíbula com a toalha. Tirou a arma das suas mãos, e a apoiou na roda do carro. Passou um braço ao redor de seus ombros.

— Não sabia se poderia matá-la... — Ela se virou e passou uma mão por seus olhos. Sua voz tremia, seus membros tremiam e não podia fazer nada que não fosse tão evidente. Ele estaria pensando que ela era a mulher fraca e inepta que sempre pensou que era. Mas era infinitamente reconfortante, e inquietante ao mesmo tempo, estar dentro daquele meio abraço. — Sempre falhava antes...

— Shhh... está tudo bem, Libby. — O timbre de sua voz tinha mudado, e ele lhe falou bem ao lado da orelha. — Shhh. — Era o mesmo tom tranquilizador que tinha usado quando lhe vendou a mão naquela noite em seu escritório. Aproximou-se mais e colocou seus dois braços ao redor dela. Libby se derreteu contra ele. Ela tivera tão pouco consolo em sua vida. Crescendo com dúzias de outras crianças no orfanato, tinha sido alimentada, vestida e provida de uma educação básica. Mas os abraços tinham sido raros e pouco frequentes.

Quando ele pressionou o rosto dela contra seu ombro quente, nu, ela jurou sentir seus lábios tocando sua têmpora.

— Mas eu poderia ter acertado em você.

Separando-se dela levemente, levantou seu queixo para fazer com que o olhasse e sorriu com uma sincera admiração. — Sim, mas estava disposto a correr o risco. Além do que, teria apostado que acertaria a serpente. E vê? Você acertou. Arrancou-lhe a cabeça.

Ela vislumbrou a serpente de novo. — Sim, penso que a

matei.

Ele a passou para um de seus braços, mantendo-a perto de suas costelas, e acariciou seu ombro. — Claro que o fez. Sabe? Ganhou o chocalho da cascavel, se o quiser.

Ela balançou a cabeça com veemência. — Deus, não.

Ele sorriu de novo, era tão agradável como um dos sorrisos que Rory e Callie lhe davam. — Se estivéssemos de volta ao Texas, teríamos guisado de serpente de jantar.

— Guisado de serpente! — Ela fez uma careta. — Não se eu tivesse que prepará-lo. Eu não teria aquela coisa em minha cozinha.

— Noah Bradley se sentirá muito decepcionado ao ouvir isso. Assim como alguns dos outros homens do sul do Texas. — Levantando a navalha fechada, a olhou como tiritava em seu colo, e um sorriso irônico lhe escapou. — Talvez espere até a noite para me barbear. Agora, provavelmente vou falhar e me cortarei a garganta.

Tyler se considerava afortunado. Tivera sustos com cascavéis antes, mas sempre estava com seu revólver, ou o tinha por perto. Sentia-se incrivelmente estúpido agora por ter tirado o cinturão com sua pistola junto com a camisa. Onde demônios estava com a cabeça? Se Libby não estivesse ali...

— Sabe, provavelmente me salvou a vida. — Admitiu um pouco contrariado. Ser defendido por uma pequena mulher da cidade como ela, maldição, Joe ficaria recordando aquilo por toda a vida.

— Eu só atirei na cascavel de vez, por você. — recordou ela com uma risadinha. — Poderia ter sido muito pior. — A cor

estava voltando ao seu rosto. Por um momento, Tyler se preocupara que fosse desmaiar. Mas aquela não seria Libby. Estava começando a acreditar que Joe estava certo sobre ela. Talvez fosse mais forte do que parecia.

— Bem, me salvou do ataque, de todo modo. E de que me cortasse barbeando-me. — Ele desenhou a marca de um X no ar com sua navalha, e a guardou no cinturão.

Olhando-a novamente, seu sorriso se desvaneceu. Procurou seu rosto, era pequeno, teimoso e bonito sob o suave sol de abril. Seus olhos estavam emoldurados por longos cílios que eram muito mais escuros que seus cabelos cor de mel. Como um ato reflexo, apertou seu braço ao redor dela e pouco a pouco levou seus dedos até seu rosto. Seus seios, junto ao seu lado, eram suaves e cheios. Deixou que seus olhos caíssem sobre sua úmida boca, que também era suave e cheia, e tentou recordar a última vez que tinha beijado uma mulher. Parecia uma tolice pensar naquilo, levando em conta o fato de que costumava dormir com uma mulher que lhe dava um alegre e desinibido, acesso ao seu corpo. Mas Callie não o deixava, e nem a nenhum outro homem, que a beijasse. Por razões que só ela sabia, pensava que era uma troca muito íntima, mesmo sendo ou não, um de seus cavalheiros regulares.

Tyler nunca conseguira entender. Para ele, era só um ato físico. Mas agora, segurando Libby entre seu braço e costas, pensava que talvez sim, entendia. Cobrir sua boca com a dele, neste caso, significaria muito mais que um toque casual dos lábios, e morria de vontade de beijá-la, mas lhe dava medo.

Sua associação acabaria de uma das duas formas: — ou

ela subiria ao trem em Miles City, ou se casaria com Charlie. De qualquer modo, partiria logo, e seria bom deixar o curso dos acontecimentos como estava pensado. Nem mesmo tinha cem por cento de certeza que deixá-la partir fosse algo bom. Mas sabia que era o certo.

— Bem, penso que será melhor que volte ao que estava fazendo. — disse ele, soltando-a.

Libby desejou que não o tivesse feito. Não importava o impróprio que aquela noção fosse em sua mente, podia ficar de pé com seu braço ao redor dela por toda a tarde. Tyler era forte, inflexível como uma rocha e a fazia sentir mais tranquilidade do que podia imaginar. E ainda que seu conhecimento de tais coisas só se limitasse a Wesley, ela jurava que ele estivera a ponto de beijá-la. A ideia era cálida e tentadora, e trouxe fogo aos seu rosto.

Não. Chega de tolices, se repreendeu, e se afastou dele, retrocedendo quatro ou cinco passos. Não era somente porque ela e Tyler Hollins seguiriam seus respectivos caminhos em poucos dias. Ele era seu empregador, seu empregador, igual a Wesley Brandauer o tinha sido. Bem, talvez não exatamente igual. Wesley era egoísta e arrogante às vezes, e sabia elogiar seus encantos e assim conseguir seus próprios benefícios.

Mas Tyler não era calidez nem segurança, pelo menos não para ela, e não precisava de sua força. Chegara até ali por sua conta, poderia se virar sozinha pelo resto do caminho, também.

Enfiou as mãos nos bolsos de seu avental, de repente se sentindo desconfortável. — Sim, estou certa que os homens estarão querendo comer logo. Será melhor voltar ao meu

trabalho. — Inclinou-se para pegar a escopeta. — Guardarei isto.

Rory chegou montando o cavalo a seguir, com uma pilha de lenha atada a parte traseira de sua sela. — Pareceu-me ouvir um tiro. — disse ele, olhando-a, e a Tyler. — Esteve praticando tiro ao alvo, senhorita Libby?

— Creio que se poderia dizer isso. — disse ela com um riso trêmulo.

Tyler, vestindo a camisa, a olhou com um sorriso cúmplice. — E sua pontaria melhorou, Rory. Melhorou muito.

O incidente do tiro se estendeu rapidamente através dos homens. Tendo sido testemunha das falhas de tiro de Libby na vala do rancho, todos a felicitaram por sua pontaria, e fizeram brincadeiras sobre o perigo de uma mulher com uma arma. Joe se ofereceu para fazer-lhe uma aba de chapéu com a pele da cascavel e uns diamantes, mas ela recusou.

— Bem, demônios, não vamos jantar a cobra? — Noah Bradley perguntou. Abaixou os olhos para seu prato de estanho com panceta de porco, maçãs fritas e biscoitos. Ainda que o sol estivesse baixo no céu, seu chapéu lhe proporcionava uma sombra sobre os olhos. — Estava desejando comer carne de cascavel desde que soubera daquilo naquela tarde. — Uns murmúrios decepcionados, tinham feito chegar a notícia da parte final da fila de comensais, tal como Tyler tinha previsto.

— Desculpe, Noah. — Libby negou com a cabeça. — Estou tentando aprender a fazer café que os permita por uma colher de pé sobre ele, se isso é o que querem, e biscoitos quase tão grandes como as tampas das caçarolas, mas me nego a

cozinhar serpente para o jantar.

— Sem lhe faltar com o respeito, senhorita Libby, mas não estamos acostumados a umas comidas tão civilizadas no Texas. — Assim como muitos dos cowboys, Noah estava muito seguro de si mesmo, ainda que lhe faltasse um pouco da natureza bondosa de Charlie, ou dos dignos modos de Joe. Mas era geralmente respeitoso no pouco contato que tinha com ele. E ela sabia que ele e Charlie eram amigos. — Abaixo no Rio Nueces comíamos serpente e lagarto. — Ele sorriu, e seu rosto caiu em uma intempérie de rugas que pareciam fora de lugar em um homem tão jovem. — Contarei toda a história se for dar um passeio comigo depois do jantar.

Aquilo seria a última coisa que ela queria fazer, mas antes que pudesse se negar, Charlie, que estava enchendo seu copo no barril de água, interveio.

— A senhorita Libby não quer ir passear com você, Noah. — Aproximou mais seu rosto, geralmente amável, se escureceu como uma tempestade se abatendo sobre as montanhas. Imediatamente o ar estalava pela tensão entre os dois homens.

Noah lhe deu uma olhada fria. — Talvez queira fazê-lo. Quem morreu e lhe deixou o posto de chefe, Charlie?

Libby não tinha intenção de ir a nenhuma parte com Noah Bradley, mas podia imaginar que a cena ia ficar cada vez pior, e ela se negava a ser o centro de uma discussão como um osso entre dois cachorros. A paixão de Charlie, ou o que fosse, o despojara de todo senso comum. — Desculpem, se eu puder dizer algo...

Os dois homens a ignoraram. Charlie enfiou um dedo no

ombro de Noah. — A senhorita não é uma daquelas bonequinhas do salão de baile as quais está acostumado. Ela é uma dama.

A cara de Noah ficou vermelha de raiva, e fez um gesto para afastar seu ombro do dedo de Charlie. — A dama pode decidir por si mesma se quer dar um passeio. O que você sabe de damas, de todo modo, Charlie? Você teve que pagar por uma faz anos. — disse, empurrando-o para trás.

— Charlie, Noah, basta! — Libby exigiu, mas se eles a ouviram, não deram indícios. Ela se afastou. Estavam cara a cara, e viu a mão direita de Noah se fechar em um punho. Ao redor da fogueira atrás dela, percebeu que todos os homens tinham deixado de falar e de comer. Olhou a sua volta tentando divisar Tyler ou Joe, mas não via nenhum deles.

De repente, a mão de Charlie voou debaixo do prato de Noah, jogando-lhe a carne de porco e as maçãs ao rosto e sobre sua camisa.

Depois do choque inicial, o fogo ardia nos olhos de Noah. — Filho da puta! — Com a energia furiosa da humilhação, se jogou sobre Charlie e os dois caíram ao chão, rolando e lutando como um par de leões enfurecidos, nenhum capaz de puxar um braço para trás o suficiente para conseguir proporcionar ao outro, um soco eficaz. Um chapéu caído sobre a relva, foi levado pelo vento.

Todos os homens presentes abandonaram o jantar para ver a luta, e aplaudir os combatentes.

— Cuidado com os olhos, Noah!

— A esquerda, Charlie, a sua esquerda!

Até mesmo Rory, com os olhos abertos e sorrindo, gritou: — Dá-lhe duro, Charlie! Mostre como se faz!

— Rory, — Libby exclamou. — não os anime!

De vez em quando, um golpe certeiro era propiciado e o som de um punho se chocando contra uma cara produzia um ruído repugnante. Ela se movia ao redor do grupo de fora, como uma testemunha horrorizada, até que conseguiu abrir caminho entre dois cowboys.

— Poderia alguém por favor separá-los? — Ela exigiu, tentando se fazer ouvir por cima dos gemidos e gritos dos espectadores. Pareciam tão entusiasmados como os espectadores de um combate de boxe. — Hickory, faça alguma coisa a respeito!

— Oh, só estão se divertindo um pouco, senhorita Libby. — Hickory Cooper respondeu, imitando os golpes sem olhá-la.

Frustrada por ser ignorada, e empurrada para trás e para frente, gritou: —Ninguém vai fazer nada para evitar que se matem?

— Sim, maldição! Eu os deterei agora mesmo. — Uma voz enojada trovejou por todo o acampamento, e Libby se virou para ver Tyler avançando como uma locomotiva com longas pernas e esporas. Joe estava bem atrás dele.

Tyler parecia cansado e profundamente desgostoso, como se aquilo fosse o pior que poderia ter esperado de um dia particularmente difícil. A fúria escapava para fora dele em ondas que se dispersaram sobre os homens como as pedras de gelo em uma tempestade de granizo. Até mesmo Libby pensava que parecia uma figura aterrorizante.

— Malditos tolos idiotas. — Joe gritou em voz baixa. — Levantem o traseiro do chão e comecem a se comportar, ou ambos irão para longe daqui esta noite mesmo, com os seus pagamentos. — Ele e Tyler levantaram ambos os homens pela gola da camisa.

— Mas, Tyler... Rory protestou.

— Rory, — respondeu ele com advertência, indicando com seu tom de voz que seria melhor que se mantivesse calado. — Charlie, não acha que deveria estar com a manada?

— Sim. — resmungou entre respirações, e puxou sua camisa suja e manchada de relva. Pegou seu chapéu de Bean, que tinha recuperado, e o colocou. Seu olho estava inchado pelos socos dos punhos de Noah que o golpeara.

— Noah, continue com o que deveria estar fazendo. — Tyler ordenou. — Os outros, façam o mesmo.

Com o nariz sangrando e escorrendo pela frente da camisa, Noah saiu correndo pelo campo.

Libby voltou ao seu posto no vagão, tão agitada quanto aborrecida com Noah e Charlie, desejando poder lhes dar um pedaço de sua mente. Não podia acreditar que aqueles dois tinham rolado pelo chão e trocado socos como uns selvagens!

Nunca tinha visto algo assim em sua casa. Sim, provavelmente acontecia todo o tempo, mas não debaixo de seu nariz. Então decidiu que receber os gritos de Tyler e Joe era castigo suficiente.

Colocou um pouco de água quente na bacia e começou a lavar os pratos e utensílios com o sabão que não fazia espuma. E pela primeira vez desde que tinham saído, ela se encontrou

pensando na Estrela Polar em lugar de pensar em Chicago.

Tyler olhou para sua cozinheira. Apesar de todas as dificuldades com as quais se enfrentara ao longo do dia, a cascavel e a luta só tinham sido duas das muitas, percebeu que retornar ao acampamento e vê-la ali levantava um pouco do seu ânimo.

— Aqueles rapazes são bons amigos. Porque demônios veio tudo isso? — Joe perguntou, enquanto ele e Tyler caminhavam para uma troca de roupas.

Tyler olhou para a pequena figura de Libby com o avental enquanto ela entregava a Rory um biscoito quente e o que parecia ser o começo de uma reprimenda. — Tenho a sensação de que sei exatamente do que se trata.

Tyler não acrescentou que estava começando a entender como Charlie e Noah se sentiam.

• • •

Mais tarde naquela noite, Tyler tirou as botas e estendeu seu saco de dormir ao lado da carreta. A fogueira ardia a fogo lento, as chamas erguendo-se suavemente de vez em quando. Ao seu redor, outros oito homens esgotados dormiam, roncavam e sonhavam, mas Tyler só podia pensar na mulher no carro junto a ele.

Viver no caminho era duro para qualquer um, estar limpo era quase impossível, as condições eram duras e o conforto nulo. Os homens não se importavam muito. Podiam dormir quase em qualquer lugar e a qualquer hora. Se passavam sem um banho em uma ou duas semanas, não era o fim do mundo

para eles. Tyler tirava as roupas todas as manhãs e mergulhava em um arroio de água congelada sem pensar duas vezes.

As mulheres, por outro lado, não estavam predispostas a desfrutar daquele tipo de vida. De alguma forma, apesar de todos aqueles obstáculos, Libby conseguia manter aquele olor doce e seus cabelos brilhantes. Como se a imagem em sua mente o tivesse invocado, Tyler ouviu o esguicho da água no interior do vagão e sabia que ela deveria estar se lavando.

Até o momento, Libby Ross não demonstrara ser a carga que ele imaginara que seria. Aprendera a manobrar aquela equipe de mulas sem muito treinamento nem prática; alimentava os homens com boa comida fazia tempo, em umas condições que ele sabia, não estava acostumada. Ela fizera todo o possível para tentar parar a luta daquela tarde, ainda que os cabeças ocas não a ouviram. Sorriu na obscuridade ao pensar nela com seu canhão doze apontando para a cascavel. Ele não se atrevera a lhe dizer que realmente pensava que receberia um tiro no pé, e que no mínimo esperava que a explosão assustasse a cascavel.

Não, ela aguentava qualquer coisa e fazia seu trabalho, não tinha como negar. Pensou como seu ressentimento e desconfiança estavam mudando para um crescente respeito. Era sua vulnerabilidade, o sussurro da tragédia que percebia nela, o que o fez pensar.

Pensando na luta de novo, e na razão que a tinha causado, sentiu um nó no estômago. E se ela se casasse com Charlie? Não vira nada entre eles. Não o rubor de uma menina,

nem tímidos olhares por parte dela, para acreditar que ela o aceitaria. O fato de que Charlie estivesse se comportando como um bezerro doente de amor também não lhe dizia nada. Ele mesmo se sentira assim uma ou duas vezes em sua vida. E por sorte, se recuperara.

Quando se recostou contra a sela e olhou para o céu noturno, um profundo suspiro lhe escapou. Fosse pelo alivio de finalmente se deitar depois de um dia infernal, ou pelo peso de seus pensamentos, não estava certo. Agir como um cowboy ao longo do caminho era o trabalho mais duro que conhecia, devido principalmente à falta de sono que acarretava tal trabalho. Uma vez, há anos, um velho agora, lhe dissera que se quisesse participar no caminho, seria melhor que aprendesse a dormir durante o inverno.

Tyler não sonhara em ser um cowboy. Tinha traçado uma vida muito diferente para si mesmo, mas o tempo e o destino interferiram para colocá-lo naquele caminho.

Ele não se lamentava por isso, exatamente. Encantava-se com a Estrela Polar e tinha dado tudo o que possuía, incluindo a frágil e linda Jenna. E alguma coisa dentro dele tinha morrido ao longo do caminho. Viu algumas estrelas sobre sua cabeça faiscando em branco e azul. Naquele silencioso amanhecer de novembro, coberto de neve, cinco anos atrás, se sentira como se a dor e aquelas estrelas distantes e frias, fossem tudo o que lhe ficara. E se sentira assim durante um longo tempo. Um tempo durante o qual uma forte geada tinha permanecido em sua alma, deixando todos fora dela. Com o tempo, se cansou da sua solidão o suficiente para desfrutar da

tranquila companhia de Callie Michaels.

Aquilo tinha sido suficiente até agora, mas estava começando a perceber que a simplicidade de sua relação com ela também podia ser um inconveniente. Distraidamente, tocou um dos eixos da roda do carro atrás de sua cabeça e olhou para a lona.

A capa de gelo em seu espírito estava começando a derreter. O que teria debaixo, depois de todo aquele tempo, ele desconhecia.

• • •

Na manhã seguinte Charlie se aproximou de Libby e se desculpou por sua participação na luta, dizendo que esperava que o incidente não tivesse diminuído sua opinião sobre ele, a tal baixo grau para que ela deixasse de considerar sua proposta. Ela não tinha a coragem de lhe dizer que tinha considerado sua proposta e a tinha recusado uma meia hora depois que ele a fizera.

No entanto, quisesse ou não, Libby não poderia permanecer aborrecida com ele. Parecia tão abatido em frente a ela com um olho roxo de primeira classe, retorcendo a aba de seu chapéu entre as mãos, que ela não teve opção a não ser perdoá-lo. Seu rosto se iluminou na hora.

— Mas, Charlie, — avisou-o suavemente: — creio que é justo dizer que ainda planejo subir ao trem...

Ele levantou a mão para barrar suas palavras. — Vamos, vamos, senhorita Libby, isto não terminou ainda. Continue pensando nisso até chegarmos a Miles City. — Então,

sorridente, colocou o chapéu e se dirigiu para seu cavalo. Enquanto ela observava como se afastava, teve que sorrir também. Não seria fácil lhe dizer que não poderia se casar com ele.

Noah Bradley, por outro lado, permaneceu em silêncio durante todo o desjejum. Não falou com Libby e manteve uma distância evidente com Charlie quando os dois estavam no acampamento, ao mesmo tempo. Enquanto ela não tivesse feito nada para animar suas atenções para ela, a aborrecia ser consciente de que sua amizade fora posta em perigo por sua causa, especialmente quando ela não tinha nenhum interesse por eles dois.

Libby não viu muito de Charlie nem de Noah depois daquilo. A manada estava nervosa e à beira do pânico, tinha ouvido Joe dizer a Bean. Usavam todos seus esforços para manter os animais na linha.

Uma das coisas que ela notara, no entanto, era Tyler observando-a. Parecia que a qualquer momento ela estava dentro de seu campo de visão, e se olhasse em sua direção, o encontrava observando-a até que percebia ter sido descoberto. Por alguma razão, ver uma faísca daqueles olhos azuis para ela a fazia sentir um calor em seu rosto de um modo que a doçura de Charlie, ou as egoístas palavras de Wesley, não tinham conseguido. E apesar do severo sermão que se reproduzia a cada dois por três em sua mente, encontrava a si mesma procurando Tyler, também.

Na última hora da tarde depois da luta, Charlie trotou ao lado do carro de Libby, e lhe fez sinais para que parasse. —

Aproxima-se uma tempestade muito forte. — Apontou por cima de seu ombro.

Libby puxou as rédeas para deter as mulas e se inclinou para olhar o céu do noroeste. O ar se tornara mortal, e uma parede de nuvens negras esverdeadas flutuavam sobre o horizonte. Atrás dela, ouviu o gado se queixando nervosamente, e os cavalos se inquietando. Apesar de que o pôr do sol estava ainda há uma hora de distância, a terra se escurecia por minutos, e Libby podia cheirar a chuva. Uma força imensa estava ganhando mais força naquelas nuvens negras.

Joe e Tyler chegaram cavalgando, então, e olharam para a manada.

— Maldição, justo o que necessitávamos. — Tyler se queixou, sua expressão sombria.

— O que devo fazer? — Libby perguntou. Ela era a única pessoa que não tinha trabalho pendente diante de tal emergência. — Devo parar aqui? — Sabia que parecia assustada, mas não podia ocultar o tremor de sua voz.

Tyler não afastava o olhar da manada nem do céu ameaçador. — É melhor que entre no vagão. Não poderá cozinhar com a chuva. — Então ordenou ao seu cavalo que seguisse para diante.

Joe puxou a bainha de suas luvas. — Bem, vamos, Charlie, permaneçamos juntos. Alegro-me de ter atravessado o rio esta manhã. Depois desta chuva, vai ficar mais caudaloso que nunca. — Virou seu cavalo e seguiu Tyler.

Charlie se inclinou para ela de sua sela de montar, e naquele momento, levou todo seu honesto coração para seu

rosto. Nenhum homem tinha olhado para Libby daquela maneira. — Gostaria de poder ficar aqui e cuidar de você. Não é justo que tenha que se cuidar sozinha…

Da distância, Libby ouviu a voz tensa de trovão de Tyler. — Charlie! Vamos, maldição! Temos que manter a manada junta.

Naquele momento um relâmpago em zigue zague se arqueou para baixo do céu com um zumbido explosivo, iluminando brevemente o campo em um deslumbramento. Libby saltou, abrindo a boca diante da proximidade do raio. Um pandemônio estalou entre o gado atrás deles. O retumbar dos cascos dos bovinos competia com o retumbar do seguinte trovão, e por sua vez todos os animais começaram a correr, dando uma virada geral pela direita de Libby.

Charlie olhou por cima do ombro, e depois para Libby em uma agonia de remorso. Se tinha aprendido algo daqueles homens era que o bem estar da manada estava acima de qualquer outra coisa, incluindo suas próprias vidas. —Deus, vão correndo para um precipício. Tenho que conseguir que retornem. Verei você quando tudo isto terminar. — Gritou por cima do estrondo. — Mantenha-se a salvo! — Empurrou seu chapéu para baixo e galopou para se unir ao resto da equipe e ajudar a fazer retornar o assustadiço gado.

Libby olhou até que ele e seu cavalo desapareceram por trás de seu vagão.

Outro raio cruzou, serpenteando para baixo das nuvens, desta vez mais perto, e sua equipe de mulas cambaleou para frente e começou a correr, também. Um trovão sacudiu a terra

e o céu se abriu, soltando torrentes de chuva impulsionadas por um vento feroz. Com sua vista embaçada pelo aguaceiro de amarração das nuvens de tinta negra, Libby puxou freneticamente as rédeas tentando parar as mulas fugitivas, mas foi inútil. A água corria em rios da aba de seu chapéu, obstruindo cada vez mais sua visão.

— Whoa! Alto! Por favor, parem! — Gritava com seu coração batendo na base de sua garganta. A equipe a fez saltar, ela e a carreta sobre buracos e obstáculos a uma velocidade maior do que o veículo podia suportar. Rangia e estalava enquanto voava sobre o terreno áspero, e atrás dela, Libby ouvia as latas e potes sendo jogados contra as paredes do vagão. Presa por uma rajada de vento, o chapéu voou de sua cabeça, e por um instante suas cordas se balançaram ao redor de seu pescoço. Em algumas ocasiões, o carro se inclinava precariamente para um lado, quase tombando. Com seu coração quase paralisado pelo medo que a corroía, Libby lutou para se manter em seu assento sem soltar as rédeas. Não tinha nenhum problema para se imaginar sendo jogada do assento do vagão, e sua vida terminando abruptamente ao quebrar o pescoço.

Por último, com uma explosão de força nascida do absoluto terror e do instinto de sobrevivência, puxou as cordas com cada fibra de sua vontade e de seu corpo. Sentia seus braços como se fossem rachar por seus punhos e seus cotovelos, e apesar das luvas, as rédeas de couro se cravaram em suas mãos.

— Detenham-se, malditas! — Libby amaldiçoou as mulas,

com a voz em um misto de grunhido e um grito. Mas funcionou e a equipe se deteve, seus lombos ensopados pela chuva, agitadas.

A própria respiração de Libby derivou para uns profundos ofegos soluçantes, enquanto olhava os animais. Oh, meu Deus! Pensou. Puxou o freio e colocou as rédeas ao redor dele, e envolveu seus braços ao redor de si mesma por um momento. Seu corpo inteiro se sentia fraco e vazio, pela adrenalina correndo por ela. Olhou através do véu cinza da chuva, tentando averiguar onde estava, mas nada lhe parecia familiar, e a noite se aproximava rapidamente.

Como diabos iria encontrar seu caminho de retorno ao acampamento? Nem mesmo podia distinguir entre este e oeste. O céu estava igual com um cinza escuro em todas as direções que se olhasse. Mas não podia ficar ali. Teria que tentar.

Depois que ela e as mulas recuperaram o fôlego, Libby pegou as rédeas e virou o carro, na direção que ela acreditava que tinha vindo. Tinha que voltar a equipe antes do entardecer. Aqueles homens deveriam estar mortos de fome depois de um dia tão infernal, e mais que isso, não queria estar ali, naquele vasto país, selvagem, sozinha na escuridão. Mas não tinha sinais distintos que ela pudesse recordar de seu primeiro passeio vertiginoso até ali. E as nuvens baixas e a chuva caindo como lençóis, encurtavam consideravelmente o horizonte.

Percorreu o prado encharcado, tentando encontrar um cavaleiro de cabelos castanhos; certamente mesmo que aquela tempestade pressagiasse o fim do mundo, Tyler Hollins ainda

estaria ali, montando seu cavalo e cuidando de todos os detalhes. Era sua maneira de ser, era forte, capaz, imutável, como o granito. Se bem que aqueles mesmos traços o faziam parecer aborrecidamente distante e sem emoções, também ela encontrava consolo neles. Conforme os quilômetros e os dias de viagem passavam, mais e mais frequentemente Libby levantava o olhar das orelhas das mulas em busca de suas costas retas à frente. E ele estava quase sempre presente.

Mas agora se encontrava sozinha, com um céu que cada vez tocava mais a terra. Libby não poderia dizer por onde o sol estava se pondo. Não via o rebanho por nenhuma parte, nem mesmo um cowboy. Libby se sentia como se fosse a última pessoa sobre a face da terra. Conhecera aquele tipo particular de desolação somente uma vez antes, e tinha sido aqui, em Montana, quando o vento gemia e a neve era profunda...

Deixou que as mulas andassem lentamente até parar. Não tinha nenhum sentido agora em tentar se mover dali. Acabaria ficando mais irremediavelmente perdida. Seu único recurso era esperar até a manhã do dia seguinte. Talvez o tempo se abrisse então. Mas agora a chuva estava mudando para um forte aguaceiro, impulsionado pelo vento e granizo, e ela passou por cima do assento para o refúgio da carreta. Tinha tirado seu abrigo de montar antes, e o jogara na parte traseira, embalada pela suave tarde de primavera. Agora suas roupas estavam completamente molhadas.

Caindo sobre o monte de sacos de dormir, Libby estremeceu no escuro crescente, enquanto o granizo e a chuva batiam na lona do vagão. A escopeta, ela deveria manter a

escopeta com ela, pensou nervosamente, se por acaso precisasse. Tirou as luvas e o chapéu, e se arrastou sobre a cama, procurando a lanterna que pendurava na parte posterior do vagão, com a esperança de que não tivesse caído do gancho. Quando suas mãos se fecharam ao redor do globo de cristal, ela rezou para que pelo menos um fósforo no bolso de seu avental, estivesse seco ainda.

A cabeça de enxofre brilhava à luz deslumbrante de querosene, quando Libby pegou a escopeta e uma caixa de balas com suas mãos trêmulas. Graças a Deus, Tyler tinha insistido em que ela aprendesse a disparar aquela coisa. Continuava pensando que ter acertado naquela cascavel tinha sido mais sorte que qualquer outra coisa, mas ter a pistola em seu colo a faria se sentir um pouco mais segura.

Os raios tinham mudado de lugar, mas a tempestade continuava uivando ao seu redor. Os cabelos lhe caíam em longas e úmidas madeixas pelo pescoço e pelas costas. Afastando suas saias úmidas e frias para longe de suas pernas, Libby tentou pensar em uma razão convincente para não sentir pena de si mesma. Mas levando em consideração suas circunstâncias miseráveis e seu medo crescente, não conseguia encontrar nenhuma.

Lágrimas quentes encheram seus olhos, e começaram a brotar porque não podia pensar em nenhuma razão para barrá-las, também não.

• • •

Tyler olhou para o amarrado e bem conduzido gado, com

uma sensação de profundo alivio. Talvez ainda tivesse que reunir algumas cabeças, não tivera tempo para contá-las, mas pelo menos tinham sido capazes de fazê-las voltar antes que caíssem pelo penhasco.

— Jesus Cristo. — Joe suspirou ao seu lado. — Isso esteve muito perto para mim. — A chuva continuava caindo sobre eles, mas a parte mais ruidosa da tempestade tinha passado ao oeste para as montanhas.

Tyler assentiu e jogou a cabeça para baixo para drenar o anel de água que se acumulara na aba do seu chapéu. Pelo menos, fora capaz de pegar o impermeável da parte posterior de sua sela antes de começar a perseguir o gado, por isso não estava tão molhado como alguns dos homens.

— Esperava que pudéssemos conseguir atravessar a unidade do caminho sem nenhum estouro. Deveria ter pensado melhor. — Viu como Rory passava pela frente de todo o gado para amarrar com uma corda, um boi que estava tentando escapar.

Joe se inclinou para frente e apoiou seus braços sobre a sela. — Sim, e esta manada continua muito nervosa. Creio que todos vamos ter que tentar descansar esta noite. Talvez se deixar de chover, a senhorita Libby poderá pôr em marcha a cafeteira.

Tyler finalmente encontrou uma razão para sorrir. Com um pouco de resistência, Libby tinha aprendido a fazer o tipo de firme beberagem de alcatrão negro que os homens queriam. Ela se negava a ceder, sem dúvida, quando o irmão de Hickory, Possum, lhe pediu que pusesse um prego oxidado nele para lhe

dar sabor.

— Um café agora seria uma maravilha. Pergunto-me quanto longe estamos da carreta. — Ele olhou a sua volta na luz minguante, em busca da coberta do vagão de lona branca. — Não o vejo. — disse, enquanto uma sensação de medo se abatia sobre ele.

Joe se virou em sua sela e olhou também. — Não nos afastamos tanto em absoluto. Fomos capazes de devolver o rebanho quase até o lugar onde começou o estouro. — Levantou-se nos estribos e examinou a pradaria de novo. Os olhos de ambos se encontraram, e ele negou com a cabeça. — Ela não está aqui, Ty.

Se Joe dizia, ele sabia que era verdade. Joe passara toda a vida ao ar livre e poderia chegar praticamente a todos os terrenos por distantes que estivessem, muitas vezes parecia assim.

— As mulas podem ter se assustado pela tempestade e ter começado a correr. — Joe sugeriu. — Irei procurá-la.

Uma imagem preocupante se formou na mente de Tyler, de um vagão tombado, de delicados ossos quebrados, de uns cabelos molhados e embaraçados derramados através da úmida relva.

— Não! — Espetou ele. — Não! Você fica com a manada, Joe. Ela é minha responsabilidade, eu irei procurá-la. — Mas no canto mais tranquilo de seu coração, Tyler sabia que seu sentido do dever não tinha nada a ver com aquilo.

Abaixou-se e procurou seu rifle em sua funda, então apalpou sua pistola no quadril esquerdo. Tinha sorte de ter as

duas armas, ainda. Sim, tinha sorte de que não o tivessem matado. Até os mais verdes novatos sabiam que tinham que deixar suas armas de fogo e qualquer outra coisa de metal, no vagão durante uma tempestade elétrica. Com a pressa, se esquecera. Maldição, deveria ter percebido que algo assim poderia ter acontecido a Libby. Não tinha experiência tentando controlar uma equipe fora de controle. Mas a verdade do assunto era que isso mesmo poderia ter acontecido a Rory ou a qualquer um.

Agora, tentava evitar que seu temor pela segurança de Libby lhe roubasse todo seu senso comum. Seus sentimentos por ela eram mais profundos do que queria admitir, inclusive para si mesmo. Aquilo lhe dava medo, também. Sentiu os olhos de Joe sobre ele. Tinha a incômoda sensação de que seu amigo conseguia ler seus pensamentos.

Tyler encolheu os ombros, tentando agir casualmente. — É provável que se encontre perdida neste momento. Sabe que as pessoas da cidade não podem diferenciar nem os dias da semana no campo.

Joe lhe lançou um olhar astuto. — Sim. Eu sei. Bem, é melhor que vá enquanto ainda existe luz. Talvez tenha deixado rastros.

— Talvez. — Tyler puxou a aba de seu chapéu em sinal de despedida e esporeou seu cavalo ao trote. — Aguente, Libby, — murmurou. — eu a encontrarei.

Capítulo 9

Libby se sentou sobre uma pilha de sacos de dormir na parte traseira do vagão, apoiada no armário de caixões do mesmo, com a escopeta de Tyler sobre seu colo. Seus músculos estavam tensos e frios, e seus dentes batiam. Não deveria deixar as mulas amarradas ao carro toda a noite, então, as soltou. Mas desenganchar a equipe sob a chuva a deixara gelada até os ossos. Quando tentou abrir seu baú para procurar alguma roupa seca, descobriu que a umidade tinha emperrado a tampa hermeticamente, com a madeira inchada. Não importava quanto puxasse, não conseguia abrir o baú.

Não estava segura de quanto tempo estava naquele lugar. O sol se pusera fazia muito, e parecia que o tempo tinha parado. Os pacotes e sacos de farinha de milho formavam sombras altas e angulosas que pareciam se inclinar para as criaturas como as de um sonho febril. A chuva continuava batendo contra a lona, e rajadas fortes de vento sacudiam o vagão. A tempestade jogava um mau pedaço aos seus ouvidos, também. Às vezes lhe parecia ouvir que alguém a chamava. Ela estremeceu. Claro, aquilo seria impossível.

Passara-lhe pela cabeça que um dos membros da equipe poderia estar procurando-a. Charlie ou Joe, mas aquilo seria

improvável, também. Eles provavelmente estariam muito ocupados com a manada naquela tempestade, e quem a procuraria na escuridão e na chuva? Esperavam que fosse capaz de cuidar de si mesma, durante uma noite, pelo menos.

Pensou na Estrela Polar e um pequeno soluço histérico se deslizou por sua garganta. Durante a maior parte do tempo que tinha passado no rancho, tinha desejado estar em Chicago, apesar de que seu futuro fosse incerto. Mas agora compreendia o que Joe queria dizer quando falou que a casa do rancho se sentia como um lar, um grande porto seguro e iluminado naquele mar de relva. Deus, como ansiava estar lá agora, seca e confortável, em lugar de presa naquele vagão, fria, miserável, perdida, presa dos ursos ou de qualquer outro animal faminto que descesse das colinas.

Naquele momento, ouviu um ruído fora, justo ao lado dela. Sentou-se, com as costas rígidas. O que seria aquilo? Perguntou-se. Parecia como se algo, ou alguém tivesse chocado contra a parte traseira do vagão. Esforçou-se para escutar, sua respiração ficou presa em seu peito. Desta vez sabia que não era sua imaginação, mas seu coração batia tão forte em seus ouvidos, que não poderia dizer de qual direção tinham vindo. Levantou a escopeta e apertou de novo os martelos. Suas mãos estavam úmidas na culatra e no canhão. Apontando para a parte dianteira do escuro vagão, se sentou rígida como um manequim, esperando, escutando, com a garganta seca como se tivesse engolido um giz.

A cabeça de um homem e seus ombros apareceram pela porta em arco por trás do assento. Não era mais que uma

silhueta escura e desconhecida emoldurada no arco. Nervosa e assustada, Libby engoliu um grito e seu coração duplicou seu ritmo. Inclinou-se para frente. Tinha vivido muito e chegado muito longe para deixar que aquele homem lhe fizesse mal.

— Se der um passo mais, eu atiro. — Suas palavras, engasgadas, mas firmes. — Juro que o farei!

— Libby, sou eu!

Aquela voz. — Tyler? — Perguntou, com suas próprias palavras, logo apagadas. Abaixou a escopeta, tão surpresa que sua mandíbula caiu. Era a última pessoa que esperava ver. — É você realmente?

— Jesus, estive procurando-a por toda parte. — Ele subiu por cima do assento do vagão e seguiu seu caminho para ela. Libby podia sentir a umidade fria da noite irradiando da roupa dele. Tyler se ajoelhou e pegou as mãos entre as suas. Suas luvas estavam úmidas, mas quentes de seu calor corporal. A luz da lâmpada caiu sobre ele e a surpresa de Libby cresceu quando viu a expressão de preocupação nua em seu lindo rosto. Seus olhos refletiam uma emoção que ela não conseguia identificar.

Ele abriu seu impermeável e com um grito sufocado, Libby se lançou contra seu peito, tentando conseguir que seu queixo deixasse de tremer. Realmente era Tyler. Cheirava a cavalo molhado e ar limpo, lavado com a tempestade. Tyler hesitou por um momento e logo a envolveu com seus braços. Libby estremeceu. Era bom sentir o sólido muro do seu peito sobre seu rosto, saber que alguém mais forte estava com ela agora.

— Estou tão feliz de ver você. — disse ela contra sua

camisa.

— Eu me alegro muito de ver você, também. — murmurou, pressionando brevemente seu rosto contra a parte superior da cabeça dela.

Libby se sentou, envergonhada por seu comportamento. — Desculpe. Não queria ser tão...tinha um pouco de medo...

Ele a empurrou um pouco para trás e a olhou de cima a baixo, passando as mãos por seus braços. — Está ferida?

— Não, mas tenho muito frio. — Libby tentou evitar que sua voz tremesse, mas o frio, o medo e o cansaço cobravam sua fatura. — Como me encontrou?

— Estava começando a pensar que não conseguiria. Escureceu muito rápido. — Ele lhe soltou as mãos e tirou o chapéu e as luvas, jogando-os sobre um pacote no canto. — Por fim, vi um resplendor tênue adiante na névoa. Era a luz desta lanterna. Fazia que este lenço parecesse uma cortina de luz. — Indicou para a parte superior do vagão.

Ela estremeceu de novo.

— Não deveria estar sentada aqui com sua roupa molhada. — disse ele, franzindo o cenho. — Essa é uma boa maneira de conseguir que adoeça, e não podemos nos permitir isso aqui. — Ele pegou a escopeta de seu colo e a apoiou contra uma caixa de maçãs secas.

Não, claro que não, pensou Libby, sua alegria após vê-lo se atenuou um pouco. Quem iria cozinhar para ele e seus homens se alguma coisa lhe acontecesse? Quem iria conduzir aquele carro se ela adoecesse? O tom de sua voz se aplainou. — Não posso abrir meu baú. A chuva fez a madeira inchar.

Tyler se dirigiu para ele.

— Não há nada de comida quente. — disse ela. Libby o viu encolher os ombros fora de seu impermeável e reajustar seu aperto. — Mas há biscoitos de massa fermentada que sobraram do almoço. E creio que tenho algumas conservas, também. — Libby viu como os músculos das costas de Tyler se flexionavam e contraiam sob sua camisa enquanto lutava com a tampa. — Não esperava que viesse me procurar.

Ele a olhou por cima do ombro. — Não se esqueça, Libby, você é minha responsabilidade.

Na primeira vez que lhe dissera aquilo a deixara aborrecida por ser considerada como uma idiota incompetente que precisava de proteção de si mesma e de tudo o mais. Agora, quando percebeu aquela designação, seu coração se opôs por uma razão diferente. Era só seu senso de responsabilidade o que o tinha feito vir por ela?

Amaldiçoando com a força de um trovão, Tyler puxou a tampa com todas suas forças, mas ela não cedia, nem mesmo para ele.

— Maldição! — Acabou com uma exalação explosiva. — Mataria ao filho da puta se isso ajudasse. — Virou-se para ela e puxou seu saco de dormir sobre a pilha. — Bem, vamos, tire essa roupa molhada. Terá que se envolver em uma de minhas mantas.

— Desculpe, senhor Hollins? — Seu comando brusco a fez cair de novo na formalidade, e Libby sentiu chamas em seu rosto frio. Não tinha pensado que teria energia para se ruborizar, mas sentiu-se de novo irritada. — Com esta, já é a

segunda vez que me ordena que tire minhas roupas.

Tyler olhou para Libby. Apresentava um quadro lamentável. Seus olhos cinzas estavam muito abertos com indignação e seus dentes batiam enquanto agarrava a gola úmida de sua blusa perto de sua garganta. Ele suspirou. A fadiga e a preocupação o tinham feito parecer brusco com ela. Procurara-a durante tanto tempo que tinha começado a se preocupar de que estivesse perdida na escuridão. A visão de pesadelo da camioneta virada se repetia uma e outra vez em sua mente.

— Vamos. — Tyler repetiu, mais suavemente desta vez. Levantou uma manta. — Não podemos ir a nenhuma parte até amanhã, e não pode se sentar nessa roupa molhada toda a noite. — Esta vez, quando seus olhos viajaram sobre ela, não podia deixar de notar a forma em que sua blusa molhada moldava seus seios. Uma onda de calor o percorreu, mas se sentia desconfortável, também. Ela não era Callie. Era uma jovem viúva que, diferente da madame, não tinha perdido sua capacidade de se ruborizar.

Ainda agarrando sua gola, ela desceu seus olhos timidamente, e outro espasmo de frio a sacudiu. Não se moveu. Sua voz não era muito mais que um sussurro. — Na verdade, não espera que me desnude em sua frente...

Tyler sentiu um rubor se estender por seu próprio rosto. Estendeu-lhe a manta e se virou para a parte dianteira da carreta. — Ah, não, não. Tem biscoitos na caixa?

— Sim.

Tyler ouviu o alivio na voz dela. — Vou desencilhar o

cavalo e pegarei os biscoitos enquanto você se troca. Dê-me a outra lanterna.

Ela a entregou, e ele a acendeu, de costas a ela todo o tempo. Então pegou seu chapéu e impermeável e outra vez, desceu para a chuva. Sentiu-se tão tolo e sem experiência como Rory. Pelo amor de Deus, ele tinha visto mulheres nuas o suficiente em sua vida, porque esta era tão desconcertante para que todo seu corpo tremesse. Não, não era, admitiu. Aquilo era completamente diferente das outras vezes, e ele sabia.

Depois de levantar a sela da égua, a colocou sobre o assento do carro. Logo salpicou o solo encharcado que rodeava o veículo, segurando a lanterna em frente dele, abriu a caixa. Depois de examinar, tirou os biscoitos, envolvidos em um guardanapo. Não viu as conservas, mas encontrou a metade de uma torta de cereja. Uma lata de leite condensado se tinha caído sobre ele, mas serviria. Procurou nos caixões escuros por dois garfos e dois copos. Café quente teria sido bem vindo em uma noite tão horrível como aquela, mas a água deveria servir. Equilibrando o jantar e a lanterna, Tyler foi procurar o cantil de seu cavalo quando olhou para a lona do vagão. Se enfrentou a ela lentamente, paralisado pelo que viu.

A lanterna na carreta, a que o tinha trazido até ali, agora mostrava a silhueta muito feminina de Libby Ross sobre o tecido do vagão. Ela se desprendeu de sua blusa molhada e a pendurou em um gancho do vagão. Então saiu de sua saia, e secou os braços com o que ele supôs ser uma toalha. Ainda levava anáguas e camisola, podia ver a beirada do babado no

corpete quando se virou, e a curva de seus seios. Em resposta a tal visão, seu corpo começou a responder rapidamente com uma dor dura, pesada.

Tyler apertou o cantil contra seu peito e respirou profundamente, temporalmente esquecendo-se do vento e da chuva que ainda açoitavam seu rosto, que tinha fome e que estava cansado além do que poderia pensar. Esqueceu-se de tudo exceto da beleza das luzes e sombras em frente a ele. Quando Libby desamarrou a anágua e a empurrou para baixo das pernas, se virou e se apoiou na roda do carro, uma torrente de luxúria pulsando através dele.

Como diabos pensava que iria voltar à carreta e fingir que era como qualquer outra noite ao redor da fogueira? Que ela não estava nua envolvida em uma manta? Aquilo seria ainda mais difícil de suportar que o episódio com o linimento. Pelo menos naquela noite pode escapar. Deveria ter atirado na tampa do maldito baú para que ela pudesse ter se vestido. Mas não tinha nada que fazer agora.

Depois de esperar um momento ou dois, se dirigiu para a parte dianteira da carreta e falou em voz alta: — Está... — Mas sua voz saiu como um grasnido sufocado. Limpou a garganta. — Está decente?

Decente, Libby pensou, e olhou para baixo. Em sua camisola e roupa interior? Por que a nudez tinha que se agregar à situação que já estava se formando dentro? Mas não poderia fazê-lo esperar lá fora na chuva por mais tempo. Em silêncio, amaldiçoando seu baú tão vividamente como Tyler tinha feito em voz alta, pegou a manta que lhe dera, e se

enrolou. Foi imediatamente envolvida pelo aroma familiar dele.

— Sim, pode entrar.

Tão rápido como subiu na carreta, parou com a comida segura entre suas mãos e ela o olhou fixamente. O carro ficava carregado com sua presença, e seus olhos se dirigiram para uma cor turquesa enquanto seu olhar se apoderava dela. De outro homem, um olhar assim teria sido vulgar, mas não era assim com Tyler. Era simples e potente, e roubou todo seu fôlego. Seu medo derivava tanto da reação que ocasionou nele como o que leu naquele olhar. Ela se afastou um passo e sentiu a caixa contra seu traseiro.

Rompendo o silêncio e o contato com seus olhos, ele lhe mostrou os biscoitos e a torta. — trouxe o jantar. — Tirou o chapéu e o impermeável, e passou uma mão pelos seus cabelos. — Não sei você, mas eu estou morto de fome.

Era evidente que estava esperando um convite, ou talvez a permissão, por parte dela para se sentar em sua presença.

— Por favor. — disse ela, fazendo um sinal para um espaço vazio no piso. Libby sentia uma tremenda desvantagem por ter só suas roupas interiores e uma manta por roupa. Tinha que manter a manta enrolada com uma mão enquanto pegava os copos e os garfos que ele entregava.

— Não trouxe pratos. — disse. — Estava muito escuro e chuvoso ali fora para ficar procurando. — Quando se sentou, se inclinou lentamente sobre a pilha de sacos de dormir e esticou suas longas pernas. Libby o ouviu suspirar cansadamente.

— Não se preocupe. Podemos comer na bandeja da torta.

— Com cuidado, ela se sentou no único lugar disponível, ao seu lado, ombro com ombro. — Foi um dia muito duro, verdade?

Ele ficou imóvel durante uns segundos, como se estivesse muito cansado para fazer qualquer outra coisa. Cruzou os tornozelos, tocando a coxa de ela com a sua ao se mover. Libby tentou ignorar o fogo que corria por sua perna.

— Já tive melhores.

— Eu também.

Ele riu, e permaneceram sentados em silêncio durante uns minutos, com a atenção de ambos centrada na comida. Libby não percebera como estava faminta até que provou a massa fermentada.

Tyler fez um gesto para a torta com o garfo. — Sabe? Sempre tive a intenção de lhe dizer que é uma cozinheira incrível.

Libby o olhou boquiaberta. Tyler não parecia ser o tipo de homem que elogiasse alguém. — Obrigada. Os homens me disseram que teve um racha de má sorte com os cozinheiros nos últimos dois anos.

Ele sorriu enquanto mastigava e engolia. — Sim, penso que sim. Mas, meu velho teria chamado a isto de um pequeno sabor do céu. — Isso era o que costumava dizer quando alguma coisa era muito boa, se o céu tivesse sabor, seria este. — Ele lhe sorriu.

Libby abaixou a cabeça e sorriu também. Ele nunca tinha mencionado nada acerca de sua família antes. — Seu pai parece que tinha um toque de poeta nele.

— Entretanto não era mais que um pecuarista que nos trouxe até aqui desde San Antonio. Alguém lhe disse que as mais doces pastagens de terra se encontravam em Montana, livre para a adoção, e que um homem poderia criar uma manada, melhor que em qualquer outro lugar no Texas. — Tyler atravessou uma cereja com as pontas de seu garfo. — Minha mãe não queria vir no início. Disse que se ele fizesse um bom dinheiro aqui, poderia nos trazer com ele mais tarde. Se não o fizesse, o estaríamos esperando. Era uma mulher de caráter forte. Mas meu velho... — Negou com a cabeça. — sua palavra era a lei. Ele lhe disse que nós éramos sua responsabilidade, e que era seu dever como esposa seguir seu marido. Então, viemos. Não creio que alguma vez foi feliz aqui.

— Esteve fora muito tempo? — Joe lhe dissera que ambos os pais de Tyler tinham morrido.

Ele colocou água para os dois do cantil. —Sim. Ela morreu de gripe em nosso segundo inverno aqui. Eu tinha onze anos. Creio que meu pai sempre se sentiu culpado por isso, mas a vida aqui não é sempre fácil. Penso que percebeu isso.

— Sim, já sei. — Libby olhou sua mão. O corte tinha sarado bem, mas ao puxar as rédeas essa tarde, se abrira parcialmente de novo.

— Como está esse dedo? — Tyler perguntou, olhando-a.

— Estava muito melhor, mas depois de hoje com a equipe de mulas... — Encolheu os ombros.

— Vamos ver. — disse ele, e lhe estendeu sua mão aberta.

Ela hesitou só um instante antes de por sua mão com a palma para cima, na mão dele. Seu contato era quente quando

suspendeu à luz da lanterna. — Provavelmente deveria ter dado alguns pontos a isto.

— Oh, não. — ela advertiu, se afastando um pouco. Tinha limites na medicina amadora do rancho que Libby lhe teria permitido praticar nela. Mas a sensação de sua mão no aperto cálido a fez pensar que quase poderia valer a pena o risco de deixar que ele tentasse.

— Agora já seria inútil. Não adiantaria nada. — Ele soltou sua mão. Libby a enfiou entre as dobras de sua manta, dizendo a si mesma que não tinha sido realmente tão reconfortante como ela imaginara. Estava cansada e estava se comportando como uma criança.

Ele lhe deu uma olhada compreensiva. — Sei que veio até aqui para se casar com Ben, — disse, pegando um bocado de massa — mas me pergunto o que foi que a fez querer sair de Chicago para começar. Tenho a sensação que não foi seu espírito pioneiro.

Libby ouviu o mesmo interesse cortês, atento, que tinha ouvido naquela noite em seu escritório. Atrás daquilo tinha uma coragem que a animava a falar, e um desejo que lhe garantia que iria escutar. Libby pensou que era justo, afinal ele lhe revelara mais de si mesmo do que ela poderia esperar.

Puxou as beiradas da manta com mais força pelos ombros e se recostou contra um saco de farinha. Com um pouco de comida em seu estômago e o calor dele junto a ela, se deixou relaxar um pouco. Começou contando-lhe a história de como começou a trabalhar para os Brandauers quando tinha quatorze anos.

— Tinham uma casa grande e elegante, com tapetes fofos e uma lareira em cada aposento. Nunca vira nada igual. E Melvin, Birdie, e Deirdre, estávamos muito unidos e se converteram em minha família.

Tyler manteve seus olhos na xícara azul de esmalte em seu colo. — Parecia estar feliz de estar lá. Por que saiu?

Porquê? A memória de Libby retrocedeu a uma noite quente do mês de agosto anterior. Recordou desde os aposentos de Wesley, e suas impacientes mãos, até a sensação de horror absoluto quando Eliza Brandauer, que supostamente estava visitando uns amigos fora da cidade, abriu de repente a porta após dar um só golpe seco nela, antes que ele pudesse tomar a virgindade da cozinheira.

Distraída, ela plissou uma prega da manta. — Minha vida se converteu... em algo impossível. — respondeu ela, e por seu tom, Tyler notou que estava lhe pedindo que não tentasse perguntar mais. Wesley Brandauer era sua dor privada. — Não poderia permanecer lá por mais tempo.

Tyler assentiu com a cabeça, girando o copo em sua mão. — Não é a primeira pessoa que vem ao oeste para um novo começo.

Em cima de suas cabeças, a chuva se reduzira a um gotejar rítmico, agora só de vez em quando, impulsionada pelas sacudidas do vento.

Libby reatou sua história. — Vi um anúncio de Ben no qual solicitava uma esposa, em um periódico de Chicago. Dizia que estava procurando uma mulher que se mudasse para Montana e vivesse em seu rancho com ele. Eu precisava... bem,

colocar um pouco de distância entre eu mesma e o que estava acontecendo em minha vida. Sabe o que quero dizer?

— Sim, sei. — Um tom de amargura coloriu a resposta de Tyler.

— Então, respondi ao seu anúncio. Ele me respondeu e me disse que tinha uma operação de sucesso de criação em granjas, e que colocara um anúncio para encontrar uma esposa porque havia poucas mulheres nesta área. — Libby lhe deu um pequeno sorriso, e olhou para seu colo. — Também me disse que tinha trinta anos. Pedi-lhe que me enviasse o bilhete de trem. Me parecia uma boa opção naquele momento.

Tyler a olhou fixamente. — Trinta anos? Jesus Cristo, Ben Ross tinha mais de setenta. Tanto sua saúde como seu rancho tinham passado seus anos de jovens há muito tempo. Acaso acreditou que não notaria?

Libby encolheu os ombros. — Não posso saber. Quando cheguei a Heavenly e descobri a verdade, queria conseguir um novo bilhete para voltar a subir naquela diligência. Teria ido para onde fosse. A qualquer lugar. Mas não tinha dinheiro e ele também não. Não tive opção. Estava sozinha e assustada. Percebi que deveria tirar o melhor das coisas. Assim, nos casamos no escritório do prefeito, e fizemos a viagem até sua casa. Era estranho estar em um país tão grande, aberto, e ter que viver em uma cabana de um só cômodo tão apertado que precisava virar para os lados para passar ao redor de minha cama. — Tomou um gole de água.

— Então chegou o inverno. Ele adoeceu na primeira noite que nevou, e logo teve pneumonia. A cabana parecia ainda

menor depois daquilo. — Libby mudou de posição no chão, e enfiou seus pés no interior da manta. — Acredito que Ben Ross sabia que não poderia sobreviver ao inverno, e não queria morrer sozinho. Queria alguém que lhe fizesse companhia. Não posso culpá-lo, mas gostaria que tivesse escolhido um caminho diferente para conseguir o que desejava.

Ela ficou em silêncio, perdida nas lembranças da noite em que Ben tomou seu último fôlego.

Tyler lhe perguntou em voz baixa. — Então assim que ele se foi, você partiu para Heavenly?

Ela negou com a cabeça. — Não, não de imediato. Quando morreu, ainda tinha uma grande quantia de neve no solo e um pavimento sólido congelado por baixo. Descobri quando tentei enterrá-lo. — Sua voz se quebrou e ela tomou fôlego, à espera de recuperar o controle. Sentiu a mão de Tyler em seu braço coberto pela manta. — Eu o enrolei em uma velha colcha e o arrastei até o terraço. Não pesava muito no momento de sua morte. Algumas vezes, à noite, acordava porque pensava que o ouvia ofegar, mas era só o vento... Deus, aquele vento. Esteve envolvido naquela manta durante um mês, até que o clima esquentou o suficiente para que eu pudesse cavar seu túmulo. Nunca fui realmente sua esposa. — Ela hesitou por um momento. — Não, de nenhum modo que uma esposa deve ser, mas creio que lhe devia muito.

A mão de Tyler sobre seu braço apertou e ele suspirou, mas ela tinha medo de olhá-lo. Temerosa do que pudesse ver em seus olhos, e não estava certa do que poderia ser, fizesse com que as poucas forças que lhe restavam desaparecessem e

aquilo a fizesse começar a chorar outra vez como no dia em que tinha atirado na cascavel.

Mas sentia uma sensação de alivio, também. Ela nunca contara a alguém acerca de Ben. Levava aquela terrível experiência, enterrada em seu coração e sua mente, enquanto a revivia a cada noite em seus sonhos. Talvez agora aquela lembrança a deixasse em paz.

Ela sentiu o olhar de Tyler sobre ela enquanto ele a considerava. Parecia como se a estivesse vendo pela primeira vez. — Deve ter sido um inferno, verdade? — Murmurou.

Finalmente Libby reuniu coragem suficiente para olhá-lo aos olhos. Viu algo muito parecido a ternura escrito nos planos de seu rosto, e na forma em que seus olhos sorriam, ainda que aquele sorriso não chegasse a sua boca.

— Bem, não foi um piquenique no parque, mas tenho que manter a esperança de que tudo sairá bem. Como pode qualquer um de nós sobreviver neste mundo sem esperança?

Tyler mudou seu olhar para a parede oposta à lona como se tivesse alguma grande fascinação nela. — Isso significa que vai se casar com Charlie? — Murmurou.

— Charlie! Como soube disso? — Ela olhou seu perfil claramente definido: nariz delgado, fronte ampla, lábios grossos e mandíbula forte.

— Não há muito do que acontece em meu rancho ou com meus homens que eu não seja consciente. Então, vai se casar com ele?

Pensou na expressão que tinha visto no rosto do cowboy antes, quando a tempestade começara. Desejava poder cuidar

dele. Suspeitava que era um homem bom e decente. — Não, não o farei. Se alguma vez me casar de novo, será por amor. Gosto de Charlie, mas isso não é uma razão suficiente para me casar. Seguirei por minha conta em Chicago, ainda que o único trabalho que encontrar seja apenas para esfregar pisos.

Tyler se sentiu como se medisse dez centímetros. Ele tinha pensado que ela era uma incapaz mulher da cidade. Tinha pensado que seria uma tímida carga naquela viagem, alguém que deveria que ser vigiada e alimentada a mão a cada quilômetro do caminho. Que queria regressar a Chicago porque sua vida não era simples ou refinada o suficiente, ali. E a cada quilômetro do caminho, ela lhe demonstrava como estava equivocado.

O que não conseguia entender era porque se sentia mais protetor para com ela agora que sabia como era capaz, na realidade.

Na noite em que lhe vendara a mão, ela dissera com certa amargura que Ben Ross tinha exagerado muitas das coisas que lhe dissera. Tinha sido amável em sua avaliação. Não percebera o flagrante que as mentiras do velho tinham sido.

— É uma mulher muito surpreendente, Libby Ross. É mais valente que muita gente que conheço.

Ela tentou lhe dar um sorriso trêmulo em troca, mas não conseguiu evitar completamente as lágrimas que ameaçavam saltar de seus olhos. Desviando seu olhar dele, correu uma mão por seu rosto. Era sua intenção parecer valente, o que foi direto ao coração de Tyler.

Ele tirou o copo de sua mão e o colocou no piso ao lado

dela, pegou em seus braços. Enrolada em sua manta daquela maneira, lhe recordava uma menina. Com a fronte apoiada contra sua mandíbula, não podia ver seu rosto, mas seus cabelos, secos nas pontas, caíam em suaves ondas rebeldes sobre seus ombros, brilhando aqui e ali com luz cintilante. Cheirava a chuva e a baunilha. Podia sentir sua tensão, enquanto se apoiava nele.

Nos últimos anos, Tyler tinha mais prática acalmando cavalos desgostosos que mulheres desgostosas, mas em sua experiência, o que funcionava com um, funcionava com o outro.

— Vamos, querida, acalme-se. Tudo está bem. — disse enquanto a embalava suavemente e esfregava suas costas. — Agora está a salvo. Já não está sozinha.

Libby não podia ignorar o consolo dos braços de Tyler. Ele era quente e forte, uma presença tranquilizadora na fria escuridão da noite. Sabia que tinha que resistir a aquela comodidade, mas, meu Deus, era tão difícil.

Assim fora como Wesley ganhara sua confiança, dando a impressão de se preocupar com ela. Fazendo-a se sentir como uma duquesa em lugar de uma ama de casa. Até o pesadelo que viveu naquela noite de agosto. Por cima da atroz humilhação de ser descoberta em seu quarto, descobriu que o senhor Wesley iria se casar dentro de um mês com a filha de uma proeminente família de Chicago.

Mas o homem que a segurava em seus braços naquele instante, não era Wesley Brandauer. Era Tyler Hollins, um homem franco. Um homem que, ela sentia, poderia ter um

coração cheio de pena, também. Sob as suaves caricias de sua mão nas costas, sentiu como seus tensos músculos começavam a se relaxar. Suas palavras murmuradas ao lado de seu ouvido eram tranquilizadoras. Não estava certa do que esperar daquela nova faceta insuspeitada dele, mas gostava muito. Assim, quando sua mão subiu pelas costas dela até sua mandíbula, como se ele tivesse querido que o fizesse, ela inclinou a cabeça para trás e recebeu seu beijo.

No instante um calor feroz surgiu entre eles. Seus lábios eram exuberantes, cálidos e emocionantes. Os pelos de sua barba rasparam suavemente contra seu queixo. Ela se aconchegou mais perto dele, e imediatamente ele aprofundou o beijo. Tyler apertou seu braço ao redor dela e Libby sentiu uma palpitação vital, uma urgência inquieta nele e em si mesma. A respiração dele se fez mais pesada e seu coração batia mais rápido que o de um coelho. Libby se animou a resistir, a pôr fim a aquilo naquele preciso momento, mas seu corpo se negava a obedecer.

No instante em que seus lábios se tocaram, uma sacudida ardente em ziguezague percorreu o corpo de Tyler. Sua excitação foi rápida e forte. A boca de Libby sob a sua era suave e dócil. Sua delicada fragrância encheu sua cabeça e escutou o suave gemido, angustiado, que proveio de sua própria garganta.

Uma coisa tão simples, um beijo. Mas tinha passado tanto tempo desde que tinha provado um, que o sentia como se fosse o primeiro, como se fosse menino outra vez, como se aquele fosse o beijo que sempre estivera esperando. Suavemente,

tocou com sua língua o lábio superior dela, e logo, o inferior. Satisfez-se em sentir a rápida inalação dela. Sua mão saiu de entre as dobras da manta para repousar contra seu peito, bem em cima do lugar onde seu coração troava. Tyler ergueu sua mão e rapidamente desabotoou sua camisa até a metade, enfiou a mão dela no interior e a segurou contra sua pele.

— Tyler, ela sussurrou, e outra brecha se abriu no espírito de gelo dele.

Tyler se afastou para olhá-la, bela e frágil à luz da lanterna, e ele sabia que era aquilo que queria fazer desde a primeira manhã em que a vira. Com avareza a atraiu para ele e pegou seus lábios de novo. O interior de sua boca era quente e resvaladiço, e um intenso desejo que ardia nele, lhe dizia que a deixasse cair sobre a pilha de mantas. Que a protegesse com seu corpo e enchesse de beijos sua suave e nua pele, enquanto atraía seus quadris para os dele para se impregnar com seu próprio calor. E depois, que dormisse com a cabeça apoiada sobre seu seio enquanto a chuva caía ao seu redor.

Não. Não poderia fazer aquilo. Ele não seria capaz de compartilhar aquilo com ela, e logo colocá-la em um trem rumo a Miles City. Aquele fato o fez bater de novo contra o presente.

Tyler rapidamente a beijou na fronte e no rosto. — Será melhor dormirmos um pouco, Libby. A manhã chegará antes do que queremos. — Moveu-se um pouco, tentando aliviar a dor pungente em seu membro, deixando que Libby descansasse entre seu braço e seu lado.

Ainda que sua cabeça lhe dissesse que não deveria permitir, o coração de Libby se contentou enquanto ela

repousava nos braços de Tyler. Era perigoso, sabia que nunca o voltaria a ver do mesmo modo. O desejo inquieto que ele tinha começado a acender nela, a obrigaria a se manter acordada, pelo menos por um tempo. Mas seu abraço era também muito reconfortante, muito difícil de recusar. O coração dele era um cronômetro constante batendo sob sua orelha.

Se alguém lhe dissesse vinte e quatro horas antes, que ela se encontraria naquela situação, o chamaria de mentiroso. A desconfiança que sentia para com os homens, fomentada pela traição de Wesley, só se agravara com Ben Ross. Mas ela estava ali, com sua cabeça apoiada no peito de Tyler. Não a tinha enfeitiçado com palavras bonitas nem falsas promessas. Na verdade, parecia ter lavrado seu próprio caminho mantendo a ela e a todos os demais, longe dele.

Mas ela tinha aprendido naquela noite que Tyler Hollins não era tão rabugento nem distante como ele queria que todos acreditassem.

• • •

Quando Libby acordou, escutou o som das vozes fora do vagão. Estava deitada na mochila de Tyler no piso do vagão, com sua manta jogada sobre ela em vez de envolvida ao seu redor. Parecia que a pusera ali, naquela cama improvisada. Deu uma olhada à sua roupa interior, percebendo que ele devia tê-la visto naquele estado de nudez. O sol estava saindo, e o que ela podia ver do céu era um azul claro, pálido.

A primeira voz que reconheceu foi o rumor surdo de Joe

Channing. Ela se apoiou em seu cotovelo. Uma vez mais, se perguntou se Tyler alguma vez dormia.

— Nos encontramos com ele faz uma hora. Demônios, não tinha nenhuma maneira de buscá-lo na escuridão da noite. E imaginei que ele sozinho encontraria seu caminho de retorno.

Tyler disse: — Eu sei... eu sei. Não parou de chover até depois da meia noite. — Soltou um suspiro profundo. — Vou terminar de enganchar as mulas e seguiremos nosso caminho. Diga aos rapazes que o desjejum está quase pronto.

Joe murmurou algo, logo se ouviu o som de couro rangendo e cascos de cavalo golpeando em todo o território e se afastando.

Tyler subiu e enfiou a cabeça pela porta — Já está acordada? — Parecia cansado e preocupado, mas lhe deu um breve sorriso.

— Sim, não esperava dormir até tão tarde. — Pensando na noite anterior, e em todo o ocorrido entre eles, Libby agora se sentia inibida. De verdade tinha ficado entre seus braços e tinham se beijado? Realmente ele colocara a mão dela dentro da camisa para que pudesse acariciá-lo? Sentiu como um fluxo de sangue quente aquecendo seu rosto só em pensar naquilo.

— Consegui abrir esse maldito baú, então será melhor que se vista enquanto engancho a equipe. Acredita que poderá conduzir o carro de novo até a manada se eu a guiar?

Ela assentiu com a cabeça e o olhou um pouco mais de perto. Era só a luz que dava ao seu rosto ou ele tinha um tom levemente cinza? — Claro. Estamos longe dela?

— A uns cinco quilômetros. As pás estão aí com você, ou

debaixo do carro? — Tyler abaixou seu olhar por um momento e friccionou suas têmporas.

— Estão aqui. Tyler. Aconteceu algo?

Ele ignorou sua pergunta e uma vez mais se converteu no líder distante e responsável. — Muito bem, vamos então. Temos uma equipe a qual alimentar. E um cowboy a quem enterrar.

Capítulo 10

Libby se sentia como se um grande peso tivesse descido sobre seu peito que só se fazia mais pesado à medida que se aproximava do acampamento. O Oeste, em sua opinião, estava cheio de violência cruel, perda e dor perpétua, não tinha certeza de por que alguém quisesse viver ali. Era um lugar duro que roubava as vidas dos homens e os sonhos das mulheres.

Ao considerar a planície de cor verde esmeralda, coberta com um céu tão enorme, tão incrivelmente lindo, quase entendia a atração daquele maldito paraíso.

Todos os rastros da tempestade da noite anterior tinham desaparecido, e o sol começava o trabalho de secagem da terra encharcada. Libby olhou por cima do lombo das mulas para o horizonte. Onde tinha visto aquele tom particular de azul antes? Era claro e sem defeitos, diferente de qualquer céu de primavera que tivesse visto em Illinois. Então percebeu que era exatamente a cor dos olhos de Tyler.

Ele cavalgava à frente dela, com os ombros levemente caídos, com as costas não tão retas como de costume. Mas quando o acampamento apareceu diante dele, se sentou corretamente, como se não quisesse que ninguém percebesse que era suscetível às debilidades humanas.

Joe se adiantou ao seu encontro quando chegaram.

Um manto de luto se abatia sobre o acampamento, e mais que nunca, Libby sentiu um forte sentido de família na equipe da Estrela Polar.

— Onde está? — Tyler perguntou, descendo de seu cavalo.

— Ali. — Joe respondeu. Tyler entregou as rédeas a Rory, e lhe deu uma palmada no ombro, depois ele e Joe começaram a se afastar.

Libby desceu da carreta e, levantando a saia uns centímetros, correu para alcançá-los. — Tyler, espere por favor, posso ir também?

Joe e Tyler trocaram um olhar e Joe assentiu. — Sim. Não está tão mal.

Tyler lhe fez um gesto para frente. — Está bem. Vamos.

Atravessaram a relva úmida, e na passagem foram recebidos por vários dos homens. Saudaram Libby e Tyler tranquilamente com a aba de seus chapéus, caindo de novo na formalidade respeitosa, que às vezes os desastres tiram das pessoas.

Fora da zona do acampamento contra o abrigo de uma rocha, Libby viu a forma de um homem coberto com um impermeável. Suas botas apareciam, e seu chapéu estava colocado sobre seu peito. Tyler permaneceu junto ao corpo por um momento, logo se abaixou para pegar o chapéu e o impermeável.

Ela se aproximou, respirou fundo e olhou para Charlie Ryerson enquanto jazia ali. Não sabia o que esperar. Tyler lhe dissera que Charlie tinha sido alcançado por um raio. Parecia

uma maneira muito brutal de morrer, uma vez vira uma árvore se partir em duas metades. Charlie parecia estar dormindo. Seus cabelos e seu grande bigode estavam molhados, e Libby recordou que tinha permanecido sob a chuva, sem ser descoberto, até aquela manhã. A ideia lhe rasgava o coração.

— Oh, Charlie. — sussurrou, e piscou para conter as lágrimas quentes que escaldavam suas pálpebras. Não ia começar a chorar outra vez. Não poderia. Chorar a faria se sentir esgotada e indefesa.

Tyler olhou para a cara imóvel por vários segundos, depois tirou a luva e afastou os cabelos da fronte do cowboy. — Dê-me uma mão, Joe. — murmurou, e o virou.

Libby ficou sem fôlego. Grandes rasgos, irregulares em sua camisa, corriam pela omoplata esquerda. O tecido ao longo do rasgo estava queimado, e quando Tyler levantou uma beirada, ela viu que por baixo, a pele estava enegrecida como se alguém tivesse acendido uma chama ali.

Tyler examinou as duas mãos de Charlie, pela frente e por trás, e olhou para baixo às suas botas. Libby não podia imaginar o que estava procurando.

— Aqui está, — disse então, e lhes mostrou o cotovelo direito de Charlie, onde a manga também estava rasgada e enegrecida. — foi por aqui que o alcançou. — Tyler olhou a cara estranhamente tranquila de novo. — Sua mãe ainda vive em Wichita?

— Creio que sim. — disse Joe.

Tyler assentiu. — Telefonarei quando chegarmos a Miles City. — Apoiou seu braço em seu joelho, e olhou para Libby.

Todas as marcas do cenho que ela conhecia tão bem tinham desaparecido. Sua expressão era aberta e sem vigilância, traída pelo sentido de perda. — Vamos precisar de uma manta de seu saco de dormir para um sudário. Poderia ir buscá-la?

Ela assentiu com a cabeça com a mão trêmula pressionada sobre sua boca e a garganta fechada. — Quer que o costure dentro dela?

Tyler lhe deu um pequeno sorriso cansado. — Não, não vamos fazer isso. Ele estará bem. — Tyler estendeu a mão e acariciou o pé de Libby. — Vamos, agora. Consiga a manta, e depois será melhor comermos. Joe, vá com ela, e fale com os homens. Veja quais deles gostariam de cavar o túmulo de Charlie. — Não fez nenhum esforço mais além de tirar seu próprio chapéu.

— Ty? — Joe o animou.

Tyler olhou para cima de novo. — Só vou me sentar aqui com este rapaz por um minuto.

Era a primeira vez que ela o via expressando qualquer tipo de emoção real. Não. Se corrigiu, a segunda. Ontem à noite, tinha havido alguma em seu beijo, como ternura... sentimento. Mas devia ter sido somente devido às circunstâncias, pensou. Postos juntos em uma aterradora situação, não devia ter significado nada mais.

Joe assentiu com a cabeça e colocou uma mão sobre seu ombro. Depois, quando ela e o capataz se afastaram, Libby olhou para trás e viu Tyler suavemente dobrar as mãos de Charlie sobre seu peito. Virou a cabeça e inspirou, empurrando para baixo a necessidade persistente de chorar.

Quando tinham certa distância entre eles e a privacidade de Tyler, Joe falou.

— Talvez não seja o momento adequado para dizer isto, mas creio que devo fazê-lo. Charlie estava apaixonado por você. — Falou em voz baixa. Era uma coisa muito pessoal da qual falar. — Não acredito que chegou a lhe dizer isso. Falou que não conseguiria controlar seus nervos.

— Joe, — disse ela, com a voz trêmula de novo. — ele mal me conhecia...

O ruído do anel das esporas do cowboy era reconfortante enquanto caminhavam. Era um som que ela tinha aprendido a escutar, o tilintar das esporas dos homens, e ela se familiarizara a ele, como com o som de um relógio. Sentiria sua falta quando voltasse para Chicago.

— Sabia tudo o que precisava saber, senhorita Libby. Não creio que pudesse ter lhe dado uma vida fácil, poucas pessoas aqui têm uma vida fácil, mas teria feito todo o possível para lhe dar um final feliz. — Suspirou. Com a cabeça baixa, parecia tão abatido quanto Tyler. — Não poderia dizer nada disto ele mesmo, mas sei que desejava tê-lo feito. Não estou lhe dizendo isto agora para fazê-la se sentir mal... — deu um pontapé a um mato em seu caminho. — Oh, demônios, senhora, nem mesmo sei porque lhe disse.

Ao escutá-lo, o peito de Libby se sentiu pesado de novo. — Talvez seja sua forma de me dizer que Charlie era um homem de bom coração.

Joe se virou e lhe deu um sorriso de satisfação, como se estivesse agradecido por tê-lo entendido. — Sim, senhorita

Libby, creio que é isso.

Depois de pegar a manta de Charlie e dá-la a Joe, Libby preparou uma comida rápida de bacon e batatas fritas enquanto Possum Cooper e Noah Bradley se ofereciam para cavar o túmulo.

Apesar dos homens não terem comido no dia anterior, o desjejum transcorria sombrio e ordenadamente, e o grupo ao redor da fogueira estava tranquilo. Morte e esgotamento tinham calado seus bons caracteres brincalhões. De vez em quando, levantavam à vista e viam Tyler ainda abaixado junto a Charlie. Ninguém se intrometia em sua solidão.

Quando Rory foi buscar sua comida, olhou fixamente o prato que lhe ofereciam.

— Senhorita Libby, sem ofender, senhora, não tenho muita fome. Tyler disse que preciso comer, mas não quero nada.

Pálido como a neve e abatido, sua miséria era tão evidente que Libby sentiu uma pontada em seu coração. A Estrela Polar parecia ser a única família que tinha, e Charlie sempre fora seu herói. Ela sabia que enfrentaria muito mal sua morte. Deu-lhe umas palmadinhas no braço.

— Tyler tem razão, Rory, — disse, afastando do prato a maior parte das batatas e a metade do bacon. — mas acredito que a única coisa que quer é que você coma um pouco.

Ele pegou o prato e olhou para o buraco que Noah e Possum tinham cavado como o lugar de descanso final de Charlie. Dois paus estavam presos no monte de terra que tinham escavado.

— Gostaria que tivessem encontrado uma árvore para colocá-lo embaixo, sabe, assim não deveria ter que aguentar as surras do inverno ano após ano. Um homem não deveria ter de passar o resto da eternidade sendo congelado e tomando chuva.

— Ele, provav... — Libby limpou sua garganta seca — não lhe importará, Rory. — Disse com sua voz um pouco mais forte que um sussurro. Ele abaixou a cabeça por um momento, logo assentiu e se afastou arrastando seus passos como um ancião.

Tyler não seguiu seu próprio conselho de comer. Quando chegou até onde Libby estava, pegou somente o café. — Celebraremos o funeral em alguns minutos. Temos copos suficientes para todos? — Seu rosto continuava tendo um tom cinza. De alguma maneira parecia pior que Rory. — O toque de emoção que tinha mostrado anteriormente estava sob seu controle de novo, mas ela sentiu que lhe exigia um esforço considerável mantê-lo ali.

— Sim, devo preparar outra cafeteira? — Perguntou.

Ele negou com a cabeça. — Basta garantir que todos tenham uma xícara.

Vários minutos depois, com exceção de dois homens que ficaram cuidando da manada, a equipe da Estrela Polar se reuniu para se despedir de um dos seus. Juntaram-se em um semicírculo ao redor do túmulo no qual Charlie tinha sido colocado. Libby estava entre Rory e Kansas Bob Wegner.

Cada um deles segurava uma xícara de flandres enquanto esperavam por Tyler, seus chapéus tirados e seus pés fincados sob o sol da manhã. Era a primeira vez que Libby os via com as

cabeças descobertas como um grupo. Ninguém falava. O único som que se ouvia além do balido longínquo do gado era o do vento na relva. Manteve os olhos afastados da parte inferior do túmulo, era muito similar à sua experiência com Ben, só umas poucas semanas antes. Sentindo como seus olhos começavam a arder de novo, levou a mão ao bolso de seu avental para pegar seu lenço.

Em frente a ela, viu Noah Bradley olhando o corpo de Charlie enrolado pela sua manta, desconsolado e arrependido.

Finalmente, Tyler cavalgou até o túmulo. As manchas sob seus olhos eram visíveis até mesmo de onde estava, e seu rosto refletia o cansaço. Mas ainda assim, era tão bonito que ela não podia deixar de olhá-lo. Desmontou e colocou a mão em sua sela de montar em busca de uma garrafa de whisky. Caminhando para a frente para o semicírculo, colocou a garrafa aos seus pés, e deixou que seu olhar descansasse em cada rosto.

Quando falou, sua voz tinha um tom pausado, íntimo, como se estivesse falando com cada um deles individualmente.

— Charlie Ryerson trabalhava na Estrela Polar há sete anos. Sempre estava alegre; era valente e serviçal. Sua vida terminou antes do que deveria, porque sua sorte se acabou em primeiro lugar. Mas ele sempre fez o melhor que pode, e foi uma honra conhecê-lo. Era um bom cowboy, e um bom amigo, também. Vou sentir sua falta.

Alguns lenços saíram dos bolsos traseiros dos cowboys enquanto suas palavras davam a volta à pradaria de Montana, deixando-se levar pelo vento.

Pegou a garrafa de whisky. — Todos vocês sabem que não sou a favor de beber durante o caminho. Quase nenhum boiadeiro o faz, mas enterrar um amigo é uma maldita coisa difícil de fazer, e não acredito que algum de vocês se oponha a beber em memória de Charlie. — Deu uma olhada ao círculo, parando em Libby e Rory. — Isso inclui aos dois.

Entregou a garrafa a Joe, que despejou sua parte de álcool em sua xícara de folha e passou a garrafa. Quando chegou a Kansas Bob, serviu um trago a Libby e um tiro completo a Rory.

Finalmente, o whisky retornou a Tyler, que se serviu com uma parte saudável. Logo ergueu sua xícara, e os outros fizeram o mesmo com as suas.

Ao longe, um pássaro solitário piava.

— Algumas pessoas morrem em suas camas, mas Charlie, morreu fazendo o trabalho de um homem, e fazendo-o bem. Agora vamos colocá-lo nos braços da terra que tanto amou. Espero que encontre relva alta e boa água. — Sua voz se fez mais áspera pela emoção e se deteve. — Você foi um dos melhores.

Tyler bebeu o whisky de uma só vez. Ao redor do círculo, os homens seguiram seu exemplo. O silencio foi interrompido por algumas tosses e ofegos. Libby enrugou o nariz diante do cheiro forte, mas a ocasião parecia justificar beber o copo delicado de fogo líquido no fundo de sua xícara. Deixou-o repousar em sua boca e tentou engolir antes de saboreá-lo muito.

Imitando Tyler, Rory engoliu o seu, tossiu fazendo-a

pensar que estivesse sufocando. Libby lhe deu uma palmada nas costas até ele recuperar o fôlego.

Depois, um por um, cada um deles desfilou diante do túmulo de Charlie e jogou um punhado de terra sobre o corpo enrolado. Quando chegou a vez de Rory, ele ficou paralisado, com o barro apertado em sua mão.

— O senhor Hollins tem razão, Rory. — disse Kansas Bob em voz baixa. Seu rosto, habitualmente corado, estava muito pálido. — Enterrar um amigo é uma das coisas mais difíceis que um homem pode fazer. É preciso ser muito corajoso. E isso é o que você está sendo no dia de hoje: um homem.

Libby olhou para ver se as palavras de Kansas Bob faziam com que o jovem se sentisse melhor, mas seu queixo tremia ainda. Seu esforço para conter as lágrimas era evidente. — Não me sinto como um homem. Gostaria de poder acordar e descobrir que tudo isto foi só um sonho ruim.

Tyler, que estivera observando a cena, se adiantou e puxou Rory fora do lugar. Seu rosto cansado estava sombreado pela preocupação.

— Preciso que me faça um favor. — Disse em um tom confidencial. Rory ficou olhando o buraco com os olhos muito abertos e não disse nada. Tyler colocou uma mão na parte posterior de seu pescoço e suavemente o virou. — Rory, escute-me. Preciso que escolte a senhorita Libby ao acampamento. Não posso ir com ela porque tenho que terminar aqui e Joe tem que estar cuidando da manada. Não queremos fazê-la voltar sozinha outra vez, não seria correto. Então, pode acompanhá-la? — Tyler procurou Libby por cima da cabeça do rapaz.

Ela deu um passo para frente. — Realmente apreciaria sua companhia, Rory. Foi um dia muito ruim para mim também.

Rory não queria olhá-la aos olhos, mas se virou e lhe ofereceu seu braço, a terra do túmulo de Charlie ainda em sua mão. Sua voz soou de repente muito mais velha que sua idade real. — Foi um dia muito ruim para todos nós. Vamos, senhorita Libby, eu a acompanharei.

Enquanto caminhavam juntos, Libby viu Tyler se apoiar sobre o cabo de uma das pás, observando-a. Ela pensou que se preocupava por todos como um homem que acabava de ver sua própria vida passar.

• • •

Depois da noite que todos tiveram, e da tristeza daquela manhã, Tyler decidiu convertê-lo em um breve dia. Cavalgou para frente para escolher o acampamento noturno, enquanto Joe ficava atrás com a manada, assumindo o cargo da ocupação anterior de Charlie.

Tyler cavalgou sozinho. Queria um pouco de tempo para pensar, para estar sozinho. Sentindo-se como se não tivesse dormido em um ano, manteve um frouxo aperto nas rédeas e deixou que seu cavalo encontrasse seu próprio caminho. No vazio, seus pensamentos se dirigiram às coisas que tinham acontecido no último dia ou menos. A imagem do túmulo solitário de Charlie que tinham deixado no prado atrás deles, voltou à sua mente. Ele tinha ajudado Noah a terminar de cobrir com a terra e acabou fazendo a maior parte do trabalho.

Noah ficara tão abatido que só conseguia empurrar fracamente a terra com a pá enquanto limpava seus olhos molhados, com o dorso da mão.

Quando um homem perde alguém, tende a pensar em todas as coisas que desejava ter dito e feito por aquela pessoa, e se sente culpado por qualquer queixa ou ressentimento mesquinho humano que pudesse ter alguma vez.

Aquilo era o que estava molestando Noah. E a consciência de Tyler o atormentava se pensasse naquele dia que tinha envergonhado Charlie em frente de Libby Ross.

Não deveria ter lhe contado a história daquela tarde em que Charlie e Noah tinham passado na parte de cima da Ursa Maior. Sabia que o fizera de propósito. Aborrecia-o muito que seu braço direito parecesse estar pondo seus olhos em Libby, e ele não tinha razão alguma para se sentir assim. Pelo menos, nenhuma razão que tivesse estado disposto a admitir. Agora já não estava tão seguro.

A perda de um amigo também fazia com que um homem fosse propenso a revisar os pesares de sua própria vida. Tyler não era alheio a decepção nem a pena, apesar que aprendera a deixar aqueles sentimentos fora de seu alcance. E em muitos sentidos, aquilo o deixava com não muito mais que a capa de gelo que envolvia seu coração. Libby, com seu perfume de flores e baunilha, seu rubor modesto e sua coragem, tinha aquecido aquela couraça de uma maneira que Callie, com seu fogo e orgulhosa paixão, nunca poderia fazer.

Quando tinha segurado Libby entre seus braços na noite anterior e a beijara, pegara cada nervo de autocontrole que

possuía para evitar tirá-la da manta ao redor de seu corpo e afundar o rosto entre seus seios. Queria fazer amor com ela, quente e docemente, para unir seu corpo ao dela, e logo cair adormecido em seus braços. Ele não fazia amor com Callie. Ele satisfazia uma necessidade física. Oh, não queria nem por um momento dizer que não desfrutasse, mas a fome de sua alma nunca era saciada naqueles encontros.

Puxando a aba do chapéu, animou seu cavalo ao trote pela relva de búfalo, impulsionado pelo desejo de estar perto de Libby. Não de tocá-la ou beijá-la, ainda que não pudesse esquecer o bem que aquilo lhe fizera sentir, com seu corpo suave entre seus braços, os lábios dela, sob os seus, úmidos e cálidos. Não, naquele momento só queria estar perto dela, olhando-a através do espelho de barbear enquanto abria a massa das tortas ou mexia os feijões. Estava começando a perceber como se sentia bem. Estava se metendo em um problema, e sabia. Mas, Deus, tinha sido um dia péssimo...

Viu a carreta parada em uma suave elevação adiante. Flores amarelas floresciam na relva a sua volta e se perguntou porque aquele carro o fazia sentir como se estivesse voltando para casa. Talvez porque ela o fazia se sentir assim.

Puxou as rédeas e freou seu cavalo. Maldição, estava ficando delicado e fraco, pensou mal humorado, e tentou esquecer tantas contemplações. Estava somente cansado. Uma noite de sono decente ajudaria a aliviar aquele peso de tristeza sobre seus ombros.

Cavalgando em direção à carreta, continuou se repreendendo. Deveria se sentir com sorte porque um raio não

o enviara a uma morte prematura. Ainda assim, sua alma estava insatisfeita. Tinha medo às vezes, talvez na maior parte do tempo, e estava cansado da carga que levava em si mesmo, bem, e o que? A vida era dura, mas continuava seu curso.

Sim, a vida continuava, mas de vez em quando deixava atrás os desafortunados, enterrados em verdes penhascos em um ataúde de mogno, ou envolvidos em uma colcha em uma fossa da pradaria açoitada pelo vento. Poderia acontecer a qualquer um.

Poderia acontecer com ele.

• • •

Quando Libby e Rory chegaram ao acampamento noturno, ele continuou com sua rotina habitual para deixar a manada no curral de corda e levantar a fogueira. Mas ela estava preocupada por ele. Olhou-o do seu lugar na mesa de trabalho enquanto cortava a manteiga sobre a farinha para a massa das tortas. Ainda estava pálido como um giz, e seus movimentos eram tão indiferentes como os de um sonâmbulo. E ainda que ela não esperasse que seu caráter alegre estivesse de volta, preocupava-se que tivesse deixado de falar por completo. Assim que o café ficou pronto, ela o chamou à parte traseira do vagão.

— Rory, tome um pouco de café e um biscoito. Mal comeu hoje.

Obediente, se aproximou, e pegou a xícara que ela lhe estendeu. Quando ela o olhou, seu coração se contraiu. Suas sardas se destacavam em contraste com sua palidez, e se notava em seu rosto uma dor que ele não conseguia entender.

O vento lhe alvoroçara os cabelos loiros, e naquele momento, parecia muito criança.

Libby secou as mãos no avental. — Creio que vou descansar um pouco. Quer se sentar comigo aqui?

Ele simplesmente assentiu com a cabeça e a seguiu para o lado da carreta onde Libby tinha colocado o barril de Tyler. Sentou-se, e ele se sentou no chão junto a ela, com o olhar fixo em sua xícara.

De repente levantou os olhos para ela, e sua máscara pálida se quebrou. — Senhorita Libby, continuo perguntando-me porque um raio teve que golpear Charlie, em vez de uma vaca estúpida, ou a sela de montar, ou o solo. Mas não posso entender.

— Não acredito que haja respostas para essas perguntas. — disse. —Talvez seja por isso que acidentes como o de Charlie sejam tão difíceis de aceitar.

• • •

Quando Tyler chegou ao acampamento o fogo estava em marcha, e sentiu o aroma dos biscoitos no forno holandês, mas não encontrou Libby nem Rory. Desmontou e caminhou ao redor do vagão e parou.

Tyler viu Libby sentada em um barril virado ao lado da roda dianteira. No sol da tarde, seus cabelos brilhavam em tons de trigo maduro e whisky, e era levantado pelo vento, voando ao redor de seus ombros. Sentado no chão junto a ela estava Rory. Tyler escutou o tremor na voz do rapaz.

— Em um minuto estava vivo, só fazendo seu trabalho,

tentando salvar a manada. Logo chegou o amanhecer e o encontrei na relva, com a boca para baixo com aquele buraco queimado na parte posterior de sua camisa.

— Foi você quem o encontrou? — Libby lhe perguntou.

Ele assentiu com a cabeça e enrugou o rosto.

— Oh, Rory, Rory, desculpe. — se lamentou Libby enquanto colocava sua cabeça sobre o colo dela. O menino agarrou um pouco de seu avental em um punho, e chorou com todas suas forças enquanto ela lhe acariciava os cabelos. Como se sentisse seus olhos nela, Libby se virou e olhou para Tyler.

Ele respirou fundo, virou e se afastou. Naquele momento desejava com toda sua alma poder descansar sua cabeça no colo de Libby Ross e chorar, também.

• • •

Os próximos dias no caminho foram muito agitados, mas, para alivio de todos, sem incidentes. Libby, cansada, mas por estranho que parecesse, cada vez mais forte, se acomodara a uma rotina que tornava seu trabalho suportável, ainda que não fácil. Ainda amaldiçoava em silencio aquelas condições tão primitivas. Tinha pouca intimidade, e não tinha instalações de lavabo além de um balde de água quente e uma pastilha de sabão. Mas tudo aquilo se acabaria logo. Tyler disse que a menos que surgissem mais problemas, Miles City estava a dois dias de distância.

Depois que a causa da morte de Charlie foi assimilada de uma vez por todas, às noites, em volta da fogueira, os homens falavam de coisas divertidas que o cowboy tinha feito ou

dissera, façanhas que tinha realizado, da nobreza de seu espírito. Em geral, decidiram que Charles Ryerson tinha sido um cowboy de verdade, que encarnava todo o bem que se esperava de um homem que ganhava seu salário em uma sela de montar.

Depois que Rory derramou sua dor no dia do funeral de Charlie, Libby pensou que se sentiria desconfortável com ela e que tentaria evitá-la. Em troca, era mais solicitante, e ela percebeu que caminhava e cavalgava com um pouco mais de dignidade. Talvez tivesse se convertido realmente em um homem, pensou.

Mas, sobre tudo em sua cabeça, além de Rory, ou das tarefas do dia a dia, ou até o final daquela viagem, estava Tyler e à noite que tinha passado junto a ele no vagão. Ele não tentara beijá-la de novo, e ela se sentia angustiada ao perceber que sua decepção superava com acréscimo seu alivio. Mas pensou que talvez a lembrança daquela noite estivesse na mente dele, também, já que na maioria das vezes, quando levantava os olhos das costas das mulas, ela o via observando-a. Cavalgava junto ao carro, assinalando a imensidão do mesmo céu, das vistas impactantes de terra, e sua beleza natural. Uma vez, até viram um urso em uma colina ao longe. Libby se sentiu aliviada quando o animal mostrou muito menos interesse neles do que eles mostraram por ele mesmo.

Às vezes, Tyler galopava pela frente dela, executando manobras delicadas e exibições impressionantes de equitação. Sua habilidade era por sua vez surpreendente e impressionante. Não podia imaginar o que estava tramando, só

a ajudava a passar as horas de um acampamento ao outro.

Não podia deixar de admirar suas costas retas e sua alta figura. Era o homem mais atraente que tinha visto em Montana. Na verdade, estava começando a acreditar que era o homem mais bonito que tinha visto em sua vida.

Sorria com mais frequência, revelando uns dentes brancos que brilhavam sob o sol de primavera, e uma vez, para sua absoluta surpresa, lhe piscou um olho da parte de trás de seu cavalo. Ela rira com deleite e um rubor de timidez, e quase tinha deixado cair as rédeas.

Às vezes, a olhava com um olhar penetrante e quente, que continha tal necessidade crua, intensa, que a fazia se sentir assustada e excitada, como se ela tivesse que lhe corresponder de alguma forma. À noite, quando estava no carro esperando que o sono chegasse, recordava a forma como sentira os lábios dele nos dela, como desabotoara a camisa e colocara sua mão dentro. Nada do que tinha experimentado com Wesley Brandauer se assemelhava ao que Tyler a fizera sentir. Tão cômoda com o desejo inquieto que os pensamentos sobre Tyler produziam nela.

Mas ele realizara sua obra mais incrível naquela tarde em que lhe trouxera um punhado de flores silvestres.

Tyler Hollins não era um ogro depois de tudo.

• • •

Tyler ficou fora do curral de corda com a pata dianteira de seu cavalo entre suas mãos, dando uma olhada no casco do animal. A luz se manteria ainda durante uma hora, e no baixo

horizonte ocidental, o sol iluminava a parte inferior das nuvens com um fogo vermelho. Era um dos momentos favoritos do dia de Tyler, o pôr do sol. O nascer do mesmo era o outro. Algo na aparência do céu, como uma bola de fogo sobre um horizonte e as estrelas no lado oposto, atraia a sua alma e lhe dava uma sensação de paz. Quando fazia bom tempo, gostava de se sentar no terraço da Estrela Polar, com uma xícara de café no joelho, ou um gole de whisky, dependendo do tempo, e ver os dias começando ou terminando. Três semanas tinham se passado desde que saíram do rancho, e Tyler se alegrava que o caminho estivesse a ponto de acabar. Estava muito contente a respeito, pelo menos.

De vez em quando olhava para o vagão, e se fixava na figura de Libby envolta naquele avental branco enquanto ela se movia do vagão ao fogo e ao barril de água. Usava o xale xadrez com as pontas presas em sua cintura, e olhando-o, Tyler pensava que foram os seis melhores dólares que tinha gasto. Inclusive nos dias claros como aquele, a brisa que soprava sobre a relva era fria e cortante.

Antes que ele pudesse se afastar do caminho para evitá-la, cada vez se encontrava mais preocupado por ela que por seu próprio trabalho. Mais de uma vez se surpreendera agindo como um tolo adolescente a sua volta.

— Parece que conseguimos, depois de tudo. Deveremos estar em Miles City amanhã pela tarde. — Joe perambulava pela parte superior, mas Tyler escutou como se aproximava, antes que começasse a falar. Tinha as esporas mais ruidosas que qualquer um deles. — Tinha minhas dúvidas. — Ficou de

cócoras junto a Tyler e arrancou um punhado de relva de primavera.

Tyler o olhou, surpreso. — Você? Nunca se preocupou muito por nada.

Joe foi cortando as finas tiras de relva em pedaços menores. — Creio que o que aconteceu com Charlie me fez dar um passo atrás e dar uma olhada às coisas.

Tyler tirou um gancho de seu bolso. — Sim?

— Claro. Um homem nunca sabe quando seu tempo vai terminar. É por isso que tem que seguir olhando para frente e não deixar que as coisas passem por seu lado, em vão.

Tyler suspirou e esfregou o nariz contra a parte posterior de sua luva. Tinha a sensação de que sabia para onde iria a conversa, mas pensou que poderia seguir o jogo. — O que está conspirando?

Joe entrefechou os olhos para ele, o sol do dia dourado, brilhando em seu rosto. — Eu? Nada. Não estou falando de mim.

— Vá...

— Estava pensando em Rory.

Tyler soltou a pata do cavalo e olhou para Joe. Aquela não era a resposta que esperava. — O que acontece com Rory? Falei com ele acerca de Charlie. Estava desgostoso, mas parece estar aceitando melhor agora.

Joe colocou o pedaço de relva em frente de seus olhos. — Isso é ao que me refiro. Pense no que esse menino passou. Perdeu sua mãe e sua irmã, e não tem relação com seu pai. Agora, esta semana, seu herói foi assassinado por um raio.

Mas não vai deixar que tudo isso o afete tanto para se converter em um homem amargo.

— Se está me comparando com ele, que demônios! — Tyler bufou, depois encontrou sua voz. — Pelo amor de Deus, Rory só tem quinze anos!

— Sim senhor, é isso. Passou por muitas coisas em um período realmente curto de vida. Se tivesse sido como seu pai, poderia tê-lo culpado pelo acontecido com Jenna. Claro, mas penso que não teria sido necessário, você se culpa a si mesmo o suficiente, por todos nós.

Tyler lhe dirigiu um olhar duro e não respondeu.

Uma brisa fria, rígida amassou a relva em volta de Joe. — Vai deixar que Libby Ross suba naquele trem em Miles City?

Tyler pegou o casco do cavalo de novo. Até mesmo dentro dos confins de seu próprio coração, não estava disposto a considerar como sua partida iria mudar sua vida. — Deixá-la não tem nada a ver com isto. Ela quer ir. E é o que deve fazer.

— Não levando em conta o que tenho visto ultimamente. Até mesmo os rapazes têm percebido. — Joe colocou uma mão no bolso de seu casaco e tirou um cigarro enrolado.

Tyler sentiu um rubor que se estendia até seu pescoço e permaneceu com o rosto inclinado para o casco como se fosse a coisa mais fascinante que já tivesse visto. — Não há nada para se perceber. — murmurou. Sentiu o olhar do capataz sobre ele.

— Ty, alguns homens passam anos procurando algo que os façam felizes, sem perceber que essa coisa estava justo debaixo de seus narizes todo o tempo.

— Tenho ainda muitos anos pela frente. — Tyler espetou,

começando a se sentir acossado.

Joe se levantou e jogou o talo de relva a um lado e começou a se afastar. Como se tivesse pensado melhor, se virou e olhou ao outro lado do lombo do cavalo. Acendendo seu cigarro com um fósforo, o levantou e ficou olhando a chama por um momento. Depois levantou seus olhos escuros para observar Tyler. Esboçou um sorriso sob o grande bigode em seu rosto enxuto.

— Aposto que Charlie pensava o mesmo. — Apagou a chama com uma exalação da fumaça de seu cigarro, e se dirigiu para o acampamento.

Capítulo 11

O céu estava escuro, com a ameaça de chuva, quando a equipe da Estrela Polar chegou aos currais de Miles City no princípio da tarde do dia seguinte. Tyler subiu ao assento do vagão junto a Libby para levá-la à cidade, e se despediu dos homens ali, já que teriam que esperar a entrega do gado. Dizer adeus foi muito mais difícil do que ela esperava.

Saudou com a mão a maioria deles da carreta enquanto permaneciam em suas selas. Rory se ergueu sobre os estribos e agitou seu chapéu. Joe, montou seu cavalo ao seu lado. Inclinou-se e a beijou no rosto, fazendo-lhe cosquinhas no rosto com seu enorme bigode. Seu sorriso confirmou um carinho genuíno.

— Senhorita Libby, senhora, obrigado por cuidar destes velhos cowboys. Nunca comi tão bem como depois de você chegar aqui. — disse com sua voz de trovão baixo. — Espero que encontre o melhor de tudo de volta a Chicago. Mas vamos sentir sua falta.

— Obrigada, Joe. — Libby tinha a garganta apertada pela emoção, foi a única coisa que conseguiu pronunciar. — Encontrará outro bom cozinheiro.

— Talvez. Mas duvido. — Ele fez uma breve careta a Tyler

que ela não entendeu, a seguir virou seu cavalo para se reunir com seus companheiros. Junto a ela, Tyler suspirou, bateu com as rédeas nos lombos das mulas e virou o carro na direção do povoado.

Conduzindo pela rua principal, passaram por saloons, lojas, um banco, o ferreiro, e todo tipo de oficinas de negócios. Os olhos e ouvidos de Libby foram tomados pelos edifícios, as pessoas e os cavalos. Com que rapidez se acostumara a amplitude e a tranquilidade tanto da Estrela Polar como do rancho. E aquilo era somente uma pequena cidade ao Este de Montana. Chicago era cem vezes mais agitado e ruidoso que aquilo ali. Mas deveria se acostumar a ele de novo, pensou. O trânsito e as multidões se tornam tão familiares que realmente passam despercebidos pouco tempo depois.

Tyler estava muito tranquilo sentado junto a ela, e lhe recordou o dia em que tinham ido à loja de Osmer e lhe comprara o xale xadrez que agora usava.

— Vai voltar de novo ao trabalho na Estrela Polar amanhã? — Perguntou ela, observando as linhas limpas de seu perfil.

— Sim, pela tarde. Para dar aos rapazes a oportunidade de recuperar a sobriedade. Imagino que ficarão muito bêbados uma vez que acabarem com a tarefa no curral e a limpeza.

— Espero que Rory, não. — exclamou ela. — É muito jovem para entrar em saloons e beber.

— Oh, Joe o convidará a uma cerveja ou duas. — disse, manobrando as mulas ao redor de um carro com uma roda quebrada. — Não acredito que a salsaparrilha faça o truque

desta vez.

Um espaço de silencio se abriu, já que ambos recordaram de Charlie.

— Bem, talvez não. — Ela esteve de acordo com suavidade.

— Tem sido bom para Rory, ter uma mulher perto. — continuou. Tyler manteve a vista a frente, mas um breve sorriso mudou a curva de sua boca. — Não acredito que lhe ensinamos muito acerca de como se comportar com uma dama. Ou como consolar o coração de uma mulher. Queria lhe agradecer por estar com ele depois do funeral de Charlie. Joe não teve a oportunidade de me dizer que foi Rory quem encontrou o corpo de Charlie.

Libby abaixou o olhar para seu colo. — Só precisava de alguém com quem falar. — Ela tinha sido boa para Rory, pensou. E por Tyler Hollins? Olhou-o de lado. — Você vai se embebedar também, esta noite? — Passaram junto a um saloon cheio de gente e não poderia deixar de pensar em Callie Michaels e na Ursa Maior.

Tyler se virou e a olhou. Seu sorriso tinha desaparecido. — Não, tenho que encontrar outro cozinheiro.

Não era a primeira vez durante o percurso da unidade do caminho, que Libby se continha desejando que as coisas tivessem sido diferentes. Só umas poucas semanas atrás, com ares de autossuficiência, tinha acreditado que seu plano para voltar a Illinois seria um bom plano. Queria deixar Montana, uma terra selvagem, sem civilização, pouco povoada, com pessoas cujas normas e ideias eram completamente alheias a

ela. Diabos, na primeira vez que a equipe da Estrela Polar a convidou a se sentar para jantar com eles, tinha se horrorizado. A senhora Brandauer a teria deixado morrer de fome antes de convidá-la a comer na mesma mesa com a família. Mas depois de passar aquele tempo no Oeste, tinha começado a valorizar a ausência de formalidade sem sentido que separava umas pessoas das outras de atitude rígida e déspota.

Tyler parou a carreta em frente do que se considerava um hotel naquelas partes, outra estrutura estreita, com dois pisos de tacos, que recordavam a Libby os edifícios de Heavenly. Quatro quartos e um banheiro pequeno, e uma escada na lateral, tudo construído sobre um restaurante. Depois que ele a pagou, devidamente descontando o custo de seu abrigo e luvas de montar, como ela tinha insistido, pararam na calçada cheia de gente, em frente ao restaurante.

Tyler estava sujo e cansado, e cheirava como o gado, os cavalos, e o trabalho duro, mas continuava sendo imperdoavelmente atraente, formado como estava com seus ossos e músculos longos, delicados e poderosos. Deveria ser ilegal que um homem fosse tão atraente, pensou. Com um sentido de resignação, sabia que para ela ele sempre seria bonito, sem importar qual fosse o estado de sua aparência. Uma centelha breve do sol da tarde brilhava sobre os fios castanhos e loiros em sua barba de um dia.

— Bem, Libby, você conseguiu. — Ele mudou seu peso de uma perna para a outra, e jogou o chapéu para frente e logo para trás. Uma estranheza surgiu entre eles.

Ela começou a rir nervosamente. — Não pensou que o faria, verdade?

Tyler deu de ombros, obviamente, um pouco envergonhado pela pergunta tão direta. — Não, penso que não. Não, no princípio. Mas estava enganado. Soube disso tão rápido quando você matou aquela cascavel. — Ele a olhou então, e colocou as mãos em seus bolsos dianteiros estreitos. — Oh, diabos, eu soube muito antes daquilo.

Olhando fixamente para seu rosto magro, atraente, Libby sentiu um nó em seu coração. Porquê? Simplesmente pelo fato de que tivessem compartilhado um beijo em uma tempestuosa noite de Montana? Aquilo tinha sido uma perigosa estupidez. Desde então, ela desejava poder viver aquela noite outra vez, sentir suas mãos e seus lábios nela. Inclusive agora mesmo, sentia um impulso desesperado, ansioso, de se lançar aos seus braços e esconder o rosto em seu pescoço, para ouvi-lo lhe pedir que ficasse.

Mas era melhor lhe dizer adeus agora mesmo, ali mesmo, naquela calçada, e acabar com aquilo. Ele a ajudara, de má vontade, e ela o tinha ajudado. Agora tudo terminara. Não a queria ali, e ela também não queria estar ali. Pelo menos, não muito. Tinha vindo de Chicago porque não tinha outro lugar para ir. Agora voltara até ali pelo mesmo motivo.

Libby lhe dedicou um sorriso irônico. — Na próxima vez que se encontrar com uma cascavel, terá sua arma com você. Não vai querer voltar a depender de alguém cuja pontaria seja tão ruim como a minha. — Ela desviou o olhar, e a conexão entre eles foi interrompida. — Obrigada por tudo. Penso que

será melhor que vá para o meu quarto. Bem... — Ela lhe estendeu a mão.

Tyler a olhou, e a toda pressa tirou a luva. No momento em que sua mão tocou a dela, uma corrente quente e vital, passou entre eles. Ela o olhou nos olhos. Tinha algo neles que a atraía, um calor, um anelo, alguma coisa que ela não queria identificar. Não, ela não via nada, nada, agonizou. Libby tentou se afastar, mas ele manteve seu aperto e a conduziu até a borda da calçada, fora da trajetória dos pedestres.

Tyler olhou para a pequena mulher de pé em frente a ele, com seu nariz um pouco arrebitado, suas sobrancelhas sedosas, seus cabelos cor de mel. Não era uma impotente nem uma covarde, na verdade, era uma lutadora, e ele estava começando a compreender o que Charlie tinha sentido: aborrecia-o que não tivesse ninguém em absoluto que olhasse por ela. Mas ele não sabia o que podia fazer ou dizer. Tyler não tinha nada para lhe oferecer exceto despedidas. Além do que, ela estava fazendo o que queria.

— Escute, não foi minha intenção, bem... — Ele deu um olhada as pranchas sob suas botas. — Creio que fui um pouco difícil com você no começo. Você fez um trabalho malditamente bom para nós. — Ergueu a voz para se fazer ouvir por cima dos vagões de mercadorias que passavam. — Se alguma vez precisar algo...

— Chicago é um longo caminho desde Montana. — O estômago de Tyler se apertou ao ver a expressão desolada que se infiltrava através do sorriso de Libby. — Mas, obrigado.

Uma espessa névoa começou a cair, o tipo de chuvisqueiro

suave, úmido, daquele tipo que só se produzia na primavera. — Creio que será melhor que entre antes que se molhe. — disse. Molhar-se um pouco sob a chuva parecia risível quando pensava em tudo o que tinha passado. Tyler não tinha talento para as despedidas, mas não era capaz de acabar com aquilo.

— Tenha cuidado na volta para Heavenly. — disse ela, e começou a se afastar.

— Libby, espere. — Ele a agarrou pelo braço. Seria a última vez que a veria, que a tocaria. Urgentemente, ele a pegou em seus braços e apertou sua boca contra a dela, dura e brevemente. Ela cheirava tão doce, apesar da sujeira da viagem e da fadiga. Sentiu como ela ficou tensa com a surpresa. Não era o tipo de beijo que ele tinha desejado. Mas uma vez mais, o tempo e as circunstâncias estavam trabalhando contra.

Tyler a soltou repentinamente, e Libby o olhou fixamente, pasma. A expressão que tinha visto uma ou duas vezes antes, apertura, nostalgia, arrependimento, brilhava por cima de seus formosos traços. Era vagamente consciente de que as pessoas na rua os estavam olhando, mas naquele momento, não lhe importava. Subiu o xale xadrez para cobrir sua cabeça.

— Deve entrar agora. — disse ele com voz rouca. Virou-se e saltou no assento do carro. Com um último olhar, incitou as mulas para frente e se foi.

Pressionando uma mão trêmula contra sua boca, Libby permaneceu de pé sob a chuva, observando o carro até desaparecer entre a multidão de cavalos e veículos no outro extremo da rua. Com seus pés apertados e a garganta fechada, Libby se virou e subiu as escadas para seu quarto.

• • •

— Parece que lhe seria bom um pouco de diversão, cowboy. Que tal se me sentar aqui e me convidar para um copo? — Arrastando-se, uma jovem do saloon em um vestido brilhante de cetim vermelho e renda preta, atraiu a atenção de Tyler para longe de seus pensamentos.

Depois de um jantar em um dos restaurantes, Tyler tinha seguido a sua equipe até o Briar Rose. Cheio de fumaça, cowboys, e jogos de cartas, era tão forte e ruidoso como um acampamento pode chegar a ser como cenário de lutas, tiroteios, ou cavalos sendo montados. Mas ele não tinha vontade de se unir à diversão. Sentou-se em uma mesa com os pés apoiados na cadeira da frente, com seu copo intacto e a garrafa de whisky sobre a mesa. Estivera considerando ambos os objetos durante vinte minutos.

— Qual é seu nome? — Perguntou à jovem. Demônios, era só uma menina debaixo de toda a pintura que usava, provavelmente não muito mais velha que Rory. Tinha o mesmo aspecto de Callie, como se nunca tivesse visto o sol. Mas se fechasse um olho e a observasse pelo outro olho, sob a dura luz de querosene, veria que seus cabelos eram quase da mesma cor que os de Libby. Seu perfume chegava até ele, uma essência forte e opressiva.

Arrastou seus dedos ao longo da parte posterior da cadeira na qual Tyler tinha apoiado seus pés, e lhe deu um sorriso preguiçoso, praticado. — Rebecca.

Tyler se jogou para trás em sua cadeira e colocou seu cotovelo no braço da mesma. — Como é que uma jovem de sua

idade se põe à venda de favores neste lugar, Rebecca?

Ela se endireitou e lhe deu um olhar duro. — Escute, senhor, eu não estou interessada em uma conversa...

— E eu não vou lhe dar uma. Realmente quero saber. Era este o único trabalho que podia encontrar?

Ela hesitou um momento e respondeu com uma voz muito mais jovem. — Meu pai me deixou nesta cidade faz dois anos. Sally, a proprietária do lugar, me deu trabalho. Não consegui encontrar nada mais para fazer.

— Não tem família em outro lugar?

— Não tenho família em absoluto. Meu pai foi assassinado em um jogo de cartas em Rosebud, e era o último de minha família.

Olhou o rosto jovem que já estava envelhecendo antes do tempo. Ela poderia estar lhe dizendo a verdade, ou poderia estar inventando uma triste história para ganhar sua simpatia. Ele não sabia, mas também não lhe importava. Fosse como fosse, duvidava que ela realmente quisesse estar ali. Sua mente se dirigiu a Libby de novo, e aos seus tristes olhos cinzas.

Aproximou o troco da garrafa de whisky para ela. — Tome, Rebecca. Vou beber sozinho esta noite, mas fique com isto.

A jovem lhe deu outro olhar fixo, e pegou o dinheiro tão rápido que não sabia onde guardá-lo. A pluma em seus cabelos desarrumados pendurava sobre seu ombro descoberto, e ela lhe deu um sorriso torto. — Obrigada. — Virou-se e começou a se afastar, mas parou. — Senhor, espero que encontre a mulher que perdeu.

Aquilo o surpreendeu. Uma risada irônica e sem sentido

de humor, saiu de seu peito. — Obrigado, Rebecca, mas não perdi ninguém. Pelo menos, não ultimamente.

Ela encolheu os ombros e seguiu seu caminho para algo mais muito mais prometedor que lhe pareceu ter encontrado em umas mesas além.

Tyler se mexeu em sua cadeira, tirou a rolha da garrafa e se serviu um copo. Dissera a verdade a Rebecca, pelo que sabia, no entanto devia admitir que um sentido vago, incômodo, de perda o perseguia desde o momento em que deixara Libby Ross de pé na calçada, naquela tarde. A imagem de seu xale xadrez sobre sua cabeça enquanto a chuva caía sobre ela estava ainda fresca em sua mente. E nada, nem o longo banho em uma banheira na casa de banhos, nem ficar adormecido na cadeira do barbeiro com uma toalha quente em seu rosto, nada o fizera esquecê-la. Em todo caso, só se agravara quando começou a indagar pela cidade, tentando encontrar um novo cozinheiro. Falara com vários homens promissores, cowboys que tinham sido largados muitas vezes anteriormente e já estavam desenvolvendo reumatismo. Mas tinha encontrado algum problema com cada um deles; suspeitava que um deles poderia ser um bebedor, outro não lhe parecia que seria capaz de se encaixar na equipe, outro simplesmente lhe irritava os nervos.

No balcão do bar, Joe e sua equipe estavam muito dedicados tentando insensatamente se embebedar. Invejava sua capacidade de pôr de lado os problemas e rir. Até mesmo Rory estava sorrindo de novo, graças a Deus. Tyler estivera muito preocupado por ele, a expressão solene do menino era

muito parecida a que tinha visto nele quando chegara à Estrela Polar. A diversão deu um giro melancólico só quando parte da equipe do Lazy J entrou no Briar Rose e souberam que Charlie Ryerson tinha morrido.

Depois de relatar os detalhes de sua morte, em um momento de eloquência tingida pela cerveja, Joe, com os cotovelos no balcão atrás dele, disse: — Imagino que cada homem tenha uma pequena dor ancorada no fundo de seu ventre sobre coisas que ficaram sem dizer ou sem fazer. Gostaria que Charlie estivesse aqui junto a nós agora, mas o acidente de sua morte, bem, esteve fora de nosso alcance poder ajudá-lo. A única coisa que podemos fazer é arranjar as coisas que temos o poder de arranjar. E tentar sair desta vida com uma conta de mais alegrias que de pesares. — Sua audiência murmurava um acordo e levantaram seus copos em memória de Charlie.

Tyler olhou sem ver pela janela. As palavras de Joe tiveram um efeito amedrontador sobre ele, mais profundo que qualquer das pessoas que sem convite, tinham tentado fazer com que mudasse de parecer, nos últimos anos. Ele bebeu o gole de whisky que se servira, queimando como o fogo ao descer por sua garganta. Sacudindo-se, voltou a encher o copo, derramando um pouco por cima da borda. Sabia que se fosse morrer em seu sono naquela noite, o peso de seus remorsos ancoraria seu espírito à terra para o resto da eternidade.

Depois da morte de Jenna, se retirara em ocasiões, para uma existência segura e ordenada. Não importava que às vezes tivesse fome de mais, sentia que não merecia nada mais e

ainda não estava seguro de fazê-lo.

Mas, maldição, deixara que a vida e a felicidade passassem por ele enquanto ele mesmo não fazia nada. Aquilo não traria de volta à sua esposa. E apesar do tipo de homem que pudesse ser, bem ou mal, Tyler Hollins não era dos que não faziam nada.

Endireitou-se e se empurrou para fora de sua cadeira. Amanhã na primeira hora, daria uma virada a sua vida. Não podia mudar tudo, mas tinha a oportunidade de arrumar uma coisa, e iria fazer, tal como Joe o tinha aconselhado.

Essa noite, no entanto, ia tomar alguns copos com sua equipe.

• • •

— Bem, senhora, seu tempo não poderia ser mais perfeito. O único trem para Chicago programado para esta semana estará aqui às onze, em ponto.

— Oh, — Libby hesitou. — Tão cedo? — Por que não se alegrava com aquilo? Perguntou-se. Desejara tanto escapar de Montana desde o primeiro momento em que colocara um pé naquele território no outono passado.

— Sim, senhora, a não ser que queira esperar até a próxima quinta-feira.

— Não, não, não posso fazer isso. Dê-me o bilhete. — Colocou o dinheiro sobre o balcão.

De aspecto muito formal, o jovem empregado da estação olhou o relógio atrás de Libby. — Falta quase uma hora se desejar comer algo antes de sair.

— Se pudesse contratar alguém para descer meu baú do quarto do hotel para a rua, creio que preferiria simplesmente me sentar aqui na estação, se me permitir. — disse. Não tinha fome.

— Como você quiser, senhora. Escolha qualquer assento que gostar. Vou enviar um menino para buscar sua bagagem. — Ela lhe deu seu nome para que orientasse o jovem dos recados, e o rapaz empurrou o bilhete sobre o balcão para ela. Libby o guardou cuidadosamente em seu bolso.

Atravessando a pequena estação deserta, sentou-se em um banco vazio em frente ao relógio. O lugar cheirava a tinta, madeira e papel velho. Alisou a saia de seu traje simples de viagem. Era o mesmo que usava no dia em que chegara, o mesmo com o qual se casara. Não queria ficar ali nem um minuto mais do que fosse necessário, mas seus motivos não estavam tão claros como estiveram uma vez.

Deu um olhada dentro de sua bolsa para verificar o bilhete de novo, e conseguiu ver cinco águias duplas nas dobras de couro de seu moedeiro. Ficara desconcertada, e posteriormente, indignada na noite anterior, quando abriu seu baú e descobrira os cem dólares. Que demônios tinha pensado Tyler Hollins? Pagar sua saída daquela maneira? Oh, ele não lhe deixara um bilhete, mas não tinha dúvida de que as moedas de ouro vinham dele. Encontrara-as envolvidas em um de seus lenços com um cartucho de escopeta de calibre doze. Estava tão aliviado de se livrar dela? Desejara poder seguir sua pista a qualquer saloon ou restaurante onde estivesse sentado e lhe devolver seu dinheiro.

Mas quando ela se sentou na estreita cama no quarto do hotel, seus longos cabelos, embaraçados e escorrendo água da chuva, esfriara seu ofendido orgulho. O dinheiro era segurança, uma proteção entre ela e a indigência. Orgulho, percebeu, era uma coisa que estava muito bem, mas não a protegeria de morrer de fome, nem poria um teto sobre sua cabeça até que encontrasse trabalho. Abaixou-se, tocando a bolsa que continha o cartucho da escopeta.

Libby tentou não pensar em Tyler, mas o suave tique-taque do relógio sobre a porta a estava embalando, e caiu no mundo dos sonhos, onde o tempo parava. As linhas entre as tábuas do piso de madeira em frente a ela cada vez ficavam mais borradas e imperceptíveis.

Um cavaleiro com os cabelos castanhos e os olhos de ágata azul galopava através da união da terra e do céu, sua silhueta recortada contra o poente do sol avermelhado. Cavalgou para onde ela esperava no terraço da Estrela Polar, que ele voltasse para casa, e para ela. E quando desmontou e se aproximou a ela, vivo com a intensa paixão de um homem em harmonia com a terra, entraram na casa e subiram as escadas. Na grande cama com dossel que compartilhavam, ele a deitou, sua mão abrindo os botões da sua blusa com impaciência, enquanto a outra procurava o calor debaixo de sua saia. Sua boca era cálida e úmida contra sua garganta e seu peito, e ela desejava poder tocar sua pele também nua. — Libby, — sussurrou com voz rouca. — é minha, nunca deixarei você partir, me ouve? Nunca. Te quero...

— Senhora Ross! Senhora, você adormeceu aí?

Libby voltou às quatro paredes cinzas da estação ferroviária. Virou-se bruscamente no banquinho, e viu o jovem empregado olhando-a com o cenho franzido de trás do balcão. — Desculpe, devo ter adormecido. — mentiu. Seu rosto ficou tão quente como um ferro de marcar.

— Senhora, será melhor que suba ao trem. Não vai querer perdê-lo.

Libby olhou pela janela e viu a besta enorme, vaporosa, que a levaria até o este, e voltou para a crua realidade.

Ela não era de Tyler. Ele não era seu.

Levantando-se do banquinho, ajustou seu chapéu novo, o único pequeno luxo que se tinha permitido. Saiu ao suave sol de primavera. Montana não estava destinada a ser a sua casa. Precisava continuar se recordando, porque a esperança que a acompanhara durante todos aqueles meses, era agora seu fracasso. Seu coração se sentia tão pesado como uma pedra de moinho.

Caminhou pela plataforma cheia de gente, passando ao lado de homens trajados, mulheres, meninos, e cowboys. Parecia que todos estavam retornando para casa. Ela, por outro lado, não tinha casa em nenhum lugar. Diante de tal fato, sua garganta ficou tão apertada que temia começar a chorar ali mesmo, em público.

E agora suas orelhas estavam lhe fazendo uma brincadeira cruel, também, como tinham feito na noite da tempestade. Em algum lugar por cima do barulho de vozes humanas, cavalos, carros, e o apito da locomotiva, parecia ouvir que alguém gritava seu nome.

Abaixou a cabeça e se apressou para o condutor, que estava ajudando um ancião a abrir caminho até as escadas do turismo.

— Libby!

Com cada segundo que passava, seus olhos ardiam pelas lágrimas, e sentiu um pânico que a envolvia. O ancião à frente dela estava fazendo pouco progresso. Seria pedir muito deixar a aquele lugar para trás com sua dignidade intacta? Aproximou-se mais das escadas.

— Libby, espere!

O reflexo a fez se virar para a direção da voz, mas não estava preparada para o que viu. Correndo para ela vinham Tyler Hollins e Joe Channing. Esquivavam-se dos transeuntes e bens de transporte, e apesar do estrondo da plataforma, ela podia ouvir os saltos de suas botas e das esporas. Ficou espantada com os dois, mas seus olhos se fixaram em Tyler. A urgência em sua expressão era inconfundível, e seu coração começou a bater duramente contra seu peito. Alguma coisa devia estar mal.

Joe ficou um passo atrás, parecendo aliviado, mas Tyler continuou para frente e a agarrou pelos ombros com suas grandes mãos. Estava um pouco sem fôlego e engoliu com força.

— Jesus Cristo, procuramos você por toda Miles City. Fui ao hotel, Rory e Possum foram a todos os restaurantes, Kansas Bob e Noah entraram em todas as lojas da maldita rua principal...

— Porquê? O que aconteceu? Houve algum acidente?

— Uh, não. — Tyler olhou para o chão e parou. Virou-se e olhou para Joe, mas o capataz estava apoiado de costas contra um trilho de acoplamento.

— Toca a você, cowboy. — aconselhou Joe, e cruzou os tornozelos.

Tyler soltou seus ombros e procurou seu rosto, respirou fundo. — Olhe... sei que Heavenly não é Chicago. Deus, não é nem mesmo Miles City. — Fez um gesto ao redor deles. — Mas estava pensando, bem... — Era a primeira vez que ela o via tão tímido. Até suas orelhas estavam tingidas de vermelho. — Os rapazes adoram sua comida e você não tem nenhum lugar em particular para onde ir. E, não era tão ruim ter alguém que cuidasse de nós. Em qualquer caso, ainda odeia Montana? Estaria disposta a voltar a Estrela Polar? O salário seria o mesmo que no caminho.

— Todos a boooordo!

Libby olhou atrás dela para o trem. — Mas eles têm meu baú. — respondeu ela, como se aquilo fosse seu maior problema.

— Quer vir para casa conosco? — Perguntou Tyler de novo, desta vez mais forte.

Casa. O silêncio pacífico, o sentido de família e de pertencer a um lugar, aquele homem... — Bem... Sim! Sim, irei. — Suas pernas fraquejaram diante do alivio que sentiu.

— Joe, — Tyler gritou sem afastar o olhar dela. — Pegue o baú de Libby.

Joe enfiou o cigarro meio enrolado em seu bolso e saiu correndo em direção ao vagão de bagagens.

Tyler sorriu para Libby, então se inclinou para frente e plantou um beijo em sua fronte. Seu amplo sorriso era um que nunca lhe mostrara, e ela pensou que nunca vira nada tão bonito. Seus olhos pareciam mais vivos, com o rosto mais descansado. Ele era o cowboy mais bonito de toda a cidade.

— Já não odeio Montana, — disse ela. — só me levou um pouco de tempo para apreciá-la.

Tyler a beijou na fronte outra vez. — Vamos, vamos procurar os rapazes antes que se esgotem procurando-a. A maioria das dores de cabeça que aqueles rapazes padecem não desejo para ninguém. — disse, e lhe passou o braço sobre os ombros para virá-la para o centro da cidade. — Menos mal que você disse sim.

— Porquê?

Tyler sorriu de novo, desta vez um pouco envergonhado. — Bem, porque lhes prometi que o faria.

Libby se afastou um pouco e lhe deu um olhar malicioso. — Está muito seguro de você mesmo, não?

O sorriso dele diminuiu um pouco, e negou com a cabeça. — Não, em absoluto, Libby. Em absoluto.

• • •

Uma vez mais, Libby se encontrava no assento superior do vagão, mas desta vez Tyler o levava. Quando por fim tinham reunido toda a equipe, se encontraram abaixo em um posto de álamos na periferia da cidade onde esperavam os cavalos no curral de corda. Os homens estavam tão contentes de vê-la que ela soube que tomara a decisão correta ao ficar.

— Senhorita Libby, o que vamos ter para o jantar desta noite? — Perguntou Rory e seu rosto se iluminou.

— Talvez nos prepare cascavel. — Noah riu, passando uma mão por sua grande cabeleira.

— Se isso significa que tenho que ser a isca de novo, esqueçam. — Tyler disse e todos riram.

Libby sorriu e levantou as mãos. — Não, não, por muito que todos gostem, terão que se conformar com algo menos emocionante.

Joe se inclinou para frente e pôs seu braço sobre o pomo de seu cavalo. — Olhei no fundo do vagão, e poderíamos finalmente jantar serpente se não nos abastecermos no caminho de casa.

— Libby e eu nos encarregaremos disso. — Tyler se ofereceu. — Encontraremos vocês aqui de novo em uma hora e logo nos dirigiremos para casa.

Ali estava de novo aquela palavra, Libby pensou, prendendo sua saia ao seu redor. Casa. Dava-lhe um calor que tinha sentido poucas vezes em sua vida. E a essência que estivera tão notavelmente ausente algumas semanas atrás, de primavera e coisas recém verdes, era forte no ar naquele dia.

Tyler virou o carro e se dirigiram para o armazém geral, onde carregariam as provisões suficientes para aguentar os sete ou oito dias que demorariam a chegar à casa.

— Sete ou oito dias! — Exclamou Libby, enquanto se dirigiam de volta para a carreta. — Levamos quase três semanas para chegar até aqui. — Ela escutava o repicar dos saltos das botas dele nas pranchas da calçada, e o tilintar de

suas esporas, e sorriu. Gostava da sensação de caminhar ao seu lado, mas não estava se enganando. Sabia que não deveria pensar em seu retorno a Estrela Polar como algo mais que um trabalho. A decepção se encantava de visitar as pessoas com elevadas expectativas. Ninguém era mais consciente daquilo que ela.

— Nosso trabalho estará terminado para nós, quando chegarmos ao rancho. E acredito que vamos ter alguns bezerros adicionais na nossa marca. Não tenho certeza de quantos mais.

Suas palavras se cortaram tão bruscamente que Libby se virou para olhá-lo. Tyler estava olhando à frente para um homem mais velho que se aproximou da calçada e bloqueava seu caminho. Ainda que ela não o estivesse tocando, notou como todos os músculos sob a camisa e calças de cowboy de Tyler ficaram tensas. Como se tivesse visto um lobo, a crista da pele na parte posterior de seu pescoço, se eriçou. Quase inconscientemente, a puxou para trás e colocou seu ombro em frente dela.

Pararam a três metros do homem.

— Tyler? — Libby falou, mas ele não respondeu, e ela sentiu como o sangue subia até seu rosto quando o forasteiro se aproximou e a olhou de cima a baixo com um desprezo insultante.

Parecia ter uns cinquenta anos, com uma franja de cabelos cinza que era visível debaixo de seu chapéu, e um rosto vermelho sobre uma grande papada. Seu corpo era considerável e mais evidente em uma grande barriga que

pendurava de seu cinturão.

— Bem, bem, Hollins. — disse, e passeou de novo ao redor de Libby com os olhos apertados e injetados de sangue. — Já tem uma substituta preparada para minha menina?

Tyler olhou o desperdício de homem de pé em frente a ele, repulsivo e com nojo. — Está bêbado, Lat. — Disse em voz baixa. Sentia o cheiro de whisky de onde se encontrava.

Ele começou a rir. — Bêbado? Sim, estou. Mas, claro, Jenna era só sua esposa, e penso que não sabe o que se sente ao chorar por uma menina morta, Hollins. Leva um homem a beber.

Tyler sentiu que sua mão se fechava em um punho. Sabia que nada do que o homem tivesse para dizer era válido, mas a acusação o enfurecia. A dor pela perda de sua esposa tinha sido tão forte que até a dor chegara a ser quase sua perdição, e tudo o que restou. No final, se conformara em se culpar por sua morte.

— Eu chorei por ela, também, mas isso não a traria de volta. Só fez com que ficasse louco. — Talvez os rumores fossem certos, Tyler pensou. Lattimer Egan agia como se estivesse louco.

— Não foi suficiente que deixasse a minha Jenna morrer. — prosseguiu o velho. — Fez com que meu único filho vivo se virasse contra mim, também. Aquele rapaz nunca vem me ver, e aposto que Rory nem mesmo queira falar comigo agora que envenenou sua mente contra mim.

Tyler inspirou um bocado de ar para manter o controle de seu temperamento, e se perguntou porque continuava com

aquela conversa. Libby estava apoiada contra a parte posterior de seu braço, e ele podia sentir seu impacto. Maldição, por que tinha que passar por isto agora, em frente a ela?

Não via Egan há mais de dois anos. — Rory é livre de abandonar a Estrela Polar qualquer dia que quiser. — Ele agarrou a mão de Libby e ambos passaram pela frente de seu ex sogro. — Mas ele simplesmente não quer.

Atrás deles, Egan gritou: — Senhora, se você é sua esposa, lamento por você.

Tyler a puxou ao longo da rua para a carreta. Tinha o estômago apertado e, sem pensar, apertou a mão de Libby, até que ela gritou forte. Ele a soltou, mas a empurrou na frente dele. Algumas pessoas na calçada se viraram para olhá-los, e depois olharam para Egan.

Chegando à carreta, Tyler saltou sobre seu assento e ajudou Libby a subir ao seu lado. Agitou as rédeas com vontade e as mulas começaram a andar com uma sacudida. Ela ficou olhando seu perfil de granito enquanto colocava seu chapéu. O rosto de Tyler parecia uma rocha imóvel.

O coração de Libby batia com tanta força no peito que podia senti-lo contra sua roupa. Tentou dar sentido ao que acabava de ouvir, mas sua mente estava girando. Jenna? Tyler tivera uma esposa chamada Jenna? E o que tinha a ver com Rory em tudo aquilo?

— Tyler, o que foi tudo isso? — Perguntou, sentindo-se estranhamente sem fôlego. Nunca o vira tão zangado ou tão aterrorizador, nem mesmo na primeira manhã quando a encontrou em sua cozinha.

— Lamento o que aconteceu, Libby. — disse. Suas palavras e sua voz, controladas firmemente. — Teria evitado se pudesse.

— Mas, quem era aquele homem?

Tyler envolveu as rédeas ao redor de suas mãos enluvadas. — Lattimer Egan. Tem sua manada ao lado da Estrela Polar, a uns dez quilômetros ao este. Sua filha, Jenna, foi minha esposa. Morreu ao dar à luz faz cinco anos.

Libby lutou para recuperar o fôlego. — E Rory, Rory é...

— Seu irmão. — concluiu ele.

Depois daquilo, guardou silencio, e apesar de Libby querer, não se atreveu a lhe fazer mais perguntas. Ao saírem dos edifícios de Miles City atrás deles, Libby percebeu como sabia pouco sobre o homem que estava sentado ao seu lado. No entanto, por muito que Tyler fosse um mistério para ela, era evidente que tinha dor sob seu exterior rude e seus bruscos modos.

A equipe estava ainda alegre e brincando quando ela e Tyler chegaram até onde eles esperavam.

— Já era hora de regressarem. — Joe brincou. — Estávamos a ponto de ir buscá-los.

Tyler ignorou o comentário e amarrou as rédeas ao redor do freio. Puxando seu saco de dormir fora do vagão, desceu de um salto.

— Rory. — gritou. — Suba aí em cima e conduza o carro da senhorita Libby. Possum, você e Hickory se ocupem dos cavalos. — Tyler se aproximou a um álamo onde seu cavalo esperava, encilhado e mordiscando a relva nova. Depois de atar

seu colchão ao arção traseiro, montou o cavalo e o fez virar. — Nos veremos no rancho.

Esporeou o cavalo e saiu a galope pelo campo.

— O que demônios aconteceu? — Joe exigiu a ninguém em particular. Depois se virou para observar Libby, ao que parecia em busca de uma resposta para a mudança brusca no estado de ânimo de Tyler. Ela sabia que parecia tão surpresa como todos os outros que o viram cavalgar.

Olhando fixamente com a boca aberta a forma decrescente de Tyler, Rory se virou e se sentou junto a Libby. — O que demônios o picou?

— Rory, creio que conheci seu pai na cidade. Não sabia que era cunhado de Tyler. — Recordou uma conversa que tivera com ele em sua primeira noite no caminho. Ele lhe dissera que não sabia onde estava seu pai. Agora entendia porquê.

Rory deixou descansar suas mãos sobre as coxas. — Ah, maldição. — suspirou, e sem oferecer nada mais, soltou as rédeas da alavanca do freio.

— Oh, Deus, — Joe acrescentou. — isso explica tudo. Bem, será melhor nos movermos. Perdemos a maior parte do dia. — O contingente avançou para o prado aberto.

Libby se sentou em um silencio desconcertado, olhando a relva de búfalo que sabia rolar na passagem da carruagem. A informação que proporcionara sobre Tyler e o pai de Rory explicava a situação para todos menos para ela.

Capítulo 12

A viagem de volta a Estrela Polar estava sendo mais curta e fácil para Libby com Rory conduzindo, mas parecia tensa pela ausência de Tyler. Durante o dia, enquanto ela e Rory ficavam sobre os assentos do vagão, ela tentava entender a razão da malévola animosidade entre Tyler e seu pai. Porquê demônios culpava Tyler de deixar morrer sua irmã? Mas Rory, em uma escapada de sua amabilidade habitual, parecia pouco disposto a discutir a situação como seu cunhado.

O jovem considerou sua pergunta, posteriormente negou com a cabeça. — Tyler pode lhe contar se assim o desejar, mas duvido que o faça. Não se ofenda, senhorita Libby, mas foi um assunto muito delicado para ele durante muito tempo, e simplesmente não se fala disso. Nenhum de nós falamos. — Gritou para as mulas: — Hei, vocês, cabeças ocas, continuem andando!

Libby não falou mais no incidente, com Rory nem com ninguém, e simplesmente se retirou ao seu rol original como cozinheira do acampamento. Às noites, no entanto, quando estava em sua cama improvisada no vagão, sentia falta ao saber que se olhasse por baixo da lona da carreta, não veria Tyler olhando fixamente as chamas da fogueira, ou os últimos minutos do pôr do sol.

O ferimento que Wesley deixara em seu coração começava a se transformar em uma cicatriz, e Libby já não pensava em Chicago.

Mas sentia falta de Tyler Hollins.

Libby se sentiu aliviada quando chegaram ao rancho. Exceto pela noite que passara no hotel em Miles City, tinha dormido na parte traseira de uma carreta e se banhava em um balde durante quase um mês. Não fora capaz de lavar nem passar as roupas. Principalmente estava enjoada de bacon e feijões.

E queria ver Tyler.

Cavalgaram com a mesma alegria e algazarra como no dia em que Charlie e Joe levaram os cavalos selvagens até o curral, e ela e Rory riram e fizeram tanto ruído como qualquer deles.

Quando Libby viu a figura alta, delicada de Tyler, apoiada contra um dos postes do terraço, seu coração deu um salto. O sol se refletia nas abundantes mechas de seus cabelos castanhos, e tinha os braços cruzados sobre o peito. Naquele momento, ela estava muito contente de vê-lo para dizer a si mesma que era seu chefe, e que seus sonhos eram vergonhosamente inadequados.

Depois da primeira rodada de cumprimentos, Rory parou o carro em frente à casa, e Tyler se adiantou para ajudá-la a descer. Apesar de ainda parecer cansado, ela recordou como era bonito, como seus olhos eram azuis, como era exuberante a curva de sua boca.

— Leve o vagão ao estábulo, Rory. — disse. Então ele sorriu e ela viu uma chispa fraca em seus olhos antes que sua

máscara fria caísse em seu lugar. — Bem-vinda de novo, Libby. A viagem foi boa?

Ela sorriu também. — Sim, mas me alegro de estar de volta. Será bom dormir em uma cama de novo e cozinhar em um forno. Gostaria de ter uma banheira de cobre como a do hotel em Miles City. E esta noite, graças a Deus, também teremos algo mais que carne de porco para jantar. — Sem pensar, colocou sua mão sobre o braço dele.

Tyler se afastou um passo. — Então será melhor que se instale logo. — Começou a caminhar de retorno a casa.

Ela se surpreendeu com sua frieza. — Tyler, espere. É isso tudo o que... um, quero dizer, está bem?

O cenho tênue que ela conhecia tão bem, juntou suas sobrancelhas. — Estou bem, Libby. Seu trabalho não é se preocupar por mim. É cozinhar. — Deixou-a em pé no terraço e a porta bateu atrás dele. Um momento depois, ela ouviu a porta de seu escritório perto da parte traseira da casa.

A cara de Libby estava quente de vergonha, e olhou a sua volta para ver se alguém tinha presenciado sua despedida tão cortante. Por sorte, a equipe estava ocupada com os cavalos no curral.

Oh, este homem, amaldiçoou ela. Foi tão grosseiro como na manhã em que o conhecera. Libby esperava não ter que lamentar ter desperdiçado aquele bilhete de trem.

• • •

Uma noite, uma semana depois, Libby despertou com um sobressalto. Não sabia que horas eram, mas a lua tinha

cruzado o céu, colocando uma barra de luz através da janela de seu quarto. Era uma noite temperada e uma suave brisa agitava suas cortinas de renda. Um ruído, pensou que fosse algo que a despertara.

Afastou as mantas e se aproximou da janela aberta. A lua cheia iluminava o pátio e os edifícios circundantes, mas não viu nada. Os cavalos no curral estavam tranquilos e o barracão estava escuro.

Thwuck!

Thwuck!

Thwuck!

Olhou então, e um pouco além da borda do teto do terraço viu Tyler cortando madeira. Não tinha dúvida de que fosse ele. Estava sem a camisa e seu torso suado brilhava com a luz prateada. Ela recordava muito bem do contorno de seus ombros e das costas retas. A folha do machado de prata brilhava em seu arco para cima antes de cair de novo para morder o tronco.

Cortando madeira! A estas horas? Estava certa que era muito mais da meia noite.

Suspirando, Libby se arrastou de volta para a cama. Permaneceu acordada muito tempo depois que o ruído parou, amaldiçoando o momento cruel do destino que fizera Tyler se encontrar com Lattimer Egan na calçada em Miles City. Não importava como ela tentasse não pensar, sua mente voltava ao Tyler Hollins que acabava de vislumbrar tão brevemente. Tyler massageando seus ombros e beijando-a no vagão na noite da tempestade, à procura dela na estação ferroviária. Libby

gostava muito daquele homem.

Não sabia muito sobre ele, mas sabia o suficiente para perceber uma coisa. A dor por sua esposa era sua prisão. Aquilo o impedia de dormir, e o fazia manter todos os outros fora de seu coração.

Pelo que Libby estava ressentida. E muito triste, por certo.

• • •

Esgotado de seu trabalho no terraço traseiro, Tyler subiu lentamente as escadas na escuridão e se dirigiu pelo corredor. Um cansaço indizível se arrastava por ele. Aquilo era bom, esperava que significasse que por fim iria poder dormir. Eram quase duas horas da madrugada, e o sol se levantaria em mais três horas. Quando chegou à porta fechada de Libby, parou. Pensou nela, com seus longos cabelos cor de mel e seus olhos cinzas. Via o conforto e a redenção naqueles olhos cada vez que os olhava. Dizia a si mesmo sempre que não devia pensar tanto naquelas coisas, mas não conseguia afastá-las de sua mente. Depois de um longo momento, estendeu a mão e agarrou o trinco da porta. O metal estava frio sob seu toque.

Desejou ter a liberdade de abrir a porta e ir para ela, para deixar a carga de seu coração ali mesmo, mas não tinha nenhum direito de fazer aquilo em absoluto.

Soltou o trinco da porta e foi para a sua própria cama.

• • •

Cedo ou tarde no dia seguinte, Libby parou em frente à

casa do rancho em suas antigas roupas, as mãos nos quadris, e observou o emaranhado de vegetação esfarrapada que uma vez tinha sido um canteiro de flores. Reconheceu as pradarias rosas que Tyler lhe dissera que uma vez estiveram ali, mas que se consumiram praticamente com as ervas daninhas e as pastagens.

— Bem, talvez não possa arrumar nada por aqui, mas estou certa que poderia arrumar vocês. — murmurou para as plantas. Dobrou suas mangas para cima e colocou as luvas, com a intenção de recuperar a beleza daqueles canteiros. Sabia que seria um trabalho duro. Mas era um dia bonito e limpo, e seria uma tarefa boa que a faria esquecer sua frustração com Tyler, e a distrairia do humor cinzento que pendurava sobre a Estrela Polar.

Desde seu retorno, Tyler estivera distante e irritadiço, recordando-lhe de quando Libby chegara na primeira vez ao rancho. Desaparecia durante horas enquanto cavalgava pela pradaria solitário. Graças a Deus o cavalo conhecia o caminho de volta. Várias noites atrás o ouvira cambaleando pelas escadas e sabia que estava bêbado. Sua principal preocupação era que pudesse se precipitar pela grade da galeria antes de conseguir chegar ao seu quarto. Libby tinha ouvido falar dos cowboys se queixando do muito que tinham desfrutado do novo senhor Hollins, que ria e brincava e tinha bebido com eles no Briar Rose. Pena que não durara.

Tyler parou na janela da sala e viu quando Libby escavava nos canteiros de flores em frente ao terraço. Ou melhor dizendo, naquilo que uma vez fora canteiro de flores. A terra as

reclamaram durante sete anos, desde que seu pai morrera. Tyler não tivera tempo para mantê-las em dia, e Jenna não se preocupara por elas. Seu pai as tinha plantado para sua mãe, com a esperança de fazer que se sentisse mais à vontade na Estrela Polar. Tyler não acreditava que tivesse melhorado alguma coisa, nem para sua mãe nem para Jenna.

Agora, uma cozinheira pequena e formosa, de uma grande cidade metropolitana, que em muitos aspectos era muito mais valente do que ele, planejava trazer as rosas silvestres de volta à vida. Armada somente com uma escavadeira afiada e uma pá, deixaria para trás os anos de abandono.

De joelhos sobre uma almofada de jornais velhos, arrancou um pedaço da relva de inverno e jogou a uma cesta ao lado dela. Longas mechas de cabelos escaparam do nó frouxo da parte posterior de sua cabeça e arrastavam sobre seus ombros. Uma mancha de sujeira estava marcada em sua testa, e estava vestida como uma refugiada. Mais uma vez, a imagem de um anjo cruzou a mente de Tyler.

Saiu ao terraço e observou seu progresso enquanto se apoiava nas grades do anteparo. Parecia uma tarefa quase impensável para ele, impossível dizer onde os canteiros terminavam e onde começava o sujo pátio. Mas Libby tinha erguido uma pilha considerável de relva e ervas daninhas.

— Não tem que fazer isto, Libby. — disse.

— Oh, mas me sinto bem estando aqui ao sol, escavando o solo. Nunca tive a oportunidade de fazer isso antes. — Fez uma pausa e olhou para ele. —Vai me dizer que isto não é parte de meu trabalho?

— Não, claro que não. — murmurou, e timidamente bateu as luvas contra sua coxa. Quando ele ouvira a alegria selvagem de sua equipe de volta à casa de Miles City, estivera tão ansioso de vê-la que precisou parar para não correr ao encontro do vagão. Queria puxá-la para baixo do assento e beijar sua boca suave e rosada, até que estivesse inerte em seus braços e levá-la até a cama e fazer amor com ela. Depois, como se fosse um cachorro com uma corda curta, a recordação de Jenna o puxou, e se recordou da única verdade que Lat Egan dissera: Tyler fora o responsável por sua morte. Devido a aquilo, nenhuma felicidade real jamais poderia ser parte de seu futuro. Assim, se afastara de Libby com uma brusca despedida. Ele a olhava agora, de joelhos entre a erva daninha. — Mas não posso dizer a ninguém que a ajude com isto, e você vai levar semanas aí.

Libby afundou as garras da escavadeira no quadrado de meio metro de terra que finalmente estava limpo depois de uma hora de trabalho. — Está bem. Não tenho pressa, e acredito que provavelmente ficará bonito quando estiver terminado. — Levantou-se e flexionou suas costas. Tyler sentiu como seus olhos foram atraídos para os seios dela e sua pequena cintura. — Além disso, se me esforço o suficiente durante o dia, serei capaz de dormir enquanto você corta lenha à noite. — Deu-lhe uma olhada cúmplice.

Tyler sentiu o sangue que fluiu para seu rosto. Maldição, pensou, nenhuma outra mulher tinha provocado aquele efeito nele com tanta frequência. Não sabia o que dizer. Oferecer a desculpa de que estava pondo as tarefas em dia, lhe parecia

ridículo. Dizer a verdade, que seus pensamentos não o deixavam descansar, que ele não queria outra coisa que se deitar com ela e só apertá-la entre seus braços, não era uma opção.

Por sorte, foi salvo de oferecer uma explicação porque Joe chegou a cavalo naquele momento. Sua expressão era tão escura como uma nuvem de tempestade.

— Como foi? — Tyler perguntou.

Joe desceu de seu cavalo e puxou as rédeas sobre o trilho de acoplamento. Tirou o chapéu e sorriu a Libby, subiu os degraus da entrada. Tyler fez um gesto para as cadeiras no terraço, e Joe se afundou em uma delas.

— Aquele velho bastardo e seus vigias tentaram atirar em minha cabeça, Ty. — O assombro coloria sua voz profunda. Cruzou o tornozelo sobre seu joelho.

— Vigias! Quando Lat contratou uns vigias?

— Não sei, mas isso não foi tudo. Tem seus homens levantando postes e amarrando arames farpados. Disse que vai disparar a qualquer um que se aproximar da maldita vala.

Tyler suspirou e balançou a cabeça. Arame farpado, aquilo era ruim. Uma grande parte do território já tinha visto o final do campo aberto de pastoreio, mas ia contra todos seus instintos de pecuarista. Jogou a cadeira para trás contra a parede. — Pergunto-me o que o terá mordido. Falou com ele?

Joe tirou o chapéu e o desamassou até sua forma original. — Sim, mas demônios, não foi o que eu chamaria de uma conversa amistosa. Só me aproximei até o caminho que leva à casa do rancho. Lat saiu balançando um rifle, e me disse que

enfiaria uma bala em minha pele se desse mais um passo.

— Jesus! — Disse-lhe que queríamos lhe dar cinquenta cabeças?

— Disse. E só se enfureceu ainda mais. Sua cara ficou quase roxa, estava tão condenadamente irritado. Disse que não precisava de nossa caridade.

Tyler deixou cair sua cadeira para a frente com um grande ruído. — Oh, maldição, só estava tentando ajudar. Todo o mundo perdeu muito este ano, não só ele.

Joe levantou a mão. — Eu sei, eu sei. Mas atirou por cima de minha cabeça e me disse que metesse o nosso maldito gado por... — Com um olhar para Libby, deixou a frase sem terminar. — Uh, bem, é fácil adivinhar o resto. Não precisava mais de estímulo algum para sair de lá, assim, me reuni com os rapazes de volta no caminho e trouxemos os novilhos para casa.

Fez-se um silencio entre eles por um momento. Só o som áspero das garras da escavadeira de Libby enchia o vazio. Do seu lugar afastado junto aos arbustos, ela escutou aquela conversa.

Então Joe disse: — É melhor que se dê por vencido, Tyler. Está perdendo o tempo tentando agradar aquele velho e aliviar sua consciência.

Ela não podia ver a cara de Tyler, mas suas palavras de repente explodiram de raiva. — Não é por isso que o faço, Joe. Minha consciência não tem nada a ver com isto, e não é necessário que especule sobre minhas decisões.

Parecendo igualmente furioso, Joe disse: — Não estou

especulando nada. Mas também não vou levar uma bala de Lattimer Egan entre meus olhos. — Ela ouviu suas botas batendo no piso do terraço enquanto se levantava. — Será melhor que se lembre quem são seus amigos, Tyler, e deixe de mordê-los como se não tivéssemos nada melhor para fazer que aguentá-lo.

Joe trovejou pelas escadas, aumentando o tilintar de suas esporas loucamente, e agarrando as rédeas de seu cavalo, puxou-o não muito gentilmente para o curral.

Com suas sobrancelhas arqueadas e grandes olhos, Libby se levantou e olhou para Tyler. Ela leu o desgosto em seu rosto quando ele percebeu que ela ainda estava ali, e que presenciara a acalorada discussão. Libby atirou a ferramenta de jardim e suas luvas na parte superior da pilha de relva e subiu as escadas. Tyler continuava sentado na cadeira que Joe deixara vazia. Cruzando o pórtico, se sentou ao seu lado.

— Tyler.

— Não comece você também. — murmurou, mostrando um grande interesse em uma franja na beirada da sua cadeira. Seu rosto magro e formoso, começava a mostrar a tensão que abafava.

Libby não estava certa de porquê se aborrecia. Sabia que não deveria se importar. Na verdade, ela não queria examinar muito de perto seus sentimentos, mas eles estavam ali, e ela não podia negá-los.

Libby colocou a mão sobre o braço de sua cadeira e se inclinou para ele. —Manter a dor por alguém até adoecer, e sacrificar sua própria felicidade é levar toda sua vida pelas

beiradas. Não creio que Jenna tivesse querido que o fizesse, não importa o que seu pai diga. Não pode deixar que seu amargo coração seja o seu.

Seus olhos azuis se encontraram com os dela bruscamente. — Libby, não sabe do que está falando. — advertiu.

Ela apertou o braço da cadeira até sentir as beiradas quadradas machucando seus dedos. Não era nada fácil para ela falar daquilo, mas era o único exemplo no qual podia pensar: — Sim, eu sei. Minha mãe me deixou no orfanato quando tinha quatro anos. Anos depois, descobri que ela morrera uma semana mais tarde em uma porta, sozinha. Tuberculose, disseram. — Tyler não disse nada, mas seu cenho se fechou com mais força, e levou sua mão ao lado da mão dela, no braço da cadeira. Libby respirou fundo para continuar. — Todo o mundo perde alguém, Tyler. Vivemos e morremos, alguns de nós antes que outros. Tem que seguir adiante e tirar o máximo partido de seu tempo nesta terra, do contrário, a dor o consumirá.

Ele a observou por um momento, balançou a cabeça e se levantou. — Como disse, Libby, não sabe do que está falando. — Desceu as escadas e se dirigiu para o curral sem olhar para trás.

Libby o viu se afastando, e tentou fingir que suas palavras não lhe tinham feito mal. Mas tinham. Momentos mais tarde, viu Tyler sair a galope do pátio sobre a potra que por fim tinha domesticado. Os dois cruzaram o campo para as colinas, como se Tyler pensasse que podia correr mais rápido que os

demônios que o perseguiam.

• • •

Naquela noite, Libby ficou em frente ao espelho de seu banheiro, escovando os cabelos e pensando. Estava sozinha em casa. Não vira Tyler desde que saíra naquela tarde. Quando ele lhe pediu que retornasse a Estrela Polar, jamais imaginara que alguma vez estaria em solidão. Agora estava, sem dúvida.

Sua posição ali era estranha. Ela certamente não estava sem amigos, e não tinha a distinção de classes que sempre conhecera, mas não tinha a proximidade que tivera com as poucas pessoas domésticas na casa dos Brandauers. O barracão não era lugar para uma mulher, e os homens não estavam dispostos a passar pela cozinha só para lhe fazer companhia.

Estupidamente, talvez, alguma vez tivesse se imaginado sentada na sala com Tyler em uma noite ocasional, lendo ou conversando. Não para qualquer fim romântico, se afirmou, mas simplesmente pela companhia de outra pessoa. E poderia ter chegado a acontecer, se...

Naquele momento ouviu um ruído que já começava a ser desgraçadamente familiar. Era o som de Tyler, se esforçando para chegar até as escadas. Estava de volta antes do habitual, eram só nove horas. Seu progresso era um pouco vacilante, como se estivesse tentando manter o equilíbrio, e mesmo por trás da porta fechada, podia ouvir suas esporas. Quando finalmente chegou até seu objetivo, deixou escapar o fôlego que segurava. Pelo menos não tinha caído para trás nas escadas.

Mas agora o esperava a galeria. Se caísse...

Com um suspiro irritado, ela jogou o xale sobre seus ombros e se dirigiu a porta. Porquê Tyler não se decidira a voltar para casa antes que ela vestisse sua camisola? Libby soltava chispas, mas não podia deixar que caísse e quebrasse seu estúpido pescoço. Quando abriu a porta, o viu a meia luz da lanterna sobre sua mesinha de noite, desalinhado, com os olhos azulados injetados cruamente em sangue, seus cabelos emaranhados pelo vento. Libby saiu ao corredor com os braços cruzados sobre o peito.

Tyler cambaleou até parar e a olhou com uma surpresa aturdida. — O que acontece?

Ela não ia fazer um sermão, pensou. Não só não tinha direito a fazê-lo, mas sem dúvida, não era o momento. Mas não pode evitar franzir o cenho e a boca levemente. — Posso cheirar o whisky daqui.

— Oh, não seja tão choramingas. — disse, agitando seu braço como se tivesse soltado da articulação. Tyler cambaleou para um lado da grade da galeria.

Assustada, ela se jogou para frente e o agarrou pela manga. Seu equilíbrio era tão pobre, que não foi difícil voltar a endireitá-lo. Ela passou o braço dele sobre seus ombros. — Vamos, Tyler, é hora de se deitar.

— Verdade? Libby, é sério? —A alegria em sua voz refletia um alivio, e horrorizada, ela entendeu que a tinha interpretado mal. Tyler caiu em seus braços, e logo tentou dirigir a ambos para o quarto dela. Era muito grande para que ela o controlasse, e antes de perceber, Tyler conseguira empurrá-la

até a cama. Libby sentiu como o colchão pressionava a parte posterior de suas pernas.

— Não em minha cama, grande bobo! — Grunhiu ela, lutando com seu peso. — Na sua, no quarto ao lado.

— Nãooo importa, podemos dormir aqui. É grande o suficiente. — Ele acariciou seu pescoço, sempre murmurando: — Coração de anjo. — Deslizando ambas as mãos para seu traseiro, puxou sua cintura com força. Ela se assustou ao sentir a prova muito real e dura, de sua excitação pressionada contra seu abdômen.

— Tyler, basta! — Libby tentou por o ombro contra seu peito para afastá-lo dela, mas não podia competir com seu grande corpo, relaxado. Em um segundo, ele a teria imóvel contra o colchão, e então ela não seria capaz de se levantar de novo. A única vantagem que tinha era a velocidade. Tyler se movia tão lentamente como um urso em um poço de breu. Tão rápido quanto levantou um braço para acariciar seu peito, ela escapou por baixo de seu cotovelo e saiu correndo pela porta. Tyler olhou para baixo em frente a ele, como se perguntando onde teria se metido Libby.

— Saia daí imediatamente! — Insistiu ela em um tom firme. Não tinha medo dele, mas sua ira aumentava por momentos.

Tyler se virou e tropeçou com ela. — Ah, Libby, vamos. Não me obrigue a sair. Deixe-me dormir com você. — E, parecendo brusco e estranhamente lúcido, acrescentou com um suspiro: — Estou muito cansado.

Por um milésimo de segundo, Libby pensou que seu

coração ia se quebrar. — Sei que está, — disse. — por isso é o momento de ir para seu quarto.

Tyler não ofereceu mais resistência, e com algumas manobras difíceis, se arranjou para avançar pelo corredor até sua própria cama. Bastou um só empurrão de Libby para fazê-lo aterrissar em seu colchão, com as botas, esporas, cinturão da arma de fogo, e tudo.

Quando Libby se aproximou para envolver as mantas ao seu redor, sua mão de repente saiu disparada e agarrou seu punho. Puxou-a para abaixo com uma força que ela não esperava, e deixou o rosto de Libby a centímetros do seu.

— Não me dá um beijo de boa noite? — Pondo a outra mão na parte posterior do seu pescoço, a puxou até sua boca e lhe deu um beijo duro, descuidado, com sabor a whisky.

Com um grito sufocado, ela se livrou dele e se afastou, tirando o gosto de sua boca com a manga de sua camisola.

Tyler já estava dormindo.

• • •

Libby estava na cozinha amassando pão na manhã seguinte, depois do desjejum, quando Tyler entrou pela porta, e com um reconhecimento brusco para ela, pegou uma xícara da estante e foi à cafeteira sobre o fogão.

Mudara de roupas e se lavara, mas se movia um pouco devagar, como se lhe doesse algo. Ela não estranhava. Abaixando seu olhar de novo para seu trabalho, Libby não lhe deu atenção e continuou batendo a massa com um vigor furioso.

Tyler pegou um biscoito de açúcar de um prato na mesa, e por fim a olhou. — O que acontece, decidiu deixar de falar?

Libby espalhou a farinha em sua superfície de trabalho. — Depois de ontem à noite, não deveria se surpreender.

— Ontem à noite?

Libby franziu o cenho. — Sim, deve se lembrar, não?

Um breve pensamento cruzou sua cara inchada, seguido de uma tímida expressão.

— Além de como você apontou ontem, não sei do que estou falando. Você lembra?

Ele suspirou com impaciência, e passou a mão pelos cabelos, lentamente, como se quisesse evitar agravar sua monstruosa dor de cabeça. — Oh, maldição, Libby, aquilo não foi o que quis dizer, exatamente...

Ela o olhou. — Não? O que quis dizer, então? Não pode dizer que minha vida sempre foi como almofadas suaves e tortas de creme, e que não entendo o que se sente ao estar sozinho e assustado.

Libby agarrou a massa em suas mãos até que a espremeu entre seus dedos. Olhando-o, a jogou sobre a mesa. Igual uma panela de pressão, sua raiva explodiu, para ele, por seu comportamento, e com ela mesma por se preocupar tanto com ele. Seria aquilo no que seu trabalho no rancho se converteria? Em ser a babá de um homem que parecia empenhado em se destruir?

— Libby, isto não é assunto seu.

— Oh, sim, é! Posso ver o que está fazendo a você mesmo, e a todos à sua volta. Fez com eu me preocupasse por você, da

maneira, bem, da maneira em que me preocupo por todos os outros, — se corrigiu apressadamente. — e agora me excluiu. Esbofeteia a todos, incluindo Rory. Tyler, esse menino o quer como se fosse seu pai, e sabe que acabou de perder seu melhor amigo. — Sua raiva cresceu. — Deus, me faz ficar aborrecida tantas vezes, poderia, oh, poderia lhe dar um soco agora mesmo!

— A senhorita — arrume isto — quer me pegar? — Tyler parecia estar se divertindo e zombou dela. Deixou a xícara de café. — Vamos. Eu a desafio. — disse. Passando por seu lado ao redor da mesa de trabalho, levantou seu queixo e lhe deu uns golpezinhos com o dedo indicador. — Dá-me justo aqui.

Sua indignação tinha chegado a um ponto de ebulição. Toda a frustração e a preocupação e a incerteza dos últimos meses, estavam emergindo para a superfície. Valeria a pena golpear aquele queixo arrogante só para apagar aquele sorriso que levava sempre. Ainda que mal fosse consciente, seus dedos começaram a se fechar em um punho.

Libby desceu o olhar para sua mão, e os olhos injetados de sangue de Tyler, brilharam. — Adiante, senhorita Libby, — pressionou sarcasticamente. — quer me golpear. — Ele esticou o queixo para fora, ainda mais. — Gostaria de ver você tentar.

Apesar da ressaca o fazer se sentir como se tivesse sido escoiceado por cavalos, Tyler confiava em seus reflexos. Poderia manejar a jovem. Imaginou brevemente como deveria sustentá-la só com uma mão enquanto com a outra parava no ar sua tentativa ineficaz de tocar sua cara, e riu entre dentes. Mas estava disposto a pegar seu punho enquanto voasse para sua

cara, não para seu estômago. Quando o punho de Libby chocou duramente contra seu corpo, sua respiração o abandonou. Seus braços se fecharam ao redor de sua cintura e se jogou para frente como um maestro com sua orquestra. Não podia falar, nem mesmo respirar.

A raiva de Libby foi substituída no instante por um sentimento de horror e Libby tentou segurá-lo pelos ombros, pensando que poderia ter um colapso. — Oh, meu Deus, Tyler, sinto muito!

Naquele momento, Joe entrou e apoiou uma cadeira contra a mesa de trabalho com um enorme sorriso em seu rosto. Obviamente, sendo testemunha do sucedido, disse: — Não o lamente muito, senhorita Libby. Tem nos tratado como se fossemos mulas.

O que tinha feito? Nunca em sua vida tinha batido em ninguém. Por que deixara se irritar daquela maneira? Tyler tinha sofrido em sua presença nos últimos dias. E agora estava inclinado como um anzol, tentando recuperar seu fôlego porque ela o tinha golpeado no estômago. Se estivesse procurando uma razão para se desfazer dela, acabava de encontrar uma muito boa. Uma razão a qual ninguém poderia por nenhuma oposição.

Tyler tentou se livrar das mãos dela e se endireitou lentamente, revelando uma grande mancha redonda de farinha que o punho de Libby deixara na parte dianteira de sua camisa. Seu peito se expandiu quando conseguiu encher seus pulmões completamente. Estava com uma cor branco esverdeada e suado, recordando a Libby o lado da sombra de

um bloco de gelo, mas pior que isso, não conseguia ler sua expressão.

— Sinto muito, — repetiu ela miseravelmente, mas até mesmo para seus próprios ouvidos, suas palavras eram inúteis. Sabia que seu destino já estava decidido. Ela o olhou, esperando que caísse o machado sobre ela. Se apenas falasse algo.

Em vez disso, passou junto a ela, obviamente tentando recuperar sua dignidade, e saiu para fora da cozinha.

Joe fez uma careta e balançou a cabeça, incapaz de reprimir um murmúrio de risadas.

— Oh, como pode rir? — ela perguntou, olhando para Tyler enquanto se dirigia ao estábulo. O coração batia fortemente no peito. — Fiz uma coisa terrível!

Totalmente indiferente, ele levantou a cabeça para olhar Tyler. Encolheu os ombros e pegou um biscoito. — Não está vomitando ainda, então, não pegou tão forte. Além de só ter feito o que todos estivemos tentados a fazer. Nós não poderíamos fazer isso, mas você pode.

Ele lhe deu umas palmadinhas no braço e um sorriso travesso. Depois pegou outro biscoito e saiu pela porta, deixando Libby refletir sobre suas palavras.

• • •

Naquela noite, depois que a equipe jantou, Tyler se sentou em um exílio auto imposto à sombra no terraço dianteiro, com um copo de whisky apoiado em seu joelho. Era uma tarde de primavera suave que não dava indícios do verão mais quente

que ele sabia, estava por chegar. A porta da cozinha estava aberta, e um retângulo de luz dourada caía sobre as pranchas do terraço. Um aroma familiar de cozido de frango chegava até ele, e Tyler podia ouvir o tilintar dos talheres de Libby. Quando Tyler se sentara ali fora, conseguira vê-la através da janela, comendo sozinha em uma das longas mesas. Não que estivesse comendo muito. Fundamentalmente, se limitava a mexer sua comida no prato.

Por difícil que fosse para ele admitir, sabia que realmente tinha merecido aquele soco. Oh, ele estivera furioso, depois de ter se recuperado de sua surpresa, claro. E seu estômago esteve protestando com espasmos dolorosos durante uma hora depois. Tivera o resto da tarde para pensar em tudo o que Libby lhe dissera. Eram tantas coisas que ela não sabia e que ele não poderia lhe dizer, mas ela tinha razão em muitos aspectos. Durante anos, se encerrara longe de todos, e depois em Miles City, tão rápido como ele pensara que era hora de começar a viver de novo, se encontrara com Lattimer Egan.

Uma dor se deslizou do peito de Tyler e formou um nó em sua garganta. Era uma sensação que não tinha experimentado em um longo período de tempo, pelo menos por cinco anos. Mas a reconheceu no instante. Tyler tinha vontade de chorar. Por si mesmo, por uma menina pequena abandonada em um orfanato por uma mãe tuberculosa, por um bom cowboy que tinha perdido sua vida trabalhando para a Estrela Polar.

Seus olhos começaram a arder. Maldição, pensou. Engoliu a saliva e empurrou aquela sensação de novo para o menor cantinho de seu coração, onde pertencia.

Esvaziou seu copo, e se levantou, olhando através da janela da cozinha de novo. Parecia que só havia uma pessoa no mundo naquela noite que poderia fazê-lo se sentir melhor.

Libby olhou para cima para ver Tyler parado de pé no umbral da porta. Por que tinha de ser tão bonito? Perguntou-se irritada. Até mesmo em seu estado atual de dissipação, parecia melhor que os homens mais cordatos. Seria muito mais fácil ignorá-lo se fosse feio, ou normal e corrente.

Pegando um prato, se dirigiu à cozinha e se serviu de uma colherada de cozido de frango da panela grande sobre o fogão, e o levou à mesa.

— Posso me sentar com você? — Perguntou, e esperou sua resposta.

Ela o olhou com a mandíbula levemente aberta. Ele ia jantar com ela? Nunca o vira comer com alguém, com exceção daquela noite de tempestade no carro quando tinham compartilhado os biscoitos e ternos beijos febris. Parecia um tempo tão longínquo agora.

— Sim, claro.

Ele se sentou em frente a ela. Libby captou o cheiro fraco do whisky, mas não estava bêbado, nem mesmo embriagado. Uma espécie de fatalismo se assentara sobre os ombros de Libby nas primeiras horas desde seu último encontro. Apesar da confiança de Joe, ela pensava que Tyler estava a ponto de despedi-la.

Tyler espetou seu garfo em um pedaço de frango. — Tem um bom gancho.

Um rubor ardente correu do pescoço de Libby até as raízes

de seus cabelos, e ela começou a balbuciar. — Realmente sinto muito. Não consigo imaginar, não sei porque...

— Sim, sim, claro que sabe. — disse ele, capturando os olhos de Libby com os seus. — E eu também. Joe tinha razão. Não tenho sido tão fácil de tratar ultimamente. Quanto à ontem à noite, não me lembro muito bem, mas estou certo que me comportei como um imbecil.

Não era exatamente uma desculpa, mas parecia uma. E para sua surpresa, Libby encontrou um modo de desculpá-lo. — Bem, penso que passou por muitas coisas nos últimos dias. — disse. — O caminho, e a tempestade, a perda de Charlie... Ela ainda sentia um nó no peito ao recordar a cor da pele tão pouco natural do cowboy naquela manhã.

Tyler pegou um pedaço de pão do prato sobre a mesa. — Isso não justifica. Aquelas coisas aconteceram a todos nós. De todo modo, isto se remonta à muito mais longe.

— A sua esposa? — Ela se sentia como se estivesse pondo sua cabeça na boca do leão por perguntar.

Tyler suspirou levemente. — Sim.

Ele lhe dissera que tinha morrido dando à luz. — Talvez se tivesse um médico cuidando dela? — Tentou ela. Libby pensou na noite em que ele lhe vendou a mão. Disse-lhe que não havia um médico em Heavenly fazia muito tempo.

Seu tom se tornou duro. — Um médico deixou a Jenna morrer. Um médico que se supõe que deva salvar vidas, não deixá-las escapar.

— Oh, céus. — Aquilo explicava, então, porque Tyler tinha tão pouca fé na profissão. Libby sabia que se dirigiam para um

território perigoso com aquela conversa. Por sorte, Tyler a mudou.

Tyler pôs sua mão sobre a mesa, perto da dela. — De todo modo, sinto pela forma com que me comportei. Sei que estava tentando me ajudar.

Ela abaixou os olhos timidamente para seu prato. — Na verdade, pode ser muito encantador quando quer.

Qualquer que tivesse sido a resposta que ele esperasse dela, estava claro que não era aquela. Ele sorriu timidamente, e se pôs a rir, o que reforçou seu comentário, mas o refutou ao mesmo tempo. — Sim, encantador como um abscesso dental.

Ela riu também. — Não, bem, às vezes...

Com aquilo, a tensão da tarde se aliviou, e falaram de coisas sem importância, das tarefas do verão no rancho, do ritmo da terra e das estações, do progresso de Libby com os canteiros de flores.

— Não acredito que queira ficar cavando ali amanhã. — disse, e colocou o pedaço de pão na boca. — Vai chover, provavelmente na maior parte do dia.

— O que o faz afirmar isso? — Perguntou ela, um tanto duvidosa. — Não há nem uma nuvem no céu. As estrelas estão perto e brilhantes.

— Sim, mas vai chover. Posso cheirar a chuva. — Fez um gesto para a porta aberta. Ela levantou a cabeça tentando sentir o cheiro e logo negou com a cabeça. — Você não pode? — Tyler se surpreendeu que ela não sentisse.

— Tudo isto é muito diferente da cidade. — disse Libby, levantando-se para pegar a cafeteira. — Precisaria toda uma

vida de viver aqui para aprender tudo o que há para saber. Você é uma parte tão importante da terra e dos animais, ela atinge você.

Tyler lhe estendeu a xícara de café para que a enchesse. — Nem sempre. Durante um tempo, quis sair daqui tão desesperadamente, pensei que me arrebentaria, e fui durante alguns anos para a escola. Voltei quando meu pai adoeceu. Eu não tinha intenção de ficar, mas acabei lhe prometendo que o faria. — Colocou os talheres sobre o seu prato vazio. — Foi a última coisa que me pediu. Disse que era minha responsabilidade me encarregar desta terra, cuidar dela para meu futuro filho como ele tinha cuidado dela para mim.

Tyler ficou em silêncio por um momento. Não estava certo se teria filhos que pudessem herdar a Estrela Polar quando sua vida chegasse ao fim. Mas a ideia dos meninos o fez pensar no ato que os criava, e olhou para a mulher sentada à mesa em frente a ele.

Apesar dos acontecimentos daquela manhã, e independente das vezes que tinham se chocado, e do conflito que tinha desencadeado, seu desejo por Libby não se atenuara. Em todo caso, só se tornara mais forte.

Recordava-se da noite anterior o suficiente para saber que ficara segurando Libby entre seus braços, com seus suaves seios apertados contra seu peito. Mais que nunca Tyler queria se deitar na cama com ela e averiguar se os corações poderiam ser reparados com a união dos corpos e dos espíritos. Podia imaginá-la, suave e excitada com o fogo tímido que sentira correr por ela naquela noite no vagão.

Que ela era virgem tinha quase uma certeza. Tinha admitido que ela e Ben Ross não tinham consumado seu casamento de conveniência, e sua inexperiência fora evidente quando ele a beijara. Mas, que doce prazer seria amá-la e tirá-la gentilmente de sua timidez.

Tyler se sacudiu daquele sonho. Era impossível, fora de questão, e acabaria ficando louco se não deixasse de pensar naquilo.

— Tenho que ver como está a égua. — Afastou-se da mesa e Libby pegou seus pratos. Ele os pegou de suas mãos e os levou à pia. Quando se virou, não conseguiu parar de andar para ela.

— Obrigado pelo jantar, Libby. — disse, permitindo-se o luxo de olhar para baixo em seu delicado rosto. Deixou que seu olhar vagasse sobre sua suave boca coral, sua fronte lisa, seus olhos... — E, bem, por tudo o mais.

Ela corou, a cor manchou suas faces com uma beleza inocente que mexia com o coração de Tyler e o fez sorrir. — Não há de que, Tyler. Eu espero que se sinta melhor.

Incapaz de resistir, lhe deu um beijo no rosto e na beirada da boca.

— Eu também.

• • •

Tyler não voltou até mais tarde naquela noite. Tinha cavalgado no campo aberto à luz da lua até ele e seu cavalo ficarem esgotados. Quando por fim chegou à casa, se sentara no terraço, esperando poder tirar Libby Ross da cabeça. Mas

não tinha funcionado.

Em toda sua vida, nunca tivera que lidar com as emoções contraditórias que estavam em guerra dentro dele agora mesmo. Sua vida era simples: trabalhar e dormir. Enfrentava seus problemas e os resolvia. Até suas noites de sábado na Ursa Maior eram parte de sua rotina.

Agora ele subia os degraus na obscuridade, levando suas botas na mão para não acordar Libby, e rezando para que chegasse o sono. À medida que se aproximava da porta de seu quarto, no entanto, seus passos desaceleraram, e uma vez mais se encontrou parado em frente a porta dela. Enquanto estava ali, lhe ocorreu a estúpida ideia de que ela era a única que poderia fazê-lo se sentir melhor. A única que poderia redimir seu espírito do vazio sem vida onde tinha caído.

Agarrou o trinco da porta de novo, e desta vez o virou. A porta se abriu e a viu ali deitada. Seus cabelos soltos fluíam atrás de sua cabeça e a parte dianteira de sua camisola se abrira, revelando o inchaço de um seio perfeitamente curvo. Um raio de luz de meia lua se estendia sobre sua cama. Parecia tão formosa, pensou, engolindo a saliva. Deixou as botas no corredor e entrou no quarto.

Era algo estúpido e perigoso o que estava fazendo, pensou, mas aquilo não o deteve.

Completamente vestido, se acomodou ao lado de Libby sobre as mantas, e não teve mais que um momento para inalar seu aroma a baunilha doce antes que o sono o dominasse.

Capítulo 13

Libby estava ao lado da janela da cozinha, olhando o céu claro e o pátio úmido através do vidro ondulado. Tyler estava certo, tinha começado a chover justo depois do amanhecer e agora, às três da tarde, o sol estava secando as coisas finalmente.

Sentia-se inquieta. Não que ela não tivesse muito o que fazer ali na cozinha, mas perdera um dia de trabalho com os canteiros de flores. Era bom sair ao sol, e depois de umas horas de se dedicar à escavar, dormir como se caísse em coma durante toda a noite. Não só isso, mas lhe dava algo mais em que pensar, além de Tyler.

Tyler.

No dia todo, parecia não ter sido capaz de pensar em nada mais que nele e no sonho lindo e inquietante que tivera na noite anterior. No caminho para o mundo dos sonhos, tinha um movimento confuso e sem sentido. Por que um homem se deitaria para dormir com uma mulher em cima das mantas, totalmente vestido? Ao mesmo tempo, era tão vívido, que jurava ter sentido o aroma limpo de cavalos e feno, mesmo depois de ter acordado e perceber que estava sozinha.

Naquela manhã, quando ele chegara à cozinha para tomar

um café, ela não conseguiu olhá-lo no rosto, porque se sentia tão tímida. Ele, por sua parte, tinha melhor aspecto do que apresentava ultimamente. Seus olhos estavam mais brilhantes, e sorria mais.

Suspirando, Libby foi para a estufa mexer o assado que serviria no jantar. Uma coisa boa acerca da vida em um rancho com gado era que nunca lhe faltava a carne de vaca nem tinha que se preocupar do quanto estava fresca. Sabia exatamente de onde vinha, e quando.

De fora, ouviu uns passos correndo e o tilintar de esporas. Parecia como se alguém estivesse se desviando das poças entre o celeiro e a casa. De repente a porta se abriu.

Libby ficou imóvel, mexendo a colher em círculos mecanicamente.

— Senhorita Libby! — Rory exclamou, entrando na cozinha. Sua cor era viva e estava sem fôlego, e coberto de barro como o vira em outras ocasiões antes.

— O que? — Oh, Deus, o que teria acontecido agora? Se perguntou, com o coração dando saltos a galope.

— Senhorita Libby, Joe disse para subir e se arrumar bem bonita, — ele resfolegou — porque vamos ao baile da granja esta noite.

— Um baile?

— Sim, senhorita. Uma noite de sábado no mês, há um baile na granja em Heavenly. Joe disse que se parar de chover, iremos. Bem, iremos! Bem depois do jantar! — Virou-se e correu de novo, fechando a porta atrás dele.

Um baile. Isso significava música e socialização. Ela não ia

a um baile desde que a senhora Brandauer tinha doado os serviços de Libby a um evento patrocinado por uma de suas obras de caridade para mascotes. Até mesmo então, Libby tinha trabalhado na cozinha do baile, não o assistira como convidada. Nem mesmo estava certa que poderia recordar os passos simples que aprendera quando era menina.

Apressadamente, empurrou o assado de novo com a beirada de seu avental e fechou a porta do forno. Esperava ter algo agradável o suficiente para vestir. Empurrando a porta de vaivém, correu através da sala e das escadas, enquanto revisava mentalmente o conteúdo de seu diminuto armário. Claro que estava na fronteira, mas ela queria que Tyler ficasse orgulhoso dela.

Bem, o que era um conceito ridículo, se repreendeu. Ela não se vestiria para satisfazê-lo. Não exatamente...

Em seu quarto, ficou na frente do armário, considerando e descartando possíveis vestidos, até que finalmente viu o que seria perfeito.

Durante o jantar, a equipe se ofereceu para se servirem eles mesmos para que Libby pudesse se lavar e se vestir. Estava tão nervosa que tinha problemas para virar a manivela em seu encrespador de cabelos sem se queimar. Quando colocou o vestido azul pálido que escolhera, se surpreendeu ao descobrir que estava um pouco largo, agora. Parecia, que o trabalho duro e a preocupação a tinham feito perder alguns quilos. Mas seria capaz de disfarçar com a faixa de cetim creme, e o decote em forma de coração continuava sendo satisfatório.

Finalmente, ficou em pé à frente do espelho de seu banheiro, tentando ver os resultados de seus esforços. Seus cabelos, presos com uma fita azul, caíam pelas costas em cachos grandes que captavam uma centelha de luz amarela da janela. Passou um pouco de água de lavanda no pescoço e atrás das orelhas. Então aproximando-se do espelho, beliscou as faces e mordeu os lábios até ficarem queimando. Assentindo com a cabeça para o seu reflexo, suspirou, saiu de seu quarto e desceu as escadas.

Na parte inferior, Tyler e os cowboys da Estrela Polar esperavam, até mesmo os que nem iriam à festa, para ver o resultado de sua cozinheira quando aparecesse arrumada para ir ao baile. Com seus chapéus apertados contra seus estômagos, ficaram olhando em um silencio admirado que fez Libby recordar seu primeiro dia no rancho. O olor da baia flutuava em uma nuvem por cima deles. Por toda parte Libby via botas reluzentes, cabelos penteados com água, e camisas de passeio.

— Senhorita Libby, tenho que dizer que os rapazes das outras equipes ficarão verdes de inveja quando virem a nossa cozinheira, e provavelmente tentarão afastá-la de nós. — Joe declarou. — Mas tem que nos prometer que não os deixará vencerem.

Libby riu diante de tão doce e honesta adulação. — Eu prometo. Afinal, mal acabo de aprender a cuidar de vocês. — Ela olhou aos olhos de Tyler e pensou que a todos menos a ele. Tyler não disse nada, mas ela leu seu elogio em seus olhos e seu sorriso tranquilo.

— Muito bem, todos, vamos lá. — Joe disse, com sua melhor voz de chefe do caminho.

Envolvida em seu xale xadrez, ela os seguiu até a carreta que os levaria a Heavenly. Só Tyler montava seu próprio cavalo.

Sentada no assento junto a Joe, que conduzia, Libby ouviu todo tipo de rumores bondosos e risadas atrás dela enquanto rodavam para o povoado. O bom humor e o entusiasmo dos cowboys eram contagiosos.

— Joe, lembra-se do velho alemão de Sam? — Ouviu Noah perguntar.

— Lembro-me dele. — Joe disse. — Aquele olho de vidro e aqueles dentes falsos me deixam com os nervos eriçados a cada vez que o vejo.

— Sim, e o que me diz de sua peruca? — Acrescentou Kansas Bob.

Libby ergueu as sobrancelhas diante de tal descrição.

Noah continuou. — Foi um mineiro durante um tempo em torno da cidade de Virginia, e se viu envolvido em uma explosão antes de passar a conduzir um caminhão de mercadorias. É por isso que perdeu tantas partes. De toda forma, alguns anos depois, o alemão de Sam estava conduzindo a carreta e alguns valentes o cercaram para roubá-lo e estavam tentando decidir se deviam matá-lo. Mas o velho Sam sabia algo de seu idioma, assim, quando escutou um dos guerreiros dizer algo sobre lhe arrancar a cabeleira, tirou a peruca e a entregou.

— Deus bendito. — disse Libby.

— Bem, senhorita Libby, eu suspeito que aquele valente

pensou o mesmo quando deu uma olhada a aquela cabeça calva. A seguir, Sam tirou a dentadura postiça e deu ao índio, que ficou ali, disse Sam, petrificado e sem dizer nada. Mas quando tirou aquele olho de vidro, os valentes saíram gritando.

Gemidos, risadas e o grito de Libby sufocaram o resto da história.

— Meu Deus, que história! —Riu.

Cavalgando ao seu lado, Tyler começou a rir também. — Não sei. Eu pensaria duas vezes sobre tudo o que o velho alemão Sam dissesse.

Tyler estava tão bonito em seu cavalo, recortado contra o pôr do sol de maio. Ela se surpreendeu de que tivesse decidido ir com eles. Um baile não parecia o tipo de evento que pudesse lhe interessar. Perguntou-se se a convidaria para entrar na pista de danças, ou se acabaria se apoiando em uma parede para observar os outros.

Mas quando chegaram a Heavenly, a resposta foi uma que Libby não tinha contemplado. A Ursa Maior ficou visível, e Tyler tirou o chapéu diante do grupo, evitando os olhos de Libby todo o tempo.

— Divirtam-se na Granja. — disse, e se adiantou para guardar seu cavalo no estábulo ao lado do saloon.

— Penso que Callie se encarregará dele durante toda a noite outra vez. — Hickory riu entre dentes, na parte posterior. — Ai! Maldição, Kansas, tenha cuidado com esses cotovelos ossudos.

De algum modo o brilhante resplendor da noite se atenuou um pouco para Libby. Não veria Tyler de novo até o

dia seguinte em algum momento. E voltaria a cheirar a gardênias? Ela agarrou as beiradas de seu xale e as envolveu a sua volta. Não deveria se importar com o que ele fizesse. Era seu chefe e nada mais. Ela não tinha nenhum direito sobre ele ou o seu paradeiro.

Mas conforme passaram no carro, e o viu sair do estábulo e caminhar para a Ursa Maior, Libby não conseguiu pensar em nada mais que na dor aguda, pungente, em seu peito.

• • •

— Ty, querido! Você voltou! — Callie Michaels o cumprimentou do outro lado do interior enfumaçado da Ursa Maior. Ela correu para ele em seu escuro vestido de tafetá azul, com o tecido assoviando como dez hectares de trigo. Lançando seus braços brancos sinuosos ao redor do pescoço de Tyler, inclinou seu rosto para ele.

Tyler foi imediatamente envolvido em uma nuvem de seu perfume pesado. Era curioso que na verdade nunca tinha pensado muito naquilo antes, mas agora lhe parecia sufocante.

— Estava começando a pensar que tinha se esquecido de sua menina favorita, esteve fora tanto tempo. Por que parece tão esgotado, querido? Penso que é porque sentiu minha falta, não é assim?

Tyler tinha cavalgado junto ao carro até Heavenly com o propósito expresso de permitir que Callie afastasse sua mente de seus problemas. Era um talento que no geral se dava muito bem e do qual ela se sentia muito orgulhosa. Agora, no entanto, aquela ideia tinha perdido seu encanto. Talvez por um

par de tristes olhos cinzas aos quais fora incapaz de olhar quando ele e sua equipe se separaram...

Tyler desenrolou os braços de Callie e a levou pela mão para uma mesa vazia. — Tivemos uma viagem muito dura, Callie.

— Sério? — Ela chamou Eli para que lhes trouxesse uma garrafa e dois copos.

Ele assentiu com a cabeça. — Perdemos Charlie durante uma tempestade. Está enterrado a uns sessenta quilômetros de Miles City.

Ela o olhou fixamente. — Oh, que má sorte.

Eli trouxe o whisky e Callie serviu dois copos.

Tyler se jogou para trás e tomou um gole.

— Que tal foi com sua pequena cozinheira? Qual era seu nome, Lacy? Leah? Nort me disse que estava tentando voltar para Chicago. Não posso dizer que a culpo, sobretudo depois da morte de Charlie. Era uma coisinha doce, mas na verdade, Ty, parecia que não sabia distinguir um novilho de uma lebre. — Sentou-se em sua cadeira e se inclinou para ele de um modo que lhe dava uma visão clara de seus voluptuosos e empoados seios.

— Na verdade, Libby foi de muita ajuda. Trabalhou duro, e nunca se queixou. — Tyler segurou o copo fora dela e deu outro gole. — Ela até mesmo salvou a minha vida. — Contou-lhe a história da cascavel.

— Bem, foi como um pequeno milagre, não foi assim? — Callie bebeu a metade de seu whisky. — Assim, agora os rapazes e você estão de novo sem cozinheiro. Estou certa que

encontrará algum cowboy velho na cidade.

— Não, Libby retornou ao rancho com todos. Ela decidiu que não tinha nada que a esperasse em Chicago, e me... percebemos que seria um erro deixá-la partir.

— Oh, isso é uma boa notícia. — disse, e lhe deu aquele sorriso cúmplice que ele tanto conhecia. Callie se levantou de sua cadeira e colocou seu traseiro de tafetá no colo de Tyler, recordando-lhe uma galinha se ajeitando em seu ninho. — Sabe, Ty? Não tem subido ao meu quarto faz muito tempo. — Inclinou-se e lhe mordiscou o lóbulo da orelha rapidamente, e se ajustou em seu colo um pouco mais.

— Se me recordo bem, tenho alguns assuntos pendentes para resolver com você lá em cima.

A excitação de Tyler se sentia mais como uma reação básica que o fogo real que Libby era capaz de desatar dentro dele. Tyler riu entre dentes. — Ainda desavergonhada, Callie.

Ela sorriu de novo. — Bem, querido, se alguma vez mudasse, você estaria tão perdido que não saberia o que fazer. Agora, vamos. Vamos para cima, e assim poderá me contar tudo sobre a viagem.

Oh, que demônios, Tyler pensou. — Está bem.

Rindo, ela se levantou e pegou sua mão. Eles teceram seu caminho através do salão e das escadas de veludo azul e rendas creme no segundo piso.

— Agora, bem. — disse ela, apoiando-se contra a porta fechada. Seus olhos cor de whisky, brilhando. — Vou lhe mostrar tudo o que tem perdido.

Como por arte da magia, se deslizou fora de seu vestido.

Tudo aconteceu muito rápido, Tyler não estava certo de como o fizera, mas estava em frente a ele usando nada mais que seus sapatos. Deixando o vestido em uma nuvem de tecidos no piso, ela se aproximou a ele e encostou os seios contra seu peito. Ele jurava estar ouvindo o ronronar de um gato.

O reflexo fez com que Tyler deixasse correr suas mãos pela pele nua dela. Com a mesma habilidade com a que despira seu vestido, ela tirou as pontas da camisa de suas calças e a desabotoou.

Quando sua mão se fechou ao redor dele agilmente, Tyler respirou forte e se relaxou em suas mãos. Sem pensar, colocou um dedo sob o queixo dela para levantar sua boca, mas imediatamente, ela jogou a cabeça para trás.

— Vamos, vamos. — advertiu em brincadeira, continuando a massagem engenhosa, de repente, em vão. — Sabe que não aceito beijos.

Tyler suspirou e agarrou seu punho para deter sua mão. — Mas eu sim, Callie. — Seus olhos se encontraram por um momento, o suficiente para que Tyler se perguntasse que diabos estava fazendo ali. Aquilo não era mais o que ele queria. Ele sabia, e seu corpo o estava dizendo, também. Em sua mente se ergueu a imagem de uma jovem viúva com um vestido simples, de cor azul pálido e longos cachos cor de mel.

Dando um passo atrás, enfiou as fraldas da camisa e abotoou suas calças. Um olhar de compreensão e pânico cruzou o rosto empoado de Callie antes que ela recuperasse seu aprumo. — Tyler—querido, você acabou de chegar. Já vai sair?

— Não é você, Callie. Sou eu. As coisas... mudaram, penso.

— Bem, eu sei que não sou eu. — esteve de acordo, tentando fazer uma brincadeira. Agarrou uma capa delicada de uma cadeira, de veludo azul, e a enrolou em seu corpo. Então disse, com uma voz que mal se ouvia: — Ela o beija?

Ele lhe dirigiu um olhar penetrante. Seus ciúmes obviamente o surpreenderam, apesar que ela tentasse não demonstrá-los. Sem responder, enfiou a mão em seu bolso e tirou uma águia de duas cabeças.

— Não posso cobrar, Ty. — disse ela, rindo incerta. — Não o ganhei.

Sorrindo, ele levantou a mão dela e apertou a moeda em sua palma. — Então chame-o de presente de despedida, — disse ele, beijando-lhe a fronte — entre velhos amigos.

— Despedida? — Sua voz estava tremendo. Segurou o dinheiro em sua palma aberta e agarrou a bata.

Caminhando para a porta, Tyler a abriu e assentiu. — Adeus, Callie.

Depois de olhar em todos os espaços, Tyler não sabia o que fazer. Poderia ter conseguido seu cavalo e ter montado de novo para a Estrela Polar, mas lhe parecia pouco atraente. Finalmente, perambulou pela rua até o hall da Granja. Sentado em um banco fora, cruzou o tornozelo sobre seu joelho. Do interior, podia ouvir a música e o leve rumor dos passos das danças.

Aquilo não era como tinha imaginado sua noite de sábado. No geral, a aquelas alturas da noite, Callie teria usado algum

novo truque de seu repertorio que o teria deixado tão exausto e ensopado em suor, que mal poderia caminhar. Mas sua relação com Callie, o perfume de gardênia, o salão cheio de fumaça, seu ostensivo quarto, nada daquilo lhe parecia correto agora.

Nunca se sentira tão grosseiro como quando ela desabotoara suas calças naquela noite, rindo e ronronando. Não era culpa de Callie. Ela não fizera nada diferente do que costumava fazer, era ele que tinha mudado. Já não encontrava mais consolo na satisfação física, que não era mais que um negócio, não importava como fosse imaginativo. Demônios, ela nem mesmo podia lhe dar um beijo e fingir que gostava. Não conseguia definir o momento em que aquela mudança ocorrera, mas sabia quem era o responsável por aquilo.

Naquele momento a porta se abriu, e Tyler levantou os olhos para ver Joe Channing.

— Bem, isto supera tudo. — Disse, com surpresa em sua voz. — É muito brusco e teimoso inclusive com Callie?

— Vamos, Joe. — murmurou. — Esta noite, não, de acordo?

Joe o olhou, logo se sentou ao seu lado na obscuridade e começou a enrolar um cigarro.

— O que aconteceu?

Tyler encolheu os ombros e brincou com a roda de sua espora. Não sabia como explicar, assim lhe falou da cena no dormitório de Callie. — Simplesmente já não é o mesmo.

Joe soltou um assovio acompanhado por uma fina linha de fumaça. — Callie pode levantar um homem que estivesse há três anos no túmulo. Se isso não lhe interessa mais, ela o

afetou mais do que eu pensava.

— Afetou? — perguntou com voz apagada.

— A jovem que está lá dentro da sala, dançando.

— Ah, Jesus... — Disse Tyler sem descruzar o tornozelo.

Joe balançou a cabeça e disse bruscamente: — Agora não tem nenhum sentido negar. Vi com meus próprios olhos, e em minha opinião, não poderia ter encontrado nada melhor. Ela é uma boa mulher, e creio que gosta de você, apesar do caminho pedregoso sobre o qual a tem feito caminhar.

— Está imaginando coisas. — disse Tyler, com um pouco menos de força.

— Oh, estou imaginando coisas, é? Então, por que nos fez correr por toda Miles City como um bando de galinhas à procura de uma jovem perdida, e arrastá-la de novo a esta cidade formiga para cozinhar para uma equipe de duros cowboys como nós? Especialmente quando você mesmo disse, se a memória não me falha, que a Estrela Polar não era lugar para uma mulher?

— Pensei que você e os rapazes quisessem que ela ficasse!

— Isto não é sobre eu e os rapazes! É sobre você!

— Era minha responsabilidade cuidar da equipe. E ela precisava de um trabalho.

— Dê-se por vencido, Ty. Esse cavalo já não vai correr. — Tyler deixou escapar um suspiro de exasperação, mas não ofereceu mais argumentos. Justamente interpretando seu silencio, Joe acendeu o cigarro e se levantou. —Muito bem, então, vamos. — Pegou Tyler pelo braço.

Tyler levantou a vista para ele. Na obscuridade, as

características mais destacadas de Joe eram seu chapéu e seu grande bigode. — Vamos, para onde?

— Mete o traseiro na sala da Granja e peça à dama que dance com você antes que algum outro cowboy o faça. Estão dando voltas ao redor dela toda a noite.

— Não gosto de dançar.

— Então, porquê veio aqui? Poderia ter voltado para o rancho em lugar de ficar andando por aqui como um menino com as mãos vazias em frente de uma loja de doces.

Tyler grunhiu, mas deixou que Joe o tirasse do banco e o dirigisse para dentro do salão.

Depois que entraram, Tyler esperou que seus olhos se acostumassem com a luz. Deu uma olhada nas pessoas na pista de baile, mas não a viu.

Joe lhe deu uma cotovelada. — Está bem ali, bebendo ponche com Gabe Swanner.

Tyler a olhou, formosa em sua simplicidade, e soube que era um homem condenado.

• • •

Sentada junto a uma porta lateral aberta, Libby escutava com um interesse cortês enquanto Gabe Swanner relatava a história de sua unidade pelo caminho no qual trabalhara no verão anterior. Esteve encarregado dos quartos onde se misturavam do cheiro dos bailarinos musculosos que faziam exercício com os da baia, perfumes de mulher, e cervejas. Ela abanou o rosto com seu lenço. Estava surpresa pelo número de pessoas que havia ali naquela noite. Deviam ter vindo de muito

longe.

— Um dia dos bastardos, ui, perdão, senhora. A bendita manada inteira se virou e correu em estouro durante os dez quilômetros que já havíamos percorrido, para voltar ao último poço de água.

— Oh, Meu Deus! Alegro-me que nós não tivemos problemas para encontrar água.

Libby sufocou uma risadinha que surgiu de seu peito sobre a preocupação de Gabe por ter dito bastardos. — O que pensaria se soubesse o inventário do vocabulário de Tyler que escutava diariamente? Mas ela tomou um gole de seu copo de ponche, seu sexto copo; todos seus possíveis pretendentes tinham sido muito atentos, e sorriu. Em toda sua vida, Libby nunca tinha sido motivo de tanta atenção. E quando os cowboys souberam que tinha ido com o rebanho até Miles City, pensaram que era uma maravilha. Aquilo ajudou a superar um pouco sua decepção com Tyler. Mas só um pouco.

Inclusive as outras mulheres da sala estavam começando a murmurar sobre ela. Não podia fazer nada, se quase todos os homens ali presentes a tinham convidado para dançar. E de todo modo, nenhum deles era o cowboy de cabelos castanhos e longas pernas que ela desejava, com o qual teria ficado em lugar de com eles...

— Perdoe-me, Gabe?

Libby se virou ao ouvir a voz familiar.

— Senhor Hollins, sim senhor, claro. — Gabe o olhou como se tivesse sido surpreendido em flagrante cometendo algum delito perverso.

Tyler, pegou o copo da mão de Libby e a deu ao cowboy. — Senhora Ross, me concederia o prazer?

Uma desordem de sentimentos golpearam seu íntimo: alivio, a alegria de vê-lo, a feminilidade que pulsava através dela cada vez que ele estava perto, e, por muito que ela se odiasse por eles, os ciúmes. No entanto, ele estava ali, e a convidava para dançar.

— Claro. — respondeu. Pegou sua mão estendida, e o acompanhou à pista. Mas tão rápido como ele a pegou em seus braços, ela sentiu o perfume de gardênia. Não precisou mais para que ela comentasse acidamente: — Isto é uma surpresa. Hickory pensou que só o veríamos amanhã.

Tyler enrubesceu de novo até suas orelhas. — Sim, bem, Hickory não sabe tudo. Além do que, tinha que voltar e ver como estavam todos. Joe me disse que é a mais bela do baile esta noite.

Ela encolheu os ombros inocentemente. — Penso que os homens acham que sou interessante porque me uni a vocês na unidade do caminho. A maioria deles disse que nunca tinham ouvido falar de tal coisa antes.

Ele lhe dirigiu um olhar fascinante que a deixou sem fôlego. — Posso afirmar que essa não é a única razão pela qual a consideram interessante. — Procurou seu rosto, deixando que seus olhos intensos tocassem levemente os dela e descansassem em sua boca. Apesar de se moverem ao redor da pista, empurrados por outros pares, ela já não conseguia ouvir a música. Libby devolveu seu olhar, com seus lábios entreabertos.

Tyler inalou o aroma dos cabelos brilhantes de Libby, e foi direto a sua cabeça como um trago de whisky. Estava linda com aquele vestido azul pálido. Tyler se abraçou a sua cintura esbelta e seu decote o deixou ver a suave pele de seus seios. Ela se sentia tão bem em seus braços, que quase sentia medo. Desconcertante e cândida, inocente e sábia, o tinha embrulhado sem tentar. O desejo ganhou vida dentro dele, golpeando de novo com o dobro do que sentira antes. E, de repente, Tyler ficou muito aborrecido por qualquer homem pensar que Libby pudesse ser interessante.

— Faz muito calor aqui. — ela murmurou.

Tyler também se sentia nervoso e inquieto. — Vamos sair à rua e tomar um pouco de ar.

Ela concordou e lhe pegou a mão enquanto avançavam entre a multidão na sala. Tinha muita gente fora, também, e ele os levou a um banco ao lado do edifício, longe de olhares indiscretos e da luz interna.

Era uma fragrante noite de primavera, e o branco cru de uma lua crescente se mesclava com as estrelas.

— Oh, isto está muito melhor... — Libby começou a dizer, mas Tyler imediatamente a pegou em seus braços e tentou beijá-la.

— Tyler! — Ela o afastou e se levantou. — Como se atreve a vir a mim dessa... da cama daquela mulher, — exigiu em voz baixa, tremendo — cheirando a gardênias, e ter a intenção de me beijar? — Seu rosto estava na sombra, e ela não conseguia ver sua expressão. No desconfortável silencio que se seguiu, Libby se sentiu estúpida por ter revelado seus ciúmes.

Ele suspirou. — Desculpe. — Tentou pegá-la pela mão, mas pensou melhor, e lhe fez um gesto para o banco ao lado. — Por favor, sente-se.

Ela o olhou fixamente durante um momento, e logo cedeu. — Bem...está bem. — Com cautela, se sentou na ponta do banco e de mau humor, arrumou sua saia.

— Quero que saiba que não fiz... bem... que só tomei dois copos na Ursa Maior. Nada mais.

— E tenho que acreditar que todo homem que entra lá por uma cerveja sai cheirando a isso? — Sabia que parecia uma harpia, mas não conseguia evitar.

— Não. Callie se sentou em meu colo. — ele admitiu. Apoiou-se contra a parede e olhou a extensão do céu noturno sobre eles. — Estive indo vê-la a cada sábado à noite durante três ou quatro anos. Depois que Jenna morreu, todas as mulheres de todo Heavenly com filhas casadouras, me convidavam para seus jantares. Oh, simplesmente lhes partia o coração me ver sem esposa. Estavam empenhadas em solucionar aquilo. — Seu arremedo de risada não tinha nenhum sentido de humor. — Não estava interessado em que me manipulassem para o casamento. Callie não me perguntou nada. Nosso acordo era simples e sem complicações. — Virou a cabeça e a olhou. — Mas isso não é o que eu quero. Quando saí da Ursa Maior esta noite, lhe disse adeus. Não vou voltar nunca mais.

Libby tinha medo de perguntar o que queria dizer. A consequência de sua decisão a fez dar voltas em sua mente a certas possibilidades insensatas mas alentadoras. Ainda que

ela soubesse que não devia ter muitas ilusões.

Já sofrera duas vezes, e muito, por promessas feitas e não cumpridas. Mas, Tyler não lhe fizera nenhuma promessa. Era o rasto do desejo em sua voz o que lhe chegava ao coração.

Ele levantou a manga da camisa ao seu nariz, então. — Esse perfume é muito forte. — admitiu. — Talvez devesse queimar minha camisa? — Sentou-se e começou a desabotoá-la.

— Não seja tolo. — disse ela, irritada, mas ele tinha tomado uma firme decisão, e os botões foram se abrindo. Os olhos de Libby foram atraídos como imãs ao seu amplo peito e ventre plano. — Tyler!

Parou, procurando em seus bolsos. — Creio que tenho um fósforo por aqui em alguma parte. Claro, terá que me deixar usar o seu xale no caminho de casa.

Por muito que ela não quisesse, soltou uma grande gargalhada.

— Creio que vou ter que queimar minhas calças, também. Wooow! Fede à jovem do saloon! — Levantou-se e pegou a fivela de seu cinturão.

— Não, Tyler, Chega! — Ordenou, mas sua risada cancelou o peso de suas palavras. Nunca o vira agindo como um tolo, só pelo gosto de fazê-lo.

Uma vez que começaram, não podiam parar, e cada ronda de risadas alimentava a seguinte até que acabaram fracos e sem fôlego.

Finalmente, Tyler se deixou cair no banco de novo esticando seus longos braços e pernas.

— Oh, Libby, sinto-me bem rindo com você. Não fizemos muito isso, não é? — Fechou o punho e, para decepção secreta de Libby, abotoou a camisa.

Sua alegria diminuiu, mas manteve o sorriso. — Não, não fizemos. — disse ela. — Aconteceram muitas coisas graves.

Tyler colocou seu braço sobre as costas do banco e tocou a manga de Libby com sua mão. — Sim, eu sei. Mas a vida é tão condenadamente curta. Tive tempo para pensar desde que voltamos de Miles City. — Ele lhe deu um sorriso irônico. — Não estive só me embebedando pelas colinas. E percebi que já tenho muitos pesares em minha vida pelas coisas que fiz. Não preciso mais pelas coisas que não faço... Tem sentido o que estou dizendo?

Libby apoiou um pouco o ombro contra sua mão. Se sentia quente através do tecido de seu vestido. — Sim, tem.

Ele a olhou no rosto outra vez e puxou sua mão, que descansava sobre seu colo. Virando-a, levou-a a sua boca e a beijou.

A sensação de sua boca cálida, suave, em sua palma enviou uns calafrios ondulantes através do seu corpo. Seus dedos se curvaram ao redor de seu rosto e os apoiou sobre os claros fios de sua barba.

— Tem frio? — Murmurou ele em sua mão, pressionando outro beijo na base do polegar.

— Não. — ela sussurrou, se inclinando mais perto. Sob o desvanecimento da essência de gardênias, seu próprio cheiro familiar começou a surgir: ar fresco, couro, cavalos. Libby sentiu a selvagem tentação de entrelaçar os dedos com seus

cabelos grossos, onde nasciam por cima de seu pescoço.

Seu beijo avançou até o interior do punho de Libby, e ela sentiu sua língua tocar o lugar onde seu pulso batia tão rápido como o de um pássaro. Ela não deveria estar permitindo aquilo, mas ele era tão difícil de resistir. Às vezes, quando permanecia acordada sob a luz da lua e nas sombras que cruzavam sua cama, pensava naquela noite encharcada pela chuva no vagão. Tyler moveu seu braço por trás do banco e o envolveu ao redor dos ombros dela, virando-a para ele.

— Tyler…

— Shh. — exortou, beijando seu pescoço, e seguindo para o lado da mandíbula e o lugar sensível atrás de sua orelha. Deslizou sua grande mão ao longo de seu ventre até o peito e, para surpresa de Libby, deixou escapar um pequeno gemido. Ela devia se afastar, sabia. Mas seu fôlego vivo alvoroçou o fino e suave velo de seu rosto e eriçou a pele em todo seu corpo. O coração de Libby troava no interior de suas costelas. Quando os dentes de Tyler se fecharam suavemente no lóbulo de sua orelha, Libby soltou um suave ofego e se arqueou contra seu peito.

Tyler se afastou e a olhou. Sua dor era tão condenadamente incômoda, que se debatia entre o desejo de não ter começado aquilo, e um desejo furioso de deitá-la naquele banco, e naquele momento. Tal como suspeitava, sob seu exterior doce, ardia um fogo lento. Mas ele nem mesmo a beijaria na boca enquanto o perfume de gardênias estivesse entre eles.

Tyler se moveu no banco. — O que me diz. Já teve o

suficiente deste baile? — perguntou.

Ela limpou a garganta. — Sim, acredito que já. — disse, alisando a saia.

Ele se inclinou e a beijou no rosto. — Então vamos para casa, Libby.

Capítulo 14

As mudanças que se produziram entre Tyler e Libby depois do baile naquela granja eram sutis, mas distintos. Ele não tentara beijá-la de novo, pelo que ela estava agradecida. Os intensos sentimentos que se agitavam em seu coração e seu corpo a deixavam sem fôlego, fazendo-a incapaz de pensar com clareza. Mas ambos se aproximavam, vigilantes, conscientes, curiosos. Nos dias posteriores, ela percebeu o modo como os olhos de Tyler a seguiam quando ele pensava que ela não estava olhando, especialmente quando trabalhava nos canteiros de flores.

Ela também se encontrava procurando-o. Quando estava trabalhando no curral ou perto do estábulo, se aproximava da janela da cozinha a cada pouco para admirar suas longas pernas, ou a forma em que os músculos de seus braços se flexionavam quando os esticava para alcançar algo. Um dia ficou na porta aberta, hipnotizada pela visão dele tirando a camisa para bombear água sobre sua cabeça. A água escorrendo por seu torso e na cintura baixa, à altura de suas calças brilhavam como cristais ao sol. Como se notasse o peso do seu olhar sobre ele, a olhou de repente e lhe enviou um olhar de desejo febril tal, que ela saltou para trás e se apoiou

contra a parede de madeira áspera.

Tyler se unia a ela para o jantar a cada noite depois que a equipe terminava de comer, e às vezes lhe trazia flores silvestres à mesa. Converteu-se no homem fácil de tratar que Joe lhe descrevera em seu primeiro dia no rancho, que ria com mais frequência e brincava com os homens. Ela se alegrava ao ver que ele passava mais tempo com Rory, também, e lhe dava uma maior responsabilidade. Rory se inchava de tanto orgulho, e Libby até pensava que sairia flutuando.

A Estrela Polar era sem dúvida um lugar muito mais feliz.

Uma tarde, Libby estava no escritório de Tyler falando sobre sair para as compras em Heavenly quando ouviram os passos de Joe como trovões pela casa.

Ele apareceu na porta, e um olhar ao seu rosto disse a Tyler que algo andava mal.

— O que acontece? — Tyler perguntou, se levantando de sua cadeira.

— É o homem novo, Jim Colby. — Joe o contratara para ocupar o posto de Charlie. — Aquele cavalo o atirou contra a parede do estábulo. Parece que Jim quebrou o braço.

— Maldição! — Tyler estalou. — Sabia que devia ter me desfeito desse cavalo. Como diabos vamos fazer uma boa cria se nem podemos nos aproximar o suficiente para alimentar esse bastardo sarnento? Bem, como está?

Joe deu de ombros. — Gostaria que o doutor Franklin o tivesse olhado, mas enviei Kansas Bob a Heavenly para procurá-lo, e não estava em seu escritório. Eu posso me encarregar, mas pensei que talvez você gostasse de tentar.

Tyler empalideceu, e negou com a cabeça. — Não. Vocês, rapazes, podem cuidar dele. Você já fez isso antes. — Pegando uma chave da gaveta de sua escrivaninha, se dirigiu ao gabinete com frente de vidro que continha as bandagens e as garrafas de cor marrom escuro que Libby tinha visto na noite que cortara a mão. — Posso lhe dar algo para a dor, no entanto. — Tirou uma garrafa da estante e a entregou a Joe com instruções sobre quanto dar a Jim.

— Tem certeza que não quer se encarregar? Poderia pelo menos, tentar.

Tyler olhou para Libby, e logo ao seu capataz, e abaixou a voz. — Já sabe como me sinto diante disso. Você o fará bem.

Com uma expressão estranhamente resignada, Joe agarrou a garrafa com sua mão enluvada e saiu da sala.

Intrigada pelo que acabava de ver, Libby olhou para Tyler. Seu rosto era ainda uma máscara plana, ilegível. — Fez um grande trabalho com meu dedo. Pensei que você costumasse se encarregar das lesões por aqui. — Ela levantou a mão e moveu seu dedo para inspecioná-lo.

— Não você, nós. Joe colocou um colosso de ossos quebrados em sua vida. Não precisa de minha ajuda. — Caminhando para a janela, se afundou em um silencio reflexivo enquanto olhava para os penhascos verdes além do vale.

Ela olhou suas amplas costas de novo. A conversa parecia ter chegado ao fim.

— Hum, talvez pudéssemos falar das provisões?

— Faça a lista, Libby. Confio em que sabe do que precisamos.

— Mas...

— Vá, agora. — disse ele, olhando por cima do ombro. — Falaremos disso durante o jantar, de acordo?

Libby saiu do escritório, fechando a porta silenciosamente atrás dela. Cada vez que se encerrava em si mesmo, Libby sabia que estava pensando em Jenna. Não podia culpá-lo pela dor da perda de sua esposa, mas, oh, Deus, a fazia se sentir como se estivesse competindo com um fantasma.

Tudo acerca daquela ideia estava mal, pensou enquanto se dirigia para a cozinha. Estava mal por sua parte invejar uma mulher morta, uma mulher cujo vínculo com ele tinha sido muito mais forte que o seu. Depois de tudo, apesar dos breves momentos que tinham compartilhado, Libby continuava sendo a empregada de Tyler, como Kansas Bob ou Possum Cooper.

Pelo menos ela confiava nele o suficiente para deixar de compará-lo com Wesley Brandauer. Perceber que havia coisas sobre Tyler que ela desconhecia, mas sentia que sempre tinha sido honesto com ela. Que ele nunca lhe fizera acreditar que era algo que não era.

Olhou pela janela da cozinha para os canteiros de flores quase terminados. O solo rico, escuro, estava lavrado, e livre da asfixia das ervas daninhas e dos pastos. Agora as pradarias rosas, escoradas em treliças, que flanqueavam em cada extremo do terraço, eram visíveis em toda sua delicada beleza. A única tarefa que restava era alinhar as beiradas do canteiro com as pedras. Ela pegou suas luvas de uma gaveta ao lado da porta, e saiu ao sol.

Parecia um bom trabalho para afastar sua mente do fato

de sua relação com Tyler que mais a assustava. Ela poderia trabalhar para ele, como Kansas ou Bob Possum, mas era certo que era a única naquele rancho que estava apaixonada por ele.

• • •

Naquela noite, Tyler não levou flores silvestres para colocar sobre a mesa do jantar. Estava distraído e calado, e respondeu as tentativas de conversa de Libby com respostas curtas. Quando ela lhe pediu para lhe passar o molho, ele lhe entregou o pão. Libby percebeu que estar com ele naquelas circunstâncias a fazia se sentir mais solitária do que quando jantava sozinha.

— Tyler, — disse, levantando-se para pegar o molho — guardar as coisas dentro de si não é bom. Veja o efeito que isso tem em você.

Depois de uma pausa, ele levantou os olhos para ela.

— Não falo muito de mim mesmo. Já deveria saber, não é meu jeito de ser.

Libby apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou para ele. — Eu sei, — disse ela séria — é que os problemas que está guardando o impedem de comer e tornam a sua vida miserável. Como se não notasse.

Tyler deixou o garfo e afastou seu prato vazio. Libby podia ver sua luta com a decisão de lhe dizer o que tinha em mente.

— Eu, eu sei que de alguma forma o braço quebrado de Jim Colby fez você pensar em Jenna. — A voz de Libby tremia levemente, e limpou a garganta para mantê-la estável. Pondo suas mãos no colo, abaixou o olhar para seu prato pela

metade. Atrevimento e desespero a obrigaram a continuar. — Imagino que sinta sua falta, mas, é muito duro saber que quando nós..., quando você me beijou, você desejava que fosse ela.

Tyler ergueu a cabeça bruscamente. — Libby, nunca desejei isso nem por um minuto. Nunca. E não sinto falta da Jenna.

— Não? — Libby se surpreendeu.

Tyler atirou seu guardanapo sobre a mesa e esfregou cansadamente a parte posterior de seu pescoço. Talvez devesse lhe dizer. Ela tinha razão em uma coisa. Guardar aquilo para si mesmo não lhe fazia nenhum bem. Nem a ela também, no caso. Mas por onde começar? Pelo ponto em que tudo mudara, pensou.

Sentou-se encavalado sobre o banco. Colocou os pés no alto, e se recostou contra a parede. — Estava fora de Heavenly durante seis anos quando meu pai adoeceu e voltei para me encarregar da Estrela Polar. Um dia fui à cidade, e vi a Jenna em frente da loja de Osmer. — Um leve sorriso cruzou seu rosto. — Tinha passado de ser a jovem fraquinha que recordava para uma mulher bonita e delicada. Quase etérea, penso que se poderia dizer. Sabia que ela nascera para uma vida mais suave que a pecuária. Mas a olhei e lhe propus casamento ali mesmo, na rua, em Heavenly.

Que ela já estivesse comprometida com um advogado de Helena não desanimou Tyler. Ele a namorou com todo o ardor e sincera paixão de um jovem tolo, nem uma só vez notando que ela realmente não era a mulher adequada para ele. Consegui-la

não foi fácil. Ela nunca gostara de viver em um rancho. Terminara a escola no oeste e queria uma vida mais civilizada.

Mas Tyler estava apaixonado por ela, e seu pai, Lat Egan, era seu aliado. Lat admitiu que via mais status em ter um genro advogado que um genro médico. Mas tudo foi compensado pela vantagem ainda maior de um casamento entre seus dois ranchos, a Estrela Polar e o One Pine.

— É médico? — Libby perguntou, apenas sussurrando.

Ele olhou a expressão surpresa dela, e logo desviou os olhos, de novo. — Era médico. De todo modo, fui tão persistente e lhe prometi uma vida tão ideal, que ela finalmente rompeu seu compromisso com o advogado. Penso que mais tarde se arrependeria porque não foi feliz aqui, nem nos primeiros dias, acredito. Não gostava dos cavalos, nem do gado, nem dos cowboys. E ainda que eu quisesse que ela fosse feliz, me preocupava por ter cometido um terrível erro ao me casar com ela. Quando ficou grávida, tive certeza disso.

Levantou-se e se aproximou da janela, apoiando as mãos a ambos os lados da estrutura. Uma cor púrpura surgia na noite sem lua através da paisagem, e o celeiro se erguia como uma massa escura na distância. — Era uma tarde muito fria de novembro, quando entrou em trabalho de parto. Ao final da tarde do dia seguinte, o bebê ainda não tinha nascido quando ela começou a sangrar. Rory estava de visita aqui, mas eu o enviei para ficar com Joe, para tirá-lo de casa. Jenna estava cada vez mais e mais fraca e finalmente me pediu que enviasse Rory em busca de seu pai para que ela pudesse vê-lo uma vez mais. Deus, tentei tudo o que me ocorreu para deter a

hemorragia. — Ele se virou e a olhou. — Morreu antes de retornarem.

Libby escutou aquilo com lágrimas nos olhos. — E o bebê?

— Nasceu morto.

— Mas você me disse que um médico deixou Jenna morrer.

— É certo. Eu era o médico.

— Tyler, você não a deixou morrer!

Ele se apoiou contra a parede de troncos e lhe deu um pequeno sorriso, cheio de remorso e dúvidas. O que mais preocupava Libby era a absoluta falta de emoção em sua voz. Era como se ele também estivesse morto por dentro.

— Também não a salvei, não é? Logicamente, poderia dizer que as mulheres morrem ao dar à luz todos os dias, mas isso não aliviou minha culpa quando coloquei a Jenna no ataúde que Charlie construiu para ela. Ou quando coloquei nosso filho em seus braços.

Libby levou a mão à boca para sufocar um soluço trabalhando seu caminho até a garganta.

— O pai de Jenna me fez responsável, também, isso já sabe. E culpou Rory por não ir rápido o suficiente para que ele pudesse ver Jenna antes de morrer. Eu não pude fazer nada para evitar que ele pensasse isso de mim. Mas esse menino tinha só dez anos. Pela culpa que jogou sobre seus ombros, nunca perdoarei Lattimer Egan.

— Oh, Deus, pobre Rory. — disse ela, engasgada.

Ele se deixou cair no banco junto a Libby, como se de repente estivesse cansado para ficar em pé por mais tempo. Ela

desejou poder pegá-lo em seus braços, mas sua máscara de gelo e sua voz, a impediram.

— Rory queria ficar aqui, eu o enviei para sua casa. Pensei que seu lugar seria com seu pai.

Mas ele continuava fugindo e voltando a Estrela Polar. Finalmente, me dei por vencido e aceitei a responsabilidade de criá-lo. Tem estado aqui desde então. Lat ficou furioso por isso, também.

— Mas abandonou a medicina? Tyler, isso é uma pena.

Tyler se sentou no banco, inclinado, com os cotovelos sobre os joelhos, olhando para o chão, entre suas botas. Apertou suas têmporas com os polegares. — Não conseguia controlar meus nervos, e tenho medo de me bloquear e foi por isso que não quis me encarregar do braço de Jim Colby. De todo modo, há um médico em Heavenly, Alex Franklin. — Suas costas subiam e desciam com sua respiração profunda. — Assim, Libby, não é dor o que sinto por Jenna. Já não. É culpa. Convenci-a para renunciar a vida que ela queria em Helena por uma aqui, que ela odiava. E quando devia salvá-la, não pude. Depois que a enterramos no penhasco, voltei até aqui e me sentei no terraço, tentando entender tudo o que tinha acontecido. A única coisa que sabia com certeza era que eu fora o responsável. Mas ao cair da tarde, vi duas estrelas juntas, uma grande e uma pequena e pedi-lhes que me perdoassem. É algo que faço muitas vezes desde então.

O coração de Libby se contraiu com angústia por ele, e ela compreendeu porque Tyler se afastava de todos. Nem uma só vez imaginara como era escura a carga que o homem levava

sobre seus ombros. Ela sabia que deveria ter percebido que Tyler era médico. Tinha sentido, sua habilidade com o corte de sua mão, os suprimentos médicos em seu escritório, sua compaixão diante do sofrimento.

— Tyler, — sussurrou ela, porque era a única coisa que poderia fazer através da constrição em sua garganta. — Jenna não tem porque o perdoar. Você é quem deve se perdoar. Gostaria que tivesse me falado disto antes.

— Para saber a fraude que sou? — Perguntou, com o rosto ainda apontado para o chão.

— Não é verdade! — Disse, enfaticamente. — Eu conheci um homem que era uma fraude, um mentiroso e egoísta.

— Refere-se a Ben Ross?

— Não, não, Ben. Alguém muito pior, em Chicago. E você não é como ele. Há tanta bondade em você, e só tem medo de demonstrá-la. — Isso era o que ela dizia a si mesma durante todo aquele tempo. Tyler era bom, não importava como a tivesse tratado às vezes, não importava como ele tivesse tentado se afastar dela.

— Acredita nisso, é? — Ele zombou.

Ela colocou a mão sobre seu ombro. Estava contraído e tenso. — Sim, eu acredito, Tyler.

Tyler se sentou corretamente e a olhou, em seus olhos, aquelas mechas sedosas, vagabundas, de cabelos que emolduravam seu rosto, sua exuberante boca coral. Mas o melhor de tudo que via, a honestidade, e seu cinismo se desvaneceu. Ela queria dizer o que tinha dito.

Ele a pegou em seus braços e a moveu lentamente. Aquele

perfume doce e delicado a flores e baunilha chegou até ele, e a beijou na têmpora. — Libby, — murmurou, — trazer você até a Estrela Polar foi o melhor trabalho que aqueles homens já fizeram.

— Não acreditou nisso naquele momento. — Ele ouviu o sorriso em suas palavras.

— Só me levou um pouco de tempo admiti-lo para mim mesmo. Mas estava tão sozinho antes de você chegar. — Ele esfregou seu rosto contra os cabelos dela. — Aqueles longos dias aqui no rancho e fora, no caminho, sabendo que voltaria e a encontraria pelas noites, me sentia mais em casa...pela noite, sabendo que dormia no quarto ao lado do meu, queria me aproximar de você...

Libby ouviu a sutil troca em sua voz, e se afastou para olhá-lo. Reconheceu a chama baixa, azul em seus olhos, que ela só vira uma ou duas vezes antes. Fascinada por suas palavras, por suas carícias, inalou seu limpo aroma. — E você o fez? — Perguntou em voz baixa.

Tyler olhou fixamente seus lábios e logo deixou que seus olhos divagassem sobre seu rosto. — Uma vez. Me deitei ao seu lado durante horas. — Disse como se fosse o mais íntimo, o mais pessoal que pudesse acontecer entre duas pessoas.

O rosto de Libby ficou quente. — Dormiu sobre a roupa de cama...pensei que eu tinha sonhado.

Ele abaixou a boca sobre a dela. Libby sentiu seu fôlego se mesclar com o dela. — Não foi sonho.

Quando os lábios de Tyler se encontraram com os seus, foi como se nunca tivessem se beijado antes. Toda a paixão e a

solidão, o desejo urgente que havia entre eles, de repente floresceu naquela cozinha com a luz tênue. Tyler abriu caminho através dos lábios de Libby e ela sentiu sua língua contra a dela, quente e ansiosa.

Rompendo o beijo, Tyler sussurrou: — Deus, adoro beijá-la. — Sua fervente honestidade avivou a chispa de timidez que tinha acendido nela, e seu pulso aumentou de ritmo. Ele enterrou sua boca no pescoço dela, deixando um rastro de calor que abriu passagem até seus lábios.

Com uma agilidade hábil, Tyler a virou no banco e a levantou até seu colo. Uma vez mais, foi golpeado pela certeza de que aquela viúva virgem, com seu valente espírito e fogo interno, poderia fazê-lo esquecer todos os anos desolados de arrependimento e vazio. Queria se unir a ela de todas as formas possíveis. Mas não sabia como lhe dizer. Talvez sua associação com Callie lhe tivesse custado sua capacidade para cortejar uma mulher, para honrá-la gentilmente com seu corpo e seu coração.

— Não sei como dizer o que gostaria. — Tyler murmurou contra seu pescoço. — Passou muito tempo desde a última vez que perguntei...Libby, preciso de você... — Suas mãos se deslizaram até as dobras de sua saia.

— Eu sei. — Libby sussurrou. Levantou-se e lhe estendeu a mão. Ele olhou para a mão, e depois para seu rosto. Viu a aceitação e talvez o mesmo desejo de preencher o vazio que ela também conhecia.

Tyler levantou a mão para beijá-la, e a cobriu com a sua. Acendendo uma vela, os conduziu através da porta giratória e

subiram as escadas para seu quarto no final da galeria.

Libby parou na porta com as mãos cruzadas em frente a ela e olhou o dossel com o qual sonhara na estação ferroviária. Estavam fazendo alguma coisa ruim? Aos olhos da boa sociedade, talvez. Na paz e na beleza do território de Montana, ela não acreditava. Quanto a Tyler, ela sabia em sua própria mente que fazer amor com aquele homem seria o certo.

Tyler colocou a vela sobre a mesinha de noite e se aproximou, até onde ela esperava. Acariciou seus braços de cima a baixo, através do tecido de suas mangas. Tirou a fita da ponta de sua trança e passou os dedos através de seus cabelos. Os movimentos leves enviaram ondas de deliciosos calafrios sobre ela. Apesar de seu toque ser terno, sentiu um desejo poderoso correndo através dele.

— Salve-me, Libby, — sussurrou com voz rouca. — e eu a salvarei. Já passamos muitos anos de angustia, eu creio.

Com aquelas palavras, qualquer inquietude e temor de último momento, se afastou dela. — Eu também acredito. — ela respondeu. Ele a atraiu aos seus braços, e ela se agarrou a ele, sentindo seus ossos e quentes músculos através do fino tecido de sua camisa.

Tyler agarrou suas nádegas e a levantou contra seus quadris, murmurando algo ininteligível. Libby sentiu a dura longitude dele através de sua saia. Ele fez um ruído com a garganta e a beijou de novo, quente e lentamente, movendo seus lábios sobre os dela com uma doce urgência.

Quando a mão de Tyler se deslizou por suas costas e ao redor de seu seio, ela exalou uma respiração profunda e se

apoiou contra sua palma. O coração batia em seu peito. Certamente ele devia senti-lo, pensou.

Com suas mãos levemente trêmulas, Tyler abriu os botões de sua blusa, um a um, e desamarrou as fitas de sua camisola. Sua cálida mão sobre o seio nu de Libby era eletrizante. Seu mamilo se endureceu no instante sob seu toque.

Sentindo aquilo, a decisão de Tyler de ir devagar diminuiu consideravelmente. Queria arrancar-lhe a roupa e deixá-la sobre a cama, admirar a beleza de sua nudez, e senti-la contra sua própria pele nua. Queria ver seu lindo rosto quando unissem seus corpos.

Impaciente, desabotoou sua própria camisa e a abriu totalmente. Como por instinto, ela se apertou contra seu peito, e a sensação que aquilo desatou nele, o consumiu tanto, que se perguntou como alguma vez pode pensar que uma madame com o melhor talento, poderia substituir algo assim.

Libby saiu de seu próprio vestido, deixando que caísse com o ruído dos botões no piso de madeira. Levantou-se em frente a ele, pequena e tímida em sua roupa interior e a camisola aberta, com os cabelos revoltos como de uma criança. Obviamente tímida, não conseguia levantar os olhos do tapete de tecido debaixo de seus pés.

Ao vê-la assim, Tyler engoliu a saliva e se apressou a tirar suas botas, e se desfez das calças e da camisa. Deu um passo à frente e a levantou em seus braços.

— Coração de anjo, você é linda.

Coração de anjo, Libby recordou que já a chamara assim antes, na noite que estava bêbado e queria dormir com ela.

Naquele momento, o interpretara como a palavra de um cérebro encharcado de whisky. Mas ele realmente o dissera consciente.

Estendeu-a sobre o colchão. Sob a luz bruxuleante da vela, ela viu a prova de sua excitação, e se acovardou um pouco. Nunca tinha visto um homem completamente nu antes. Era muito bem constituído, com longas pernas e um ventre plano. Os pelos em um dourado avermelhado no peito recolhiam os reflexos da vela, e ela estendeu uma mão vacilante para tocá-lo. Mas quando Tyler se deitou ao seu lado e começou um caminho de beijos de sua mandíbula até seu pescoço, ela perdeu a noção de todo o resto. Ele apoiou a palma da mão entre seus seios por um momento e sorriu.

— Vê o que está me fazendo? — disse ela. — Meu coração está trabalhando muito duro.

— Um bom sinal. — ele respondeu, sorrindo. — Olhe o que você está fazendo a mim. — Seu sorriso se desvaneceu e ele dirigiu a mão dela para ele, envolvendo seus dedos ao redor dele. A intuição mais que a experiência dizia a Libby o que fazer, e quando ele gemeu em seu pescoço soube que tinha descoberto o que lhe dava prazer.

Ele agarrou seu punho. — Whoa! Pare, querida. Não sou um homem tão forte como você pensa.

Ela não sabia do que estava falando, mas enquanto a olhava deitada em frente a ele, sua expressão ficou séria e desceu a cabeça para sugar suavemente seu seio.

Libby ficou sem fôlego e se arqueou contra ele, e a paixão explodiu entre eles. A sensação de sua boca quente e úmida

puxando seu mamilo enviou dardos de fogo através de seu ventre até seu íntimo. Chegou ao elástico de seus interiores e deslizou por seus quadris e pernas. Passou a palma de sua quente mão pelo interior de suas coxas, deixando que seus dedos tocassem o lugar entre suas pernas onde estava úmida, o que o deixou perceber que estava preparada. Os movimentos de seus dedos eram como as asas de um colibri contra sua carne inchada e vibrante.

— Tyler. — ela gemeu, se retorcendo sob sua mão. Às cegas, tateou, procurando por ele.

— Eu sei. — Abaixou a cabeça para sugar o outro mamilo.

Não sabia se queria que ele terminasse o que estava fazendo com ela, ou que nunca deixasse de fazer com que ela vibrasse daquela maneira, mas aquele tormento não devia continuar. O calor, a necessidade que estava gerando dentro dela, era insuportável, e Libby não sabia o que fazer a respeito. Quando ele parou, um sentimento de frustração a consumiu.

— Oh, não, por favor…

— Acalme-se, querida, não vou deixar você assim. — Sussurrou com voz rouca.

Tyler a cobriu com seu corpo e deu uma suave cotovelada em suas pernas para abri-las. Devagar, pensou, mas não era fácil quando só ansiava se enterrar em seu quente centro. Sua necessidade era tão grande quanto a dela. Comprovou sua carne, e procurando a abertura de sua feminilidade, empurrou em sua entrada. Sentiu sua resistência. Debaixo dele, Libby ficou tensa.

Ele a olhou. A paixão deixava suas pálpebras pesadas, e

até mesmo à luz das velas, podia ver a cor rosada que coloria suas faces. Pegou suas mãos e as colocou a cada lado do travesseiro, entrelaçou os dedos com os dela. — Só vai doer um pouco esta vez, Libby, prometo... — Ele acariciou seu lóbulo com a língua e o deixou descansando entre os dentes e reclamou sua virgindade em um movimento suave e por um momento, ficando quieto, esperando que seu corpo se adaptasse a ele.

Um grito escapou dela e apertou forte suas mãos.

— Desculpe. — ele murmurou, plantando beijos rápidos e suaves em sua fronte, em suas faces e nas pálpebras. Não estava feliz por lhe provocar dor, mas se sentiu como nunca antes, ao estar rodeado por seu corpo.

Por seu lado, Libby estava surpresa e decepcionada pela pontada aguda de dor. Mas logo, Tyler começou a se mover dentro dela com um ritmo que transcendia o momento, e o remetia ao ato mais primário da vida. Apesar de não ter experiência anterior que a guiasse, se encontrou levantando seus quadris para complementar seu movimento. Inevitavelmente, o calor palpitante que sentira momentos antes voltou a queimar em seu interior, cada vez mais.

— Tyler. — ela gemeu, com uma respiração sibilante a cada golpe em seu interior. Sentiu vontade de chorar, como se estivesse morrendo. Cada músculo estava rígido pelo desejo de algo que a estava iludindo. Ao ouvir seus gemidos, Tyler lhe sussurrou palavras de carinho e consolo, e aumentou a doce agonia, movendo-se mais rápido e forte.

Por fim, quando pensou que sua morte era iminente, seu

fôlego ficou suspenso. E ele empurrou sua virilidade dentro dela provocando um espasmo atrás de outro, de prazer intenso e esmagador. Ele sufocou seu grito de prazer com um beijo abrasador.

Tyler acelerou as investidas rápidas e duras. Sua respiração ficou pesada e difícil, e o suor escorria por sua fronte. — Doce anjo. — murmurou como um homem em delírio. — Meu doce anjo... — A última palavra se dissolveu em um gemido como se estivesse sendo arrancado de sua alma. Empurrou para ela enquanto seu corpo convulsionava e brancos jorros quentes eram lançados dentro de Libby.

Tyler deixou descansar a fronte no travesseiro junto a ela, esperando recuperar o fôlego. Finalmente virando-se de lado, a abraçou contra seu peito e envolveu seus braços ao redor dela. Era tão natural, tão bom ter Libby ali em sua cama, como se ela sempre tivesse pertencido a aquele lugar

Com um profundo suspiro, a beijou na fronte e a abraçou puxando-a para si. — Está bem? Espero não ter feito muito dano a você.

— Não, não fez.

Tyler sorriu satisfeito. — Isso é bom.

Libby estava em seus braços, saciada e espantada, e ao mesmo tempo, desesperadamente enamorada. Seu coração estava tão cheio que mal podia falar, sem confessar seu sentimento.

Não fora fácil para ela, o Tyler Hollins que conhecera no primeiro dia era um homem difícil de amar. Obstinado, frio e autossuficiente. Aquilo tinha sido somente uma casca. O

verdadeiro homem que se escondia sob aquela máscara, era incerto e vulnerável. Desejava poder lhe dizer o que sentia, mas aquele não era o momento. Não tinha como saber se chegara a ela simplesmente por solidão, ou por afeto genuíno. Desejava que fosse pelo último, mas ela já lhe revelara seu coração uma vez antes e vivera para lamentar o fato. Ainda que Tyler não fosse Wesley Brandauer, ela não estava disposta a correr aquele risco de novo.

No momento, se aconchegou contra ele. A manhã poderia trazer consigo dor e pesar por aquela noite, ou pelas coisas que ficaram sem ser ditas. Esta noite, ela estava feliz limitando-se a ficar com ele em sua cama, com a cabeça apoiada em seu ombro.

Vendo o arfar de seu peito, escutando sua respiração lenta e profunda. Ela se virou para olhar seu rosto. O sono suavizava as linhas cansadas que os anos de preocupação e de culpa, tinham gravado em seu lindo rosto.

Colocou um braço protetor sobre sua cintura. — Eu te amo, Tyler. — sussurrou.

Em seu sono, ele a atraiu para si.

• • •

Na manhã seguinte Libby descobriu a cabeça com a sensação de que algo tinha mudado. Abriu os olhos e percebeu que não estava em seu próprio quarto. Estava na cama de Tyler e nua. Gostava de estar ali, pensou.

O quarto era quente, com sol e uma brisa fresca e limpa que do outro lado da janela aberta, agitava as cortinas. A

lembrança da noite anterior se precipitou sobre ela, então puxou os lençóis até o queixo.

Virou-se e olhou ao outro lado da cama, se decepcionando ao ver que Tyler já se levantara e começara sua manhã. As coisas que tinham feito na noite anterior! Aquela paixão e o fogo que tinham corrido entre eles, teria acontecido realmente? Sim, indubitavelmente.

Libby sentira aquela urgência impaciente em Tyler todo o tempo, cozinhando em fogo lento atrás de uma fachada de rígido controle. Ela não tinha nem ideia de como iria se revelar. Fechou os olhos contra o sol deslumbrante, puxou o travesseiro sobre sua cabeça e sorriu sonhando enquanto inalava o aroma familiar dele. Não fora um sonho desta vez. Era real.

Sol deslumbrante? Pensou com um sobressalto, e jogou o travesseiro longe de seu rosto. Oh, Deus, porquê a deixara dormir até tão tarde? Os homens deviam estar esperando o desjejum há horas. Arrastou-se até a beirada da cama, e o movimento repentino trouxe uma aguda dor nos músculos que não tinha usado até a noite anterior.

Rapidamente, pegando suas roupas do chão, abriu um pouco a porta para verificar se não havia ninguém no corredor e no salão de baixo, e saiu correndo para seu quarto.

Depois de se vestir a toda pressa, correu ligeiramente pelas escadas, trançando seus cabelos enquanto descia. Quando entrou na cozinha, se encontrou com Rory secando os pratos. O leve cheiro de pão queimado flutuava no ar.

— Rory, querido, perdi a hora de acordar. Todos

comeram?

— Sim, senhorita Libby. Tyler deixou eu e Kansas Bob cozinhando esta manhã. Ainda não descobri como fazer uma torrada sem queimar. — Usava um velho saco de farinha como avental, um acessório que ela estava certa, chocava com sua aspiração de se converter em uma mão superior. — Esperava que o ar pudesse ventilar o lugar. — Fez um gesto com a cabeça para a porta aberta.

— Oh, não, desculpe. Venha, me dê isso. — Ela pegou o pano de cozinha da sua mão e começou a enxugar um prato de estanho úmido do balcão. — Porquê Tyler não me acordou?

— Disse que você ficou acordada até tarde ontem à noite e que a deixássemos dormir Estava doente?

Libby só desejava que seu rosto não estivesse tão vermelho como ela sentia, mas ao mesmo tempo, ficou muito satisfeita porque Tyler pensara nela. — Oh, não, não conseguia dormir. Pode tirar esse saco de farinha e ser um cowboy de novo. Certamente agradeço sua ajuda. Fez um grande trabalho limpando. Algum dia, sua esposa se alegrará de que saiba se virar em uma cozinha.

Rory tirou o avental com uma expressão de horror. — Esposa! Obrigado, senhorita Libby, mas se todas são como você, prefiro ficar com os cavalos e o gado. — Alisou os cabelos e colocou seu chapéu.

Ela ficou rindo. — Talvez mude de opinião mais adiante. Por ora, estou certa que Joe poderá encontrar algo mais divertido para você, fora no rancho.

Rory saiu pela porta e correu para o curral,

presumidamente à procura do resto da equipe e de uma ocupação masculina.

Libby olhou o céu azul claro enquanto secava o último dos pratos. Tinha sido sempre tão azul, pensou, ou estaria diferente hoje? Respirou fundo pelo nariz. Apesar do persistente cheiro da torrada queimada, a brisa que soprava de fora cheirava mais fresca e revigorante que no dia anterior.

Na verdade, Libby não conseguia se lembrar da última vez que tivera uma sensação de bem estar como aquela. Mas o homem responsável por tudo apareceu em frente aos seus olhos, então, com seu cavalo caminhando para a rua e falando com Joe. Sentiu uma explosão de amor e emoção somente em olhá-lo, e precisou se conter para não correr ao seu encontro.

Era tão bonito, e naquela manhã parecia absolutamente formoso para ela. Seu chapéu descansava sobre suas costas, pendurado pelas correias, deixando descobertos os cabelos castanhos com marrom e cobre, sob o sol da manhã. Não podia ver seus olhos, mas sabia que sua cor coincidia com o céu infinito sobre sua cabeça. Suas longas pernas estavam envolvidas nas perneiras de couro, e as mangas da camisa estavam enroladas até quase os cotovelos, mostrando seus braços magros e musculosos. De vez em quando, ele estendia a mão e acariciava distraidamente o pescoço de seu cavalo, o que fazia com que Libby se recordasse como suas mãos podiam ser suaves e reconfortantes.

Ele e Joe estavam caminhando lentamente, em uma conversa profunda. Quando chegaram à altura da porta da cozinha, suas palavras flutuaram para ela. O cachorro de Tyler,

Sam, saltava aos seus pés com a língua cor de rosa, pendurada.

— Não desta vez, Sam. Tem que ficar aqui.

— Quanto tempo pensa que estará fora? — Libby escutou Joe perguntar.

Bem, você sabe onde fica Billings. Três ou quatro dias no máximo. Não acredito que tenha algum problema com o clima.

— Está certo que quer fazer isto? — Perguntou Joe. — As coisas estão indo muito bem.

— Não a podemos ter cozinhando para nós por mais tempo, Joe. Agora não.

— Penso que tem razão. Traga de volta alguém decente, então. Nos convertemos em uns mimados graça a cozinha da senhorita Libby.

Tyler disse adeus então, Libby ouviu o tilintar das rédeas e o tropel dos cascos quando ele começou a andar pela grama.

A adrenalina a inundou, e suas mãos começaram a tremer e seu coração a bater como uma manada de cavalos desembestados. Puxando a cadeira da mesa de trabalho, se sentou, por medo de desmaiar ou que começasse a vomitar. Sua respiração ficou entrecortada, e apertou seu punho trêmulo contra sua boca. Estava acontecendo tudo de novo, pensou selvagemente. Lágrimas quentes brotaram de seus olhos e correram por suas faces. É uma estúpida, estúpida, se amaldiçoou. Por que não aprendera nada da lição com Wesley?

Oh, porque pensou que Tyler fosse diferente, zombou de si mesma, por isso. Ele não era diferente dos outros. Na verdade não. Talvez tivesse uma noiva rica, da alta sociedade,

esperando-o com seu vestido de princesa. Mas lhe revelara seus pensamentos mais íntimos, fizera amor com ela, e agora, claro, se arrependera amargamente. Tanto, que ia fazer aquele longo caminho até Billings para encontrar alguém que ocupasse seu lugar.

Um soluço subiu por sua garganta, e levou a mão à boca para sufocá-lo. Oh, Tyler, porquê? Disse entre lágrimas.

Não tivera a coragem de lhe dizer o que estava planejando. Simplesmente escapara enquanto ela dormia, sem nem mesmo se despedir.

Bem, desta vez, ela não iria fazer sua bagagem. Desta vez, faria com que aquele covarde detestável lhe dissesse na cara que seu trabalho ali tinha terminado.

E ela tinha três ou quatro dias para reunir a coragem suficiente para escutar aquelas palavras.

Capítulo 15

Tyler pressionou seu cavalo duramente, tentando vencer os quilômetros de salvia e relva que separavam a Estrela Polar de Billings. Cada vez que pensava no fogo e na ternura que Libby fora capaz de despertar nele, Tyler renascia da raiva e um desejo desesperado, e incitava o cavalo. Agora, depois de um dia e meio na sela, finalmente via a cidade emergir no horizonte.

Fora uma das coisas mais difíceis que já fizera, deixar sua cama na madrugada da manhã do dia anterior. Despertara com Libby adormecida ao seu lado, com seu braço ao redor da cintura, e os lençóis mal cobrindo seus seios cheios e suaves. Tinha o rosto enterrado em seu pescoço e uma perna entrelaçada entre as suas, a parte dianteira da pélvis apertada contra seu quadril. Tudo o que queria fazer era passar a manhã fazendo amor com ela outra vez.

Mas na noite anterior, ela havia sussurrado aquelas palavras para ele justamente no instante antes de adormecer. Demônios, talvez não as dissera para que fossem ouvidas. Fora quase como um sonho, longe de sua consciência, mas não tinha sido um sonho, e ele sabia o que deveria fazer.

Nenhuma outra coisa poderia forçá-lo a sair de seu lado e

empreender aquela viagem. Assim, deixara um bilhete no travesseiro, e a beijara em despedida.

Mais à frente, os edifícios começavam a tomar forma. Dolorido por sua sela de montar e exausto, deu uma cotovelada ao cavalo para galopar mais rápido. Sim, deixá-la, fora sem dúvida uma das coisas mais difíceis que já fizera.

• • •

Libby acordou sobressaltada, e se encontrou abraçada ao travesseiro. Olhou a sua volta no quarto. Ainda estava escuro, pensou com tristeza. As duas últimas noites pareciam intermináveis. Saindo do emaranhado das mantas de sua cama, foi para a janela e apoiou a fronte contra o vidro frio. Que rápido. Em uma batida do coração, ou com algumas palavras, a alegria podia se transformar em desespero.

Abaixo, a Estrela Polar dormia em uma obscuridade silenciosa, o que contrastava com a agitação que se produzia no coração de Libby. Durante o dia, ela se arrastava ao redor da casa do rancho como um pássaro ferido, sentindo-se doente por dentro e vazia. Em frente aos homens, fazia um valente esforço para aparentar que tudo estava normal. Ela acreditava que conseguia, mas só porque Joe tinha ido ao norte pouco depois que Tyler partira. Ainda que não tivesse dito nada, Joe teria visto através de sua pretensão, e teria sido muito complicado mantê-la. Poucas coisas escapavam aos agudos olhos do cowboy.

Pela noite, o sono não chegava nunca e no melhor dos casos, só dormia um pouco, caindo em um sono leve e agitado

por breves períodos. Manter Tyler afastado de seus pensamentos era impossível. Uma e outra vez, sua memória traidora derivava de novo para a noite em que Tyler a mantivera em seus braços, sua pele quente sobre ela. Por último, tinha fechado a porta de seu quarto, deixando a cama sem arrumar, para não se recordar da forma como ele a tinha tocado, ou das coisas que lhe tinha sussurrado ao ouvido e pareciam tão sinceras.

Mas Tyler tinha falado mais honestamente com Joe na manhã seguinte. Não a podemos ter cozinhando para nós por mais tempo, Joe. Agora não. Não importava como Libby o analisasse, não podia ter nenhuma dúvida de seu significado e intenção. E Joe estava de acordo com ele, o que significava que provavelmente sabia o que tinha ocorrido na cama de Tyler, também.

Libby se agarrou à beirada da janela. Apesar de sua determinação para enfrentar Tyler quando regressasse, desejava não ter lhe devolvido os cem dólares que ele lhe dera em Miles City. Se ainda os tivesse, sairia voando através da pradaria, para longe do homem com os olhos azuis da cor do céu que roubara seu coração.

Por volta de uma hora antes do entardecer da noite seguinte, Libby estava na pia, com as mãos submersas na água suja e quente com sabão, e seus pensamentos, em um caminho sombrio. Podia ouvir o machado que Rory usava lá fora, mas não escutava os outros cowboys, ainda.

Mesmo sabendo que uma mão superior não partia a lenha para a cozinha, não era muito complicado conseguir a ajuda de

Rory com o incentivo adequado. A tarefa podia estar abaixo da dignidade de uma mão superior, mas aparentemente os biscoitos, não.

A porta se abriu atrás dela, e esporas ressoaram em todo o piso de tabuas.

— Quando terminar aí, tenho alguns biscoitos de manteiga de cacau para você. — disse.

— Os biscoitos não vão fazer o truque, Libby. Eu tenho apetite por algo completamente diferente.

A garganta de Libby se fechou de repente, virou-se e viu Tyler parado ali. Ficou imóvel como um cervo preso pela luz de um farol, um trapo molhado apertado em sua mão. A cozinha sempre parecia muito menor quando Tyler se encontra nela.

Estava sujo e parecia morto de cansaço, mas, oh, maldição, estava tão bem. Seus olhos ficaram cor de fumaça com desejo, e deu um sorriso arrebatador para Libby que lhe mostrou exatamente o que seu apetite demandava.

— Bom Jesus, querida, não pareces muito feliz por me ver. — comentou com tristeza. Tirou o chapéu e o jogou sobre uma das mesas. A seguir, tirando as luvas, as prendeu na cintura de suas perneiras, e se dirigiu para ela com os braços abertos. — Corri setenta quilômetros para chegar hoje em casa para você. Quase acabei com o cavalo. Não pode nem mesmo me dizer olá?

A raiva que forjara lentamente em seu íntimo, estalou dentro dela, impulsionada pela humilhação e a angústia. Apertou o trapo até que a água de sabão escorreu entre seus dedos até o cotovelo. Afastando-se dele, quase caiu sobre uma

das banquetas baixas, tentando por distância entre eles.

Tyler abaixou os braços e o sorriso morreu em seu rosto. — O que acontece com você?

Libby encontrou sua voz, e abriu seus lábios com uma fúria justiceira. — O que me acontece? — Repetiu incrédula. Libby olhou o trapo molhado em sua mão e o atirou no rosto de Tyler com toda a força e ira que reuniu em seu braço. O trapo acertou no alvo como uma bofetada, rolou pela frente da camisa de Tyler, deixando um rastro úmido antes de aterrissar no piso.

Uma escura careta de fúria contorceu suas faces, mas Libby não tinha oco em seu interior para sentir medo, nem outra coisa além da traição.

Tyler chutou o trapo, jogando-o até a parede do fundo e esfregou o rosto com seu braço. — Libby, que diabo está acontecendo? Fiz uma viagem infernal de volta, a cavalo só para ver você. — gritou. Deu dois passos mais para frente, como se fosse agarrar seus braços.

Libby se arrastou para trás, deixando a mesa de trabalho entre eles, olhando-o com receio. — Afaste-se de mim, mentiroso! — Gritou, com o coração batendo em seu peito. — Pensei que fosse melhor que ele, mas não é. É igual. Me fez acreditar que ele também se preocupava por mim, mas eu só fui uma diversão para ele. — Libby ouviu a histeria em suas palavras, mas não se importava como parecessem. Com uma voz que começava a tremer, toda a angustia, os pesares e a dor amarga as quais nunca fora capaz de soltar com Wesley, se derramaram como uma torrente.

— Para ele, eu só era a cozinheira, nem uma pessoa real com sentimentos, ou um coração suscetível de se quebrar...

Tyler estava tão condenadamente confuso e aborrecido, que mal conseguia seguir a discussão. De todas as acusações que ela lançara contra ele, pegou a que lhe parecia mais familiar.

— De que está falando? Isto tem algo a ver com o que passou em Chicago? Talvez seja melhor que me diga a verdadeira razão porque você fugiu! — Ele insistiu do seu lado da mesa, pondo as mãos sobre sua superfície e se inclinando para ela.

Ela envolveu seus braços em si mesma. — Já lhe disse. Não podia ficar lá.

Tyler socou a mesa com o punho, uma vez, fazendo com que tudo o que estava sobre ela saltasse. Libby saltou também. — Maldição, ao inferno! Isso não é suficiente. Tenho direito a saber com quem está me comparando!

Ela o olhou, e abaixou os olhos. — Penso que sim. — disse. O cansaço deslocou a raiva em sua voz, e ela lhe falou de Wesley, o filho bonito e mimado de Eliza Brandauer, que fez Libby acreditar que se preocupava com ela, e foi tão longe para prometer que se casariam, eventualmente. Uma noite, quando sua mãe deveria estar fora da cidade, a levou ao seu quarto com o pretexto de lhe consertar um rasgo na camisa.

Libby manteve o olhar fixo na mesa. — Se tivesse sido qualquer outra pessoa, teria me preocupado. — Ela balançou a cabeça, como se ainda estivesse tentando entender. — Mas eu confiava em Wesley. Assim que chegamos ao quarto, ele fechou

a porta.

Seus beijos suaves e carinhosos rapidamente se tornaram babosos e insistentes, tanto que Libby se sentiu assustada e ofendida. — Nunca pensara que uma mulher pudesse ser violada por alguém que conhecia. Mas aquilo era o que ele teria feito. Penso que deveria estar agradecida que a senhora Brandauer chegasse a casa antes da hora.

Com um só golpe na porta, Eliza Brandauer entrou, indignada pela visão de seu filho se enrolando na cama com a cozinheira, cuja saia estava erguida até as coxas.

Libby abaixou seu rosto. — Oh, Deus, queria morrer. Wesley não disse nada em minha defesa. Nada. A senhora Brandauer me chamou de puta e me despediu no ato. Deveria reunir todas as minhas coisas e deixar a casa na manhã seguinte. Ela não aceitaria que uma puta dormisse sob seu próprio teto, disse. O decoro moral era muito importante para ela. — Sua voz tremia com as lágrimas que corriam por seu rosto. — Saí correndo do quarto e a ouvi repreendendo Wesley, perguntando o que pensava que a família de sua noiva pensaria se soubessem que estivera perdendo tempo com os serventes. Noiva... — Libby repetiu a palavra, como se fosse além de sua compreensão.

A notícia da despedida de Libby e o próximo casamento de Wesley se estenderam rapidamente por toda a casa. Aqueles tipos de notícias sempre se espalhavam rapidamente. Até sua família adotiva de Melvin, Birdie, e Deirdre, a evitavam porque tinha cometido o grave pecado de esquecer seu lugar e se confraternizar com o senhor Wesley, sendo ele recém

comprometido, também.

— Depois de dez anos, de repente me encontrei na calçada sem ter para onde ir, sem ninguém a quem recorrer. Mal tinha dinheiro. Caminhei todo o dia tentando encontrar um trabalho, mas não tive sorte. Reputação ruim, penso. Por último, chamei à porta da cozinha de uma igreja. A ama de chaves do pastor me deixou ficar em troca de trabalho até que Ben me enviou as passagens para vir aqui.

Tyler a olhou fixamente. A imagem em sua mente, de Libby vagando pelas ruas de Chicago fez seus olhos arderem. Tinha a garganta tão apertada pela emoção reprimida, que se sentia como se tivesse uma bola de massa de biscoito fermentada. — E você pensou que depois da outra noite...

Ela levantou a cabeça e o volume de sua voz. — Oh, bem, o que aconteceu na outra manhã, Tyler? — Ela exigiu, com as mãos nos quadris. — Porquê disse a Joe que já não poderia continuar cozinhando para vocês? Pode dormir com uma puta em Heavenly, mas não terá uma cozinhando para você, não é? Claro, tinha que ir a Billings para encontrar alguém para ocupar meu lugar.

O coração de Tyler se apertou em seu peito. — Dormir comigo a converte em uma prostituta?

Ignorando sua pergunta, sua trêmula voz se quebrou, e em pouco mais que um sussurro ela pronunciou: — Você partiu. Eu vi você sair naquela manhã por esta mesma janela. Nem me disse adeus. Até Callie Michaels recebeu um adeus de sua parte.

Tyler olhou para Libby boquiaberto, aturdido. Seu rosto

tinha cor, mas seus olhos se escureceram como carvão. Ela cruzou os braços sobre seu peito, fechando-se.

— Mas eu nunca disse a Callie que a queria. — respondeu ele, agora de novo se sentindo perseguido.

— Que amável de sua parte, quer um prêmio? — Ela replicou, com os olhos cheios de dor e fogo.

— A mim também não disse.

— Então, o que escrevi naquele bilhete? Não sei como poderia ser mais claro! — Agora ele também estava gritando.

— Que bilhete? Não me deixou nenhum bilhete.

Uma confusão de sentimentos esmagaram Tyler: exasperação, fúria, angustia pelo que os Brandauers lhe fizeram, dor, fadiga, assédio. Levou a palma da mão à fronte e respirou fundo.

— Pensei que estava sendo amável, não acordando você. Maldição, agora queria ter feito isso. Deixei um bilhete no travesseiro na manhã em que viajei.

— Não acredito.

Um silencio abrupto caiu sobre a cozinha e se olharam um ao outro, respirando duramente. Libby tinha uma expressão de absoluta desconfiança.

Para quebrar aquele estancamento, Tyler se dirigiu para o final da mesa e agarrou o punho de Libby. — Vamos. — Puxou-a para a porta do refeitório.

Libby conseguiu ver um rastro de ira brilhante em seus olhos, e pela primeira vez sentiu um terror real. Apesar de tentar libertar seu braço, viu que era inútil, não conseguia escapar do seu aperto. Em questão de um segundo, tinha

perdido o controle da situação e Tyler, com uma energia quente e selvagem, se apoderara dela. Nunca o vira tão furioso, ou perigoso.

Libby olhou suas costas retas, a estreita cintura e os quadris enquanto a arrastava até as escadas. Suas perneiras de couro golpeavam suavemente contra as pernas de suas calças de cowboy, suas esporas tilintavam com cada pisada forte. — Tyler, solte-me. Não pode fazer isto.

Ele não respondeu, mas continuou até o final da galeria e da sua própria porta fechada do dormitório. Libby tentava se soltar, com medo de imaginar a magnitude do castigo que a esperava.

Finalmente, se virou para ela. — Você me deu um soco no estômago e uma bofetada com um trapo da cozinha, e se arremeteu contra mim com essa sua língua mais de uma vez. Eu aceitei e às vezes acredito que provavelmente mereci, mas me chamar de mentiroso, dizer que minha palavra não é verdadeira... — Girou o trinco, quase o arrancando, e abriu a porta batendo-a contra a parede.

O quarto estava como o deixara quatro dias antes, com a janela aberta e a roupa de cama emaranhada. A luz do sol se pondo com um tom como o ouro fundido, se projetando ao longo de um retângulo no piso e na parede. Tyler a puxou para dentro do quarto e fechou a porta com um pontapé. Libby ficou atrás, mas ele a arrastou até a cama, e ela retrocedeu. Retorcendo-se e se esforçando para escapar.

— Fique quieta, maldição!

— Tyler, Deus, por favor, não faça isto. — Fechou os

olhos, sentindo que estava em pé diante de um pelotão de fuzilamento, e esperou que ele a empurrasse para o colchão.

Em troca, ele estendeu sua mão e puxou o travesseiro para um lado e começou a procurar entre os lençóis e edredons. Todo o tempo mantendo o punho de Libby preso em sua mão.

Desconcertada, ela olhou impaciente como levantava as roupas até deixar o colchão descoberto.

Amaldiçoando violentamente, o jogou contra a parede como se fosse uma pena. Depois através das ripas viu um pedaço de papel, dobrado, descansando na parte de baixo no piso de madeira dura. Abaixou-se e o pegou. Soltou seu braço, o desdobrou e o enfiou em sua mão, amassando-o.

— Tome, — disse. — leia.

Libby ergueu os olhos para seu rosto. Debaixo de sua raiva ela viu a dor. — Mas estava sob a cama. Como eu ia...

— Leia!

Ela abaixou os olhos aos traços de lápis.

Querida Libby,

Nada poderia me forçar a me afastar de seu lado esta manhã, mas um assunto em Billings simplesmente não pode esperar. Estarei de volta tão rápido quanto puder.

Eu também a amo.

Tyler

As palavras se borraram, enquanto as lágrimas brotavam de seus olhos. Eu também a amo... Ouvira quando tinha lhe sussurrado aquelas palavras à noite. Levou uma mão trêmula à boca e o olhou de novo. — Tyler, desculpe.

A ira de Tyler parecia ter desaparecido por completo, levando consigo toda a energia que ficava. Caminhou até onde se encontrava o colchão atirado, e se sentou sobre ele pesadamente, estendendo suas longas pernas e se apoiando contra a parede.

— Não é exatamente o que esperava verdade? — De repente parecia magro. Jogou os cabelos para trás com ambas as mãos.

Libby deu um passo mais perto dele, e lhe estendeu o papel. — Mas... mas se é assim como se sente, porquê vai me despedir?

Suspirando, Tyler enfiou a mão no bolso dianteiro de suas calças e tirou uma pequena caixa que fechou em sua mão. — Imaginei este momento de outro modo. — murmurou ele com um halo de tristeza. — Venha e sente-se. — Bateu no colchão junto a ele.

Libby se aproximou com cautela, e se sentou deixando um espaço entre eles, segurando o papel contra seu peito.

— É certo que não quero que cozinhe para nós nunca mais. Essa foi uma das razões pelas quais fui a Billings. Mas não vou despedir você, Libby. — Aproximou-se mais a ela e pegou sua mão entre as suas. — Quero me casar com você.

Ela não conseguia recuperar o fôlego. — Casar-se comigo?

Tyler olhou os dedos dela, como ficavam sobre a palma de sua mão, e passou seu polegar ao longo de cada um deles. — Sim, se me aceitar. Nem sempre sou o homem mais fácil de tratar. Mas penso que já percebeu isso. Mas me faz sentir muito bem quando estou perto de você. Me devolveu a vida. —

Seu rosto cansado estava cheio de emoção e as lágrimas brotaram de seus olhos.

— Por Deus, mulher, porquê acredita que virei Miles City de pernas para cima para encontrar você? Só porque gosto de seus biscoitos e seu molho? — Ele pressionou a mão contra sua boca e a beijou. — Eu a amo muito, morri de medo quando percebi isso. Não queria amar ninguém de novo, não acreditava que pudesse. Mas não sei como teria sobrevivido se tivesse tomado aquele trem de retorno a Chicago.

— Oh, Tyler, desculpe por todas as coisas que lhe disse. — Ela sussurrou, com os olhos úmidos. Aproximou-se e passou a mão pelos cabelos dele. — Percebe agora porque entendi mal quando ouvi você falando com Joe na outra manhã?

Tyler aquiesceu com a cabeça. — E me sinto como o inferno pelo que aqueles malditos Brandauers fizeram a você. — Abriu sua mão e lhe estendeu a pequena caixa de veludo negro que retirara do bolso.

Lentamente, ela a pegou de sua mão. — É para mim?

— Esta é a outra razão pela qual tive de ir a Billings. Nort Osmer tem alianças de casamento, mas não vende diamantes.

Libby abriu a caixa com dobradiças de molas e encontrou um lindo anel de noivado em seu interior.

— Não posso mudar o seu passado, mas gostaria de compensar você por aquelas coisas que perdeu, se me permitir. Quer, Libby? Quer se casar comigo?

Com um grito, Libby se jogou entre seus braços e abraçou seu pescoço. — Sim, oh, sim, quero!

Tyler enterrou o rosto em seus cabelos. — Graças a Deus.

— murmurou com uma voz que se quebrou. Ele a abraçou com força durante vários minutos, balançando-a. Sentiu um fôlego profundo e estremecido que fez com que seu corpo tremesse, e ela soube sem olhar, que as lágrimas do homem que amava, estavam molhando seus cabelos.

Ficaram abraçados por um bom tempo em silencio, com o clarão dourado do pôr do sol sobre eles, sem se mexerem. Através da janela aberta, Libby ouviu a última das cotovias do dia batendo suas asas, voando para seu ninho. Libby nunca sentira tanta paz e segurança.

Finalmente, Tyler pegou o anel da caixa e o deslizou em seu dedo. Pressionando um beijo em seus nós, levantou os olhos de sua mão e murmurou: — Você é minha, Libby, agora e para sempre. Não se esqueça disso.

O timbre de sua voz mudou, e um calafrio delicioso percorreu a espinha dorsal dela. — Então, vai reclamar o que é seu?

Os olhos de Tyler, faiscando de novo, agora cravados nos seus. — Não percorri setenta quilômetros em um dia por alguma outra razão. — Ele olhou para baixo na parte dianteira de sua camisa cheia de poeira. — Ainda que...não esteja muito limpo.

— Não me importo. Me entregaria a você, limpo ou sujo. — Libby pegou seu rosto entre as mãos, sentindo o toque de sua barba do dia anterior, e aproximou a boca à dele. — Eu amo você, Tyler. — disse em voz baixa, com os lábios a poucos milímetros dos dele.

Tyler gemeu. — Eu também a amo, Libby. — Ele

consumiu sua suave boca, cor de rosa em um beijo, enquanto ela afundava os dedos em seus cabelos. A sedução inocente de Libby provocou nele um incêndio no sangue que o fez agradecer por aquela não ser sua primeira vez juntos. A fome feroz que sentia o fez esquecer parte daquela doçura indulgente que necessitou para tomar sua virgindade.

Agora, um instinto quente, predador, lambeu em seu íntimo, um poderoso desejo de possuí-la e fazê-la sua. Tomá-la agora, naquele instante. Aprofundou o beijo e se deitou no colchão descoberto. Sua língua procurou a passagem quente da boca de Libby enquanto seus lábios se moveram sobre os dela com uma urgência crescente.

Cada pequeno ruído que saía da garganta dela só fazia com que as chamas o queimassem cada vez mais.

Ergueu-se sobre um cotovelo e tentou abrir os botões de sua blusa, mas em sua impaciência, só conseguiu abrir os dois primeiros.

— Espere, deixe para mim. — ela disse, e ele olhou com olhos rapaces como a frente de seu vestido se abria revelando a camisola. Alcançando suas cintas azul pálido, tentou abrir a peça, e engoliu a saliva com o que viu. Seios suaves, cheios, com uns mamilos rosados escuros. Uns ombros suaves e brancos, o pescoço longo e cremoso. O calor corporal de Libby desprendia seu doce aroma de baunilha, que chegava a ele em ondas.

— Deus, Libby, você me deixa sem fôlego. — disse ele com voz rouca. — Simplesmente, não posso evitar.

Acariciando seu seio com a mão, desceu a cabeça para

fechar os lábios sobre o mamilo. Libby gemeu suavemente, destroçada pelo prazer quase insuportável de suas carícias. Ela passou os dedos por seus grossos cabelos, excitando-se ainda mais pelo leve raspar da barba em sua tenra carne.

Tyler se retirou e ela segurou com avidez o peito de sua camisa, mas ele segurou sua mão e a dirigiu aos botões de sua braguilha. Atrás deles, Libby sentiu a prova de sua excitação, e seu calor. Respirando entrecortadamente, Tyler pressionou a mão de Libby contra seu ser, empurrando duramente e uma resposta em forma de tensão quente começou a se produzir sob o abdômen dela.

Como se pudesse sentir, Tyler enfiou a mão sob sua saia, arrastando os dedos pela parte interna de sua perna, além da parte superior da meia, e através da musselina fina de suas roupas interiores. Levou a mão entre suas coxas, e ela sabia que ele devia estar sentindo o calor úmido que criara com seus beijos e caricias, sob o tecido.

— Tyler. — ela gemeu.

— Sim, querida. — respondeu.

Tyler se sentou e, tirou as botas, as esporas se cravaram no piso de madeira. Sua camisa aterrissou no outro lado do quarto. Desfazendo-se de suas perneiras de couro, desabotoou o cinturão e abriu as calças. Libby se surpreendeu ao ver que não se preocupara em usar roupa interior, mas aquele fato foi despertando sua curiosidade.

Deitou-se ao seu lado, nu, completamente ereto, e maravilhosamente masculino. As linhas limpas, talhadas de suas coxas eram tão elegantes como se algum escultor tivesse

sonhado.

— Toque-me, Libby. — sussurrou com urgência.

Um pouco tímida, alcançou sua dura plenitude e fechou a mão ao redor dele, repetindo o que ele demonstrara gostar em sua primeira noite juntos. Um gemido primitivo saiu de sua garganta, e ela se sentiu muito satisfeita consigo mesma pela resposta dele. Continuou durante outro momento, até que ele afastou sua mão.

— Em você querida, não sobre você.

Peça a peça, Tyler tirou toda sua roupa restante, substituindo-as com beijos úmidos e urgentes sobre sua pele nua. Ela percebeu vagamente que estava tocando sua pélvis contra ele.

— Sei o que quer. — Tyler murmurou em seu ouvido.

Tyler deixou a mão se deslizar por seu ventre até chegar a sua palpitante carne úmida, de novo. Seu toque suave, firme, evocou sensações nela que eram quase dolorosas em sua intensidade. Libby ficou sem fôlego enquanto seus dedos acariciavam seus delicados tecidos, inchados, e fez gesto de pegar sua mão.

Em vez de se retirar como fizera na última vez, Tyler continuou com suas caricias rápidas e resvaladiças, até que ela pensou que seu coração fosse estalar em seu peito. Era como se sua excitação estivesse chegando a limites insuspeitados, e apenas um só toque pudesse libertá-la da doce pressão que estava criando em seu ser.

— Tyler, oh, Deus, por favor, por favor.

Tyler sabia. As caricias se tornaram mais rápidas. Ela

deixou escapar um gemido que a deixou sem fôlego. — Isto é o que precisa, justo aqui. Justo... aqui.

De repente, seus músculos se contraíram e pairaram sobre a borda de um trêmulo silencio. A seguir, a liberação que ela estivera esperando a fez se convulsionar com espasmos incessantes de um insuportável prazer. Libby virou o rosto contra o peito de Tyler e soluçou seu nome em um grito agudo e desolador.

Quase explodindo, Tyler não deu tempo a Libby para recuperar o fôlego antes de posicioná-la debaixo dele e separar suas pernas. Penetrou-a com um movimento uniforme. Libby respirou forte, e levantou os quadris para recebê-lo. Queria manter suas investidas longas e lentas, mas quando se afundou em sua calidez, soube que estava perdido dentro dela. Marcaria sua alma com seu corpo, se pudesse. Sabia que ele já estava marcado por ela.

O peso agudo abaixo de seu ventre e virilha se fez mais febril com cada segundo que passava. Agarrou-a pelas nádegas e a inclinou suavemente, separando-a do colchão, para chegar a ela mais profundamente. Seus dedos se apertaram em seus quadris e ela o puxou enquanto ele empurrava.

Olhou-a deitada debaixo de seu corpo, bela, terna. Seus olhos pareciam carvão com a reconstrução da paixão, e seu murmúrio de palavras só aumentava sua necessidade de aliviar a dor daquela requintada tempestade.

Devorou sua boca com um beijo úmido e quente. — Nunca a deixarei partir. — grunhiu de prazer.

— Então tome-me, Tyler. — ela declarou com fervor. —

Faça-me sua.

— Libby, anjo. — murmurou contra seu pescoço. Ela apertou seus fortes braços, e um suor começou a brotar por todo seu corpo.

De repente, ela se arqueou contra ele com seu soluço, enquanto foi alcançada pelo clímax. Sentiu que os acessos que começaram com ela tiveram uma reação em cadeia no corpo dele. Tyler, pressionando sua fronte contra a dela, a penetrou gentilmente, mas com força, enquanto era oprimido por pulsações rápidas e quentes.

Libby rodeou Tyler com seus braços e o apertou enquanto um gemido estremecido saia de seu peito. Permaneceram quietos então, se recuperando após seus respectivos orgasmos e respirando com dificuldade.

A brisa da tarde entrando pela janela aberta envolveu seus corpos úmidos, esfriando-os e arrepiando suas peles. Com os membros entrelaçados, caíram em um sono breve e lânguido, ainda unidos. Finalmente, Tyler lentamente acordou e a virou para que descansasse ao seu lado.

Ela passou uma mão pelo seu rosto, e a barba raspou sua palma como uma lixa. Tyler sorriu irônico. — Devo estar horrível, mas me sinto muito bem.

Libby se apoiou sobre um cotovelo para observar seu bonito rosto, sonolento. Talvez não estivesse em seu melhor momento. Cheirava a cavalo e poeira do caminho. Suas mandíbulas delicadas estavam cobertas pela barba por fazer, e os cabelos molhados de suor, revoltos nos lugares por onde tinha passado seus dedos antes. Mas não poderia ter melhor

aspecto para ela mesmo que estivesse usando um traje de domingo. — É o cowboy mais bonito que já vi.

Tyler ergueu as sobrancelhas, obviamente lutando para manter um rosto sério. — Isso é um cumprimento de verdade, vindo de uma jovem da cidade.

— Você sempre fez isso parecer uma doença. — queixou-se ela com um sorriso. — Lamento ter que lhe dizer isto, senhorita Libby, — continuou com uma profunda voz de zombaria — mas você é um caso grave de... nascida na cidade.

Diante de seu olhar, Tyler começou a rir também. — Está bem, está bem, admito que você foi muito melhor que muitos que vieram para o Oeste.

Ela levantou o queixo com um ar de arrogância fingida. — Além do que, já não sou uma jovem da cidade não mais.

Ele a olhava com uma reverencia tranquila, e passou os dedos por seus cabelos despenteados. — Não, não é, querida. E debaixo dessa superfície suave, preciosa, existe uma mulher forte e valente. Essa é uma das razões pelas quais me apaixonei por você.

Ela traçou seus lábios com um dedo. — Eu me apaixonei por você porque descobri o homem terno que se escondia debaixo de uma dura máscara. — Ergueu as sobrancelhas. — Precisei usar muito esforço para isso.

Ele riu de novo e a puxou pelos ombros. — Alegro-me que não tenha se dado por vencida.

Ela se aconchegou contra ele. — Bem, agora está preso comigo.

Agora e sempre. Tyler virou a cabeça para acumulá-la de

beijos pela parte externa de seus olhos e rosto. Tinha jurado que nunca a deixaria ir.

Como poderia, pensou, um pouco triste, quando ela tinha chegado até o mais profundo de seu coração?

Capítulo 16

Na manhã seguinte, Tyler surpreendeu Libby ao entrar na cozinha enquanto a equipe estava terminando todas as panquecas que Libby tinha cozinhado. Quando ele entrou, a conversa parou abruptamente. Ela ergueu as sobrancelhas e lhe sorriu. Precisaria um pouco mais de exposição daquele incomum lado afável para que os homens se acostumassem a aquele novo Tyler Hollins, um homem que sorria mais do que franzia o cenho.

Libby não conseguia afastar os olhos dele. Existiria algum outro homem tão bonito? Seus olhos tinham um brilho malvado naquela manhã, e parecia muito mais descansado apesar de saber que só dormira três horas.

Capturando seu olhar, ele lhe piscou um olho e ela corou acaloradamente, recordando o que acontecera no resto da noite. Depois que ela o ajudara a arrumar a cama em seu lugar de novo, Tyler se lavou e barbeou, e se aproximou dela de novo em seu quarto. Então, fizeram amor lentamente, explorando o corpo um do outro com suaves e curiosas carícias.

Tyler parou ao lado da mesa de trabalho e fez frente aos homens. — Não quero interromper o vosso desjejum, e sei que Joe tem um horário que gosta de manter, assim, só levarei um

minuto. — Sorriu ao capataz, e uma gargalhada se espalhou através do grupo. Todos sabiam que era Tyler quem impunha os horários na Estrela Polar.

— Provavelmente, rapazes, vocês escutaram que fui a Billings. Encontrei um novo cozinheiro lá. Trabalhava para a equipe DHS, de Judith Basin, e estará aqui dentro de aproximadamente um mês para se encarregar desta cozinha.

Todos os olhos se dirigiram para Libby, alguns se agitaram nervosamente e limparam as gargantas.

Rory olhou para Tyler, com o cenho levemente enrugado. Só Joe sorriu.

Tyler parou por um instante antes de continuar, obviamente desfrutando do suspense. — Despedi a senhorita Libby ontem à noite quando aceitou se casar comigo.

Libby ficou olhando-o com a boca aberta. Tyler era um homem reservado que não compartilhava seus pensamentos nem sentimentos com ninguém e aquilo seria a última coisa que ela esperava que ele dissesse. Tyler lhe piscou o olho de novo, e de repente ela percebeu o que tinha feito. Ao fazer o anuncio do compromisso público, tinha ampliado o alcance dele. Não era um segredo, ou uma promessa sem importância, feita no escuro. Era real. E ele queria que todos soubessem.

Os vivas, assovios e aplausos que estalaram na sala eram ensurdecedores. Tyler lhe estendeu a mão e ela se uniu a ele na mesa de trabalho, ruborizando-se e rindo.

Joe se levantou e se aproximou para apertar a mão de Tyler. — Então o fez mesmo, teimoso bastardo, filho de um arma de fogo.

— Sim, fiz. — Tyler ergueu a mão esquerda de Libby e lhe mostrou o anel.

Joe beijou Libby no rosto, fazendo-lhe cócegas com seu enorme bigode. — Disse que ia lhe perguntar, mas lhe direi, senhorita Libby, — grunhiu em tom confidencial: — quase precisei retorcer o pescoço deste jovem uma vez ou duas, esperando que abrisse os olhos.

Ela sussurrou por sua vez: — Se soubesse, provavelmente teria ajudado você.

Seus olhos escuros brilharam e Joe riu de novo, e apertou sua mão. — Bem vinda a Estrela Polar, senhorita Libby. Estamos muito contentes que esteja aqui para ficar, ainda que Tyler nos tire a melhor cozinheira que já conseguimos.

Rory se aproximou então e estendeu a mão para Tyler em um gesto muito adulto. Seu jovem rosto estava sério e digno. Libby o via usar aquela expressão de vez em quando desde o dia em que Charlie morrera. Era como se tivesse enterrado o último resquício de sua infância com seu amigo.

— O que acha, Rory? — Tyler lhe perguntou, passando o braço ao redor da parte posterior do pescoço do jovem. — Parece-lhe bem?

Libby percebeu então o significado que um novo casamento de Tyler poderia ter para Rory. Depois de tudo, sua irmã tinha sido a primeira esposa de Tyler.

Rory aquiesceu. — Sim, se a senhorita Libby ficar aqui e não tivermos que nos preocupar que possa partir nunca mais.

Tyler respondeu: — Isso é exatamente o que significa.

Um sorriso brilhante iluminou o rosto do menino e

perguntou em um tom adulador: — Senhorita Libby, senhora, acredita que ainda poderá assar biscoitos de vez em quando?

— De manteiga de cacau? — Libby perguntou.

— Oh, sim, senhora!

— Então, acredito que esse trabalho na verdade vou querer manter.

Um a um, os homens foram se aproximando na linha da recepção informal para felicitá-los: — Kansas Bob, Noah, os irmãos Cooper, e todos os outros, incluindo Jim Colby.

Jim era um homem grande com uma proeminente mandíbula, tranquilo e de modos solitários, todo o contrário do homem ao qual tinha substituído. Não tinha muito que pudesse fazer pelo rancho com seu braço na tipoia, mas tanto Joe como Tyler tinham insistido em mantê-lo com o salário completo.

Enquanto recebia seus melhores desejos e as brincadeiras de bom carácter, Libby se deleitava no bem estar que se apoderou dela. Não havia nenhum parente de sangue para ser testemunha de seu casamento com o homem que estava junto a ela, mas tinha as pessoas daquele rancho.

E aquilo contava muito.

• • •

Os planos do casamento seguiram adiante, e os dias de Libby estavam muito ocupados. Não enviaram convites formais. Mas a notícia do evento se estendeu de boca em boca, e Nort Osmer foi o encarregado de fazer a maior parte daqueles convites. A cerimônia seria celebrada na Estrela Polar, e haveria uma festa com churrasco depois.

Libby se obrigou a recordar que, se bem que fosse de outro modo, aquele não seria seu primeiro casamento. E ela era uma viúva acima de tudo, se casando depois de um período vergonhosamente curto de luto. Em Chicago, onde as coisas eram de outra maneira, seria de se esperar que uma viúva usasse negro pelo menos durante dois ou três anos. As coisas podiam ser mais relaxadas em Montana, mas um vestido branco para Libby estava fora de questão.

Quando Tyler a levou a Heavenly para comprar o tecido para seu vestido de noiva, encontrou aflita, uma seda branca com linhas sombreadas de lavanda.

— São oito metros, senhora Ross, uh, senhorita Libby? — Nort perguntou, medindo o tecido.

— Sim, é isso. — ela disse, observando-o desenrolar o tecido sobre o balcão.

— Quem diria quando veio aqui na primeira vez em setembro passado que se casaria com um dos nossos rapazes no prazo de um ano? — Refletiu Nort sem tato. Ele levantou a vista para olhá-la. — Creio que isto é o que se poderia chamar de um cortejo expresso.

Naquele momento a porta se abriu atrás de Libby, e ela se virou, com a esperança de que Tyler tivesse acabado o assunto que fora tratar com o xerife Watkins. Duvidava que Nort se sentisse tão reflexivo se ele estivesse ali. Em seu lugar, viu Callie Michaels.

— Olá, Nort. E a você também, ex senhora Ross. — ela exclamou, sorrindo e olhando toda a loja.

— Pensei que fosse o vagão de Tyler, ali em frente. Aonde

ele foi? — A madame varreu todo o lugar com seu vestido de brocado esmeralda e seu perfume de gardênias.

— Oh, está abaixo falando com o xerife. — disse Nort.

Callie se aproximou da mesa e tocou a listra sombreada cor de lavanda com seus dedos suaves e gordinhos.

— Comprando um vestido novo? — Perguntou a Libby. — Com exceção da igreja e dos bailes no saloon da Granja, não há muitos lugares em Heavenly para usar um vestido tão bonito. — Ela olhou para baixo ao seu próprio vestido de brocado e riu abertamente. — Claro que eu não vou à igreja, mas temos que dançar todas as noites na Ursa Maior.

Libby sorriu e se afastou um passo, o perfume estava começando a lhe provocar dor de cabeça. — Senhor Osmer, coloque-me um carretel de linha na cor, por favor?

— Creio que Montana não a espantou, depois de tudo. Ty me disse que decidiu ficar e trabalhar para ele em sua cozinha.

— Na verdade, prometi a mim mesma. — começou Libby.

— Assim é, Callie. — Nort interveio: — Tyler e a senhorita Libby aqui, vão se casar. Estávamos justamente medindo o tecido para o vestido de seu casamento. E Ty foi falar com Jack Watkins sobre a celebração do casamento.

Desta vez Libby abençoou em silencio a boca solta de Nort.

Ainda que sua expressão não mudasse, o rosto da madame empalideceu sob sua maquilagem. — Bem, isso é certo? — Disse com alegria exagerada. Deu um sorriso de cumplicidade a Libby, e a olhou de cima a baixo.

— Então provavelmente não voltarei a vê-lo, por um tempo, pelo menos. Nort, voltarei quando não estiver tão

ocupado.

Saiu como tinha chegado, com um chiado do brocado e uma nuvem sufocante de gardênia.

Quando a porta se fechou, Libby deixou escapar um suspiro baixo, enojado, e relaxou seus punhos apertados.

— Diabos, essa é Callie. — Nort riu e sacudiu a cabeça. — Se o pastel não for para ela...

Libby sabia que não era no pastel que Callie Michaels estava interessada.

• • •

Naquela noite, Libby estava nos braços de Tyler, tremendo e ofegando no assombro diante do prazer que ele despertava em seu corpo. Depois de um clímax que a deixara esgotada, descansava entre seus fortes braços, seu próprio pulso ainda vibrava fracamente em seu ventre.

— Está bem? — Murmurou ele, lentamente acariciando seus cabelos. Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. Ele sabia muito bem qual seria sua resposta.

— Sim. Está muito satisfeito consigo mesmo, não é assim?

Bem, talvez um pouco. Mas é mais importante para mim que você esteja satisfeita. — Suas grandes mãos percorrendo suas costas nuas.

Libby se esticou languidamente contra ele. — Eu estou, mas você tem uma vantagem injusta sobre mim. Você aprendeu na escola como funciona isto.

Ele riu suavemente e a beijou na fronte. — Confie em mim, querida, isto não é algo que se pode aprender em um

livro. É algo que se aprende por instinto e prática.

Prática. Aquilo a fez pensar em Callie Michaels e em toda a prática que ele devia ter obtido em sua cama. Dizer que aquilo não deveria aborrecê-la não era muito efetivo.

— Uh, refere-se à quando ia a Heavenly nos sábados à noite...? — Sua voz se apagou. Não tinha a coragem, nem o direito, pensou, de perguntar como sua vida era antes.

Virando-a de modo que estivesse deitada de boca para cima, Tyler se colocou de lado para olhá-la e erguendo-se levemente, apoiou a cabeça sobre sua mão. A forma vaga dele flutuava sobre ela na obscuridade, e ele entrelaçou seus dedos com os dela.

— A que vem isto?

Depois de um começo difícil, ela lhe contou sobre seu encontro com aquela mulher na loja de Osmer naquela tarde.

Tyler suspirou. — Libby, o que houve entre Callie e eu, não foi mais que um negócio. Pode ser difícil de entender, porque aqui nesta cama, é tão pessoal entre nós... — Fez uma pausa, como buscando as palavras adequadas. — Penso que era amigo dela. Recorria a ela em busca de esquecimento mais que outra coisa. Já sabe...lhe pagava. Ela e eu nunca tivemos intimidade real, não como isto. Demônios, ela nem mesmo me beijava, pensava que era muito íntimo, ou algo assim.

— Oh. — Aquilo animou Libby enormemente, ainda que não pudesse dizer porquê. Mas provavelmente porque aquilo representasse a razão pela qual Tyler gostasse de receber seus beijos. Ela apertou sua mão.

— E de qualquer modo, — continuou — depois que você

chegou aqui... bem, já nada foi igual. Eu não podia... não me... — Tyler começou a gaguejar.

Libby esperou, tentando decifrar o que ele tentava dizer. — O que?

Tyler pegou a mão livre de Libby e a apertou contra aquela parte de sua anatomia agora em repouso. — Estava assim todo o tempo. — Pareceu tímido, algo raro nele.

— Sério? — Perguntou. O contato breve de sua própria palma, parecia ser suficiente para revivê-lo. Agora ela estava muito feliz. Recordou Callie, com seu perfume enjoativo de gardênias, e aquele sorriso complacente, secreto.

Tyler se inclinou e beijou seu pescoço. — Quando isso ocorreu, soube que queria você, e só você. Por isso disse adeus a Callie. — disse simplesmente. — E parece que quanto mais tenho você, mais a necessito. — Os beijos que deixou atrás eram cálidos e suaves.

Ela não conseguiu conter sua risada quando Tyler tocou um de seus pontos fracos com a boca.

— Vai me deixar ver o tecido que escolheu para seu vestido de casamento? — Perguntou, trabalhando seu caminho até o ombro dela.

Libby virou a cabeça para a janela. — Não escolhi branco, se é isso que está perguntando.

— Queria branco?

— Não seria apropriado.

Tyler se levantou sobre um cotovelo de novo. — Porquê não? — Exigiu.

— Por uma coisa. Sou viúva. Além de, bem, Tyler, você

sabe melhor que ninguém. Não sou virgem...

Tyler colocou um dedo sob o queixo dela, fazendo-a virar de novo seu rosto para ele. —Você era virgem quando veio à minha cama e eu vou ser seu marido, o único homem com o qual vai dormir. Se deseja se casar de branco, não há nenhuma razão pela qual não deva fazê-lo. — Afastou os cabelos da sua fronte e riu entre dentes. — Além de já ter visto algumas grávidas de branco no altar. Não é ilegal, já sabe.

Libby levantou a mão para puxá-lo para o travesseiro. — Não me importo com a cor do vestido desde que você esteja lá.

Ele riu. — Esse é o espírito. Está começando a se parecer comigo. Agora, vejamos, — disse ele, beijando sua garganta — por onde ia?

• • •

Os dias de ouro que se seguiram foram os mais doces que Libby vivia. Apaixonado, Tyler Hollins era um homem muito feliz. Quando estavam sozinhos, não conseguiam afastar as mãos um do outro. E Tyler parecia encontrar muitas razões para ir à cozinha.

— Só queria comprovar se tinha feito biscoitos de novo, meu amor.

— Libby, pode pregar este botão de novo antes que o perca?

— Você me chamou? Estava lá no celeiro e me pareceu ouvir sua voz.

Um dia, Joe a levou a um lado e brincou. — Ty está praticamente inservível. Não posso lhe dar um trabalho que

consiga fazer completamente. Nunca vi um homem tão doente de amor em minha vida.

Por seu lado, Libby mal podia olhar para Tyler sem sorrir e se ruborizar. Entre suas noites de paixão e o companheirismo afetuoso, e as risadas que marcavam o dia a dia, Libby acabava quase sem fôlego. De vez em quando ela notava a equipe olhando aos dois, divertidos, mas se alguém suspeitasse que pelas noites faziam algo mais que dormir castamente em suas próprias camas, nenhum indício poderia lhes dar razão.

Uma noite, uma semana antes do casamento, Libby e Tyler estavam sentados no terraço depois do jantar, vendo o pôr do sol. Tyler tinha os pés apoiados na grade do terraço, e uma bebida no joelho. Libby se sentou junto a ele, remendando uma de suas camisas. Aquela paz serena e alegre parecia um milagre depois do inverno que sofrera. Ainda quando se imaginava em uma vida com Wesley, seu pensamento não lhe mostrava uma imagem tão bonita como aquela.

No outro lado do pátio, no barracão, Noah Bradley estava mostrando algumas manobras difíceis de corda para Joe, Hickory Cooper, e Kansas Bob Wegner. Tyler os observava, protegendo os olhos do sol baixo.

— O doutor Franklin passou por aqui hoje, enquanto você e Joe estavam no rancho do este. — Libby falou.

Tyler virou a cabeça para olhá-la. Não acreditava ter mantido mais de duas breves conversas com Alex Franklin nos quatro anos que o doutor vivia em Heavenly. — Sim? O que ele queria?

Libby deu de ombros, cortando um pedaço de fio de um

carretel. O fogo do sol pousou em seus cabelos e suas pestanas fazendo-os parecer de outra pessoa. — Nada especial. Olhou o braço de Jim. Então parou junto à casa para me dizer que virá ao casamento se não surgir nenhuma emergência. Disse que tinha muito trabalho para um doutor sozinho. Parece um homem muito agradável.

Tyler grunhiu sem se comprometer e voltou sua atenção a corda de Noah. Claro, um homem agradável. Deixe-o ter que lidar com a dor de perder seus pacientes. — pensou.

— Tyler?

— Alguma vez pensou em exercer a medicina outra vez?

Sua respiração parou em seu peito. — Libby…

Ela se inclinou para frente em sua cadeira. — Não se aborreça. É só curiosidade.

Ele olhou para seu rosto delicado, bonito e suspirou. Como poderia explicar-lhe? — aqueles pesadelos… as vezes que acordava com suores frios de sonhos que tinham sido rios de sangue… as vezes que escutava os sussurros do vento do frio inverno que faziam eco em seu cérebro como uma mulher gritando. Mesmo agora, às vezes os ouvia. Como poderia lhe dizer que sentia uma mão fria se fechando em torno de seu coração, quando pensava naquela vez que viu como seu paciente morria sem que ele pudesse fazer nada para evitar? Como poderia fazê-la entender tudo aquilo? Apenas ele mesmo conseguia entender.

— Não estou aborrecido, querida. — Pegou o copo na mão. — Uma vez, não tinha nada mais importante para mim que ser médico. Cuidar da terra e do gado, cuidar das pessoas, aquelas

coisas estavam tão entrelaçadas entre si, que não poderia dizer onde começava uma e acabava a outra. Mas tudo isso mudou quando Jenna morreu. Já não sou médico, e me alegro com isso.

Tyler tirou os pés da grade e se levantou. — Creio que vou me aproximar dali e mostrar a Noah como se faz a laçada Hooly-ann que está tentando fazer. Seu círculo não está amplo o suficiente.

Libby o observou enquanto atravessava o pátio. Ele poderia se parecer mais a um cowboy que a um médico. Seu modo de caminhar, a elevação de sua cabeça. E ele podia afirmar que o preferia assim.

Mas Libby não estava tão certa. Tyler ainda estava tentando escapar dos demônios que o acossavam.

• • •

Vocês, rapazes, tentem se manter afastados da cerca de arame de Lat Egan. — Joe avisou no desjejum na manhã seguinte. — Seus vigias pregaram sinais nos postes com caveiras e ossos cruzados, e debaixo escreveram 90-2-195. Ontem escutei na cidade que um de seus homens atirou na equipe J Bar J depois que aqueles rapazes não os deixaram inspecionar seu gado em busca de uma de suas marcas. Tal como estão as coisas agora, não precisarão muito para começarem uma guerra.

Tyler levantou a vista do café que Libby estava servindo para ele na estufa. Tivera que reunir todas suas forças e vontade para sair da cama naquela manhã. A tentação de estar

entre os lençóis de linho com ela em seus braços era quase impossível de resistir. Ao escutar as palavras de Joe desejou ter se dado por vencido e puxado ela e os lençóis sobre suas cabeças. Problemas nas planícies estavam chegando e ele podia sentir aquilo.

— O que significa isso? — Perguntou Rory, carregando seu próprio café com três colheradas de açúcar. — O que é 90-2-195?

— Não vi nada assim há anos, mas significa noventa centímetros de largura, por dois metros de comprimento, por cento e noventa e cinco centímetros de profundidade. — Joe se inclinou contra a parede, fazendo estalar meio biscoito em sua boca.

Possum riu um pouco nervoso. — Parecem as medidas de uma cova.

— É exatamente isso. — Tyler acrescentou. Apoiou o pé na banqueta baixa de Libby e apoiou o braço sobre seu joelho. — É uma ameaça de morte. O que está acontecendo no One Pine? Não ouvi falar de ladrões pela área. Lat conta com poços de água, mas todos temos água. — Era momento de sugerir que Lattimer Egan tinha perdido o juízo por completo, mas não o fez, não na frente de Rory. Rory nunca via seu pai, mas respeitando os laços de sangue, Tyler tentava não dizer coisas muito depreciativas dele quando o menino estava por perto.

Joe negou com a cabeça. — Juro por Deus, Tyler, que não tenho ideia. É só que não quero que alguns dos nossos homens possam receber um disparo.

— Pode ser que tenhamos que falar disto com o xerife e

alguns dos outros rancheiros daqui. Conseguimos evitar uma guerra todos estes anos, garanto que não quero ver uma começar agora.

— Eu também não. — Joe colocou sua xícara sobre a mesa então, e pegou o chapéu. — Está bem, temos muito o que fazer, e já saiu o sol. Vamos seguir adiante. — Passou revista aos trabalhos designados para o dia, sorriu para Tyler e Libby. — Se decidir se unir a nós e ganhar o jantar, senhor Hollins, estaremos trabalhando com o gado no arroio. Sua fina capacidade de lançamento de corda seria muito apreciada.

Tyler sentiu que seu rosto se aquecia, mas começou a rir. — Estarei lá em um minuto.

Nas mesas, os cowboys acabaram seus goles de café e Noah pegou um biscoito para o caminho. Depois de um momento de golpes de saltos de botas e esporas tilintando, os amantes ficaram sozinhos.

Libby lhe deu uma olhada perplexa e preocupada. — Tyler, uma guerra entre os ranchos?

Tyler abriu seus braços para ela e a envolveu neles, apoiando o queixo na parte superior de sua cabeça. A suavidade contra seu peito e o olor de seus cabelos o fez pensar de novo em subir ao piso superior às escondidas e se fechar em seu quarto. Afastando-se dos problemas, e do resto do mundo.

— Não se preocupe. — murmurou. — Estou começando a acreditar que Lat ficou louco, mas estamos a salvo. Nada nos pode acontecer aqui. Não é mais que um bastardo amargurado, cuja medíocre vida é tão miserável que quer que todos os outros sejam miseráveis, também.

Libby se afastou e lhe deu uma olhada significativa. Ele assentiu com a cabeça tristemente e a beijou. — Sim, eu sei. Talvez isso pudesse ter acontecido comigo, mas fui salvo por um anjo.

Naquela tarde, depois de confirmar que Tyler estava no curral, Libby subiu ao seu quarto para dar os toques finais ao seu vestido de noiva. Conseguira se assegurar de trabalhar com ele sozinha ali em cima, e só quando Tyler estivesse fora de casa. Seu vestido podia não ser branco, mas aquilo não era motivo para que o noivo pudesse vê-lo uma semana antes da cerimônia.

Levantando-o dos cabides do armário, se alegrou de ver como ficara lindo. O decote alto e as mangas enormes, abauladas, faria sua pequena cintura ainda mais fina, e o corpete chegava até um ponto em seu abdômen através de uma saia circular que encaixava suavemente sobre seus quadris. Alegrava-se por certo, que o vestido fosse lavanda. Seria uma pena que um vestido tão bonito só fosse usado uma vez. Tyler dissera que poderiam fazer uma viagem a Helena antes da rodada do outono. Ela sorriu enquanto se imaginava usando aquele vestido para o jantar em um refeitório de hotel, com seu jovem e elegante marido sentado à mesa com ela.

Aproximando uma cadeira à janela aberta, se sentou sob a luz de um suave sol de junho, olhando de vez em quando para o mar de relva que ondulava com a brisa. Apesar de não ser provável que pudesse esquecer o inverno anterior, tinha chegado a amar aquele lugar de um modo que jamais teria previsto. A extensão da terra e do céu, o canto dos melros e

tentilhões de asas vermelhas, o desperdício de flores silvestres, era um lugar de contrastes selvagens. Assim como os homens que se criavam nele: duros e ternos, pacíficos e violentos. Tinha visto Tyler atirar a corda a um bezerro e lutar com ele no solo até dominá-lo, e à noite, sentira suas mãos acariciá-la com uma infinita doçura.

Justamente quando ela deu o primeiro ponto para fixar um gancho no decote do vestido, ouviu um ruído surdo abaixo, enquanto a porta principal se abria com um baque.

— Hollins! Onde está? — Gritou uma voz de homem. Cheio de fúria e pânico, parecia até balançar as vigas da casa.

Libby se endireitou na cadeira.

— Hollins!

Um calafrio de alarme a percorreu, arrepiando os pelos de todo seu corpo. Levantando-se, jogou o vestido sobre a cama e saiu correndo para a galeria para olhar para baixo por cima da grade. O que viu gelou seu coração. Lattimer Egan estava na sala, manchado de sangue como um açougueiro. Em seus braços levava Rory, e lutava para não deixar cair a flacidez do corpo inconsciente do menino. O sangue gotejava lento e constante, dele, formando poças no piso.

— Oh, meu Deus. — Libby pronunciou. — Deus do céu! — Correu pela galeria e se apressou a descer as escadas.

— Onde está Hollins? — Egan exigiu de novo. Seu rosto geralmente emburrado estava tão pálido como o de seu filho.

Libby, com os olhos arregalados, olhava o corpo sem vida de Rory e tocou seu rosto com uma mão gelada. — Meu Deus. — exclamou de novo. — Está morto?

— Precisa um médico e Franklin foi a granja dos Wickersons. — Demônios, mulher! Faça algo!

Seu coração trovejou com tanta força em seus ouvidos que bloqueou sua capacidade auditiva. — Leve-o à cozinha e coloque-o sobre a mesa. Eu, eu...— Libby se virou e saiu correndo pela porta principal, gritando enquanto corria. — Tyler!

Tyler estava no celeiro, subindo sacos com Kansas Bob, quando escutou os gritos longínquos de Libby. O horror absoluto que percebeu neles, arrepiou cada pelo de seu corpo. O cowboy o olhou inquieto.

— Tyler!

— Jesus Cristo! — Kansas Bob murmurou.

Tyler deixou cair o saco de seus braços. Correu sobre seus pés, pisoteando-os, derramando aveia sobre suas botas até os tornozelos. Saiu do celeiro para correr até ela, com Kansas Bob seguindo às suas costas.

Apenas saiu e Libby se chocou contra ele. Tyler a agarrou pelos braços para que não caísse. Seus cabelos penduravam selvagemente ao redor de seu rosto cinzento, e estava sem fôlego. O terror que viu em seus olhos o assustou como nada o tinha assustado em sua vida.

— O que... o que? — Tyler não era capaz de encadear suas palavras.

— É, é Rory. Seu pai o trouxe. Está ferido, sangrando muito...

Tyler se sentiu como se um cavalo tivesse lhe dado um coice no peito. De repente estava tão sufocado quanto Libby.

Virou-se para Kansas Bob. —Consiga Joe e diga-lhe que venha até aqui. Ainda está abaixo no arroio. Logo, logo, corra como o inferno à cidade e traga Alex Franklin de volta.

Libby levantou a mão e negou com a cabeça. — Egan já... já o procurou. O chamaram de um lugar... os Wicker-alguma coisa. Disse-lhe que pusesse Rory em uma das mesas da cozinha.

Tyler se bateu na cabeça. — Merda! Bem, veja se encontra Joe de todo modo. Pegue a potranca que está encilhada e amarrada na porta traseira. Depois, cavalgue até os Wickersons e traga Franklin de volta.

Kansas Bob saiu voando como o vento.

Tyler pegou a mão de Libby. — Vamos. — disse, e a puxou para a cozinha, passando pelo vagão de Egan.

Correram até o terraço e Tyler abriu a porta com um pontapé, mas quando viu Rory colocado sobre a mesa, um manto de silencio caiu sobre o cômodo de troncos rústicos.

Lentamente se aproximou de Rory, seu coração batia a toda velocidade contra seu esterno. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi o cheiro de sangue. Era muito forte. Seu campo visual se reduziu, sua visão periférica, estranhamente, parecia perdida. Sabia que Lattimer Egan se dobrava no extremo da mesa, mas não podia vê-lo e o ignorou. Naquele momento, no tempo, só podia ver o jovem que tinha chegado a considerar como seu próprio filho. Aos quinze anos, media quase um metro e oitenta, mas ali esticado não parecia ter mais que o tamanho de um menino. Seu rosto estava azulado e molhado pelo suor. Tyler colocou as pontas dos dedos em sua

garganta e sentiu um pulso que era rápido e irregular. E viu a perna direita da calça cor de canela, saturada de sangue desde a coxa até o tornozelo, e um buraco rasgado no tecido na entreperna justo por cima do joelho. Debaixo, um ferimento grande, de péssimo aspecto. Tyler tocou a fronte suada de Rory, afastando os cabelos dela.

Libby ficou atrás para se manter fora do caminho, com os braços ao redor dela. Estava muito assustada para chorar, muito agitada para perguntar como Rory teria se ferido. Atrás dela ouviu os cascos de cavalo golpeando no pátio. Virou-se e viu Joe passando pelo terraço. Saltou da sela e correu para a cozinha, se deslizando até parar junto a ela, obviamente surpreso pela cena que tinha à frente.

— Jesus Cristo! — A palavra retumbou como um trovão transportado em um fôlego.

— Um de seus homens lhe fez isto, Egan? — Tyler lhe perguntou, sem afastar os olhos de Rory. Sua voz era temível, calmamente mortal.

Visivelmente agitado, Lat Egan se esquivou da pergunta. — Eu me encarregarei de meus assuntos, Hollins. Você só trate do meu filho. — Ou vai ficar aqui e vê-lo morrer como fez com a minha Jenna?

Como um raio, em um abrir e fechar de olhos, Tyler pegou Egan pela camisa ensanguentada e o empurrou contra a parede de troncos antes que Libby ou Joe pudessem reagir.

Ambos eram da mesma altura, mas o velho superava o peso de Tyler por uns cinquenta quilos. A fúria lhe deu vantagem, com uma mão ao redor da papada de Egan,

enquanto na outra segurava a pistola com o cano apontando por baixo do queixo do homem.

— Ele não é seu filho, maldito sujo filho da puta! — Tyler grunhiu com uma voz que parecia mais de um animal que humana.

— Rory é meu assunto. E o buraco na perna foi feito por um disparo de fuzil, e a julgar pelo ângulo, eu diria que veio por trás dele...

Libby ficou sem fôlego, e levou a mão à boca.

— Minha conjetura é que um dos seus assassinos lhe disparou, ou talvez você mesmo tenha feito isso. O que aconteceu? Aproximou-se muito da maldita vala? — Os olhos de Tyler brilhavam com uma aterrorizante fúria assassina. Sua mão se apertou ao redor da garganta de Egan, e tombou o revólver. — Pergunto-me que parte de sua cara voaria desta distância. — Egan começou a ofegar em busca de ar com o rosto arroxeado.

— Tyler. — Joe rugiu, e saltou para puxá-lo. Tirou-lhe a arma, mas não conseguiu separá-los. Egan parecia estar a ponto de desmaiar. — Maldição, solte-o!

Tyler o segurou por um instante mais e depois o empurrou. — Me deixa com vontade de vomitar. — disse com voz de completo desgosto e uma expressão de nojo em seu rosto.

Joe empurrou Egan fora, cuspindo e amaldiçoando, e deixou Tyler e Libby a sós com Rory. Ela se aproximou da mesa e olhou o ferimento. O que pode ver foi um buraco feio de onde brotava sangue, e Libby se encolheu diante de tal visão.

— O que vamos fazer agora? Vai costurar ou algo assim?

— Vamos esperar que chegue o doutor Franklin.

Libby se fixou na palidez e no suor de Rory e em seu profundo ofego. — Mas... não tem bom aspecto. Não deveria estar respirando de outra maneira?

Quando Tyler não respondeu, ela se virou para olhá-lo e se preocupou pelo que viu. Sua candente raiva tinha desaparecido, e agora estava olhando para Rory, com os braços cruzados sobre seu peito e com os ombros curvados. Nunca tinha visto tanta dor e angustia no rosto de um homem. — Tyler, tem que ajudá-lo.

Tyler passou uma mão trêmula pelos cabelos. — Libby, já não sou médico.

— Está dizendo que não se recorda do que deve fazer?

Ele não queria olhá-la nos olhos. — Não. Sim, recordo, mas se tudo o que sei ainda não funcionar, não quero ser responsável pela morte de Rory, também. Esperarei Alex Franklin.

Então Libby recordou da noite em que Tyler lhe explicara porquê tinha renunciado à medicina. Tinha perdido o controle, disse. E agora estava paralisado ali, paralisado pelo medo de perder aquele rapaz.

— E se o doutor Franklin não chegar a tempo? O que acontece se Kansas Bob não o encontrar em nenhum lugar? — A mesma expressão de Tyler disse a Libby que ele já pensara naquelas possibilidades. — Simplesmente dizer que não é médico não o faz deixar de ser. — Libby dava voltas em sua mente, tentando pensar em alguma forma de fazê-lo reagir. —

Os médicos não fazem um juramento? Não prometem ajudar sempre?

Tyler pegou a mão inerte de Rory na sua própria e olhou seu rosto inexpressivo. — Sim, o Juramento de Hipócrates. E a primeira coisa que promete é não fazer mal nunca.

Libby se sentia impotente. — Mas se não fizer alguma coisa, ele pode morrer. Isso não é fazer mal? Tyler, por favor, tem que tentar. Eu o amo e nós dois amamos Rory. Acredito em você. Sei que pode fazer isso. E eu vou estar aqui com você.

— Libby, maldição.

A frustração por sua teimosia e medo por Rory aguçaram suas palavras. — Tem a obrigação moral de ajudar este menino! Acabou de dizer a Egan que é assunto seu. Vai abandoná-lo quando mais precisa de você?

Zangado, a olhou. — Não vou abandoná-lo! Enviei Kansas Bob para buscar o médico.

— Tyler, você é o médico aqui. — Ela fez uma pausa, e seu estômago se contraiu com apreensão sobre as palavras seguintes que se formaram em sua mente. Mas ela continuou com voz trêmula. — Se você se limitar a segurar sua mão enquanto morre, é muito menos homem do que eu acreditava. Nunca o perdoarei se não tentar salvá-lo.

Tyler parecia ferido. — Talvez tenha razão, — ele gritou — talvez eu não seja o homem que você pensa.

De repente, a respiração de Rory ficou mais ruidosa e superficial.

Ela fez um gesto para seu corpo inconsciente. — Tyler, pelo amor de Deus. — suplicou com voz entrecortada: — Dê a

Rory uma oportunidade. Já teve uma viagem cheia de buracos até a cidade no carro de Egan. É a única esperança que tem. Prometo que vou estar aqui com você e trabalharemos juntos. Está bem ter medo, mas maldição, não seja um covarde!

Tyler olhou o rosto de Libby do outro lado da mesa. Estava morta de medo, mas podia ver a fé que tinha nele. De onde vinha, Tyler não conseguia adivinhar, mas suas palavras o golpearam duramente. Teria a coragem, a garra para fazê-lo? Por si só, não, provavelmente não. Mas Libby, Libby, que sempre tinha sido mais valente que ele, estava ali com ele. Ela tivera a audácia e a coragem suficiente para salvá-lo quando ele fizera todo o possível para dissuadi-la.

Tyler olhou para baixo a Rory de novo e suspirou. Libby tinha razão. Tinha que enfrentar a situação, agir, para salvar Rory. Se não o fizesse, sabia que as dúvidas pelas quais estava atormentado, posteriormente se converteriam em martelos que golpeariam sua consciência. Com aquela decisão, algo de sua incerteza se dissipou.

Respirou profundamente. — Está bem, — disse, com voz tensa aos seus próprios ouvidos. — acenda o fogo na estufa e coloque uma panela para aquecer para fervermos os instrumentos. Vamos precisar sabão, toalhas, e uma lâmpada, e traga suas tesouras para cortar estas calças. Vou buscar todo o resto.

O rosto de Libby se iluminou com suas palavras, e se sentiu um pouco melhor. Ela voou através da casa para conseguir o que precisavam. Tyler correu de volta ao seu escritório e abriu as vitrinas para pegar ataduras, desinfetante,

seu estetoscópio, todas as coisas nas quais não tocava há mais de cinco anos.

Reuniram-se de novo na cozinha. Com tudo lavado e fervido, Tyler limpou toda a área com desinfetante de um atomizador. Cortou as calças de Rory e conseguiu ver melhor o ferimento que os vigias de Egan fizeram ao menino, e fez uma careta, porque o considerou muito sério. A bala não se alojara na perna de Rory, mas arrancara um pedaço de carne que deixara uma cratera no interior de sua coxa bem por cima do joelho. Tinha quase quatro centímetros de largura e dois centímetros de profundidade. As estruturas tinham sido danificadas, tecido muscular, ligamentos e tendões.

— Maldição, que desastre. — murmurou, mais para si mesmo. — Pelo menos a artéria femoral não está lesada. Se tivesse, estaríamos com sérios problemas. — Olhou para Libby ao lado da mesa, segurando a lâmpada para ele. Seus olhos cinzas eram enormes em seu repentino rosto pálido. — Não vá desmaiar.

— Não! — Libby disse. Ele viu como sua garganta engolia a saliva convulsivamente, e ela lhe deu um sorriso aguado. — Estou bem.

— Boa menina. Se eu vou ser valente, você tem que ser, também. — Tyler decidiu que apesar de Rory estar inconsciente, o trabalho que deveria fazer na perna seria muito doloroso. Deu a Libby a tarefa de administrar o clorofórmio em um pedaço de gaze sobre o nariz e a boca de Rory.

— Só umas poucas gotas. — disse, olhando como ela vertia o líquido.

Ela o olhou esperando sua confirmação, e ele assentiu. — Bem, vamos lá.

À medida que se passavam os minutos, Tyler ia ganhando mais confiança. O conhecimento que estivera em repouso durante aqueles últimos anos chegava a ele conforme ia precisando, estabilizando suas mãos e guiando-as.

Tyler lavou o ferimento com abundante água fervida fria, cortou o tecido morto. Com umas pinças, retirou pedaços de tecido diminutos que se misturavam com o ferimento pela explosão.

A seguir cauterizou o ferimento para estancar a hemorragia, utilizando um bisturi que segurava perto da chama da lâmpada.

— Vai costurar? — Perguntou ela, limpando a garganta.

Tyler passou o braço por sua testa suada. — Não, não há nada para coser com este tipo de lesão. Vamos fazer um curativo com mais água e gazes, e manteremos uma estreita vigilância sobre ele durante os próximos dias. E espero por Deus que não se infeccione.

Depois que Rory esteve limpo e com o ferimento vendado, Tyler o levantou da mesa. — Vou colocá-lo em minha cama, e descerei para ajudar você a limpar tudo isto. Estará bem em seguida, mas no momento, não vai a nenhum lugar.

Libby ouviu a esperança e a confiança na voz de Tyler, e viu seu sorriso.

O alivio se apoderou dela, fazendo-a se sentir fraca e trêmula. Talvez Rory não fosse o único que tinha sido ajudado naquela última hora.

• • •

Depois que a cozinha esteve limpa e a equipe terminou o jantar, Libby chegou à porta do quarto de Tyler para ver o doutor e o paciente. O quarto estava às escuras exceto por uma vela que ardia sobre a mesa de noite. Rory dormia no dossel, usava um dos velhos pijamas de Tyler. Ele pusera almofadas debaixo de sua perna lesionada e afastara os lençóis dela.

Nas últimas horas, Tyler se instalara em uma cadeira junto a cama, com os pés apoiados no peitoril da janela. Trocara de roupas, mas a comida que ela lhe trouxera estava sem tocar na mesa ao lado de sua cadeira. Libby se aproximou nas pontas dos pés ao quarto e colocou a mão em seu ombro. Ele estendeu a mão e a cobriu com a sua.

— Tyler, amor, tem que comer. — sussurrou. — São quase onze, e não tomou nada desde o almoço.

Ele lhe acariciou a mão. — Deixe a bandeja aí. Comerei logo. — Tirou suas botas do peitoril da janela e se sentou, dando umas palmadinhas em seu colo. — Sente-se aqui um minuto.

Libby se ergueu sobre seus joelhos, e olhou para Rory. — Como está?

— Creio que estará bem. Provavelmente vai mancar por uns tempos, mas não acredito que tenha algum dano permanente. Só temos que manter um olho sobre ele.

Tyler parecia cansado e com a luz baixa, seu belo rosto estava desenhado com preocupação. — Quer dormir um pouco em minha cama durante uma hora ou menos? — perguntou. — Eu posso ficar com ele.

— Não, mas obrigado, querida. Creio que vou ficar aqui esta noite. Se amanhecer bem, dormirei um pouco.

Naquele instante, Joe deu uma batidinha no batente da porta. Libby se levantou e Tyler se virou em sua cadeira. — Devemos estar realmente cansados se não escutamos suas esporas.

O capataz sorriu atrás de seu bigode, mas não escondeu a preocupação em seu rosto. — Eu as tirei por ora, para não despertar o menino.

Tyler se levantou de sua cadeira com rigidez e flexionou suas costas. Então Joe lhes fez um gesto para a galeria. — Vamos falar aqui. — Quando estavam fora do alcance do ouvido de Rory, Tyler perguntou:

— Onde está Egan?

Joe pegou um fósforo de seu bolso e o colocou na boca como se fosse um palito de dentes. Apoiou-se na grade e cruzou os tornozelos. — Convenci o velho para que fosse para casa faz horas.

— Conseguiu que dissesse como aconteceu isto? — Tyler perguntou, as brasas de sua raiva agitando-o para a vida.

— Sim. Foi a primeira coisa que lhe arranquei depois de sair da cozinha. Foi como você imaginou. Rory foi atingido por um dos guardas contratados por Egan. O menino estava tentando libertar uma vaca que ficara presa naquele maldito arame. A serpente rasteira lhe atirou pelas costas enquanto estava forçando o animal. Egan estava lá quando aconteceu. Sinceramente, não acredito que não reconhecesse seu próprio filho até se aproximar.

Libby ficou sem fôlego, horrorizada. — Oh, Deus...

Ela olhou para Tyler e viu os músculos que estavam trabalhando em sua mandíbula, e escutou sua voz baixa que tremeu com fúria. — Maldição, Joe. Vou encontrar aquele bastardo mercenário ainda que seja a última coisa que faça.

Joe negou com a cabeça e lhe deu uma olhada significativa. — Desapareceu. Penso que quando percebeu que tinha atirado no filho de seu chefe, se mandou.

Tyler o olhou. — O que acontece com o resto dos capangas de Lat Egan? Eles acatam suas ordens.

As sobrancelhas de Joe se levantaram especulativamente. — Não me surpreenderia em absoluto se ficassem sem trabalho. Sobretudo agora que um deles partiu. É claro que disse a Lat que contaríamos ao xerife e aos outros rancheiros sobre isto.

Esgotado pelo dia e pelo estresse da tarde, Libby sufocou um bocejo.

Tyler se virou para ela e lhe passou o braço pelos ombros. — Será melhor que vá para a cama.

— Oh, mas não estou cansada. — protestou — Quero ajudar com Rory.

— Tudo está bem. Eu lhe direi se algo mudar. — Ele a abraçou e lhe sussurrou para que só ela pudesse ouvi-lo. — Irei cobri-la dentro de um tempo.

Ruborizando-se, Libby olhou para Joe como se o cowboy tivesse escutado Tyler dizer aquelas palavras, mas ele continuava descansando os braços na grade do corrimão e olhando para o salão de baixo, enquanto mastigava o palito.

— Bem, se acredita...

— Sim, é isso. Agora, vá. — Tyler lhe deu um beijo no rosto e pousou uma mão em suas costas para guiá-la para seu quarto. Mais que qualquer outra coisa, Libby pensou que Tyler queria falar a sós com seu amigo.

Tyler esperou até que ver a porta se fechar, e se virou para Joe.

— Onde está o homem que disparou em Rory?

— Bem, digamos que dois dos rapazes cavaram um novo fosso no rancho do este, esta tarde. Pela pradaria onde você e eu costumávamos disparar aos cachorros da rua quando tínhamos a idade de Rory. — Joe lhe informou sobre aquilo como se estivesse lhe dizendo que tinha uma nova marca de tabaco na loja de Osmer.

Tyler tentou respirar profundamente. — Dois rapazes?

— Sim, — disse Joe, virando-se para ele — mas não posso recordar quais foram.

Tyler não soube o que dizer. Não podia tolerar o que tinham feito, mas quando olhou por cima do ombro e viu Rory naquela cama, baleado pelas costas... Poderia ter seu filho em um túmulo nos penhascos verdes com vistas para A Estrela Polar se a bala tivesse atravessado uma artéria. Demônios, se Libby não o tivesse posto contra as cordas, tudo poderia ter terminado de outra maneira.

Joe lhe estendeu a mão. — Boa noite, Tyler.

Tyler pegou a mão e puxou Joe para lhe dar um abraço e umas palmadas nas costas. — Obrigado, Joe. E, se por acaso recordar quais foram aqueles homens, agradeça-os de minha

parte, também.

Ele sorriu e se dirigiu para as escadas. — Eu agradecerei. — Fez um gesto para a porta fechada de Libby. — Não a faça esperar muito.

• • •

Antes do amanhecer, Libby se virou quando sentiu o lado vazio de sua cama descer sob o peso de Tyler. Apesar de ainda estar escuro, sabia que era ele. Apesar do dia e da noite que tiveram, ele ainda cheirava a ar fresco e feno limpo.

— Tyler?

— Desculpe, anjo. Pensei que seria capaz de entrar e me enfiar na cama sem acordar você. — Sua pele nua estava fria e parecia esgotado. Ela o puxou para descansar a cabeça sobre seu ombro.

Um gemido cansado escapou dele. — Deus, está tão suave e quente. — Tyler se aconchegou contra ela e Libby puxou a colcha ao redor de seu pescoço.

— Como está Rory?

— Vai ficar bem. É jovem e forte. Joguei-lhe um pouco de água salgada e mudei as bandagens da perna. O ferimento parece bem. Está limpo e enquanto cuidarmos dele, deveremos ver a carne se formando em uns poucos dias. E espero que esteja forte o suficiente para assistir ao nosso casamento.

Libby se aliviou ao ouvir que tudo estava saindo tão bem, mas sentia uma pontada de remorso por algumas das coisas duras que lhe dissera na cozinha. — Tyler?

— Humm?

Ela acariciou os cabelos espessos e suaves. — Sinto por todas aquelas coisas horríveis que falei para você esta tarde. Realmente não penso que seja um covarde.

Tyler suspirou e ficou em silencio por um momento antes de responder. — Libby, querida, eu não pensava que fosse, até que me obrigou a me olhar de fora. Mas nos últimos cinco anos, sentia medo. Sobretudo me davam medo as sombras e os fantasmas em meu interior. Penso que deixei que a parte mais forte de mim se quebrasse de algum modo. Não sabia como corrigir aquilo tudo, então continuei me afastando de qualquer coisa e qualquer pessoa que tentasse se aproximar muito. Incluindo você.

O eco da desolação em sua voz trouxe lágrimas aos olhos dela e correram por seu rosto até o travesseiro. — Acredito que é o melhor homem que conheci.

Sua voz era leve e um pouco arrastada pelo esgotamento. — Se sou é porque você me faz assim. Devolveu-me a minha alma.

À medida que se afastava no sono, Libby lhe sussurrou: — Foi uma troca justa, Tyler. Meu coração por sua alma.

• • •

— E você, Tyler Michael Hollins, aceita esta mulher como sua legítima esposa? Promete lhe ser fiel na prosperidade e na adversidade, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, amá-la e respeitá-la todos os dias de sua vida, até que a morte os separe? — O Xerife Jack Watkins olhou por cima de seus óculos de missa para Tyler, observando-o com um olhar severo.

— Sim, aceito.

Libby sentiu como Tyler apertava sua mão enquanto pronunciava aquelas palavras. Apesar de tentar manter a emoção em sua voz, ela o ouviu tremer um pouco. Estava muito bonito com seu traje cinza escuro e a gravata negra de seda. Nunca poderia imaginar que o homem que se vestia somente com perneiras de couro e calças jeans pudesse ficar tão incrivelmente bonito. Nenhum cavalheiro de Chicago tinha sido tão elegante.

Recolhendo sua resposta, como se Tyler fosse responder qualquer outra coisa, o Xerife Watkins disse: — Muito bem então, pelo poder que me outorga o território de Montana neste Ano de Nosso Senhor, de mil oitocentos e oitenta e sete, eu os declaro marido e mulher. — Fez um gesto para Tyler. — De acordo, filho, pode beijar a noiva.

Tyler pegou Libby em seus braços e lhe deu um beijo curto e terno que afirmava a promessa de algo muito mais emocionante e íntimo que viria depois. Um olhar aos seus olhos azuis, olhos que combinavam com o céu infinito sobre eles, prometeu o mesmo. Ele inclinou a cabeça para tomar sua boca de novo. Justo antes de seus lábios tocarem os dela, sussurrou: — Eu a amo, querida.

— Valeu, valeu. — disse o Xerife Watkins, limpando a garganta —Já é suficiente, Ty. — Pousou suas mãos sobre os ombros de ambos e os virou para os convidados. — Amigos, tenho o prazer de apresentar-lhes o senhor e a senhora Tyler Michael Hollins.

Foram recebidos com vivas e aplausos que Libby não tinha

ouvido antes, mas claro que os convidados procediam dos cinco ranchos. Ela e Tyler se puseram a rir como dois adolescentes e com as mãos entrelaçadas, de pé no terraço dianteiro da Estrela Polar, se dispuseram a se reunir com aquelas pessoas que se tornaram tão queridas para Libby.

Ela deixou que seu olhar cobrisse o mar de chapéus de cowboys. Ali estava Rory, que melhorava a olhos vistos, e Joe, os irmãos Cooper, Noah, e todos os outros. Libby secou seus olhos úmidos com seu lenço. Por fim, tinha a família que tanto desejara.

Por fim, ali em Montana, Liberty Garrison Hollins estava em casa.

Epílogo

Joe se aproximou de Rory, que andava em frente aos canteiros de flores de Libby. A maioria dos homens tinham encontrado alguma desculpa para estar perto da casa naquela manhã de junho. E por uma vez, Joe não conseguiu encontrar nenhuma razão para fazê-los voltar ao trabalho, sobretudo desde que ele tinha afrouxado o ritmo tanto quanto o resto deles. Jim Colby estava mostrando a Noah como melhorar seu tiro hooley-ann. Noah não parecia capaz de conseguir fazer aquele truque com a corda. Hickory e Possum estavam mostrando a Kansas Bob os passos a seguir para realizar um mumblety-peg.

— Ouviu alguma coisa? — Joe perguntou a Rory.

— Não, maldição, e não posso esperar mais.

Joe começou a rir. Era bom ver o menino de volta à normalidade. Levara um tempo, mas era jovem e forte. Quando pensava naquele dia terrível, fazia um ano, e em Rory estendido na mesa da cozinha, mais morto que vivo...

Joe jogou para atrás seu chapéu. — Talvez devêssemos dizer ao Tyler que se apresse. Temos trabalho a fazer por aqui.

Naquele momento, a porta se abriu.

Tyler saiu ao terraço, enxugando as mãos com uma toalha. Quando viu todos aqueles homens reunidos no pátio,

começou a rir. — O que é isto? É o aniversário de alguém ou algo assim?

Joe se virou com um sorriso: — Não sei, Tyler. É?

Tyler jogou a toalha ao ombro e deixou que seu olhar descansasse em cada um de seus homens. Incapaz de manter o suspense por mais tempo, sua risada soou livre então. — Sim, por Deus, é! Temos um novo homem no rancho: Charles Joseph Hollins. Sua mamãe está muito bem e ele vai estar aqui fora ensinando Noah a fazer esse maldito hooley-ann antes que possamos perceber.

As risadas e os aplausos que se seguiram trouxeram lágrimas aos seus olhos. Com tais amigos e uma esposa tão maravilhosa, se sentia como o homem mais feliz sobre a terra.

Sentia-se como um homem ao qual tinham permitido conhecer o sabor do céu.

Sobre a autora

Alexis Harrington é a autora premiada de uma dúzia de novelas, incluindo o internacional best-seller A Noiva Irlandesa. Trabalhou durante doze anos como consultora de engenheiros civis antes de mudar de rumo e se converter em novelista em tempo integral. Quando não está escrevendo, gosta de fabricar suas próprias joias, costurar, bordar, cozinhar e entreter seus amigos. Vive em seu natal noroeste do Pacífico com uma grande variedade de animais que fazem o melhor que sabem para distraí-la enquanto está trabalhando.